

AUTOBIOGRAFIA

SANTO ANTONIO MARIA

CLARET

Tradução: Brás Lorenzetti, cmf

CLARET-INTRODUÇÃO

AO LEITOR

Apresentamos ao povo de língua portuguesa a Autobiografia de Santo Antonio Maria Claret, bispo e fundador, agora na sua integralidade.

A sua leitura com certeza é uma oportunidade de conhecer mais profundamente o carisma apostólico e a experiência de evangelizador deste santo que seguiu os passos de Cristo, dos apóstolos e dos grandes missionários que marcaram a história da Igreja.

A presente edição brasileira é a tradução de uma edição melhorada e enriquecida em relação às outras espanholas. O presente texto tem como referência principal a Autobiografia publicado pela BAC (Biblioteca de Autores Cristãos) (Madri, 1981), por ser a mais completa e ajustar-se mais ao original. Houve aumento de notas explicativas para tornar o texto mais compreensível. Foram incluídos também alguns textos novos nos apêndices. Deste modo acreditamos que fica melhor delineada a personalidade humana e espiritual, sacerdotal e missionária de Santo Antonio Maria Claret.

Queira o Santo abençoar este novo esforço dos Claretianos no Brasil, a fim de promover o conhecimento e a vivência do espírito claretiano nesta época de crescente desejo de identificação cristã católica e inquietação missionária.

Com relação à tradução, procurou-se ao máximo manter a simplicidade e a coloquialidade da linguagem.

Algumas expressões foram atualizadas. É o caso da expressão salvação das almas, que aparece inúmeras vezes. Outras, no entanto, foram mantidas no seu original, como é o caso das citações latinas.

É bom lembrar que o texto foi escrito pela metade do século dezenove, o que significa uma distância razoável da época e da linguagem até nossos dias.

LEITURA CARISMÁTICA DA AUTOBIOGRAFIA

I. A AUTOBIOGRAFIA, FORMULAÇÃO DA EXPERIÊNCIA CARISMÁTICA CLARETIANA

1. O Código autobiográfico

Santo Antonio Maria Claret escreveu a Autobiografia a mando do Padre José Xifré, seu diretor espiritual e então Superior Geral da Congregação dos Missionários Claretianos. Começou a redigi-la em 1861 (provavelmente em outubro ou novembro) e concluiu-a em 1862. Mais tarde escreveu uma *Continuação*, concluída em 1865, antes do dia 25 de outubro, data de sua partida para Roma.

A Autobiografia foi escrita na plenitude da vida do padre Claret. Com efeito, o santo, que morreu aos 63 anos de idade, começou a redigi-la aos 54 e concluiu-a aos 58. Quando escreveu o primeiro volume, já havia cinco anos que estava em Madri, procurou abarcar as três etapas fundamentais de seu apostolado: missionário apostólico, arcebispo de Cuba e confessor real.

A parte denominada *Continuação*, concluída em 1865, completa alguns aspectos, tanto na espiritualidade como no apostolado. Esse segundo tempo abrange a plenitude de sua vida espiritual: nessa época havia recebido já as maiores graças místicas. Essas circunstâncias lhe davam a possibilidade de interpretar genuinamente o resto de sua vida.

Uma consideração mais externa, mas não menos interessante, é a rapidez da redação, impondo-lhe uma gigantesca atividade naqueles anos. Há repetições e incorreções que não se explicam se não desse modo. O santo não teve tempo de reler o escrito. Ao entregar o manuscrito ao seu confidente e confessor, Carmelo Sala, pediu que ele o corrigisse; fez aos missionários claretianos de Vic a mesma recomendação.

Ainda que a obra contenha imperfeições pelas razões aduzidas, há aspectos que a tornam muito apreciável, justamente pela rapidez, a espontaneidade, o frescor dos seus relatos e elevações, isentos de racionalização. Com isso ganha realce o valor fundamental da *Autobiografia*, a relação fiel de sua alma de apóstolo, que faz dela uma obra exemplar.

Os dois volumes originais que compõem o manuscrito foram terminados e entregues à comunidade de missionários de Vic, em 1862 e 1865, respectivamente. Aí permaneceram, no arquivo local, depois de cuidadosamente encadernados, até que, expulsos os Missionários pela revolução de setembro de 1868, foram levados à França. Retornaram com a volta à Espanha. A partir daí o precioso manuscrito autobiográfico passou a fazer parte do Arquivo Claretiano que, logo após a morte do

Fundador, começou a ser formado na casa claretiana de Vic, em vista à introdução do processo de beatificação.

Lamentável foi a sorte do arquivo claretiano na revolução de 1936. Somente uma escassa parte pôde ser salva do incêndio. A Autobiografia foi salva providencialmente, graças ao zelo do padre Pedro Bertrans, encarregado do arquivo, e da astúcia da senhora dona Dolores Lletjós, que a guardou cuidadosamente em sua casa.

Depois da guerra a comunidade foi reorganizada. A Autobiografia e os documentos que puderam ser salvos retornaram ao arquivo claretiano de Vic, até 1954, ano em que o padre Pedro Schweiger, superior geral dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Claretianos), determinou seu traslado para Roma. Atualmente o manuscrito encontra-se no arquivo geral da Congregação, junto com a maior e mais notável parte dos escritos claretianos. Para assegurar sua conservação, o manuscrito foi submetido a um tratamento técnico e nessa ocasião as duas partes foram encadernadas em um só volume, o primeiro dos dezoito volumes de manuscritos do santo.

2. A formulação do carisma claretiano

O carisma é um dom do Espírito para a vida e a missão da Igreja. O Espírito Santo se apodera de homens ou mulheres escolhidos e os transforma em outros Cristos para serem expressão de um de seus mistérios, seja o Cristo da oração, o que passa fazendo o bem, o evangelizador, ou outro.

Essa transformação, no caso dos fundadores, alcança tal plenitude a ponto de torná-los pessoas englobantes, isto é, suscitadores de novas famílias de Deus dentro da Igreja. A experiência pessoal se converte em experiência fundante.

Essa experiência espiritual somente acontece se aliada a uma outra vital, de base. A revelação salvadora de Deus "não está isolada da vida nem justaposta artificialmente a ela" (CT 22). Um fundador vive seu tempo, sente-o, experimenta sua dor, aprofunda-o com mente, vontade, sensibilidade; vive, porém não ele, mas Cristo que vive nele, chegando à identificação de sua própria experiência com as de Cristo e da Igreja. Há três fases neste processo: experiência humana profunda, identificação evangélica, formulação objetiva por meio de gestos, palavras e ações. O termo final da experiência é um não-ser-eu-o-que-vive, mas Cristo, de uma forma intensa e representativa. No caso de Claret: Cristo que anuncia o Evangelho com um estilo peculiar de vida e em comunhão com os Doze.

Santo Antonio Maria Claret deixou-nos na *Autobiografia* a formulação de sua experiência carismática, não reduzida a fórmulas teológicas concentradas, ou a uma reflexão psicológica sobre si

mesmo, mas um relato vital, uma descrição simples da ação do Espírito nele, as convicções e atitudes gravadas em seu coração e as ações que o mesmo Espírito o inspirou que realizasse.

Quando Santo Antonio Maria Claret escreve não o faz para cantar um *Magnificat* secreto, mas tendo sempre como objetivo os seus missionários.

A finalidade é evidentemente formativa. Através do testemunho de sua vida, inicia o leitor na ação do Espírito Santo, na formação do missionário, a partir da vocação até a maturidade da fé. Certo é que, como fundador, essa ação teve nele a intensidade própria de quem é chamado a ser referência e modelo dos discípulos que buscam nele um princípio de identificação.

a) *Experiência vocacional*

Na *vocação* percebem-se as predisposições de natureza e a ação da graça. O chamado explicita a caminhada que vai se dando a partir dos "sempre, sempre" da infância até o dia da ordenação de diácono.

b) *Experiência formativa*

Descreve também o *processo formativo* para o sacerdócio em geral e para o ministério da palavra em particular, especialmente através da narrativa de sua viagem e estadia em Roma e de suas primeiras experiências missionárias até 1840, ano em que deixa a estabilidade paroquial para assumir a itinerância missionária.

c) *Elementos carismáticos essenciais*

No início de sua vida de missionário itinerante pela Catalunha e Ilhas Canárias, a Santa Sé concedeu a Santo Antonio Maria Claret o título de *Missionário Apostólico*. O santo viu nesse título sua definição essencial, enriquecida depois com elementos característicos de seu carisma. Como missionário, sua via estava em função da evangelização, do serviço profético da palavra, renunciando, enquanto dependeu de sua parte, a outras funções do sacerdócio ministerial: a estabilidade de uma paróquia e a sacramentalização. O qualificativo *apostólico* indicava por si o remetente: a Sé Apostólica. Contudo, Claret o aplicou a si como forma de vida: “à maneira apostólica”, ao estilo dos apóstolos, ou seja, na mais estrita pobreza evangélica e na fraternidade de irmãos que o Senhor lhe concedeu viver, todos movidos pelo mesmo Espírito.

Claret viveu esses dois elementos essenciais de sua vocação como próprios de seu carisma: a vivência do mistério de Cristo, o Filho enviado como mestre e redentor, cabeça e modelo de missionários, e do mistério da Virgem. Sua única preocupação: seguir e imitar a Jesus Cristo em orar, trabalhar e sofrer, e em procurar sempre e unicamente a glória de Deus e a salvação das almas. Além disso, a vivência do mistério de Maria como a Mulher da qual nasceu o Filho de Deus feito homem (Gl 4,4), Mãe de Cristo missionário e de todos os missionários em Cristo. Mãe por sua caridade, por seu coração. Claret sente-se formado nessa forja para chegar a ser caridade ardente e fogo abrasador por onde quer que passe.

d) Virtudes apostólicas

Além desses elementos carismáticos essenciais na Autobiografia, Claret enumera as virtudes e meios de que se valia para viver apostolicamente e cumprir sua missão. Recolheu as primeiras motivações de seu zelo e os estímulos que encontrava em Jesus Cristo, nos apóstolos, nos profetas e nos santos e santas nos quais descobria os traços de sua vocação.

e) A ação apostólica: conduzido e urgido pelo Espírito

Santo Antonio Maria Claret descreve também a realização de sua missão, ao longo da vida, primeiro em Catalunha e nas Ilhas Canárias, depois em Cuba e finalmente em Madri. Obrigado a aceitar o episcopado e depois a ser confessor da rainha, viveu ambas situações como missionário apostólico, tanto pela importância que sempre deu à evangelização, aproveitando todas as ocasiões, como pelo estilo de vida pobre e fraterna. Em Cuba evitou enquanto pode as amarras burocráticas, a fim de ficar mais livre para a pregação. Em Madri converteu as viagens com a família real em missões e sonhava com o Escorial como sendo uma estratégica casa-missão e de exercícios espirituais de alcance internacional.

A Autobiografia termina em 1865; o resto, até sua morte (1870), é uma reconstituição através do epistolário e dos propósitos. Em Paris, como desterrado, e em Roma, como padre do Concílio Vaticano I, continuou sendo missionário apostólico na pobreza, no exercício do apostolado e na ânsia de vir à América Latina, a “vinha jovem”, consolando-se com as visitas ao Colégio Pio Latino.

f) Os “silêncios”

Os “silêncios” da Autobiografia explicam-se pela finalidade a que se propôs o autor, qual seja ajudar à formação dos missionários. Por isso omite acontecimentos historicamente importantes e enaltece outros aparentemente insignificantes, porém que para o santo tinham um valor “significativo” no plano de sua missão ou para transmissão de seu espírito. Por isso é preciso completar a Autobiografia com uma leitura da “vida” do santo para enquadrar sua figura e compreendê-la na realidade histórica. A humildade tampouco está alheia à causa dos silêncios: “Quem conhecia como eu o Servo de Deus – testemunhou seu confessor, Carmelo Sala – compreende facilmente, ao ler as mencionadas anotações, que ele diz menos que o acontecido, querendo, sem dúvida, deste modo, cumprir o preceito imposto pela obediência, sem faltar com a humildade” (Arquivo Histórico C.M.F., I, p. 364).

Outro “silêncio” da Autobiografia é a estrutura para viver a vocação e a missão. Ajuda a compreensão desse silêncio a análise das Constituições Claretianas, de 1857 a 1870 e, para acompanhar sua evolução, é imprescindível o Epistolário. Na Autobiografia encontra-se o carisma na sua forma mais pura: a vivência e a mensagem que atraiu os primeiros discípulos e que continuará atraindo a todos aqueles a quem o Senhor fez partícipes da mesma graça.

II. COMO LER CARISMATICAMENTE A AUTOBIOGRAFIA

1) Superar a estreiteza. Escrita há um século e meio, muitas mudanças na sensibilidade cultural ocorreram: do romantismo ao existencialismo, modernismo e tecnicismo.

Além disso, Santo Antonio Maria Claret considerou seu manuscrito como um rascunho que devia ser corrigido e retocado antes de sua publicação. Isto explica que o autor não tenha revisado o escrito, nem tenha reparado nas repetições e incorreções fruto da rapidez da escrita e a dificuldade provinda do fato de ter falado, pregado e escrito em língua catalã durante tantos anos. Contudo, essa rapidez e incorreção de estilo, livre de todo artifício, nos coloca ainda mais em contato com a pessoa e com a autenticidade em um primeiro plano.

2) Em comunhão com a pessoa. Um fundador canonizado é um modelo, autenticado pela Igreja, da fidelidade ao carisma e à missão, porém um modelo vivo ao qual nos une a comunitariedade do mesmo dom vocacional. É, além disso, um intercessor. O que o Concílio diz de nossa relação com os santos – nossos irmãos, amigos e benfeitores (LG 49, 50) – se aplica com maior razão ao próprio fundador, com quem formamos uma verdadeira família e a quem Deus escolheu e encheu de seu espírito para que fosse nosso pai em Cristo.

3) *Sintonizar com o espírito do Fundador.* O carisma para os discípulos é a transmissão da experiência espiritual do Pai, feita pelo mesmo Espírito, para ser vivida, guardada, aprofundada e desenvolvida em sintonia com o crescimento perene do Corpo místico de Cristo (cf. MR 11).

Essa transmissão do Espírito requer colaboração de nossa parte. Colaborar não quer dizer conhecer e aceitar as formulações como artigos de um credo. Tampouco consiste em uma explicação extrínseca à nossa vida. Temos que percorrer o processo por ele percorrido. Temos que considerar, a partir de nossa experiência de vida, a experiência de vida do povo ao qual fomos enviados; aprofundá-la humanamente, confrontá-la e identificá-la com a experiência evangélica de Claret. Isto nos leva a uma mudança de vida, a uma conversão ou configuração, não superficial, não de laboratório, mas real.

Essa experiência vital-espiritual é já um desenvolvimento do carisma, porque o Espírito é o mesmo e a experiência fundante também; a situação histórica é diferente, atual, porém transformada. Mais que uma “releitura” do carisma, é uma “re-vivência” do mesmo.

Pode-se seguir o fundador por devoção, por conhecimento erudito, ou por pertença canônica, porém somente o reviver a mesma experiência espiritual pode dar-nos a verdadeira identidade. E somente por meio dessa identificação se pode chegar a ser verdadeiro discípulo e dar muito fruto, seja pela autenticidade de vida, seja pela oportunidade e eficácia da ação apostólica.

Roma, 13 de Junho de 1985,

150 aniversário da ordenação sacerdotal do padre Claret.

José Maria VIÑAS, CMF

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

Aut. – Autobiografia de Santo Antonio Maria Claret. Publicada em SAN ANTONIO MARIA CLARET, Escritos autobiográficos, ed. Preparada por José Maria Viñas e Jesus Bermejo, BAC, Madri, 1981.

BAC – Biblioteca de Autores Cristianos (Madri).

CMF – Cordis Mariae Filius (Filho do Coração de Maria – Missionário Claretiano).

EA – Escritos Autobiográficos, BAC, Madri, 1981.

EC – Epistolário Claretiano. Epistolário de Santo Antonio Maria Claret. Edição preparada e anotada por José Maria Vigil, Madri, 1970. 2 Volumes.

LR – Livraria Religiosa, editorial fundado por Santo Antonio Maria Claret em 1848.

Mss. Claret – Manuscritos Claretianos: autógrafos de Santo Antonio Maria Claret (volumes 1 a 18).

PAT – Processo Apostólico de Tarragona

PAV – Processo Apostólico de Vic.

PIM – Processo Informativo de Madri.

PIT - Processo Informativo de Tarragona.

PIV - Processo Informativo de Vic.

LG – Lumem Gentium

MR – Mutuae Relationis.

Orações em preparação à leitura da Autobiografia

Oração Apostólica

Meu Senhor e meu Pai!

Que eu te conheça e te faça conhecer,

que eu te ame e te faça amar,

que eu te sirva e te faça servir,

que eu te louve e te faça louvar por todas as criaturas.

Faze, ó meu Pai, que todos os pecadores se convertam,

todos os justos perseverem na graça

e todos consigamos a glória eterna. Amém.

Espírito Missionário

Renova, Senhor, em nossa Família Claretiana,

o espírito que animou a Santo Antonio Maria Claret,

nosso Pai,

para que, cheios e revigorados por ele,

nos esforcemos em amar o que ele amou

e em levar à prática o que ele ensinou.

Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém

AUTOBIOGRAFIA

AVISO AO LEITOR

1. Padre José Xifré, Superior dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, (1) por diversas vezes me pediu, oralmente e por escrito, uma biografia de minha insignificante pessoa. Sempre me escusei. Porém, passo a fazê-lo agora unicamente por obediência. E por obediência também revelarei coisas que preferia fossem ignoradas; contudo, seja para a maior glória de Deus e de Maria santíssima, minha doce Mãe, (2) e para confusão deste mísero pecador.(3)

Dividirei esta biografia em três partes

2. A primeira parte compreende o que ocorreu desde meu nascimento até minha ida a Roma (1807-1839). A segunda refere-se ao tempo das missões (1840-1850). A terceira, o que de mais importante ocorreu desde a sagração de arcebispo em diante (1850-1862).

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1 - Nascimento e batismo

3. Nasci (4) em Sallent, comarca de Manresa, bispado de Vic, província de Barcelona.(5) Meus pais chamavam-se João Claret e Josefa Clará. Casados, honrados e tementes a Deus, muito devotos do Santíssimo Sacramento do Altar e de Maria santíssima.(6)

4. Fui batizado na pia batismal da paróquia de Santa Maria de Sallent, no dia 25 de dezembro, dia do Natal do Senhor, do ano de 1807. Embora nos livros paroquiais conste 1808, por iniciar a contar o ano seguinte por este dia. Por esta razão meu registro é o primeiro do livro do ano de 1808.

5. Deram-me o nome de Antônio Adjutório João. Meu padrinho, um irmão de minha mãe, que se chamava Antonio Clará, ele quis que me chamasse pelo nome de Antonio. Minha madrinha, irmã de minha mãe, que se chamava Maria Claret, casada com Adjutório Canudas, me pôs o nome de seu marido. O terceiro nome é João, que é o do meu pai. Depois, por amor à Virgem santíssima, acrescentei o dulcíssimo nome de Maria, porque ela é minha Mãe, minha Madrinha, minha Mestra, minha Diretora e meu tudo, depois de Jesus).(7) Assim, meu nome é Antônio Maria Adjutório João Claret e Clará.

6. Somos onze irmãos: seis homens e cinco mulheres, que enumerarei por ordem, marcando o ano em que nasceram.

- 1º - Rosa, nascida em 1800, casada, viúva hoje, muito trabalhadeira, honrada e piedosa; foi a que mais me dedicou carinho;(8)
- 2º - Mariana, nascida em 1802, morreu aos dois anos;
- 3º - João, nascido em 1804, herdeiro de todos os bens da família;(9)
- 4º - Bartolomeu, nascido em 1806, morto aos dois anos;
- 5º - Eu próprio, nascido em 1807 (= 1808);
- 6º - Uma irmã, nascida em 1809, falecida após o nascimento;
- 7º - José, nascido em 1810, casado; teve duas filhas, que se tornaram Irmãs de Caridade ou Terciárias;(10)
- 8º - Pedro, nascido em 1813, falecido aos quatro anos;
- 9º - Maria, nascida em 1815, tornou-se Irmã Terciária; (11)
- 10º - Francisca, nascida em 1820, falecida aos três anos;
- 11º - Manuel, nascido em 1823, morreu aos treze anos, após os estudos de Humanidades em Vic.(12)

Capítulo 2

Primeira Infância

7. A Providência Divina sempre velou sobre mim de um modo singular, como se verá neste e em outros casos que relatarei. Minha mãe sempre criou sozinha seus filhos, mas a mim não lhe foi possível, porque lhe faltava saúde. Por isso me confiou a uma ama-de-leite da mesma povoação, com a qual permanecia dia e noite.(13) O dono da casa fez uma escavação muito profunda, a fim de ampliar a adega. Uma noite em que eu não estava lá, em conseqüência da escavação, os alicerces cederam, trincaram-se as paredes e a casa desabou. Morreram, soterrados pelos escombros, minha ama-de-leite e seus quatro filhos. E, caso lá me encontrasse, teria tido a mesma sorte dos demais. Bendita seja a providência de Deus! E quantas graças devo dar a Maria santíssima que, desde pequeno, preservou-me da morte e me livrou de outros apuros. Ó, como sou ingrato!...

8. As primeiras idéias que guardo na memória são de quando tinha uns cinco anos. Quando deitado, em vez de dormir, pois sempre fui de dormir pouco, pensava na eternidade. Pensava: *Sempre, sempre, sempre*. Imaginava distâncias enormes. A elas juntava outras e mais outras. E, ao ver que não alcançava o fim, me arrepiava e pensava: *Os que tiverem a desgraça de ir para a eternidade de sofrimentos será que jamais deixarão de sofrer? Sofrerão sempre? Sim, sempre, sempre terão que sofrer*.

9. Tudo isto me causava uma profunda compaixão, porque eu, por natureza, sou muito compassivo. Essa idéia da eternidade de sofrimentos ficou tão gravada em mim, seja pela ternura que despertou, seja pelas muitas vezes que pensei nela, por tudo é o que mais tenho presente. Este mesmo pensamento é o que mais

me fez, continua me fazendo e me fará trabalhar, enquanto viver, pela conversão dos pecadores, no púlpito, no confessionário, por meio de livros, estampas, folhas avulsas, conversas familiares, etc. (14).

10. Conforme já disse, a razão disso é porque tenho um coração tão terno e compassivo que não posso ver uma desgraça ou uma miséria, que não a socorra; tiro o pão da minha boca para dá-lo ao pobrezinho e até deixo de alimentar-me para tê-lo e dá-lo quando alguém o pede. Tenho escrúpulo de gastar para mim, quando lembro que existem tantas necessidades para remediar. Pois bem, se estas misérias corporais e momentâneas me afetam tanto, imaginem o que produzirá em meu coração o pensar na condenação eterna, não para mim e sim para os demais que voluntariamente vivem em pecado mortal.

11. Eu me digo muitas vezes: A fé nos diz que existe o céu para os bons e inferno para os maus, e que as penas do inferno são eternas; que basta um único pecado mortal para condenar uma alma, pela malícia infinita que tem o pecado mortal, pela ofensa a um Deus infinito. Considerando esses princípios certíssimos, ao ver a facilidade com que se peca, tal como se bebe um copo de água, como por riso ou diversão; ao ver a multidão de pessoas que estão continuamente em pecado mortal e que assim vão caminhando para a morte e para o inferno, não posso repousar; tenho de correr e gritar, e então digo a mim mesmo:

12. Se eu visse alguém prestes a cair num poço ou numa fogueira, garanto que correria e gritaria para avisá-lo e afastá-lo do perigo. Por que não farei outro tanto para evitar que caia no poço e na fogueira do inferno?

13. Não posso compreender como os outros sacerdotes que crêem nas mesmas verdades que eu creio e que todos devemos crer, não pregam nem exortam para preservar as pessoas de caírem no inferno.(15)

14. E ainda admiro como os leigos, homens e mulheres que têm fé, não gritam. E digo a mim mesmo: Se uma casa pegar fogo e, por ser noite e por estarem todos dormindo e não virem o perigo, porventura o primeiro que percebesse, não avisaria, não correria pelas ruas, gritando: Fogo! Fogo, em tal casa? Por que então não gritar: fogo do inferno! para despertar a tantos que vivem presos na letargia do pecado, sabendo que, ao despertarem, estarão ardendo no fogo do inferno? (16)

15. Essa idéia da eternidade infeliz, que muito vivamente (17) começou em mim aos cinco anos, tenho-a sempre presente e, com a ajuda de Deus, jamais a esquecerei; ela é a mola propulsora de meu zelo pela salvação das almas.

16. Com o passar do tempo, a esse estímulo juntou-se outro, que depois explicarei: o de pensar que o pecado não só condena a meu próximo, mas que é, acima de tudo, uma ofensa a Deus, que é meu Pai.(18) Ah! Esta idéia me corta o coração e me faz correr como... E me digo: se um pecado é de uma malícia infinita, o impedir um pecado é impedir uma injúria infinita a meu Deus, a meu bom Pai.

17. Se um filho tivesse um pai muito bom e visse que, sem motivo, o maltratam, não o defenderia? Se o visse sendo levado ao suplício, não envidaria todos os esforços para libertá-lo? Pois, que devo fazer para honra de meu Pai, que é tão facilmente ofendido e, inocente, levado ao calvário para ser novamente crucificado pelo pecador, como diz São Paulo? Calar não seria um crime? Não se esforçar ao máximo não seria...? Ó meu Deus! Ó meu Pai! Dai-me força para impedir todos os pecados, pelo menos um, ainda que por causa disso me façam em pedaços..

Capítulo 3

Primeiras Inclinações

18. Para maior confusão minha, direi as palavras do autor do Livro da Sabedoria: *Era um menino vigoroso, dotado de uma alma excelente* (Sb 8,19). Quer dizer: recebi de Deus, por puro ato de sua bondade, uma boa índole. (19)

19. Lembro-me que na guerra da independência, que durou do ano 1808 a 1814, o medo que os habitantes de Sallent tinham dos franceses era grande, e com razão, pois estes haviam incendiado a cidade de Manresa e o povoado de Calders, próximo a Sallent.(20) Todos fugiam quando chegava a notícia de que o exército francês estava próximo. As primeiras vezes que fugi, lembro-me que me levavam nos ombros, porém as últimas, tinha quatro ou cinco anos e já andava, dava a mão a meu avô, João Clará, pai de minha mãe,(21) e, como era de noite e tinha a visão fraca, advertia-o dos obstáculos com muita paciência e carinho. O pobre velho ficava muito consolado ao ver que não o deixava nem fugia com os demais irmãos e primos, que nos deixavam sozinhos. E sempre lhe professei muito amor e carinho até sua morte; e não somente a ele, mas a todos os idosos e desvalidos.

20. Não suportava que alguém zombasse de algum idoso, como é comum acontecer entre os jovens. Lembrava o castigo exemplar de Deus aos que zombavam de Eliseu. (22) Lembro-me que na igreja, sempre que chegava um idoso, se eu estivesse sentado, levantava-me e, com muito gosto, cedia meu lugar; na rua sempre os cumprimentava; quando tinha a oportunidade de conversar com algum deles, era para mim a maior satisfação. Queira Deus que eu tenha aproveitado bem os conselhos que os idosos me davam... (23)

21. Ó meu Deus, como sois bom! Como sois rico em misericórdia para comigo! Oh! Se tivésseis dado a outro as graças que a mim destes, como teria correspondido melhor que eu! Piedade, Senhor, pois a partir de agora começarei a ser bom, ajudado por vossa divina graça!

Capítulo 4

Primeira Educação

22. Tinha apenas seis anos de idade quando meus queridos pais me mandaram à escola. Meu professor de primeiras letras foi o padre Antonio Pascual, (24) homem muito ativo e religioso; nunca me castigou nem repreendeu. Também procurava não lhe dar motivo para isso; eu era sempre pontual, assistia sempre às aulas, levando as lições sempre bem estudadas.

23. Aprendi o catecismo com tanta perfeição que o recitava sempre que queria, do início ao fim, sem nenhum erro. Outros três meninos também o aprenderam; o catequista nos apresentou ao pároco, padre José Amigó, (25) que nos fez recitar o catecismo entre os quatro em dois domingos seguidos. Na igreja, na presença do povo, nós o recitamos sem nenhum erro. Como prêmio deu a cada um uma bonita estampa que guardamos com carinho.

24. Depois de ter aprendido bem o catecismo, mandou-me ler o Pinton, *Compêndio da História Sagrada*. (26) Suas passagens me ficaram tão impressas na memória, que depois as contava com tranqüilidade.

25. Meus pais eram muito bons. Junto com o professor de primeiras letras, trabalharam na minha formação intelectual com o amor à verdade, cultivavam também em meu coração a prática da religião e de todas as virtudes. Meu pai, todos os dias, depois do almoço, me fazia ler um livro espiritual e à noite ficávamos um tempo juntos, à mesa; ele sempre nos contava alguma coisa edificante e instrutiva, até a hora de descansar.

26. Tudo que me referiam e explicavam meus pais e meu professor eu o entendia perfeitamente, mesmo sendo muito criança; o que não entendia era o diálogo do catecismo, que o recitava muito bem, mas como um papagaio. Contudo, reconheço agora o bem que é sabê-lo de cor. Mais tarde, sem saber como, sem falar daquelas matérias, vinham-me à mente e compreendia as grandes verdades que eu dizia e recitava sem entendê-las, e me dizia: *Oba! Isto quer dizer isto e isto! Como era ingênuo e não entendia*. Do mesmo modo que os botões das rosas que com o tempo se abrem e, se não há botões, não podem existir rosas, assim são as verdades da religião: se não houver instrução através do catecismo, haverá ignorância completa em matéria de religião, mesmo nos homens que se passam por sábios. Quanto me serviu a instrução do catecismo e os conselhos e avisos dos meus pais e do professor.

27. Um dia, estando sozinho na cidade de Barcelona, como direi oportunamente, ao ver e ouvir coisas más, lembrava-me do que aprendera e dizia: *Isso é mau, debes evitá-lo. Deves antes dar crédito a Deus, aos pais e ao professor e não a esses infelizes que não sabem o que dizem nem o que fazem*.

28. Meus pais e meu professor me instruíram, não só nas verdades em que devia crer, mas também nas virtudes que devia praticar. Com respeito ao meu próximo, diziam-me que nunca deveria desejar ou tomar o alheio. Quando encontrava algo, faziam-me devolver ao seu dono. Um dia, ao sair da escola, na rua da

minha casa, encontrei uma moeda insignificante, peguei-a pensando em devolvê-la ao dono e, não vendo ninguém na rua, pensei que tivesse caído de algum balcão na casa em frente; subi à casa, perguntei pela dona da casa e entreguei-lhe a moeda. (27)

29. Educaram-me de tal maneira na obediência e resignação que sempre estava contente com o que eles me faziam, dispunham e me davam, tanto no vestir como na alimentação. Não me recordo ter dito alguma vez: *Não quero isto, quero aquilo!* E estava tão acostumado que, depois quando sacerdote, minha mãe, que sempre me amou muito, me dizia: *Antonio, gostas disto? Eu lhe dizia: O que a senhora me dá, sempre eu gosto. - Porém, sempre há coisas que apreciamos mais que as outras. - As que a senhora me dá são as que gosto, mais que todas.* Assim morreu sem saber o que materialmente me agradava mais. (28)

Capítulo 5

Trabalho na fábrica.

30. Eu era pequeno, quando ainda estava no abecedário, ocasião em que um inspetor, ao visitar a escola, me perguntou o que gostaria de ser. Respondi-lhe que desejava ser sacerdote. (29) Tendo terminado com perfeição o primário, puseram-me nas aulas de Latim. O professor era um sacerdote muito bom e sábio, chamado João Riera. (30) Com ele aprendi ou decorei nomes, verbos, gêneros e alguma coisa mais. Como as aulas foram encerradas, não pude estudar mais e fiquei assim.

31. Como meu pai era fabricante de fios e tecidos, colocou-me na fábrica para trabalhar. (31) Obedeci sem dizer uma palavra, sem fazer cara feia e sem manifestar contrariedade. Pus-me a trabalhar o quanto podia, sem ter jamais manifestado preguiça ou má vontade.(32) Fazia tudo da melhor forma que sabia para não causar aborrecimento em nada a meus queridos pais, pois os amava muito e eles também a mim.

32. O sofrimento maior era quando meus pais tinham que repreender algum funcionário que não tinha executado bem o seu trabalho. Estou certo de que sofria muito mais do que aquele que era repreendido, pois tenho um coração tão sensível que, ao presenciar o sofrimento de alguém, fico profundamente condoído, mais do que a própria pessoa que sofre.

33. Meu pai colocou-me em todos os tipos de trabalhos da fábrica de fios e tecidos. Por uma longa temporada, meu pai colocou-me, juntamente com outro jovem, para dar a última demão aos trabalhos que os demais faziam. Quando tínhamos de corrigir alguém, dava-me muita pena; contudo, antes observava se havia no trabalho executado, alguma coisa que estivesse bem-feita. Então eu começava por este detalhe e o elogiava, dizendo que tal obra estava bem feita, só que tinha este e aquele defeito, mas que, uma vez corrigidos esses senões, teríamos uma obra perfeita.

34. Eu agia assim sem saber o porquê. Com o tempo soube que era por uma especial graça e bênção de amabilidade que o Senhor me concedera. Assim os trabalhadores sempre recebiam com humildade a correção e se emendavam. O outro companheiro, mais velho, mas que não possuía o mesmo espírito de amabilidade, quando tinha que corrigir, incomodava-se, repreendia-os com aspereza, eles ficavam aborrecidos e às vezes nem sabiam em que haviam de emendar-se. Ali aprendi o quanto convém tratar a todos com amabilidade e agrado, mesmo os mais rudes! E como é verdade que se tira melhor vantagem agindo com doçura do que com aspereza e mau humor.(33)

35. Ó Deus meu! Como tendes sido bom para comigo! Levei muito tempo até conhecer as muitas e grandes graças que me confiastes.(34) Fui servo inútil, que não fiz crescer o talento a mim confiado. Porém, Senhor, dou-vos minha palavra que trabalharei; tende um pouco de paciência comigo; não me retireis o talento; eu o farei render; dai-me vossa graça e vosso amor, e prometo que trabalharei.

Capítulo 6

Primeiras devoções

36. Desde muito pequeno me senti inclinado à piedade e à religião. Todos os dias de festa e de preceito participava da santa missa e nos demais dias sempre que podia. Comumente, nos dias festivos participava de duas missas: uma rezada e outra cantada. A esta ia sempre com meu querido pai. Não me recordo de ter brincado ou conversado na igreja. Antes pelo contrário, estava sempre bem recolhido, modesto e tão devoto que, comparando meus primeiros anos com os presentes, me envergonho, pois com grande confusão digo que atualmente não estou com a mesma atenção, com o coração tão fervoroso que tinha então...

37. Com que fé participava de todas as celebrações, de nossa santa religião! As celebrações das quais eu mais gostava eram as do Santíssimo Sacramento. Nessas eu participava com uma devoção extraordinária e muito gozo de alma.(35) Além do bom exemplo que em tudo me dava meu querido pai, que era devotíssimo do Santíssimo Sacramento, tive a sorte de que viesse parar em minhas mãos um livro com o título *Finezas de Jesus Sacramentado*. Como gostei dele! Aprendia-o de memória, tamanha a afeição por ele.(36)

38. Aos dez anos deixaram-me comungar. Não consigo explicar o que se passou comigo naquele dia em que tive a imponderável felicidade de receber pela primeira vez, em meu peito, o meu bom Jesus... E, desde então, sempre mais freqüentei os santos sacramentos da penitência e comunhão. Porém, com que fervor, com que devoção e amor! Mais que agora, sim, mais que agora, digo-o com a maior confusão e vergonha. Agora que tenho mais conhecimentos que então, agora que assimilei uma imensidão de

benefícios recebidos desde aqueles primeiros dias, por graça deveria ser um Serafim de amor divino, no entanto sou o que Deus sabe. Quando comparo meus primeiros anos com os dias presentes, me entristeço e choro e confesso que sou um monstro de ingratidão.

39. Além da santa missa, da comunhão freqüente e das celebrações do Santíssimo Sacramento, das quais participava com tanto fervor pela bondade e misericórdia de Deus, assistia também todos os domingos, sem faltar nenhum dia, mesmo que fosse de festa, ao catecismo e explicação do santo evangelho, ministrado pelo próprio pároco. Esses exercícios terminavam à tarde com a oração do santíssimo rosário.

40. Participava das celebrações de manhã e à tarde. Ao anoitecer, quando já não havia ninguém na igreja, eu para lá voltava e sozinho me entretinha com o Senhor. Com que fé, confiança e amor falava eu com o Senhor, com meu bom Pai! Oferecia-me mil vezes a seu santo serviço, desejava ser sacerdote para consagrar-me dia e noite ao seu ministério. Recordo-me que lhe dizia: *Humanamente não vejo nenhuma esperança, porém vós sois tão poderoso que, se quereis, arranjareis tudo.* Lembro-me de que com toda confiança me abandonei em suas divinas mãos, esperando que ele dispusesse o que se haveria de fazer. E assim foi, como direi mais adiante. (37)

41. Também veio parar em minhas mãos um pequeno livro chamado *O Bom Dia e a Boa Noite.* (38) Oh! Quão proveitosa me foi a leitura desse livro! Após a leitura de cada pequeno trecho, apertava-o de encontro ao coração, levantava os olhos rasos de lágrimas ao céu e exclamava dizendo: Ó Senhor, que coisas tão boas eu ignorava! Ó Deus meu! Ó Amor meu! Quiser sempre vos ter amado!

42. Ao considerar os grandes benefícios recebidos através da leitura de bons e piedosos livros, razão pela qual procuro dar em grande profusão livros desse estilo, esperando que meus próximos, a quem tanto amo, alcancem tantos benefícios quanto eu na sua leitura. Quem me dera que todas as almas conhecessem a bondade de Deus e o quanto nos ama! Ó Deus meu, fazei que todas as criaturas vos conheçam, vos amem e vos sirvam com toda fidelidade e fervor! Ó criaturas todas, amai a Deus, porque é bom, porque é infinita sua misericórdia... (39)

Capítulo 7

Primeira devoção a Maria santíssima

43. Já na minha infância e juventude professava uma devoção do fundo do coração a Maria santíssima. Oxalá tivesse agora a devoção de então! Valendo-me da comparação de Rodríguez, (40) sou como aqueles criados velhos das casas dos grandes que quase não servem para nada, considerados como trastes inúteis, conservados na casa mais por compaixão e caridade que pela utilidade de seus serviços. Assim sou eu no

serviço da Rainha dos céus e da terra: por pura caridade e misericórdia me agüenta e, para que se veja que é verdade, sem exagero, para confusão minha, referirei o que fazia em obséquio de Maria santíssima.

44. Ainda pequeno, deram-me um rosário, que agradei muitíssimo, como se fosse a aquisição do maior tesouro. Com ele rezava, junto com as demais crianças da escola. Ao sair das aulas, à tarde, formando duas filas, íamos à igreja próxima, e todos juntos rezávamos uma parte do rosário, dirigida pelo professor. (41)

45. Ainda criança, encontrei em minha casa um livro que se intitulava *El Roser, o Rosário*. Nele estavam os mistérios do rosário com desenhos e explicações análogas. (42) Aprendi com aquele livro a rezar o rosário, com seus mistérios, ladainhas e diversas outras orações. Quando o professor tomou conhecimento disto, ficou contentíssimo e colocou-me a seu lado na igreja para que eu dirigisse o rosário. Os demais rapazes, ao ver que com isso agradava o professor, o aprenderam também e, a partir daí, íamos alternando por semanas, de modo que todos aprendiam e praticavam esta santíssima devoção que, depois da missa, é a mais proveitosa.

46. Daí por diante rezava, não só na igreja, mas também em casa todas as noites, conforme dispunham meus pais. Concluía a primeira alfabetização e com trabalho fixo na fabrica, como disse no capítulo quinto, diariamente rezava três partes e também rezavam comigo os demais trabalhadores. Eu dirigia e eles respondiam, enquanto trabalhavam. Rezávamos uma parte às oito, antes do café da manhã, outra antes das doze, hora do almoço, e outra antes das nove, hora da janta.

47. Além de rezar o rosário nos dias de trabalho, rezava também uma ave-maria a cada hora do dia e a oração do *Angelus Domini (O Anjo do Senhor)* em sua devida hora. Nos dias de festa passava mais tempo na igreja do que em casa, porque quase não brincava com as demais crianças. Entretinha-me em casa e, enquanto estava assim, inocentemente entretido em algo, parecia ouvir uma voz; era a Virgem que me chamava para que fosse à igreja, e eu dizia: *Já vou, e ia logo*.

48. Nunca me cansava de estar na Igreja diante de Maria do Rosário. Falava e rezava com tanta confiança com a convicção de que a santíssima Virgem me ouvia.(43) Tinha a impressão de que da imagem, diante da qual orava, existia como que um fio de ligação até a original, que está no céu. Sem ter visto naquela idade o telégrafo elétrico, eu imaginava como se tivesse um telégrafo da imagem ao céu. Não sei explicar, mas orava com mais atenção, fervor e devoção do que agora.

49. Muitíssimo amiúde, desde pequeno, acompanhado de minha irmã Rosa, que era muito devota, ia visitar um santuário de Maria santíssima, chamado Fusimanha, distante aproximadamente seis quilômetros de minha casa. Difícil explicar a devoção que sentia nesse santuário. Avistando a capela ao longe, antes de lá chegar, sentia-me comovido, meus olhos enchiam-se de lágrimas de ternura. Tomávamos o Rosário e íamos rezando até chegar ao local. Essa devota imagem de *Fusimanha* tenho-a

visitado sempre que possível, não somente quando criança, mas também como estudante, sacerdote e, como arcebispo, antes de ir à minha diocese.(44)

50. Meu maior prazer era trabalhar, rezar, ler e pensar em Jesus e em Maria santíssima. Por isso gostava muito de guardar silêncio. Falava muito pouco. Comprazia-me estar só para não ser incomodado nos meus pensamentos.(45) Sempre estava contente e alegre. Vivia em paz com todos. Jamais briguei nem tive rixas com ninguém, nem de criança nem como adulto.

51. Enquanto estava nesses santos pensamentos, ocupado com grande prazer de meu coração, eis que, de repente, tive uma tentação das mais terríveis e blasfemas contra Maria santíssima. Foi o maior sofrimento de minha vida. Lutava a todo custo para livrar-me dela. Preferia estar no inferno para que se afastasse. Não comia, nem dormia, nem podia olhar para sua imagem. Quanto sofrer! Confessava-me, mas como era muito jovem, não sabia explicar-me. O confessor passou a não dar importância alguma ao fato, e eu continuava no mesmo sofrimento. Ó que amargura! A tentação durou até que o Senhor se dignou livrar-me dela.(46)

52. Posteriormente, tive outra tentação, esta contra minha mãe, que me amava muito e eu também a ela. Apoderou-se de mim muito ódio, imensa aversão contra ela. Eu, porém, procurava tratá-la com carinho e humildade, para poder vencer semelhante tentação. Lembro-me que ao contar ao diretor espiritual a tentação que sofria e o que fazia para vencê-la e superá-la, perguntou-me: *Quem te disse que praticasse essas coisas? Respondi-lhe: Ninguém, Senhor. Então me respondeu: É Deus quem te ensina, filho; avante, sê fiel à graça.*

53. Diante de mim, meus companheiros não se atreviam a falar palavrões nem manter conversas maliciosas. Certa vez, por acaso, encontrava-me numa reunião de jovens, pois geralmente eu me afastava de tais rodinhas, porque conhecia a linguagem que se usa em tais reuniões. Foi aí que um dos jovens mais velho me disse: *Antônio, afasta-te de nós, pois queremos falar besteiras.* Agradei-lhes pelo aviso e fui embora sem jamais voltar a procurá-los.

54. Ó meu Deus! Como tendes sido bom para comigo! Oh! Como tenho correspondido mal às vossas finezas! Se vós, Deus meu, tivésseis dado essas graças a outro qualquer, teria correspondido muito melhor que eu. Que confusão, que vergonha, no dia do juízo, quando me disserdes: *Redde rationem villicationis tuae?* (Presta conta de tua administração). (47)

55. Ó Maria, minha Mãe! Quanta bondade tendes tido para comigo e quão ingrato sou para convosco! Sinto-me confuso e envergonhado: Minha mãe, desejo amar-vos daqui para diante com todo fervor; e não só eu vos amarei, mas procurarei fazer que todos vos conheçam, vos amem, vos sirvam, vos louvem, rezem o santíssimo rosário, devoção que vos é tão agradável. Ó minha Mãe! Ajudai-me na minha debilidade e fraqueza, a fim de poder levar à frente minha resolução.

Capítulo 8

Mudança para Barcelona

56. Desejoso de progredir nos conhecimentos da arte têxtil pedi a meu pai que me enviasse para Barcelona.(48) Meu pai concordou, acompanhou-me até lá. Eu mesmo, a exemplo de São Paulo, ganhava com minhas próprias mãos o que necessitava para minha alimentação, vestuário, livros e para pagar os estudos, etc. A primeira coisa que eu fiz foi apresentar uma solicitação à Junta da Casa Lonja para ser admitido nas aulas de desenho; consegui e aproveitei bastante. (49) Quem diria, o desenho que aprendia para a arte têxtil, Deus queria que o usasse para a religião! Na verdade, muito me tem servido para ilustrar o catecismo e assuntos místicos.

57. Além do desenho, comecei a estudar gramática castelhana e francesa, orientando todos os estudos com o objetivo de progredir no comércio e na fabricação.

58. De tudo que já estudei e de tudo que me dediquei durante a vida, nada assimilei tão bem como a arte têxtil. Na casa em que trabalhava, havia livros de amostras que a cada ano eram publicados em Paris e Londres, e adquiridos para estarem atualizados. (50) Deus me dera tanta inteligência nessa arte que, ao analisar uma amostra qualquer, no mesmo instante armava o tear com os traços desejados, conseguindo o mesmíssimo resultado; e mais: se o dono preferisse, fazia outros ainda melhores.

59. No princípio senti certa dificuldade. Porém, com aplicação dia e noite, tanto em dia de trabalho como em dia de festa, (no que era permitido, como estudar, escrever e desenhar), daí tirei muito proveito. Oxalá me tivesse aplicado assim à virtude, como seria outra pessoa! Quando depois de muitas tentativas acertava a decomposição e composição da amostra, sentia uma alegria tão grande, uma tal satisfação que andava pela casa como louco de contente. Tudo isso aprendi sem professor; antes ao contrário, acontecia ocultarem-me o processo, em vez de ensinar-me o modo de entender as amostras e sua reprodução.

60. Certa vez, perguntei ao gerente da fábrica como se reproduziria a amostra que tínhamos em mãos, se desta ou daquela maneira. Ele pegou o lápis e determinou a composição do tear. Silenciei e lhe disse apenas que não levasse a mal, mas estudaria em casa a amostra e o esquema que traçara. Poucos dias depois, apresentei-lhe o desenho do esquema necessário para realizar a amostra, fazendo-o notar, simultaneamente, que o esquema que ele traçara não teria como resultado a produção da amostra, mas outra coisa que lhe indiquei. O encarregado ficou admirado ao ver os desenhos e ao ouvir as razões e explicações.(51)

61. Depois desse dia, valorizou-me muito. Levava-me a passeio junto com seus filhos. Realmente, muito me ajudaram sua amizade, suas orientações e seus princípios, pois, além de ser homem bastante instruído, era esposo fiel, bom pai de família, bom cristão, um realista por princípios e convicções. Muito me ajudaram também as lições dadas por esse senhor, pois em Sallent, minha cidade, até o ar que se respirava era constitucional.(52)

62. Com relação à fabricação, não só saí bastante habilidoso no domínio das amostras, como disse, mas também bastante prático na composição do esquema do tear. Assim alguns trabalhadores pediam-me de favor que lhes preparasse seu tear, pois não conseguiam acertá-lo. Eu os atendia com alegria, por isso me respeitavam e me queriam muito bem.

63. A fama da habilidade para a arte têxtil que o Senhor me dera espalhou-se por toda a Barcelona. Daí é que alguns senhores chamaram meu pai e lhe apresentaram o plano de formarmos uma sociedade e instalarmos uma fábrica por nossa conta. Essa idéia agradou muitíssimo a meu pai, pois seria uma oportunidade para desenvolver a fábrica que já possuía. Falou-me das vantagens que disso resultaria e a fortuna que me esperava.

64. Porém, como são inescrutáveis os juízos de Deus! Mesmo estando tão entusiasmado com a fabricação e, mesmo tendo feito muito progresso, não consegui decidir-me. Sentia interiormente uma repugnância em fixar-me e fazer com que meu pai assumisse compromissos. Disse-lhe que me parecia um tanto cedo para tal empenho, pois eu era muito jovem. Além do mais, sendo de baixa estatura, os trabalhadores não me respeitariam. Respondeu-me que não me preocupasse com isso, pois outro governaria os trabalhadores; eu teria que ocupar-me somente da parte diretiva da fabricação... Também me escusei, dizendo que depois veríamos, que no momento não me sentia inclinado. Na verdade isto foi providencial. Francamente, eu nunca me opus aos desígnios de meu pai. Esta foi a primeira vez em que eu não fiz a sua vontade; e foi porque a vontade de Deus queria outra coisa de mim: queria que eu fosse sacerdote e não fabricante, ainda que nessa época não tivesse idéia clara de tal chamado.(53)

65. Nesse momento da minha vida cumpriu-se em mim aquela passagem do Evangelho na qual os espinhos sufocaram o bom trigo.(54) O contínuo pensar nas máquinas, nos teares e nas composições me deixava tão absorto que não conseguia pensar em outra coisa. Ó meu Deus, quanta paciência tivestes para comigo! Ó Virgem Maria, até mesmo de vós havia momentos que me esquecia! Misericórdia, minha Mãe!

Capítulo 9

Motivos para deixar a fabricação

66. Nos três primeiros anos em que estive em Barcelona esfriou muito em mim o fervor espiritual que sentia quando estava em minha terra natal. (55). É verdade que recebia os santos sacramentos algumas vezes ao ano, que todos os dias de festa e de preceito participava da missa e diariamente rezava a Maria santíssima o santo rosário e algumas outras devoções; porém não eram tantas nem tão fervorosas como antes. Todo o meu objetivo, todo o meu afã era a arte têxtil. Por mais que o diga, não o salientarei bastante; era um delírio o que eu sentia pela fabricação. E quem haveria de dizer que essa afeição tão extremada era o meio de que Deus se havia de valer para arrancar-me do amor à fabricação?

67. Nos últimos tempos de Barcelona, tal era minha afeição à arte têxtil que, ao participar da santa missa nos dias de festa e preceito, fazia um grande esforço para afastar os pensamentos. Mesmo que sentisse prazer em pensar e falar sobre a fabricação, não queria que isso acontecesse durante a missa e demais devoções. Procurava afastar os pensamentos prometia a mim mesmo que depois me ocuparia disso e que no momento queria pensar na oração. Meus esforços eram inúteis. Era como tentar parar de repente uma roda em alta velocidade. Durante a missa, para meu maior tormento, surgiam idéias novas, descobertas, etc. De tal modo que, durante a celebração, tinha mais máquinas na minha cabeça do que santos no altar.(56)

68. Em meio a esta barafunda de coisas, enquanto participava da santa missa lembrei-me de ter lido quando pequeno aquelas palavras do Evangelho: *Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a prejudicar a sua vida?* (57) Esta frase causou-me profunda impressão; foi para mim uma seta que me feriu o coração. Eu pensava e refletia sobre o que haveria de fazer, porém não acertava.

69. Encontrei-me como Saulo a caminho de Damasco. Faltava-me um Ananias que me dissesse o que devia fazer. Procurei o irmão Paulo (58) na casa de São Filipe Néri; relatei-lhe minha situação. Ele ouviu-me com muita paciência e caridade e disse-me com toda humildade: *Meu Senhor, sou um simples irmão leigo; não sou eu quem há de aconselhá-lo; eu o acompanharei a um padre bastante sábio e muito virtuoso e ele lhe dirá o que deve fazer.* Apresentou-me então ao padre Amigó! Este ouviu-me e louvou minha resolução. Aconselhou-me que estudasse latim e eu lhe obedeci.(59)

70. Despertaram em mim os fervores de piedade e devoção, abri os olhos, e me cientifiquei dos perigos corporais e espirituais pelos quais passara. Relatarei brevemente alguns. (60)

71. Naquele último verão, a santíssima Virgem preservou-me do afogamento no mar. Como trabalhava muito, no verão passavam muito mal. Perdia completamente o apetite. Encontrava algum alívio indo ao mar: lavava os pés, tomava alguns goles de água. Certo dia fui ao Mar Velho, depois da *Barceloneta*. Estando na praia, o mar de repente se agitou e uma série de grandes ondas me carregou; sem esperar, dei comigo mar adentro. Fiquei admirado ao ver-me flutuando sobre as ondas, mesmo sem saber nadar. Depois de invocar Maria santíssima, encontrei-me novamente na praia, sem que em minha boca tivesse

entrado uma gota de água sequer. Enquanto estava na água sentia a maior serenidade; depois, ao encontrar na praia, horripilava-me ao pensar no perigo de que havia escapado por intercessão de Maria santíssima.

72. Maria santíssima me livrou também de outro perigo ainda maior, semelhante ao do casto José. Encontrando-me em Barcelona, ia alguma vez visitar um conterrâneo meu. Não falava com ninguém da casa a não ser com ele. Ao chegar, dirigia-me ao seu quarto e conversava unicamente com ele. Porém, viam-me sempre entrar e sair. Eu era então juvenzinho e, se bem é verdade que eu mesmo ganhava minha roupa, gostava de vestir, não digo com luxo, mas sim com bastante elegância, talvez demasiada. Talvez Deus me peça conta disso no dia do juízo. Um dia, fui à mesma casa e perguntei pelo amigo. A dona da casa, que era uma senhora jovem, disse-me que o esperasse, pois estava para chegar. Esperei um pouco e logo percebi a paixão daquela senhora, que se manifestou com palavras e ações. Eu, depois de invocar Maria santíssima, e lutando com todas as minhas forças, escapei de seus braços, saí correndo da casa sem nunca mais voltar e sem dizer a ninguém o que havia ocorrido, a fim de não prejudicar sua honra. (62)

73. Deus dava-me todos esses golpes para me despertar e livrar-me de todos os perigos do mundo; porém foi preciso ainda um outro mais forte. Aconteceu o seguinte: Um jovem de minha idade convidou-me para que abríssemos um negócio em sociedade. Concordei com a proposta. Iniciamos com investimentos na loteria.(63) Tínhamos bastante sorte. Como eu estava sempre tão ocupado, podia apenas ser o depositário. Ele adquiria os bilhetes e eu os guardava. No dia do sorteio eu entregava-lhe os bilhetes e ele me dizia quanto havíamos ganhado. E como tínhamos muitos bilhetes, em cada jogada ganhávamos somas consideráveis. Separávamos o que era necessário para comprar mais bilhetes e o restante era colocado a juros nas mãos de comerciantes, com os recibos correspondentes. Eu guardava os recibos. Tudo o mais corria por conta do meu companheiro.

74. Já eram muitos os recibos e a soma era considerável. E eis que, certo dia, veio dizer-me que um de nossos bilhetes fora premiado com 24.000 duros, mas que, quando ia fazer a cobrança, perdera o bilhete. E falava a verdade ao dizer que o havia perdido, pois o colocara no jogo e o perdera. E não só perdeu aquele bilhete, mas também foi ao meu quarto, na minha ausência, arrombou o meu cofre e levou consigo todos os recibos da sociedade, que estavam ali guardados. Além disso, carregou todo o meu dinheiro particular. Levou também consigo os livros e a roupa, e penhorou tudo numa loja de objetos usados. Perdeu tudo no jogo. Finalmente, desejoso de se ressarcir, não tendo mais o que jogar, desesperado, foi a uma casa na qual tinha entrada, levou as jóias de uma senhora e as vendeu. Foi ao jogo e também perdeu.

75. Entretanto, a senhora achou falta de suas jóias e pensou que aquele fulano as havia roubado. Deu parte na polícia. Prenderam o ladrão, que confessou seu delito; foi condenado a dois anos de prisão. É impossível explicar o golpe que me deu este contratempo, não por ter perdido os bens, apesar de muitos, mas pela perda da honra. Pensava: *Que dirão as pessoas? Vão acreditar que tu eras cúmplice dos seus*

jogos e roubos. Ai! Um companheiro teu na cadeia, na prisão! Era tanta confusão e vergonha que mal me atrevia sair à rua. Parecia que todos os olhares se voltavam para mim, falavam de mim e se referiam a mim.

76. Ó meu Deus! Como fostes bom e admirável para comigo!... De que meios tão estranhos vos valestes para me arrancar do mundo!... Que bebida amarga usastes para desmamar-me da Babilônia! E a vós, minha Mãe, que graças poderei vos dar por me terdes preservado da morte, tirando-me do mar? Se naquele lance me tivesse afogado, como naturalmente teria acontecido, onde me encontraria agora? Vós o sabeis, ó minha Mãe! Sim, no inferno me encontraria, e em lugar muito profundo, por minha ingratidão. Assim como Davi, devo exclamar: *Misericórdia tua magna est super me, et eruisti animam meam ex inferno inferiori*: Vossa misericórdia foi grande para comigo, arrancastes minha alma das profundezas da região dos mortos.(64)

Capítulo 10

Resolução de entrar para a Cartuxa de Monte Alegre

77. Desiludido, enfasiado e entediado do mundo, pensei em deixá-lo e fugir para uma solidão, tornar-me cartuxo. E com este objetivo e finalidade realizava meus estudos. Considerei que faltaria ao meu dever se não comunicasse essa atitude ao meu pai. Contei a ele meu propósito na primeira ocasião que tive, em uma das muitas vezes que ia a Barcelona por questões comerciais. Ele sentiu muito quando lhe disse que queria abandonar a arte têxtil. Fez-me ver as esperanças lisonjeiras que tinha a meu respeito e sobre a fabricação; o grande negócio que ambos podíamos montar. E seu sofrimento tornou-se ainda maior quando lhe disse que desejava tornar-me frade cartuxo.(65)

78. Como ele era um bom cristão, disse-me: *Não quero tirar a sua vocação; Deus me livre disso. Pense muito bem, encomende-se a Deus e vá consultar seu diretor espiritual e, se ele disser que esta é a vontade de Deus, eu a acato e aceito, por mais que sinta em meu coração. Contudo, se for possível, em vez de se tornar frade, seja sacerdote secular, gostaria mais. Contudo, faça-se a vontade de Deus.*

79. Dediquei-me ao estudo da gramática latina com toda a aplicação possível. O primeiro professor foi um tal Tomás, sacerdote com um bom latim. Aos dois meses de aula teve um ataque apoplético; perdeu a fala e morreu em poucas horas. Mais um desengano. Depois tive Francisco Mas y Artigas, (66) a quem segui até a minha saída de Barcelona para Vic, para começar Filosofia, e foi desta maneira:

80. Meu irmão mais velho, João, já estava casado com Maria Casajuana, filha de Maurício Casajuana, que era encarregado pelo Bispo de Vic de cobrar o tributo de algumas propriedades e domínios em Sallent, sendo, por isso mesmo, muito admirado por ele e a quem freqüentemente visitava. Numa dessas

visitas, falou-lhe a meu respeito. Não sei o que ele lhe teria dito, pois o bispo manifestou desejo de verme.

81. Pediram-me que passasse por Vic. Eu não queria ir, por recear que me atrapalhassem o pensamento de entrar para a Cartuxa, meu grande desejo. Comuniquei-o a meu mestre, e ele me disse: *Eu o acompanharei, com um padre de São Filipe Néri, padre Cantí, homem muito sábio, prudente e experiente, e ele dirá o que se há de fazer.* Apresentamo-nos e, após ter ouvido todas as razões para não ir, disse-me: *Vá, e se o senhor bispo entender que é vontade de Deus que entre para a cartuxa, longe de opor-se, com certeza, ainda o protegerá.*

82. Calei-me e obedeci. Depois de uma permanência de quatro anos, saí de Barcelona. Nesse período de tempo esfriou bastante meu fervor, inflando-me demasiadamente de vaidade, elogios e aplausos, principalmente nos três primeiros anos. Oh! Quanto o sinto e choro amargamente! Porém, o Senhor já teve o cuidado de humilhar-me e confundir-me. Bendito seja por tanta bondade e misericórdia que me tem dispensado.

Capítulo 11

Mudança de Barcelona para Vic

83. Nos primeiros dias de setembro de 1829, saí de Barcelona e, a pedido de meus pais, fui a Sallent. Para agradá-los, fiquei em companhia deles até o dia de São Miguel, dia 29, saindo logo após a santa missa. Foi uma viagem muito triste, devido à chuva que nos acompanhou quase toda o tempo. À noite, completamente calados, chegamos a Vic.(67)

84. No dia seguinte fomos visitar o bispo dom Paulo de Jesus Corcuera.(68) Recebeu-nos muito bem. E, a fim de ter mais tempo para estudar e poder dedicar-me mais às minhas devoções particulares, colocaram-me ao lado do padre Fortián Bres, mordomo do palácio e sacerdote boníssimo, que me estimava muito.(69) Estive com ele durante toda minha permanência em Vic e, depois, sempre que ia a Vic hospedava-me em sua casa. Ele foi meu padrinho quando na catedral de Vic fui consagrado Arcebispo de Cuba.

85. Já nos primeiros dias de minha estadia em Vic, pedi que me indicassem um sacerdote para fazer uma confissão geral. Indicaram-me o padre Pedro Bach, de São Filipe Néri. (70) Com ele fiz a confissão geral de toda a minha vida. Depois continuei confessando-me com ele a cada semana, e me orientava muito bem. É digno de nota como Deus se valeu de três padres do Oratório de São Filipe Néri para aconselhar-

me e orientar-me nos três momentos mais críticos de minha vida espiritual: o irmão Paulo e os padres Antonio Amigó, Cantí e Pedro Bach.

86. Desde que cheguei a Vic, confessava e comungava semanalmente. Depois de algum tempo, o diretor pediu que eu confessasse duas vezes e comungasse quatro vezes por semana. (71) Fazia meia hora de oração mental diariamente e, por mais que chovesse, visitava o Santíssimo Sacramento nas Quarenta Horas e a imagem de Nossa Senhora do Rosário na igreja dos padres dominicanos da mesma cidade. Mesmo que as ruas estivessem cobertas de neve, nunca omiti as visitas ao Santíssimo Sacramento e à Virgem Maria. (72)

87. Todos os dias, à mesa, líamos a vida de um santo. Com a aprovação do diretor espiritual, em três dias da semana (segunda, quarta e sexta-feira) impunha-me a disciplina e na terça, quinta e sábado, o cilício. (73) Com estas práticas de devoção, retomei todo meu fervor religioso sem descuidar dos estudos, aos quais me aplicava o máximo que podia, sempre com a mais pura e reta intenção. (74)

88. No decorrer do primeiro ano de filosofia, em meio aos estudos e práticas de piedade, jamais esqueci de minha almejada Cartuxa e, além do mais, tinha sempre à vista, na mesa de estudo, uma estampa de São Bruno. Muitas vezes, quando ia confessar-me, falava ao meu diretor do desejo que ainda alimentava de entrar na Cartuxa. Por esse desejo, o diretor chegou a crer que Deus me chamava para ingressar nela. Escreveu ao padre Prior. Ficou decidido que, ao terminar o curso daquele ano, eu seria encaminhado para a Cartuxa. Com efeito, o diretor entregou-me duas cartas, uma ao Prior e uma a um outro religioso conhecido meu que aí residia.

89. Eu, muito contente, empreendi a viagem a Barcelona e depois a Monte-Alegre. (75) Pouco antes de chegar a Barcelona, desencadeou uma tempestade tão grande que metia medo. Por ter estudado muito naquele ano, tinha o peito enfraquecido. E, para proteger-nos da forte chuva que caía, pusemo-nos a correr. Abatido pela fadiga de tanto correr, e com o mormaço que se levantava da terra seca e quente, me deu forte asfixia, o que me fez pensar: *Talvez Deus não queira que vás à Cartuxa!* Esta idéia me alarmou muito. O certo é que não tive força para empreender o restante da viagem e acabei indo para Vic. Comuniquei o fato ao meu diretor espiritual e ele se calou; não disse nem bem nem mal, e o caso ficou assim. (76)

90. Dos meus desejos de ser cartuxo só o diretor espiritual estava ciente; os demais o ignoravam completamente. Naqueles dias havia em Sallent um benefício vacante pretendido por um sacerdote que não era natural da população local, ainda que vivesse nela e, infelizmente, não era o desejável. (77) Quando o vigário geral viu a solicitação, falou ao Bispo da inconveniência de conceder-lhe o benefício, a fim de impedir sua entrada na comunidade. Ofereceram-no a mim por ser filho do lugar e por isso deveria ser preferido. Obtive a graça. No dia dois de fevereiro de 1831,(78) recebi, no mesmo dia, do

bispo a tonsura e do vigário geral a colação. No dia seguinte fui a Sallent para tomar posse do referido benefício. A partir desse dia vesti os hábitos talares e comecei a rezar o ofício divino.

91. Por ocasião das festas do Natal, Semana Santa e nas férias, ficava em Sallent por causa do benefício; o resto do ano ficava em Vic, por causa dos estudos. Já falei das práticas de devoção que fazia em particular. Além dessas práticas, mensalmente da Academia de Santo Tomás chamavam-me para uma comunhão geral, da qual participavam todos os estudantes. (79) Mais, o bispo havia determinado na igreja do Colégio da Congregação da Imaculada Conceição e de São Luís Gonzaga, que todos os seminaristas internos e externos, recebessem a tonsura e se algum outro aluno quisesse entrar, devia solicitar diretamente ao bispo. Os congregados comungavam todo terceiro domingo de cada mês. O próprio bispo celebrava a missa na igreja do seminário. No mesmo dia, à tarde, fazia uma palestra. (80)

92. Anualmente, por ocasião da Quaresma, na mesma igreja do colégio ou seminário, fazíamos o retiro espiritual que durava oito dias, de um domingo a outro. O bispo participava de todos os atos. Lembro-me que num dos sermões dizia: *Se alguém disser por que o bispo dedica tanto tempo aos estudantes, a resposta é: Sei o que faço! Ah! Se conseguir que os estudantes sejam bons, depois serão bons sacerdotes e bons párocos. Que sossego terei então!... Muito convém que os estudantes se nutram da piedade enquanto estudam; do contrário tornam-se soberbos, que é o pior que pode acontecer, pois a soberba é a origem do pecado. É preferível que saibam um pouco menos, mas que sejam piedosos, do que saber muito, mas com pouca ou nenhuma piedade, porque aí se inflam com o vento da vaidade.*

93. Depois do primeiro ano de filosofia, já não pensei mais em ser monge cartuxo e reconheci que aquela vocação foi passageira. O Senhor levava-me mais longe para afastar-me das coisas do mundo e, assim, desprendido de todas elas, ficasse no estado clerical, como o próprio Senhor me fez entender depois.

94. Durante a época de estudos, entrei na Congregação do *Laus perennis* do Sagrado Coração de Jesus. Minha hora de louvor é em junho, no dia de Santo Antônio, das quatro às cinco da tarde. Ingressei nela por meio do padre Ildefonso Valiente, (81) reitor do Colégio de Manresa, que me fez o convite em visita à minha casa. (81) Na mesma cidade estou alistado na cédula do *Rosário perpétuo*, com hora para oração no dia de São Pedro, 29 de junho, das treze às catorze horas. (82) Na cidade de Vic fui alistado na *Confraria do Rosário* e na *Confraria do Carmo*. Alistei-me também e professei na *Congregação das Dores*. (83)

95. Quando cursava o segundo ano de filosofia em Vic, aconteceu-me o seguinte: No inverno tive um resfriado ou constipação. Mandaram-me ficar de repouso. Obedeci. Num daqueles dias em que estava acamado, às dez e meia da manhã, sofri uma tentação terrível. Recorria a Maria santíssima. Invocava o Anjo da Guarda. Rogava aos santos de meu nome e de minha especial devoção. Esforçava-me por fixar

a atenção em objetos diferentes, distrair-me e assim afastar e esquecer a tentação. Persignava-me a fronte a fim de que o Senhor me livrasse dos maus pensamentos. Porém, tudo em vão.

96. Finalmente, virei-me para o outro lado da cama para ver se assim afastaria a tentação. Eis que se apresenta Maria santíssima, formosa e graciosíssima. Seu vestido era carmesim; o manto azul e, entre seus braços, vi uma enorme grinalda de belíssimas rosas. Em Barcelona eu tinha visto rosas naturais e artificiais muito bonitas, mas não eram como estas. Oh! Como tudo aquilo era belo! Ao mesmo tempo em que estava na cama, como que pasmado, via a mim mesmo como um menino branco formosíssimo, ajoelhado e com as mãos juntas. Eu não perdia de vista a Virgem santíssima, em quem tinha fixos meus olhos. Recordo-me muito bem de que tive este pensamento: *É mulher e não provoca nenhum mau pensamento; pelo contrário, afastou de mim todos os outros.* A santíssima Virgem dirigiu-me a palavra e disse: *Antônio, se venceres esta coroa será tua.* Eu estava tão preocupado que não conseguia dizer-lhe uma palavra sequer. E vi que a santíssima Virgem punha em minha cabeça a coroa de rosas que tinha em sua mão direita (além da grinalda, também de rosas, entre seus braços e no lado direito). Naquela criança via-me coroado de rosas. Nem depois disto disse palavra alguma.

97. Vi também um grupo de santos que estavam à sua direita, em atitude de oração. Não os conheci. Só um me pareceu ser Santo Estêvão. Acreditei então, e ainda agora me convenço disso, que aqueles santos eram meus protetores, que rogavam e intercediam por mim para que eu não caísse em tentação. (84) Depois, à minha esquerda, vi uma multidão de demônios, que se puseram em forma, como soldados em retirada após ter travado uma batalha, e eu dizia a mim mesmo: *Que multidão e como são temíveis!* Diante de tudo isto eu estava como que surpreendido, nem sabia mais o que passava. E logo que tudo isso passou, fiquei livre da tentação e com tamanha alegria, que não sabia o que se passara comigo.

98. Tenho certeza de que não estava dormindo, nem padecia de nenhuma perturbação na cabeça, nem outra coisa que me pudesse causar uma ilusão semelhante. Isto fez-me acreditar que foi uma visão real e uma especial graça de Maria, pois a partir daquele momento fiquei livre da tentação e, por muitos anos, estive livre de qualquer tentação contra a castidade e, se depois tive alguma, foi tão insignificante que nem merece o nome de tentação. Glória a Maria! Vitória de Maria!...(85)

Capítulo 12

Ordenação Sacerdotal

99. O Bispo somente ordenava os seminaristas que faziam carreira completa e que estivessem bem adiantados nos estudos. Em geral era assim. Quando os candidatos concluíam o quarto ano de Teologia,

depois de dez dias de retiro espiritual, recebiam as quatro Ordens Menores. Terminado o quinto ano, recebiam a ordem do subdiaconato, depois de terem feito vinte dias de retiro espiritual. Concluído o sexto ano de Teologia, após trinta dias de retiro espiritual, recebiam o diaconato e, finalmente, ao terminarem o sétimo ano, após quarenta dias de retiro, recebiam o presbiterado.

100. Embora continuasse vigente o costume, comigo aconteceu de forma diferente: o bispo quis ordenar-me antes, ou porque tinha de rezar, ou porque tinha a idade suficiente. Foi assim: (86) Concluído o primeiro ano de Teologia e iniciado já o segundo, recebi as Ordens Menores, nas tēmporas de Santo Tomás de Aquino, no ano de 1833. (87) Nas tēmporas da santíssima Trindade, do ano de 1834, concedeu-me o subdiaconato; na mesma cerimônia em que Jaime Balmes recebeu o diaconato. Ele era o primeiro dos diáconos, e eu primeiro dos subdiáconos. Ele cantou o Evangelho, e eu, a Epístola. Ele e eu íamos lado a lado do sacerdote que presidia, encerrando a procissão no dia da ordenação. (88)

101. Nas tēmporas de Santo Tomás, no mesmo ano de 1834, recebi o diaconato. Na hora da ordenação, quando o bispo pronunciou aquelas palavras do pontifical, tomadas do apóstolo São Paulo: *Nossa luta não é somente contra seres de carne sangue, mas também contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal espalhadas no ar*”, (89) Então o Senhor me deu a conhecer claramente o significado daqueles demônios que vi na tentação, mencionada no capítulo anterior. (90)

102. No dia 13 de junho de 1835 fui ordenado presbítero pelo bispo de Solsona, pois o de Vic estava enfermo e da mesma enfermidade veio a falecer no dia cinco de julho. (91) Antes da ordenação fiz os quarenta dias de retiro espiritual. (92) Nunca tinha feito um retiro com tanto sofrimento e tentação. (93) Mas certamente em nenhuma outra vez obtive tantas e maiores graças como no dia 21 de junho, festa de São Luís Gonzaga, patrono da Congregação, (94) em que cantei minha primeira missa. Minha ordenação foi no dia de Santo Antônio, meu patrono.

103. Cantei a primeira missa na minha terra natal, para grande satisfação de meus parentes e de todo o povoado. E como em todas as férias e feriados estudava a teologia moral, sabia, como se sabe o catecismo, a disciplina de moral. (95) Prestei exame no dia de São Tiago e obtive licença para pregar e confessar. No dia dois de agosto, dia da Porciúncula, iniciei meu ministério de confessor, atendi confissões seis horas seguidas, das cinco às onze da manhã. O meu primeiro sermão foi no mês de setembro (no mesmo ano da ordenação), na festa principal de meu povoado. Nessa ocasião fiz um panegírico do padroeiro local (96) e, no dia seguinte, fiz outro sermão nas intenções dos falecidos da cidade. Todos os meus conterrâneos se admiraram.

104. Ao terminar todas essas funções em minha terra natal, voltei para Vic, a fim de continuar minha carreira e concluí-la. No entanto, por causa da guerra civil, (97) os estudantes não podiam se reunir no seminário, e por isso tinham que estudar em particular. Nessa ocasião, como também o Vigário Capitular (98) não tivesse nenhum sacerdote para mandar como vigário coadjutor ao meu povoado, quis que eu fosse, e que aí estudasse em particular os anos que faltavam para concluir a carreira, como faria em Vic.(99) Acedi por obediência, até completar os estudos, como se conclui pelo certificado que me forneceu o seminário de Vic, cujo teor é como segue:

105. *O abaixo-assinado, Secretário do Seminário Conciliar da cidade de Vic.*

Certifico que o Sr. Antônio Claret, natural de Sallent, desta Diocese, cursou, e está habilitado, neste Seminário, três anos de filosofia. No primeiro, estudou lógica, ontologia e elementos de matemática, de 1829 a 1830; no segundo ano estudou física geral e especial, de 1830 a 1831; e, no terceiro, metafísica e ética, no curso particular de 1832. É também habilitado neste mesmo seminário, em quatro anos de instituições teológicas nos anos escolares de 1832 a 1836. É, também, habilitado no referido Seminário, em três anos de teologia moral, nos anos de 1836 a 1839. Tudo conforme os livros de matrícula e de habilitações arquivadas nesta secretaria a meu encargo e aos quais me refiro.

Dou testemunho da verdade e, a pedido do interessado, firmo o presente e selo. Vic, 27 de agosto de 1839. Augustin Alier, secretário.

Capítulo 13

Vigário Coadjutor e ecônomo

106. Fixando-me na paróquia de Santa Maria de Sallent, (100) além de estudar todos os dias, ocupava-me nos ministérios. Juntamente com o pároco, repartíamos as pregações, alternadamente, em todos os domingos de Advento, Quaresma, Corpus Christi e demais solenidades, nas quais pregávamos do púlpito na missa cantada. Nos outros dias festivos, a pregação era à tarde, logo depois da aula de catecismo. Após dois anos como coadjutor, o superior quis que eu fosse vigário ecônomo. O que antes exercia a função retirara-se por causas políticas, assim fiquei só no ministério. (101)

107. O plano de vida que seguia era o seguinte: (102) Todos os anos fazia os santos exercícios espirituais de dez dias, prática que segui sempre, desde que entrei no seminário. Confessava-me de oito em oito dias. Jejuava às sextas e sábados. Três dias por semana impunha-me a disciplina: às segundas, quartas e sextas. Jejuava às sextas e sábados e às terças, quintas e sábados impunha-me o cilício.

108. Todos os dias, antes de sair de meus aposentos, fazia oração mental em particular, pois me levantava muito cedo, e à noite rezava, juntamente com minha irmã Maria, hoje terciária (103) e, com o empregado, homem já idoso. Nós éramos as três únicas pessoas da casa paroquial. Além da oração mental, rezávamos também o rosário.

109. Em todos os domingos e festas pregava e ensinava o catecismo, conforme disposição do Concílio de Trento. (104) Nos domingos do Advento, Quaresma, e solenidades, pregava na missa. Nos demais domingos do ano, sem deixar um sequer, pregava à tarde, depois de ensinar o catecismo. Além do catecismo na igreja aos domingos, no tempo da Quaresma ensinava-o diariamente, nos seguintes horários: para meninas, das catorze às quinze horas, na igreja e, para os meninos, das dezenove às vinte horas, na casa paroquial.

110. Diariamente celebrava a missa bem cedo. Logo em seguida ia ao confessionário e daí não me levantava enquanto houvesse gente para confessar. Diariamente, ao entardecer, dava uma volta pelas ruas da cidade, principalmente pelas ruas em onde houvesse enfermos, visitava-os, desde que recebiam o Viático até morrerem ou ficarem sãos. (105)

111. Nunca fazia visitas particulares, nem aos meus parentes, que por sinal eram muitos. Amava e servia a todos igualmente, fossem ricos ou pobres, parentes ou estranhos, conterrâneos ou estrangeiros, sendo que estes últimos eram muitos por causa da guerra. De dia e de noite, no inverno e no verão, sempre estava pronto para servi-los. Saía com muita freqüência para visitas aos moradores do campo. Trabalhava o máximo que podia. As pessoas correspondiam, aproveitavam o máximo e me amavam muitíssimo. (106) Sempre tive provas de amor, mas de modo especial quando resolvi ausentar-me para ir às missões estrangeiras, como de fato fui a Roma para ingressar na Congregação de *Propaganda Fide*, como direi na segunda parte. (107)

112. Ó meu Deus, quão bom tendes sido para comigo e quão suavemente me haveis levado pelos caminhos que me tínheis traçado! Como a vida de pároco não era minha aspiração, sentia um grande desejo de deixá-la para ir às missões salvar almas, mesmo que tivesse de passar por mil tribulações e sofrer a morte. (108)

SEGUNDA PARTE

MISSÕES

CAPÍTULO 1

Vocação missionária

113. Passado o desejo de ser cartuxo, que Deus me tinha dado para arrancar-me do mundo, pensei, não só em santificar minha alma, mas também meditava constantemente no que e como faria para salvar as almas de meus próximos. Efetivamente, rogava a Jesus e a Maria e me oferecia continuamente para ter êxito neste objetivo. As vidas dos santos que todos os dias líamos durante as refeições, as leituras espirituais que eu fazia em particular, tudo me ajudava para isto.(1) No entanto, o que mais me movia e estimulava era a leitura da santa Bíblia, à qual sempre fui muito afeiçoado.(2)

114. Havia passagens que me causavam tão forte impressão, que me parecia ouvir uma voz dizer a mim mesmo o que lia.(3) Essas passagens eram muitas, principalmente as seguintes: *Tu que eu trouxe dos confins da terra e que fiz vir do fim do mundo, e a quem eu disse: Tu és meu servo, eu te escolhi, e não te rejeitei* (Is 41,9). Com estas palavras conhecia como o Senhor me chamou sem mérito nenhum de parte de minha pátria, de meus pais e nem minha. *A ti eu disse: Tu és meu Servo, eu te escolhi e não te rejeitei.*

115. *Nada temas, porque estou contigo; não lances olhares desesperados, pois eu sou teu Deus; eu te fortaleço e venho em teu socorro, eu te amparo com minha destra vitoriosa* (v. 10). Aqui percebi como o Senhor me livrou maravilhosamente de todos os apuros aos quais me referi na primeira parte, e dos meios que se valeu para isso.

116. Sabia dos grandes inimigos que teria e das terríveis e espantosas perseguições que se levantariam contra mim; porém, o Senhor me dizia: *Vão ficar envergonhados e confusos todos aqueles que se revoltaram contra ti; serão aniquilados e destruídos aqueles que te contradizem* (v. 11). *Pois eu, o Senhor, teu Deus, eu te seguro pela mão e te digo: Não temas, eu venho em teu auxílio* (v. 13).

117. *Vou fazer de ti um trenó triturador, novinho, eriçado de pontas: calcarás e esmagarás as montanhas, picarás miúdo as colinas como a palha do trigo* (v. 15). Com estas palavras o Senhor me dava a conhecer o efeito que havia de causar a pregação e a missão que ele mesmo me confiava. Os montes quer dizer os soberbos, racionalistas, etc., etc., e pelo nome colinas quer que entenda os que vivem na luxúria, lugar rebaixado por onde todos os pecadores vêm passar. E eu disputarei e convencerei,

e por isso me disse: *Tu joeirarás e o vento as espalhará; entretanto, graças ao Senhor, te alegrarás e te gloriarás no Santo de Israel* (v. 16).

118. O Senhor me fez conhecer que tinha de pregar não só aos pecadores, mas também aos simples dos campos e aldeias, catequizando, pregando, etc., etc. E por isso me disse aquelas palavras: *Os infelizes que buscam água e não a encontram e cuja língua ressequida pela sede, eu, o Senhor, os atenderei, eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. Sobre os planaltos desnudos, farei correr água, e brotar fontes no fundo dos vales. Transformarei o deserto em lagos, e a terra árida em fontes* (Is 41,17-18). E, de um modo muito particular, Deus nosso Senhor me fez entender aquelas palavras: *Spiritus Domini super me et evangelizare pauperibus misit me Dominus et sanare contritos corde*: O Espírito do Senhor repousa sobre mim, e me enviou para evangelizar os pobres e curar os corações doloridos. (4)

119. O mesmo me acontecia ao ler o profeta Ezequiel, particularmente o capítulo terceiro. Com as palavras: *Filho do homem, estabeleço-te como sentinela na casa de Israel. Logo que escutares um oráculo saindo de minha boca, tu lho transmitirás de minha parte. Se digo ao malévolos que ele vai morrer, e tu não o prevines e não lhe falas para o pôr de sobreaviso, devido ao seu péssimo proceder, de modo que ele possa viver, ele há de perecer por causa de seu delito, mas é a ti que pedirei conta do seu sangue. Contudo, se depois de advertido por ti, não se corrigir da malícia e perversidade, ele perecerá por causa de seu pecado, enquanto tu hás de salvar a tu vida* (Ez 3,17-19).

120. Em muitas partes da Sagrada Escritura sentia a voz do Senhor que me chamava para que saísse a pregar. Na oração ocorria-me o mesmo. Foi assim que decidi deixar a paróquia, ir a Roma e me apresentar à Congregação para a Evangelização dos Povos (*Propaganda Fide*) a fim de que me enviasse a qualquer parte do mundo.(5)

Capítulo 2

Saída da Espanha (6)

121. Para sair da paróquia tive de enfrentar muitas e grandes dificuldades, tanto da parte do superior eclesiástico como por parte da população; mas com a ajuda de Deus consegui deixá-la. Dirigi-me a Barcelona com a intenção de tirar passaporte para o estrangeiro e embarcar com destino a Roma. Mas em Barcelona não quiseram fazer o passe e tive que voltar. Fui a Olost, onde tinha um irmão, chamado José, fabricante. De lá me dirigi a Tria de Perafita, onde se encontrava um padre de São Filipe Néri, chamado padre Matavera, homem de muita experiência, ciência e virtude. Consultei-o sobre a viagem: o objetivo e os preparativos para empreendê-la, e as grandes dificuldades por que havia passado. O bom padre escutou-me com muita paciência e caridade e me animou que continuasse. Acolhi sua orientação

como a um oráculo e, imediatamente empreendi viagem. (7) Com passagem do interior, dirigi-me a Castellar de Nuch, Tosas, Puerto, Font del Picasó, Ausseja. Este último povoado já pertencente à França. (8)

122. Meu itinerário foi Castellar de Nuch, Tosas, Puerto, Font del Picasó, Ausseja, Aulette, (9) Prades, Perpignan, Narbona, Montpellier, Nimes, Marselha, onde embarquei no vapor "Tancrede"; desembarquei em Civitavecchia, chegando, finalmente, a Roma. (10)

123. Agora direi o que aconteceu de mais importante nessa viagem. Saí bem cedo de Olost e fui dormir na paróquia de Castellar de Nuch. O vigário me recebeu muito bem. Deus lhe pague. (11) Rezei e fui descansar. Bem que necessitava de repouso, depois de ter caminhado a pé o dia todo e por lugares bastante desertos. No dia seguinte, bem cedo, celebrei a missa e parti para Tosas. Aqui nos disseram que em Puerto havia ladrões. (15) Demorei-me ali até que nos informaram que os mesmos já se tinham retirado. Empreendi a subida a Puerto e, pouco antes de passar o desfiladeiro onde está a Font del Picasó, surgiu um homem à minha frente e gritou: *Alto lá!* E apontou-me um fuzil. Aproximou-se de mim, colocou-se ao meu lado e disse-me para acompanhá-lo até ao comandante. Com efeito, levou-me até o senhor que chefiava um grupo de dez homens armados. Ele me fez várias perguntas e lhe respondi com muita firmeza. Perguntou-me se levava passaporte. Respondi que sim. Apresentei-o e logo o devolveu. Queria saber por que eu não passara por Puigcerdá. Respondi-lhe que para mim dava no mesmo ir por Puigcerdá como por qualquer outro caminho, pois quem está com os documentos de viagem em ordem pode passar por onde desejar. Percebi que ficaram desconsertados.

124. Ao mesmo tempo observei que, em um lugar um pouco mais afastado, havia muita gente presa e que, a um dado sinal, se puseram em marcha, enquanto os homens armados conversavam comigo. Finalmente, o comandante disse que me levariam a Puigcerdá e me apresentariam ao governador. Disse-lhes que não tinha por que temer o governador; no caso, eles é que deviam temer, por haver detido quem estava viajando bem documentado, conforme a lei. Postos em fila, começamos a andar rumo a Puigcerdá. Eles andavam depressa e eu caminhava devagar. Vendo que não ligaram para mim, tive este pensamento: *Se quisesses me levar, eles me teriam colocado na frente ou no meio da fila. Se me deixaram por último, isto quer dizer que eu posso seguir meu caminho.* Desta forma, sem dizer-lhes coisa alguma, virei para trás e me dirigi para a França. Depois de andar alguns passos, o mesmo homem que me prendera olhou para trás e me viu, fez sinal para que eu parasse e pôs-se a correr. Chegando bem próximo, disse em voz baixa: *Não diga isto a ninguém.* E eu lhe disse: *Vão com Deus!*

125. Oh! Quantas graças devo dar ao Senhor que me libertou a mim e às pessoas que estavam presas! E, para a maior glória de Deus, devo dizer que poucos dias antes havíamos combinado com um jovem

ordenando que os dois juntos sairíamos para Roma. Chegado o dia, o jovem não compareceu. Mandou-me dizer que não iria. Fui sozinho, e aconteceu o que acabo de narrar. Alguns dias depois, ao passar por esse mesmo lugar, foi atacado pelos mesmos ladrões. Roubaram-lhe tudo o que possuía. Tiraram-lhe até a camisa, deixando-o o nu. Ele mesmo contou-me o ocorrido, quando nos encontramos no porto de Marselha. Quantas graças devo dar a Deus! Bendito sejais, meu Pai, pela grande providência e cuidado que sempre e em toda parte tivestes para comigo!

CAPÍTULO 3

Entrada e passagem pela França

126. Naquela mesma tarde, em que Deus nosso Senhor e a santíssima Virgem me livraram dos ladrões, por ser sábado, (13) entrei no primeiro povoado da França que se chama Ausseja. Fui muito bem recebido. Como levasse um passaporte do interior da Espanha, ficaram com ele e me deram um de refugiado. E, com este, empreendi viagem. Passei por uma vila chamada Aulette. Insistiram para que ficasse aí, mas meu desejo era ir para Roma. De Aulette passei a Prades, onde também encontrei pessoas que me receberam com toda a caridade. Daí me dirigi a Perpignan. Aí trocaram meu passaporte, dando-me um para ir a Roma. Em Perpignan, a exemplo das outras cidades, fui bem recebido por pessoas que nunca tinha visto e nem conhecido. Passei por Montpellier, Nimes e demais povoações e, enquanto caminhava, sozinho e sem cartas de recomendação, em todas as partes encontrava pessoas desconhecidas que pareciam estar me esperando. Bendita seja a providência de Deus por suas criaturas e singularmente para comigo!

127. Ao chegar a Marselha, um sujeito acompanhou-me pelo caminho.(14) Levou-me a uma casa na qual passei muito bem durante os cinco dias que ali permaneci para esperar a embarcação. No dia seguinte, ao sair de casa para uma visita ao cônsul espanhol, e como tinha necessidade para que me referendasse o passaporte, ao primeiro que encontrei, perguntei pela rua onde residia o Cônsul. Esse senhor, não só indicou-me a rua, como também, ao ver-se sozinho, teve a amabilidade de me acompanhar. Apresentou-me e me atenderam muito bem. Voltou comigo e acompanhou-me até a hospedagem. Naqueles cinco dias, pela manhã e à tarde, vinha buscar-me e me acompanhava para visitar as igrejas, cemitério e tudo o que havia de mais precioso naquela povoação em matéria de religião; edifícios e casas profanas nem sequer mencionou.

128. Finalmente chegou a hora do embarque, que foi às treze horas. Um pouco antes, apresentou-se em meu quarto, a todo custo quis carregar minha mochila. E assim, os dois sozinhos, nos dirigimos ao porto

e, em frente ao barco nos despedimos. Nesses cinco dias em que estive comigo, o indivíduo foi tão educado, tão amável, tão atento e tão preocupado comigo, que parecia que o seu senhor o tinha enviado para que cuidasse de mim com todo o esmero. Parecia mais anjo do que homem: tão modesto, alegre, mas ao mesmo tempo, tão sério, religioso e devoto que sempre me levava aos templos, o que, por sinal, muito me satisfazia. Nunca me falou de entrar em nenhum café ou coisa semelhante, nem jamais o vi comer ou beber, porque à hora apropriada ia, deixava-me e logo voltava.

CAPÍTULO 4

No barco

129. Embarquei às treze horas.⁽¹⁵⁾ Já tinha rezado as vésperas e as completas para não me expor a rezar mal, devido às manobras nas primeiras horas de viagem e, talvez, a possibilidade de não poder rezá-las em caso de enjôo. Ao chegar o barco, no qual havia muitas pessoas de várias nações que faziam a mesma travessia, ouvi alguns que falavam castelhano. Experimentei uma grande alegria e perguntei-lhe: *Vocês são espanhóis?* Responderam-me que sim e me explicaram que eram religiosos beneditinos que haviam saído de Navarra por causa do que havia feito o general Maroto, (16) e que iam a Roma. Contaram-me o sofrimento e trabalho que haviam passado e a miséria atual em que se achavam. Disseram-me também que no mesmo barco havia outro espanhol, catalão, que estava muito aflito, que ao passar a fronteira o haviam roubado. Certamente esse homem era o que devia ter saído comigo; faltou-me a palavra. Avistei-o e estava em estado de miséria. Consolei-o como pude. Nessa conversação passamos a tarde e o início da noite.

130. Como minha viagem a Roma não era a passeio, mas para trabalhar e sofrer por Jesus Cristo, considerei que devia buscar o lugar mais humilde, mais pobre e no qual tivesse mais oportunidade de sofrer. Com efeito, comprei uma passagem com lugar na segunda cobertura ou convés, na parte da proa, que é o mais pobre e barato da embarcação. Depois de retirar-me sozinho para rezar o rosário e algumas devoções, procurei um lugar para descansar um pouco e não encontrei outro mais a propósito que um monte de cordas enroladas, onde me sentei e apoiei a cabeça num canhão de artilharia que estava na bombardeira, numa das laterais do barco.

131. Nessa posição meditava como Jesus descansava quando ia no barco com seus discípulos. E a meditação foi tão apropriada, e o Senhor quis que se assemelhasse também na tempestade. Enquanto descansava, levantou-se uma tempestade tão forte que a água entrava no navio. Eu, sem me mexer e sentado sobre aquele montão de cordas, pus o capote sobre a cabeça, a mochila com a provisão e o chapéu encostado ao corpo, a cabeça um pouco inclinada para frente, a fim de que escorresse a água das ondas

que batiam contra o navio a jogavam em cima de mim. Assim, ao ouvir o embate de uma onda, inclinava a cabeça, dava as costas e a água caía em cima de mim.

132. Assim passei a noite inteira até o amanhecer, quando veio a chuva e a tempestade amainou. Se antes me havia molhado com a água do mar, depois me molhei com água doce da chuva. Toda a minha bagagem consistia em uma camisa, um par de meias, um lenço, uma navalha para barbear e um pente, o breviário e a santa Bíblia, em tamanho pequeno. Tudo isso levava sempre dentro em uma trouxa. Como aos viajantes da segunda cobertura não é fornecida comida, é preciso que cada um leve sua provisão. Como eu já sabia disso, antes de embarcar fiz em Marselha a minha reserva que consistia em um pão recheado e um pedaço de queijo. Esta foi toda a minha alimentação nos cinco dias de viagem, de Marselha a Civitavecchia, entre as escalas que fizemos e a tempestade que tivemos.(17) A tempestade foi demorada e forte. Caiu muita água e fiquei muito molhado. Tanto o capote quanto a provisão ficaram encharcados. Para me alimentar não tive outro jeito senão comer o queijo e o pão molhado, e muito salgado; no entanto, como a fome era muita, me pareciam saborosos.

133. No dia seguinte, acalmada a tempestade e passada a chuva, peguei o breviário e rezei as matinas e as horas menores. Concluída a oração, aproximou-se um senhor inglês; disse ser católico e que amava os sacerdotes católicos. Depois de conversarmos um pouco, foi ao seu camarote e, sem demorar muito, vi que retornava com um prato no qual trazia uma porção de moedas. Ao vê-lo, pensei: *Que farei? Aceitarei ou não esse dinheiro?...* E pensei comigo mesmo: *Tu não tens necessidade, mas necessitam dele esses infelizes espanhóis; desta forma tu aceitarás e repartirás entre eles.* Efetivamente assim o fiz. Aceitei aquelas moedas e agradei ao inglês, indo imediatamente repartir entre aqueles infelizes, que no mesmo instante foram à cozinha ou ao restaurante, compraram e comeram o quanto necessitavam.

134. Outros passageiros também fizeram doações. E eu repartia tudo entre eles, de maneira que não fiquei com nenhum centavo, e nem comi nada do que eles compraram para comer. Contentei-me com meu pão molhado com água do mar. Aquele senhor inglês, ao ver-me tão pobre e desprendido, pois os infelizes compravam e comiam com o dinheiro que eu distribuía entre eles, e que eu não comia nada, mostrou-se muito edificado, veio dizer-me que desembarcaria em Liorna,(18) mas que depois, por terra, iria a Roma; e num papel me deu por escrito o seu nome e o palácio onde ia viver. Pediu que eu fosse vê-lo e lá me daria o que necessitasse.

135. Toda aquela aventura persuadiu-me uma vez mais de que, para edificar e mover as pessoas, o melhor e mais eficaz é o exemplo, a pobreza, o desprendimento, o jejum, a mortificação, a abnegação. Este senhor inglês, que andava com luxo asiático, levava dentro do navio o carro, criados, pássaros, cachorros. Aparentemente o meu aspecto deveria provocar o desprezo, porém, ao ver um sacerdote pobre, desprendido, mortificado, ficou de tal modo comovido que o mesmo não sabia como manifestar o seu

afeto. E não somente ele, mas também todos os viajantes, que não eram poucos, todos me manifestaram respeito e veneração. Quem sabe se me tivessem visto na mesa alternando com eles e se me fizesse de rico e garboso, com certeza teriam murmurado e olhado com desprezo, como vi que fizeram com outros. Assim, a virtude é tão necessária ao sacerdote, que até mesmo os maus querem que sejamos bons.

136. Depois de cinco dias de viagem, chegamos a Civitavecchia. Dali nos dirigimos a Roma, aonde chegamos sem novidades pela bondade e misericórdia de Deus. (19) Ó meu Pai, quanto sois bom! Como é bom servir-vos com toda fidelidade e amor! Dai-me continuamente vossa graça para conhecer o que é de vosso agrado. Dai-me força de vontade para viver tudo isso na prática! Ó Senhor e Pai meu, não desejo outra coisa senão conhecer vossa santa vontade para cumpri-la. Não quero outra coisa senão amar-vos com todo fervor e servir-vos com toda fidelidade. Ó minha Mãe, Mãe do amor formoso, ajudai-me!

Capítulo 5

Chegada e entrada no Noviciado em Roma

137. Chegamos em Roma aproximadamente às dez horas da manhã. Os religiosos foram a uma das casas de sua ordem e nos separamos. O ordenando catalão e eu fomos à casa de religiosos mais próxima para perguntar onde encontraríamos ordenandos catalães. (20) Aproximamo-nos da portaria do convento da Transpontina, (21) que são religiosos Carmelitas, e perguntamos ao irmão porteiro se naquele convento havia algum religioso espanhol. Respondeu-nos que sim. O superior da comunidade chamava-se Comas, era espanhol catalão. (22) Fomos à sua cela e nos recebeu muito bem. Perguntamos se sabia onde havia catalães ordenandos, e ele nos disse que no convento de São Basílio. Teve a caridade e a amabilidade de acompanhar-nos, não obstante distar cerca de uma hora de Transpontina a São Basílio. (23)

138. Os ordenandos catalães nos receberam muito bem, mesmo sem nos conhecer. Prontamente comecei a cuidar dos meus negócios, segundo o objetivo que me havia proposto nessa viagem. Não levava nada mais do que uma carta de recomendação a Dom Vilardell, catalão, bispo do Líbano, (24) recém-consagrado. Porém ao chegar em Roma já havia saído para o seu destino. Dirigi-me ao cardeal-prefeito da *Propaganda Fide*. (25) Também havia saído justamente naqueles dias; informaram-me que estaria ausente durante todo o mês de outubro. Passei a crer que tudo isso era providencial, a fim de que tivesse tempo para fazer os exercícios espirituais que todos os anos fazia desde quando era estudante; e nesse ano ainda não os tinha feito por causa da viagem.

139. Dirigi-me a um padre da Casa Professa da Companhia de Jesus; (12) esse padre elogiou a idéia de fazer os exercícios, entregou-me o livro dos Exercícios de Santo Inácio, através do qual deveria fazer meu retiro. (27) Deu-me os conselhos que achou necessários e iniciei os exercícios. Nos dias marcados

prestava conta de minha vivência espiritual. Nos últimos dias disse-me: *Já que Deus nosso Senhor te chama para as missões estrangeiras, melhor seria que entrasses na Companhia de Jesus; por meio dela serias enviado, juntamente com outros, pois andar sozinho é algo muito perigoso. Respondi-lhe que para mim seria muito melhor; mas que posso fazer para ser admitido na Companhia?*

140. Jamais sonhara ser admitido na Companhia, em vista da idéia elevada que fazia de seus membros. Considerava-os grandes em virtude e ciência e em ambas as coisas me analisava como sou na verdade: nada mais que um verdadeiro pigmeu. Assim falei ao padre que me dirigia. Mas ele me animou. Pediu que eu escrevesse uma carta ao superior geral que vivia na mesma Casa Professa. (28)

141. Fiz tudo conforme combinado e, um dia após ter entregado a solicitação, o padre geral quis verme. Fui. Ao chegar ao seu quarto, saía o padre provincial. (29) Falou comigo um bom tempo e me disse: *Aquele padre que saiu agora é o padre provincial, que reside em Santo André de Montecavalo; vá até ele, diga-lhe que eu te enviei, e o que ele fizer, estará bem feito.* Fui logo falar com ele. Recebeu-me muito bem. E no dia dois de novembro já estava no noviciado... De tal forma que da noite para o dia me tornei jesuíta. (30) Ao contemplar-me vestindo a batina da Companhia, quase não acreditava no que via. Parecia-me um sonho, um encanto.

142. Como fazia pouco tempo que terminara os exercícios, encontrava-me muito fervoroso. Todo meu desejo era buscar a perfeição e, como no noviciado via tantas coisas boas, tudo me chamava à atenção. Tudo me agradava muito e se gravava no coração. De todos podia aprender algo e o aprendia de fato, auxiliado pela graça de Deus. Eu me confundia muito quando via a todos tão adiantados na virtude e eu tão atrasado. Mais confundido e envergonhado ainda fiquei na noite antes da festa da Imaculada Conceição, quando era lido o catálogo das obras boas praticadas em preparação à festa e em favor de Maria santíssima.

143. A preparação era feita assim: Quando se aproximava uma festa do Senhor, da santíssima Virgem ou de um santo especial, cada um, com permissão do diretor espiritual, propunha-se à prática de alguma virtude, segundo a inclinação ou necessidade particular. Cada um fazia seus atos correspondentes e continuava assim, praticando e anotando tudo o que fazia e como fazia. Na véspera da festa encerrava-se a lista do que cada um havia feito, em forma de carta, e eram colocadas na caixa que havia na porta do quarto do reitor. (31) Recolhidas as listas, organizava-se uma relação em forma de ladainha, que era lida na capela, à noite, com a presença de todos.

144. A lista era encimada pelas seguintes palavras: Virtudes que os padres e irmãos desta casa praticaram em honra a Maria santíssima e como preparação da festa da Imaculada Conceição. Houve quem, a cada dia, fizesse tantos atos de tal virtude dessa ou daquela maneira. E assim ia seguindo o catálogo de todos. Quantas práticas vi naquela casa santa. Era essa uma das práticas de que mais gostava. Como não

aparecia o nome de quem praticava aquela virtude, não havia perigo de vaidade e todos aproveitavam ao saber como a havia praticado para fazer uma coisa parecida em outra ocasião. Quantas vezes dizia a mim mesmo: *Como ficaria bem para ti tal virtude! Deves praticá-la.* E assim o fazia, ajudado pela graça de Deus.

145. Por regra não há exigência de mortificação. Porém, em nenhuma ordem religiosa são mais praticadas do que na Companhia de Jesus. Algumas são públicas, outras não. Porém, todas são realizadas sob a orientação do diretor espiritual. Às sextas-feiras, todos jejuavam, aos sábados, quase todos. À noite, além da salada, oferecia-se um ovo a cada um, porém, ninguém o comia. As sobremesas eram deixadas pela maioria, ou poucos comiam. Dos pratos restantes pouco se comia, era deixando de lado o que mais parecesse apetitoso. Todos comiam pouquíssimo diariamente, e os padres mais rigorosos eram sempre os que menos comiam.

146. O diretor espiritual, (32) Padre Giovanni Maria Ratti, quase só comia pão e bebia água, menos aos domingos. Ajoelhava-se diante de uma mesa mais baixa, no centro do refeitório. Permanecia assim durante todo o almoço ou janta da comunidade. Quem visse aquele homem tão venerável ajoelhado diante de uma mesa de pão e água, como se envergonharia de estar sentado e comer fartamente!

147. Havia um padre, encarregado da portaria, chamado *portinaro* (33) que, às quartas, sextas, sábados e vigílias das solenidades passava um caderno no qual cada um colocava o que desejava fazer. Por exemplo, o padre ou o irmão deseja comer no chão, beijar os pés, permanecer com os braços em cruz durante a bênção da mesa e ação de graças, servir à mesa, lavar os pratos, etc. Tudo era feito em silêncio e da seguinte maneira: quando chegava a hora, o encarregado passava, batia e abria a porta do quarto e ficava do lado de fora; saía o padre à porta, pegava o caderno, escrevia o que desejava praticar e o devolvia; assim se passava com todos. O caderno era apresentado ao reitor e este dizia: Fulano e fulano, sim; os outros não. Retornava o encarregado aos quartos, batia à porta, fazia um gesto com a cabeça indicando a aprovação ou não da penitência.

148. Além das mortificações exteriores havia as interiores, como o uso do cilício, correntes de braço, de coxas, disciplinas, lavar copos, banheiros, lanternas, candeeiros, lampiões; porém, para tudo era necessária permissão.

149. Havia certas mortificações impostas sem ser solicitadas ou quase sem ser conhecidas. Direi algumas que passaram por mim. Eu nunca fui afeiçoado ao jogo, mesmo assim me faziam jogar todas as quintas-feiras, mandando-nos para um campo. Eu, com toda a simplicidade, supliquei ao reitor que tivesse a bondade de me deixar estudar ou orar, em vez de ir jogar, mas ele me respondeu energicamente que eu jogasse *e que jogasse bem*. Empenhei-me de tal maneira que ganhava todas as partidas.

150. Notei que um sacerdote da casa celebrava missa muito tarde. O fato de ter de ficar tanto tempo em jejum, deixava-o aborrecido, embora não se queixasse. Movido de compaixão, eu disse ao superior que, se o permitisse, poderíamos fazer uma troca, e eu celebraria a missa mais tarde, pois eu não me sentia mal tomar café mais tarde e para ele seria mais cômodo. Disse-me que veria. E o resultado foi que daí por diante, sempre me fizeram celebrar cada vez mais cedo.

151. Como já disse, na viagem que fiz a Roma só levava o breviário de todo o ano e uma bíblia de letra pequena, para lê-la todos os dias, mesmo em viagem, porque sempre fui muito afeiçoado à leitura da santa bíblia. Pois bem, quando cheguei ao noviciado, colocaram-me num quarto que tinha todos os livros que me fossem necessários, menos a bíblia, que eu tanto apreciava. Com a roupa de uso pessoal levaram também a bíblia que eu trouxera. Pedi que a devolvessem e me disseram: *Está bem*. Mas não a vi até que, por motivo de doença, tive de sair do noviciado e então a devolveram. (34)

152. Ao conduzir-me para Roma o Senhor me fez um grande favor: colocou-me, ainda que por pouco tempo, entre aqueles padres e irmãos tão virtuosos. Oxalá tivesse aproveitado! (35) Porém, se não houve proveito para mim, pelo menos muito me serviu para fazer o bem ao próximo. Ali aprendi o modo de pregar os exercícios espirituais de Santo Inácio, o método de pregar, catequizar e confessar com grande utilidade e proveito. (36) Ali aprendi ainda outras coisas que, com o passar do tempo, muito me serviram. (37) Bendito sejais, Deus meu, que tão bom e misericordioso haveis sido para comigo! Fazei que vos ame, que vos sirva com todo o fervor e que vos faça amar e servir por todas as criaturas. Ó criaturas todas, amai a Deus, servi a Deus! Provai e vede por experiência quão suave é amar e servir a Deus. Ó Deus meu! Ó Deus meu!

Capítulo 6

Orações escritas no Noviciado

153. Como nos recreios não se falava de outra coisa senão de virtudes, da devoção a Maria santíssima e do modo de conquistar almas para o céu, nesses dias acendeu-se em mim tão fortemente a chama do zelo para a maior glória de Deus e salvação dos homens, que estava inteiramente devorado. A Deus eu me oferecia todo inteiro, sem reservas. Pensava e meditava continuamente no que faria para o bem do próximo e empenhava-me na oração enquanto aguardava a hora do trabalho. Entre outras coisas, escrevi estas duas orações: (38)

154. [Primeira oração] – *Ó santíssima Maria, concebida sem pecado original, Virgem e Mãe do Filho de Deus vivo, Rainha e Imperatriz dos céus e da terra! Porque sois Mãe de piedade e misericórdia, dignai-vos voltar vossos ternos e compassivos olhos para este infeliz desterrado neste vale de lágrimas,*

angústias e misérias que, embora infeliz, tem a ditosa sorte de ser vosso filho. Ó minha Mãe, quanto vos amo! Quanto vos aprecio! Tenho muita confiança de que me concedereis a perseverança em vosso santo serviço e a graça final!

155. *Em tempo oportuno, minha Mãe, suplico-vos e peço o fim de todas as heresias que devoram o rebanho de vosso Filho. Lembrai-vos, piedosíssima Virgem, de que tendes poder de acabar com todas elas. Fazei isso por caridade, pelo grande amor que professais a Jesus Cristo, vosso Filho. Olhai para as almas redimidas com o preço infinito do sangue de Jesus, impedi que voltem de novo ao poder do demônio, desprezando vosso Filho e a vós.*

156. *Eia, pois, minha Mãe, o que falta? Desejais, por acaso, um remédio para pordes fim a tão grande mal? Aqui tendes um, que, ao mesmo tempo que se reconhece o mais vil e desprezível, considera-se o mais útil para esse fim; assim resplandeça mais infinitamente vosso poder e se veja mais visivelmente que sois vós quem atuais e não eu. Eia, Mãe amorosa, não percamos tempo: aqui me tendes, disponde de mim, fazei de mim o que quiserdes, bem sabeis que sou todo vosso. Confio que assim o fareis, por vossa grande bondade, piedade e misericórdia. Rogo-vos pelo amor que tendes ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Amém.*

157. *Mais uma oração: Ó Imaculada Virgem e mãe de Deus, Rainha e Senhora da graça! Dignai-vos, por caridade, lançar um olhar compassivo para este mundo perdido. Reparai como todos abandonaram o caminho ensinado por vosso santíssimo Filho; esqueceram-se de suas santas leis e perverteram-se tanto, que se pode dizer: Non est qui faciat bonum, non est usque ad unum: Não há mais ninguém que faça o bem, nem um, nem mesmo um só.(39) Extinguiu-se neles a santa virtude da fé, de modo que apenas vegetam. Ah! Extinguiu-se a divina luz, tudo é escuridão e trevas, e não sabem onde estão. No entanto, atingidos, andam apressadamente pelo largo caminho que conduz à eterna perdição.*

158. *E quereis, minha Mãe, que eu, seu irmão, olhe com indiferença sua fatal ruína? Ah, não! Nem o amor que tenho a Deus nem o amor ao próximo podem tolerar semelhante realidade. Como se poderá afirmar que tendo eu caridade ou amor a Deus se, vendo meus irmãos em tantas dificuldades, não os socorra? (40) Terei caridade se, sabendo que em um caminho há ladrões e assassinos que matam a quantos passam, no obstante não advirto aos que se dirigem para ele? Como terei caridade se, sabendo que o lobo devora as ovelhas do meu senhor, eu me calar? Como ter caridade se ficar calado ao ver como roubam as jóias da casa de meu Pai, jóias tão preciosas que custaram o sangue e a vida de um Deus, e ao ver ateaem fogo à casa e à herdade de meu amantíssimo Pai?*

159. *Ah! Não é possível ficar calado, minha Mãe, em tais ocasiões; não, não ficarei calado, embora saiba que não de despedaçar-me. Não quero ficar calado. Chamarei, gritarei, clamarei aos céus e à terra, a fim de se remediar tão grande mal. Não calarei. E, se de tanto gritar, se enrouquecer ou*

emudecer minha voz, levantarei as mãos ao céu, arrancarei os cabelos e os golpes no chão com os pés suprirão a falta das palavras.

160. *Por isso, minha Mãe, começo desde agora a falar e a gritar. Acudo a vós, sim, a vós, que sois Mãe de misericórdia, dignai-vos prestar socorro a tão grande necessidade. Não digais que não podeis, porque sei que, na ordem da graça, sois onipotente. Dignai-vos, suplico, conceder a todos a graça da conversão, porque, sem ela, nada faríamos e, então, enviai-me e vereis como se convertem. Sei que concedereis essa graça a todos os que a pedirem verdadeiramente; porém, se não a pedem, é porque não sabem de sua necessidade e, tão fatal é seu estado, que não conhecem o que lhes convém, o que me move ainda mais à compaixão.*

161. *Portanto, eu, como primeiro e principal pecador, peço-vos por todos os demais, oferecendo-me como instrumento de sua conversão. Ainda que esteja destituído de qualidades para semelhante missão, não importa, mitte me: enviai-me(41), assim melhor se notará que, gratia Dei sum id quod sum: Pela graça de Deus, sou o que sou.(42) Talvez me direis que eles, como enfermos frenéticos, não queiram escutar ao que os quer curar, antes me desprezarão e me perseguirão de morte, não importa, mitte me, porque, cupio esse anathema pro fratribus méis: Enviai-me, porque desejo ser anátema por amor de meus irmãos.(43) Ou ainda direis que não poderei sofrer tantas intempéries como o frio, calor, chuvas, nudez, fome, sede, etc. etc. Não há dúvida que de mim mesmo nada posso suportar, porém confio em vós e digo: Omnia possum in ea quae me confortat: Tudo posso naquela que me conforta.(44)*

162. *Ó Maria, minha Mãe e minha esperança, consolo de minha alma e objeto de meu amor! Recordai-vos das muitas graças que vos pedi, e todas mas concedestes. Justamente agora verei esgotado esse manancial perene? Não. Não se ouviu nem se ouvirá jamais que nenhum devoto vosso tenha sido rejeitado por vós. (45) Vede, Senhora, tudo que peço se dirige à maior glória de Deus e vossa, e para o bem das pessoas, por isso espero alcançar e alcançarei, e para que o concedais ainda mais rápido, não alegarei méritos meus, porque não tenho senão deméritos; direi, sim, como a filha que sois do eterno Pai, mãe do Filho e esposa do Espírito Santo, é muito bom que zeleis pela honra da santíssima Trindade, da qual é viva imagem a alma do homem e, além disso, essa mesma imagem é banhada com o sangue do Deus humanado.*

163. *Se Jesus e vós tendes feito tanto por minha alma, agora a abandonareis? É verdade que é merecedora desse abandono. Porém, por caridade vos suplico, não a abandoneis. Peço-vos, pelo que há de mais santo e sagrado no céu e na terra, peço-vos por aquele mesmo que eu, ainda que indigno, hospedo todos os dias na minha casa, falo-lhe como amigo, mando e me obedece, descendo do céu à minha voz. Este é o mesmo Deus que vos preservou da culpa original, que se encarnou em vossas entranhas, que vos encheu de glória no céu e vos fez advogada dos pecadores; e este, não obstante ser*

Deus, me ouve, me obedece cada dia. Ouvi-me, pois, ao menos esta vez e dignai-vos conceder-me a graça que vos peço. Tenho certeza de que o fareis, porque sois minha Mãe, meu alívio, meu consolo, minha fortaleza e meu tudo depois de Jesus.

164. Jaculatória. *Ó Jesus e Maria! O amor que vos tenho faz-me desejar a morte para poder estar unido a vós no céu; porém, tão grande é o amor, que me faz pedir longa vida, para ganhar almas para o céu! Ó amor! Ó amor! Ó amor!*

CAPÍTULO 7

Saída de Roma e chegada à Espanha

165. Eu estava muito contente no noviciado, sempre ocupado em dar conferências sobre catequese, (47) na pregação e em atender confissões. Além do mais, todas as sextas-feiras íamos ao hospital de *San Giácomo* confessar os enfermos, (48) e aos sábados íamos ao cárcere pregar aos presos. Ingressei no noviciado no dia dois de novembro de 1839, dia de finados, e no dia da festa da purificação de Maria santíssima, dois de fevereiro de 1840, quatro meses (49) depois de meu ingresso, iniciamos os exercícios de Santo Inácio com a duração de um mês. Iniciei-os com muitíssimo gosto e com grandes desejos de aproveitar bem deles.

166. Assim ia eu progredindo quando, de repente, fui acometido de uma dor tão forte na perna direita que não podia caminhar. Foi necessário ir à enfermaria. Aplicaram-me os remédios oportunos, o que me aliviou um pouco, mas não totalmente. Eles temiam que eu ficasse paralítico. (50) Ao ver-me nesse estado, disse o padre reitor: *O que se passa com você não é natural, pois sempre estava tão contente, alegre, saudável; e agora, de um momento para outro, aparecem essas novidades. Isto me faz pensar que o Senhor quer outra coisa de você.* E disse-me: *Se achar conveniente, poderá consultar o padre geral (ou o consultaremos), ele que é muito bom e tem tantos conhecimentos de Deus.* Respondi que achava muito bom e me apresentei a ele. Escutou-me com muita atenção e, depois de ter ouvido a narrativa dos acontecimentos, disse-me com muita resolução, sem titubear: *É vontade de Deus que você volte imediatamente para a Espanha. Não tenha medo, ânimo!*

167. Depois desta irrevogável resolução, não tive outro remédio senão voltar para a Espanha. Com o tempo vim a entender que o superior geral estava inspirado quando me disse aquelas palavras. (51) Em uma de suas cartas que me escreveu dizia: *Deus o levou à Companhia, não para que ficasse nela, mas para que aprendesse a ganhar almas para o céu.*(52) Em meados de março saí de Roma em direção à Catalunha. (53) Os padres da Companhia queriam que eu fosse morar na cidade de Manresa, (54) e o padre Fermín de Alcaraz (55) queria que eu fosse a Berga, onde estavam pregando missões, deixando-

me, não obstante com inteira liberdade de escolha, segundo as circunstâncias daqueles tempos. Estudei a possibilidade de fixar-me em Olost, depois Vic, mas o meu superior (56) disse-me que não poderia ir a nenhum desses pontos e sim a Viladrau. De fato, no dia 13 de maio nomeou-me pastor de almas daquela localidade. (57) Aí acabei de me restabelecer da enfermidade.

168. Na paróquia de Viladrau havia um vigário residente, idoso e inválido. Havia também, no mesmo povoado, um administrador paroquial. A administração ficava por conta do padre administrador. A mim dava-me o sustento mínimo necessário e eu cuidava da parte espiritual. Em minha ausência ele se encarregava também de toda a parte espiritual. (58) Isso foi bom para mim, pois foi uma boa oportunidade para começar as missões.

169. Quão admirável é a providência do Senhor por me ter livrado de ir a Berga. Estaria comprometido pelo simples fato de ir até lá, pois a cidade era também reduto de realistas. (59) Bendito sejas, meu Deus, porque tudo dispusestes da melhor maneira possível para vossa glória e salvação das almas!

CAPÍTULO 8

Início das missões e cura de doenças

170. Estabelecido em Viladrau como coadjutor, fazia o melhor possível para o bem espiritual de todos. Aos domingos e festas explicava o evangelho de manhã na missa paroquial e, à tarde, ensinava o catecismo a crianças e adultos de ambos os sexos. Diariamente visitava os enfermos. E como Viladrau não era um povoado fortificado, continuamente vinham pessoas de diferentes facções partidárias. Os médicos, por serem comumente pessoas de prestígio e destaque, acabavam sendo vítimas de todos os partidos. Conclusão: a população ficou sem nenhum médico. (60)

171. E assim tive de fazer de médico corporal e espiritual, tanto pelos conhecimentos que tinha como pelos estudos que fazia nos livros de medicina que arranjei. Quando me apresentavam algum caso duvidoso, pesquisava-o nos livros, e o Senhor de tal modo abençoava os remédios que não morreu nenhum dos que mediquei. Foi assim que começou a correr a fama de que eu curava, e vinham enfermos dos mais diversos lugares. (61)

172. No dia 15 de agosto de 1840, com a novena da Assunção da Virgem Maria, (62) iniciei as missões na paróquia de Viladrau. Depois preguei outra missão na paróquia de Espinelvas, distante uma hora de Viladrau. Logo depois passei à paróquia de Seva. Esta já foi mais movimentada. Participou muita gente, muitos se converteram e fizeram confissão geral. Aqui comecei a ter fama de missionário.

173. No mês de novembro preguei a novena das almas em Igualada e Santa Coloma de Queralt, com grande aceitação. E assim, durante oito meses, saía e voltava a Viladrau. Mas não foi possível continuar

por mais tempo, porque, como já disse, enquanto me encontrava no povoado, visitava diariamente todos os doentes e todos se curavam. Morriam somente aqueles que ficavam doentes em minha ausência. Quando eu retornava, os parentes dos mesmos me procuravam e diziam como Marta e Maria ao Salvador: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus*: Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido.(63) Como não podia ressuscitar os mortos, como Jesus, mortos ficavam. Isto me afligia muito ao ver as lágrimas daquelas pessoas e ouvir as razões alegadas para que não saísse da paróquia a pregar missões.

174. Todos estes acontecimentos obrigaram-me a pedir ao superior que me exonerasse do cargo de coadjutor e me deixasse livre de paróquias e contasse comigo para pregar onde fosse preciso. E ele atendeu ao meu pedido. Afastei-me de Viladrau com grande sentimento de todo o povo, devido às diversas curas que Deus nosso Senhor operava por mim, pois reconheço que tudo aquilo estava além do natural.(64) Eu não curava os enfermos para ganhar dinheiro ou outra coisa que o valha, pois nada aceitava. Só o fazia por necessidade e por caridade.

175. Na época do verão crianças adoeciam e, com uma única aplicação do remédio, ficavam boas. Numa madrugada, visitei um jovem de 25 anos, já inconsciente e às portas da morte. Dei-lhe um simples remédio. Recuperou os sentidos e, dois dias depois, estava completamente curado.

176. Na periferia do povoado de Viladrau, havia uma mulher casada que sofria de dores reumáticas. Sofria tanto que a violência da dor lhe havia encolhido os nervos, de tal forma que a coitada se havia tornado uma bola. Apesar do lastimoso estado, ficou grávida, e o problema maior foi aos nove meses, na hora do parto. Chegara a hora de dar à luz. Eu estava na paróquia de Seva pregando a novena das almas. Como sabiam que eu ia voltar, saíram ao meu encontro. Disseram-me que a mulher estava em trabalho de parto e sem esperança de vida. O administrador paroquial tinha-lhe ministrado os sacramentos da penitência, o viático e a unção dos enfermos. Ela estava realmente à morte. Ela e todos da casa desejavam ver-me. Imediatamente, antes de chegar à casa paroquial, fui visitá-la. Vi seu estado crítico e o remédio que se lhe havia de aplicar. Porém, convenci o marido de que era necessário ir ao povoado de Taradell buscar um médico cirurgião. Foram procurá-lo com uma carta minha, na qual explicava a situação da mulher. Ao ler a carta, o médico percebeu que o caso era realmente desesperador e se recusou a vir. Diante da resposta negativa, pedi então aos de casa que colhessem certas ervas e as fervessem. O resultado foi que o parto se deu muito bem. E ainda mais, com o tratamento curou o reumatismo e ficou boa. Alguns dias depois começou a frequentar a missa.

177. Ao passar pela rua, vi um rapaz de dezesseis anos, na porta de casa, completamente tolhido e para o qual já não havia remédio. Perguntei à sua mãe o que tinha e quanto tempo estava assim. Ela me

respondeu... E eu lhe disse: faça isso e aquilo. Alguns dias depois estava curado, na igreja, participando da missa.

178. Nesse povoado e arredores havia muitas jovens de quinze a dezenove anos que sofriam de doenças chamadas “espatllada” (entorce) ou de “la neurella” (mal do peito), causadas pelo esforço repetido no trabalho de amassar pão, carregar lenha, água e outros serviços pesados. O esforço físico excessivo provoca pequenas fístulas que, ao se romperem, causam um sofrimento horrível. Como não encontram remédio na medicina, procuram certos curandeiros que, com suas charlatanices dizem que curam, mas não é bem assim. Cobram dinheiro, e muito comumente nada fazem e ainda abusam dos enfermos. Sabendo disto, entreguei o problema a Deus nosso Senhor. Ocorreu-me a idéia de que o remédio seria um emplastro e repouso por alguns dias. Com a aplicação, todos, sem exceção, ficavam curados. Porém, para me precaver e como eram conhecidos os expedientes pouco decentes que utilizavam com o pretexto de curar, valia-me do seguinte meio: Havia no povoado uma viúva muito velha e piedosa. Combinei com ela que, quando viesse alguma jovem acompanhada de sua mãe, queixando-se do mal de "espatllada", que ela mesma fizesse as aplicações dos emplastos. Assim foi feito. Todas as jovens que vinham a mim por causa dessa enfermidade, eu as remetia à viúva, ela lhes aplicava o emplastro e todas ficavam curadas. Assim eu não me comprometia.

179. Como aquela povoação fora muito maltratada, por ter sido palco da guerra civil. Havia sido saqueada pelo menos treze vezes. Ataques surpresa de um lado e de outro, incêndios, mortes, cujas conseqüências eram espanto, tristeza e desgosto. Muitas pessoas vinham pedir consolo, especialmente mulheres, pois sofriam de enfermidades históricas que as faziam sofrer horrores. Preparei óleo comum com algumas coisas que nele fervia. As pessoas se ungiam com esse óleo e todas ficavam curadas.

180. Enquanto permaneci em Viladrau, todos os enfermos do povoado, como também muitos outros vindos de fora, ficaram curados. Como a fama se tivesse espalhado, em todos os lugares aonde ia, apresentavam-me muitos doentes dos mais diversos tipos de enfermidades. Como eram tantos os enfermos e tão diferentes os males e, por outro lado, eu me encontrava tão ocupado em pregar e confessar, achei inconveniente indicar remédios físicos. Dizia apenas que os encomendava a Deus, traçava sobre eles o sinal da cruz e lhes dizia estas palavras: *Super aegros manus imponent et bene habebunt*: Imporão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados.(65) E diziam que ficavam curados.

181. Estou certo de que ficavam curados pela fé e confiança com que se apresentavam, e Deus nosso Senhor lhes premiava a fé com a saúde corporal e espiritual, porque eu os exortava a que confessassem bem todos os seus pecados, e eles obedeciam. Além do mais, o Senhor agia dessa forma, não por meus méritos, que não os tinha, mas para dar importância à palavra divina que eu lhes pregava, pois como tivesse passado tanto tempo ouvindo maldades, blasfêmias e heresias, Deus nosso Senhor chamava-lhes

à atenção com estas coisas corporais. E, na verdade, o povo se reunia em massa, ouvia a divina palavra com grande fervor, fazia confissão geral, na mesma povoação ou em outras, porque muitas vezes era impossível atender a todos aqueles que queriam se confessar.

182. Ó meu Deus, como sois bom! Vós vos servis das doenças do corpo para curar as da alma. Vós vos valéis deste miserável pecador para curar corpos e almas. Evidentemente, via-se então o que dizia o profeta: *Domini est salus*: Do Senhor provém a salvação.(66) Sim, Senhor, vossa é a saúde, e vós a dáveis.

CAPÍTULO 9

Cura de energúmenos e o fingimento entre os possessos

183. Uma categoria de doenças mais perturbadora e que exigia mais tempo era a dos energúmenos, possessos e perturbados. No início das missões, apareciam muitos, dizendo estarem possessos, e os parentes me pediam que os exorcizasse. Como era autorizado a fazer o exorcismo, eu o fazia. Porém, de mil, apenas um era, com certeza, possesso; os outros sofriam de afecções físicas, morais, que não cabe especificar.

184. Como percebi que perdia tempo com os supostos endemoninhados, em detrimento das confissões e da pregação, concluí: *É mais importante tirar os demônios das almas que estão em pecado mortal e não dos corpos, se é que são possessos*. Pensei que aquilo podia ser uma armadilha do próprio demônio e assim resolvi deixar os exorcismos e tomar outro caminho, que a seguir veremos.

185. Quando se me apresentava alguém que se dizia possesso, perguntava-lhe se queria ficar curado... Se realmente desejava ser curado, se acreditava que, fazendo o que lhe ordenasse, ficaria curado... Se me garantisse que sim, pedia-lhe três coisas: primeira, que encarasse tudo com paciência, que não se irritasse jamais, pois havia observado que alguns sofriam de histeria, resultante de mau gênio ou de raivas reprimidas e, com a paciência, podia acalma-los.

186. Segunda, pedia que não bebessem nem vinho nem outra bebida alcoólica e que isso era necessário para que se expulsasse essa espécie de demônios, pois havia observado que alguns bebiam muito e, para disfarçar seus disparates, punham a culpa nos demônios.

187. Terceira, fazia-os rezar diariamente sete vezes o Pai nosso e a Ave Maria a Maria santíssima, em honra às suas sete dores; que fizessem uma confissão geral e que comungassem fervorosamente. Seja como for, o certo é que alguns dias depois vinham contar que estavam libertos e curados. Não digo que não haja possessos. Sim, existem, e conheci alguns, porém muito poucos.

188. No decorrer das missões, encontrara alguns que se haviam convertido mediante a pregação e diziam, com toda franqueza, que não eram portadores de possessões, nem doenças físicas, mas afecções, com a finalidade de chamar a atenção, para serem mimados ou merecerem compaixão, para obterem ajuda e por muitos outros fins.

189. Alguém me dizia que fazia tudo com conhecimento e malícia da vontade, mas fazia coisas tão estranhas e extraordinárias, que se admirava de si mesmo, e que, com certeza, o diabo cooperava e o ajudava, não mediante possessão diabólica, mas mediante a malícia do coração, pois reconhecia que não poderia fazer tudo isso naturalmente.

190. Uma outra pessoa que vivia numa cidade grande disse-me que fingia tão bem estar possessa que com muita freqüência exorcizavam-na e que, por um bom tempo de sua afecção, enganara a vinte sacerdotes, tidos como os mais sábios, virtuosos e zelosos da cidade.

191. Estes e outros casos que poderia referir de pessoas que, verdadeiramente arrependidas e movidas pela graça, confessavam com humildade e clareza suas maldades e imaginações diabólicas, fizeram-me ter muita cautela nessa matéria, e por isso valia-me ao extremo da estratégia mencionada. Ó meu Deus! Quantas graças devo dar-vos por ter-me feito conhecer os ardis de satanás e das pessoas fingidas! Esse conhecimento é um dom de vossa santa mão. Iluminai-me, Senhor, para que não me engane jamais na orientação das almas. Eu bem sei, Senhor, que vós concedeis com generosidade a sabedoria a quem dela tem necessidade, sem considerar sua indignidade. Porém, às vezes, por nossa soberba e talvez por nossa debilidade, não a pedimos e então nos privamos dela, mesmo aqueles homens que se arvoram em sábios e grandes teólogos.

CAPÍTULO 10

O missionário: necessidade de ser enviado

192. Eu procurava que o bispo sempre me enviasse a pregar. Tinha convicção da necessidade que o missionário tem de ser enviado para produzir fruto. (68)

193. Em meados de janeiro de 1841, depois de ter sido vigário coadjutor de Viladrau durante oito meses, cuidando da paróquia e saindo de tempo em tempo para pregar em diferentes paróquias, por disposição do bispo, saí finalmente a pregar continuamente onde o bispo me enviasse, sem fixar-me em nenhum lugar. (69) Minha residência era Vic, ainda que ali parasse pouco tempo, daí saía com uma lista de povoações por onde devia pregar.

194. Não poucas vezes os bispos de outras dioceses pediam para que fosse pregar missões em suas dioceses. O bispo aprovava e eu ia. Eu tinha por princípio inalterável não ir jamais a nenhuma paróquia ou diocese, se não tivesse a ordem expressa do meu bispo, isto por razões muito fortes: uma, porque assim

me conduzia pela virtude da santa obediência, virtude que o Senhor premia a cada momento, pelo muito que lhe agrada. Assim estava ciente de que fazia a vontade de Deus, que era ele que me enviava e não meu capricho e, além disso, via claramente a bênção de Deus pelo fruto que se produzia. Em segundo lugar, a conveniência, porque como me pediam de todas as partes com grande insistência, eu os satisfazia só com estas palavras: se o bispo me mandasse, iria de muito boa vontade. Desta forma me deixavam em paz; entendiam-se com o bispo e ele me enviava. (71)

195. Cheguei à conclusão de que o missionário jamais deve ser intrometido. Deve, sim, estar à disposição do bispo e dizer: *Ecce ego, mitte me*: Aqui estou, envia-me;(72) porém não deve ir enquanto o bispo não o mandar, pois será um mandato do próprio Deus. Todos os profetas do Antigo Testamento foram enviados por Deus. O próprio Jesus Cristo foi enviado por Deus e Jesus enviou seus Apóstolos. *Sicut misit me Pater et ego mitto vos*: Como o Pai me enviou, assim também eu envio a vós.(73)

196. Nas duas pescas milagrosas, figura das missões, se vê a necessidade da missão, quando e onde pregar para pescar almas. A primeira, narrada por São Lucas, (c. 5), manifesta a necessidade da missão, pois sem ela não se faz nada. Segundo o evangelista, Jesus disse aos apóstolos: *Lançai vossas redes para pescar. Simão respondeu: Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos; mas por causa de tua palavra, lançarei a rede.* (74) Tendo lançado a rede, apanharam uma quantidade tão grande de peixes que a rede se rompia, por isso fizeram sinal aos companheiros de outro barco para ajudá-los. Vieram logo e encheram os dois barcos de peixes a ponto de quase afundarem. Pedro admirou-se, e Jesus lhe disse: *Não te admires nem te espantes; doravante serás pescador de homens.*(75) Assim se vê como esta pesca é figura da missão e a necessidade que tinham de ser enviados e quando deviam pregar.

197. A segunda pesca milagrosa foi a que fizeram após a ressurreição de Jesus, como se refere São João (c. 21): Jesus apareceu-lhes como desconhecido, após terem pescado em vão, pois nada tinham pescado. Assim, pois, Jesus perguntou-lhes se tinham alguma coisa para comer; ao que eles responderam: *Nada pegamos e nada temos.* Disse-lhes Jesus então: *Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis.* (76) Lançaram a rede e já não podiam tirá-la pela quantidade de peixes que havia. Contaram os peixes, eram cento e cinqüenta e três peixes grandes. Nessa segunda pesca, nota-se, não só a necessidade de ser enviado, mas também quando e onde pregar, bem como a retidão que devem ter para pescar almas de grandes pecadores; não só cento e cinqüenta e três, mas muitíssimas, porque cem, cinqüenta e três são números misteriosos. (77)

198. A necessidade de ser enviado, e que o próprio bispo me indicasse o lugar, foi o que Deus me fez conhecer desde o princípio. Mesmo se nas povoações às quais me enviava houvesse pessoas más e desmoralizadas, sempre se obtinham grandes frutos, pois era Deus que me enviava; que dispunha e preparava os lugares. Entendam, portanto, os missionários que sem obediência não devem ir a nenhuma

parte, por melhor que seja; porém, com a obediência não temam ir a qualquer povoação ou cidade, por pior que seja, ou pelas perseguições que se levantem. Deus os enviou, ele cuidará.(78)

Capítulo 11

Objetivos propostos ao ser enviado pelo bispo a uma comunidade

199. Quando ia a uma povoação, nunca visava motivações terrenas, mas o fazia para a maior glória de Deus e salvação das almas. (79) Não poucas vezes via a necessidade de advertir as pessoas sobre esta verdade; era o argumento que mais convencia a bons e maus.

200. Vós sabeis que os homens quase sempre agem por alguma destas três finalidades: 1) por interesse ou dinheiro; 2) por prazer; 3) pela honra. Por nenhum desses três motivos estou pregando missão nessa povoação. Não por dinheiro porque não quero um centavo de ninguém, nem nada levarei. Nem por prazer: que prazer teria fatigando-me todo o dia, desde a manhã, e muito de manhã, até a noite? Se alguém de vocês, pelo fato de estar esperando sua vez ao confessionário, deve aguardar três ou quatro horas, se cansa; e eu que fico todas as horas da manhã, todas da tarde e, de noite, em vez de descansar, tenho que pregar, e isto não um dia só, mas dias e dias, semanas, meses e anos. Ah! Meus irmãos, pensando bem!...

201. Será, talvez, por honrarias? Não. Tampouco por honrarias. Vós bem sabeis a quantas calúnias se está exposto: haverá quem me elogie, ou quantos não proferirão contra mim toda espécie de insultos, como faziam os judeus contra Jesus, falando mal de sua pessoa, das suas palavras, das obras que fazia, até que, finalmente, o prenderam, açoitaram e lhe tiraram a vida num doloroso e vergonhoso suplício. Digo, porém, com o apóstolo Paulo, que não temo nenhuma destas coisas, nem aprecio mais minha vida do que minha alma, contanto que termine a contento minha carreira e cumpra o ministério que recebi de Deus nosso Senhor para pregar o santo Evangelho. (80)

202. Não, vo-lo repito, não é por nenhum fim terreno, mas por um fim mais nobre. O fim a que me proponho é que Deus seja conhecido, amado e servido por todos. Quem dera tivesse todos os corações dos homens para com todos eles amar a Deus. Ó meu Deus! As pessoas não vos conhecem! Se conhecessem vossa sabedoria, vossa onipotência, vossa bondade, vossa formosura, todos vossos divinos atributos! Todos seriam serafins abrasados em vosso divino amor. Isto é o que pretendo: Tornar Deus conhecido para que seja amado e servido por todos.

203. Também me proponho impedir que se cometam pecados e ofensas a Deus. Ah! Aquele Deus que é amado pelos serafins, servido pelos anjos, temido pelas potestades e adorado pelos principados, pois este Deus é ofendido por um vil verme da terra, o homem! Pasmai, ó céus, por isto! Ah! Se um nobre

cavalheiro visse uma dama inocente e virtuosa injuriada e ultrajada, não poderia conter-se, tomaria suas dores e a defenderia. Pois, que não devo fazer eu ao ver a Deus ofendido e ultrajado?

204. Se vísseis vosso pai levando pauladas e facadas, não correríeis para defendê-lo? Não seria crime ver o pai em tal situação, sem procurar defendê-lo? Não seria eu o maior criminoso se não procurasse impedir os ultrajes feitos pelos homens a Deus, que é meu Pai? Ah, meu Pai! Eu o defenderei, mesmo que me custe a vida. Eu me abraçarei a vós e direi aos pecadores: *Satis est vulnerum, satis est*: Basta de feridas, já basta, como dizia Santo Agostinho.(81) *Alto lá, pecadores! Não açoiteis mais meu Pai. Já descarregastes bastantes açoites, muitas chagas haveis aberto. Se não vos quereis deter, açoitai-me a mim, que bem o mereço; porém, não açoiteis nem maltrateis mais a meu Deus e meu Pai, a meu amor. Ó meu amor! Ó meu amor!*

205. Igualmente obriga-me a pregar sem parar ao ver a multidão de almas que caem nos infernos, pois é verdade de fé que todos os que morrem em pecado mortal se condenam. Ah! A cada dia morrem oitenta mil pessoas (segundo cálculo aproximado). Quantas morrerão em pecado e se condenarão! Pois que *talis vita, finis ita*. Tal vida, tal morte.

206. Vejo o modo como vivem as pessoas, muitíssimas acomodadas e habitualmente em pecado mortal e não há dia em que não aumente o número de seus delitos. Cometem a iniquidade com a facilidade com se bebe um copo de água; por simples brincadeira e para fazer graça praticam a iniquidade. Esses desafortunados, pelos próprios pés, dirigem-se para o inferno, como diz o profeta Sofonias: *Ambulaverunt ut caeci quia Domino peccaverunt*: Andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor.(82)

207. Se vísseis um cego em perigo, prestes a cair num poço, ou num precipício, não o advertiríeis? É o que eu faço e o que em consciência devo fazer: advertir os pecadores para que vejam o precipício do inferno em que vão cair. Ai de mim, se assim não agisse! Eu me sentiria réu de sua condenação! (83)

208. Talvez me advertireis que irão insultar-me, que os deixe, que não me meta com eles. Ah, não, meus irmãos! Não posso abandoná-los; são meus queridos irmãos. Dizei-me: se vós tivésseis um irmão muito querido doente e que, por causa da doença entrasse em delírio, e se por causa da febre alta vos insultasse e vos dissesse todas as ofensas do mundo, vós o abandonaríeis? Estou certo que não. Por isso mesmo, teríeis mais consideração e faríeis todo o possível para que recuperasse a saúde. Este é o caso em que me encontro com os pecadores. Os coitados estão como que em delírio. Por isso mesmo são mais dignos de compaixão. Não posso abandoná-los. Trabalho por eles para que se salvem. Rogo a Deus por eles, dizendo com Jesus Cristo: *Pai, perdoai-os, pois não sabem o que fazem nem o que dizem*. (84)

209. Quando vedes um réu caminhando em direção ao suplício, ficais compadecidos. Se o pudésseis libertar, o que não faríeis? Quando vejo alguém em pecado mortal e vejo que a cada passo se aproxima

do suplício do inferno, vendo-o em tão infeliz estado e conhecendo os meios de libertá-lo – que se converta a Deus, peça perdão e faça uma boa confissão –, ai de mim se não fizer isso!

210. Quem sabe me direis que o pecador não pensa no inferno, nem mesmo crê que ele exista. Tanto pior. Por ventura julgais que por isso não será condenado? Não, com certeza. Antes, pelo contrário, é o mais claro indício de sua fatal condenação, como diz o Evangelho: *qui non crediderit, condemnabitur*: O que não crê será condenado.(85) No dizer de Bossuet, (86) esta verdade existe independente de sua crença. Mesmo que não creia nem pense no inferno, não deixará, por isso, de ir para lá, se tiver a desgraça de morrer em pecado mortal.

211. Confesso com franqueza que, ao ver os pecadores não tenho sossego, não posso acomodar-me. Não tenho consolo. Meu coração me leva até eles. Para que entendais o que se passa comigo, valho-me de uma comparação. Se uma mãe, terna e carinhosa, visse seu filho prestes a cair de uma janela muito alta ou em uma fogueira, não correria, não gritaria: *Meu filho, meu filho, não vês que vais cair?* Não o pegaria e o puxaria para trás se o pudesse alcançar? Ah, meus irmãos! Deveis saber que mais poderosa e valente é a graça que a natureza. Pois se uma mãe, pelo amor natural que tem a seu filho, corre, grita, segura-o e o tira do precipício, eis o que a graça divina faz em mim.

212. A caridade me constrange, (87) impele-me, faz-me correr de uma povoação a outra, obriga-me a gritar: *Meu filho, pecador, olha que vais cair nos infernos! Alto lá! Não passes mais adiante!* Quantas vezes peço a Deus o que pedia Santa Catarina de Sena: *Dai-me, Senhor, poder colocar-me à porta do inferno para poder deter a quantos cheguem a entrar nele e dizer a cada um: Aonde vais, infeliz? Volta para trás, faça uma boa confissão, salva tua alma e não venha aqui para este lugar de perdição eterna!* (88)

213. Outro motivo entre os muitos que me impelem a pregar e confessar é o desejo que tenho de tornar feliz o meu próximo. Que alegria tão grande é devolver a saúde ao enfermo, liberdade ao preso, consolo ao aflito e fazer feliz o desafortunado! Pois tudo isto e muito mais se faz ao procurar para meus próximos a glória do céu. É preservá-los de todos os males e fazer com que desfrutem de todos os bens e por toda a eternidade. Agora não entendem os mortais, porém, quando estiverem na glória, então conhecerão o bem tão grande que lhe foi oferecido e que felizmente conseguiram. Então cantarão as eternas misericórdias do Senhor e as pessoas misericordiosas serão abençoadas.

Capítulo 12

Estímulos para pregar missões: exemplos

214. Além do amor que sempre tive pelos pobres pecadores, o que também me move a trabalhar pela sua salvação é o exemplo dos profetas, de Jesus Cristo, dos apóstolos, dos santos e santas, cujas vidas e histórias tenho lido com frequência, anotando as passagens mais interessantes, para minha utilidade, proveito e para mais me estimular. Vou referir aqui alguns desses fragmentos: (89)

215. O *profeta Isaías*, filho de Amós, da real família de Davi, profetizava e pregava. Seu objetivo principal era alertar o povo de Jerusalém e demais hebreus para suas infidelidades, anunciando-lhe o castigo de Deus, que viria dos assírios e dos caldeus, como de fato aconteceu. Seu cunhado, o ímpio rei Manassés, matou-o, serrando seu corpo ao meio.

216. O *profeta Jeremias* profetizou por 45 anos. Seu principal objetivo foi exortar o povo à penitência, anunciando-lhe os castigos que o Senhor lhe enviaria. Foi levado ao Egito e, em Taphnis, cidade principal, foi morto, apedrejado pelos próprios judeus. Seu distintivo principal: uma terníssima caridade para com o próximo; caridade cheia de compaixão, não só por seus males espirituais, mas também pelos materiais; caridade que não lhe permitia descanso. E assim, em meio ao tumulto da guerra, em meio à deterioração do reino, que se arruinava a olhos vistos, no cerco de Jerusalém, durante a própria mortandade do povo, trabalhou sempre com muito ardor pela saúde de seus concidadãos, por cujo motivo recebeu o apelido de Amante de seus irmãos e do povo de Israel.

217. O *profeta Ezequiel* profetizou e pregou vinte anos e teve a glória de morrer como mártir da justiça. Foi morto próximo à Babilônia, pelo príncipe de seu povo, por tê-lo repreendido por causa do culto que tributava aos ídolos.

218. O *profeta Daniel*, dotado de incríveis dons, como um dos grandes profetas. Não só predisse as coisas do futuro, como o fizeram os demais profetas, mas determinou a época em que haveriam de acontecer. Por inveja foi lançado à cova dos leões, mas Deus o libertou.

219. O *profeta Elias* foi homem de fervorosa e eficacíssima oração, de enorme e extraordinário zelo. Foi perseguido de morte, embora não tenha morrido, pois um carro de fogo o arrebatou.

220. O *Eclesiástico*, ao falar dos doze *profetas menores*, assim chamados porque os escritos que nos deixaram são curtos, diz que restauram Jacó e eles se salvaram a si mesmos mediante a virtude da fé. (90)

221. O que mais e mais me estimulava era contemplar a maneira como Jesus Cristo se deslocava de uma povoação a outra, pregando em todas as partes, não só nas grandes cidades, mas também nas aldeias, até para uma única mulher, como fez com a samaritana, ainda que estivesse cansado da caminhada, abatido pela sede, numa hora inoportuna, tanto para ele como para a mulher.

222. Desde o princípio fiquei empolgado com o estilo da pregação de Jesus. Que comparações! Que parábolas! Eu me propus imitá-lo nas comparações, metáforas e estilo simples. (91) (Mas também)

Quantas perseguições!...Foi sinal de contradição, perseguido por causa de sua doutrina, de suas obras e de sua pessoa, até lhe tirarem a vida à força de injúrias, de tormentos e de insultos, sofrendo a mais vergonhosa e dolorosa morte que se pode padecer sobre a terra.

223. Sinto-me também muito animado ao ler o que fizeram e o quanto sofreram os *Apóstolos*. O apóstolo Pedro, no primeiro sermão, converteu três mil homens e, no segundo, cinco mil. (92) Com que zelo e fervor terá pregado! Que direi de Tiago, de João e de todos os demais? Com que solicitude, com que zelo corriam de um reino a outro! Com que zelo pregavam, sem temor nem respeito humano, considerando que antes se deve obedecer a Deus que aos homens. E assim responderam aos escribas e fariseus quando os proibiam de pregar. (93) Se os açoitavam, nem por isso se amedrontavam e se abstinham de pregar; ao contrário, sentiam-se felizes e ditosos por terem sido achado dignos de padecer por Jesus Cristo. (94)

224. Porém, o que me entusiasma é o zelo do apóstolo Paulo. Como corre de um lugar a outro, levando, como vaso de eleição, a doutrina de Jesus Cristo! Ele prega, escreve, ensina nas sinagogas, nos cárceres e em todos os lugares. Trabalha e faz trabalhar oportuna e inoportunamente. É açoitado, apedrejado; sofre perseguições de toda espécie, e calúnias, as mais atrozes. Ele, porém, não se espanta, pelo contrário, compraz-se nas tribulações e chega a dizer que não quer gloriar-se a não ser na cruz de Jesus Cristo. (95)

225. Animava-me também sobremodo a leitura das vidas e das obras dos *Santos Padres*: Santo Inácio, mártir; São Justino, filósofo mártir; Santo Irineu, São Clemente, presbítero de Alexandria; Tertuliano, Orígenes, São Cipriano, mártir; Santo Eusébio, Santo Atanásio, Santo Hilário, São Cirilo, Santo Efrém, São Basílio, São Gregório Nazianzeno, São Gregório, bispo de Nisa; Santo Ambrósio, Santo Epifânio, São Jerônimo, São Paulino, São João Crisóstomo, Santo Agostinho, São Cirilo de Alexandria, São Próspero, Teodoreto, São Leão o Grande, São Cesário, São Gregório Magno, São João Damasceno, Santo Anselmo, São Bernardo.

226. Eu lia freqüentemente a vida dos santos que se distinguiram no zelo pela salvação das almas, e senti que me causaram ótimos benefícios, porque me aplico as palavras de Santo Agostinho: *Tu non eris sicut isti et istae?*: Tu não serás, tu não trabalharás para a salvação das almas como trabalharam estes e estas?(96) As vidas dos santos que mais me movem são os seguintes: São Domingos, São Francisco de Assis, Santo Antônio de Pádua, São João Nepomuceno, São Vicente Ferrer, São Bernardino de Sena, Santo Tomás de Villanueva, Santo Inácio de Loyola, São Filipe Néri, São Francisco Xavier, São Francisco de Borja, São Camilo de Lélis, São Carlos Borromeu, São Francisco Regis, São Vicente de Paulo, São Francisco de Sales.

227. Eu meditava nas vidas e obras desses santos, e nessa meditação acendia-se em mim um fogo tão ardente que me deixava desassossegado. Tinha que andar e correr de um lugar a outro, pregando

continuamente. Não consigo explicar o que sentia dentro de mim. Não sentia cansaço, não me amedrontavam as calúnias mais atrozes, tampouco temia as perseguições mais violentas. Tudo me era prazeroso, conquanto pudesse ganhar almas para Jesus Cristo, para o céu e evitar que caíssem no inferno.

228. Antes de concluir este capítulo, refiro-me aqui a dois modelos de zelo verdadeiramente apostólico, que sempre me animaram muito. O primeiro é do venerável padre José Diego de Cádiz, e o segundo é do venerável padre Maestro Ávila. Do primeiro lê-se em sua *Vida*: “O servo de Deus, motivado pelo zelo de ganhar almas para Cristo, consagrou-se durante toda a vida ao ministério apostólico, sem nunca descansar. Empreendia continuamente longas e cansativas viagens, sempre a pé, sem se importar com os incômodos das intempéries na passagem de um lugar a outro; tudo para anunciar a divina palavra e conseguir o fruto desejado. Impunha-se cilícios, disciplinava-se duas vezes ao dia e observava um rigoroso jejum. Seu repouso à noite, depois de um dia fatigante, era colocar-se diante do Santíssimo Sacramento, cuja devoção lhe era tão agradável, a ponto de lhe consagrar o mais terno e apaixonado amor”. (97)

229. *Da Vida do venerável Ávila.*(98) Sua equipagem consistia em um jumento para transporte de alfaías, dele e de seus companheiros, contendo o alforje com uma caixa de hóstias para celebrar a santa missa nas capelas, cilícios, rosários, medalhas, estampas, arame e alicates para fazer rosários. Não carregava comida, confiado na divina providência. Raramente comia carne, normalmente comia pão e frutas.

230. Seus sermões, na maioria das ocasiões, duravam duas horas. Era tanta a afluência e a abundância de temas propostos que seria difícil ocupar menos tempo. Pregava com tanta clareza que todos o entendiam e nunca se cansavam de escutá-lo. Procurava sempre, noite e dia, a maior glória de Deus, a transformação dos costumes e a conversão dos pecadores. Para compor seus sermões não buscava muitos livros, não buscava muitos conceitos, nem procurava enriquecer o que dizia com argumentos da Escritura, exemplos e outros enfeites. Com um argumento que propunha, abrasava os corações dos ouvintes.

231. Estiveram juntos para pregação, em Granada, o padre Ávila e outro, o mais famoso pregador daquele tempo. Ao saírem do sermão deste último, todos os ouvintes se persignavam admirados por tantas e tão belas coisas, de tão bem faladas e proveitosas; quando, porém, falava o padre mestre Ávila, saíam todos de cabeça baixa, calados, sem que dissessem uma só palavra uns aos outros, recolhidos e compungidos pela simples força da verdade, da virtude e da excelência do pregador. (99)

232. A principal finalidade de seus sermões era tirar as almas do infeliz estado da culpa, mostrando a feiúra do pecado, a indignação de Deus e o horroroso castigo preparado para os pecadores impenitentes, e o prêmio oferecido aos verdadeiramente contritos e arrependidos. O Senhor lhe concedia muita eficácia às suas palavras. Diz o padre frei Luís de Granada: *Um dia ouvi-o argumentar em um sermão sobre a*

maldade dos que, por um deleite bestial, não hesitam em ofender a Deus nosso Senhor, alegando para isto aquela citação de Jeremias: Obstupescite coeli super hoc: Ó céus, pasmai por causa disto;(100) essa verdade foi pronunciada com tão grande espanto e vivacidade de espírito que me parecia tremerem as paredes da Igreja”.

233. Ó meu Deus e meu Pai! Fazei que eu vos conheça e vos faça conhecer; que eu vos ame e vos faça amar; que eu vos sirva e vos faça servir; que eu vos louve e faça louvar por todas as criaturas. Fazei, ó meu Pai, que todos os pecadores se convertam, que todos os justos perseverem na graça e todos consigamos a glória eterna. Amém.

CAPÍTULO 13

Exemplos e estímulos tomados a algumas Santas

234. Se os exemplos dos santos me motivavam tanto, conforme disse no capítulo anterior, mais ainda me motivava o exemplo das santas. Oh, que tamanha impressão causavam em meu coração! E eu me dizia: Se a mulher assim sente, assim deseja e assim faz para a salvação das almas, que devo fazer eu como sacerdote, mesmo que indigno? Tanto me impressionava a leitura de suas vidas, que às vezes copiava trechos de suas palavras e atos. Aqui quero recordar alguns.

235. *Da vida de Santa Catarina de Sena* (101) – “Tinha singular devoção e amor pelos santos que em vida mais se empenharam e trabalharam pela conversão das almas. Tinha considerável veneração por São Domingos por ter instituído sua Ordem Religiosa em vista do aumento da fé e da salvação das almas, tinha-lhe considerável veneração. Quando via algum religioso de sua Ordem, notava o lugar onde punha os pés e depois, com toda humildade, beijava as suas pegadas” (Gisbert, p. 9).

236. “Madalena, aos pés de Jesus, escolheu a melhor parte; porém, não o melhor, diz Santo Agostinho, porque o melhor é unir as duas partes que são a vida ativa e a vida contemplativa; foi o que fez Santa Catarina de Sena” (p. 14). “Olhava o próximo banhado com o sangue precioso de Jesus Cristo. Ao considerar a imensidade de pessoas para as quais a redenção foi um fracasso, chorava e se lamentava com singular ternura, em especial quando estava em êxtase. Ouviam-na rogar pela conversão dos infiéis e repetir esta súplica: *Ó Deus eterno, volve os olhos de misericórdia, como bom pastor, para tantas ovelhas perdidas que, mesmo separadas do aprisco de tua Igreja, são tuas, pois as compraste com teu sangue!*” (p. 66).

237. “Certo dia, o Senhor fez-lhe ver a felicidade do céu, dizendo-lhe: *Observa de quantos bens se privam para sempre os que desrespeitam minha lei para fazer seu gosto. Reconhece que a minha justiça*

exige dos pecadores impenitentes os mais rigorosos castigos. Repara com que cegueira as pessoas, com uma vida dominada pelas paixões, arriscam um bem que encerra todos os bens... Minha providência colocou a saúde de muitas almas em tuas mãos. Dar-te-ei palavras e inspirarei doutrina às quais não poderá resistir nem contradizer nenhum de teus adversários” (p. 75).

238. “O exercício da pregação é o que de mais importante Jesus deixou à sua Igreja. É a arma dos doze apóstolos. É este o sagrado ministério, próprio dos bispos que, como pastores, devem apascentar suas ovelhas. Os bispos, porém, podem subdelegá-lo a pessoas que os auxiliem a alimentá-las. Gregório XI mandou-a pregar em sua presença, e na de todo consistório de cardeais e outros príncipes. Falou das coisas celestiais com tal autoridade que a ouviam como estátuas, arrebatados pelo seu admirável espírito. Pregou diante de sua santidade e cardeais muitas outras vezes e sempre a ouviam com admiração e fruto, venerando nela um novo apóstolo poderoso em obras e palavras. Pregava também ao povo, e como seu coração ardia em fogo de santo zelo, espargia chamas vivas nas palavras que dizia, e eram tantos os pecadores que se enterneciam e mudavam de vida, que levava muitos confessores em sua companhia, e alguns deles com autoridade pontifícia para absolver casos reservados” (p. 174).

239. *Vida de Santa Rosa de Lima* (Ribadeneira, p. 649). (102) – “De quem mais se compadecia era dos que viviam em pecado mortal, porque conhecia, com a luz que Deus lhe comunicava, quão miserável era seu estado. Chorava continuamente sua miséria e rogava a Deus que convertesse a todos os pecadores e ainda dizia que padeceria ela sozinha os tormentos do inferno, mesmo sem culpa, para que ninguém se condenasse. Por isso, desejava muito que se pregasse o Evangelho aos infiéis e a penitência aos pecadores. Ofereceu-se a um confessor seu a possibilidade de ir às missões. Temia a viagem pelos perigos que poderia encontrar. Confiou a dificuldade à santa e ela lhe disse: “Vá, padre, e não tema; vá converter esses infiéis e veja que o maior serviço que os homens podem fazer a Deus é converter as almas e esta é obra própria dos apóstolos. Quer felicidade maior do que batizar, ainda que seja a um indiozinho, e oferecer-lhe a possibilidade de entrar no céu pela porta do batismo?”

240. Convencia a todos os frades de São Domingos a que se servissem desse ministério apostólico, dizendo-lhes que *o estudo da sagrada Teologia não era mais importante que o espírito de sua profissão; pelo contrário, a teologia destinava-se a isso como a um fim*. Dizia também: *Se lhe fosse permitido, pregaria a fé de um reino a outro até converter a todos os infiéis, e sairia pelos caminhos com o crucifixo nas mãos, vestida de cilício, dando gritos, para despertar os pecadores e levá-los à penitência*. Tinha decidido adotar um menino órfão, oferecer-lhe estudo, ordená-lo sacerdote, só para enviá-lo a converter infiéis e dar a Cristo um pregador, já que ela não podia pregar.

241. Sentia muito porque os pregadores não procuravam o proveito das almas em seus sermões. A um frade do convento do Rosário, da ordem de São Domingos, que pregava em Lima e com grande aplauso,

mas, com linguagem bastante enfeitada, a santa virgem lhe disse um dia com grande modéstia e eficácia: “Padre, olhe que Deus o fez seu pregador, a fim de que converta as almas; não gaste seu talento em flores, que é trabalho inútil; já que é pescador de homens, lance a rede para que caiam os homens, não para conseguir elogios, que é vento e vaidade; lembre-se da conta de tão grande ministério que deve prestar a Deus”. Mas já que não lhe era permitido pregar, procurava, com uma divina eloquência que Deus lhe havia comunicado, convencer as pessoas a amarem as virtudes e afastarem-se dos vícios.

CAPÍTULO 14

Continuação da mesma matéria

242. *Da vida de Santa Teresa* (103) – “Não só me dirigi a ele, mas a outras pessoas, para que orassem; (104) como vi que gostavam de rezar, ensinava-lhes como meditar; auxiliava-as e dava-lhes livros” (*Vida*, cap. 7, n.7).

243. “Quem pode ver o Senhor coberto de chagas e aflito por causa das perseguições sem que as abrace, as ame e as deseje? Quem poderá ver a glória dos que o servem sem que conheçam tudo quanto se possa fazer e sofrer, pois esperamos tal recompensa? Que recompensa aguardamos? Quem pode ver os tormentos que sofrem os condenados, sem que os deste mundo se transformem em delícias em comparação com os de lá, e reconheçam o muito que devem ao Senhor, por tê-los libertado tantas vezes daquele lugar?” (Cap. 24, n. 6).

244. “Que glória accidental será e que alegria a dos que já vivem na bem-aventurança, quando virem que, embora tarde, nada deixaram de fazer por Deus, de tudo o que lhes foi possível! Nem deixaram de oferecer nada daquilo que lhe era possível, conforme as suas forças e situação, e o que mais, mais. Que rico se encontrará o que deixou todas as riquezas por Cristo! Que honrado o que não quis honra por causa dele, mas que preferia ver-se abatido! Que sábio o que se alegrou por ter sido considerado louco, pois o chamaram à mesma Sabedoria! Como são poucos agora por nossos pecados! Parece que acabaram os tidos por loucos por praticar obras heróicas como verdadeiros amantes de Cristo. Ó mundo, como vais ganhando honra por serem poucos os que te conhecem!

245. Convém mais a Deus que nos considerem sábios e discretos? Isso, assim deve ser, conforme a discrição. Portanto, parece-nos pouco edificante não andar com muita compostura e autoridade, cada qual em seu estado. Até ao frei, ao clérigo e à monja parece que vestir roupa velha e remendada poderá ser novidade e provocar escândalo aos fracos; e ainda, estar muito recolhidos e orar, do jeito que está o mundo e tão esquecido o desejo de perfeição como era próprio dos santos, que penso ser mais prejudicial

as desventuras que passam nesses tempos, que os religiosos não provocariam escândalo a ninguém se agissem por obras de conformidade com as palavras, no testemunho de desprendimento neste mundo, que desses escândalos o Senhor tira deles grande proveito. Se alguns se escandalizam, outros se arrependem; que ao menos houvesse um esboço do que passou Cristo e seus apóstolos, pois agora, mais que nunca, se faz necessário” (Cap. 27, n. 9).

246. “Estando, certo dia, em oração, encontrei-me num lugar, sem saber como; parecia-me estar no inferno. Percebi que o Senhor desejava que eu visse o lugar em que os demônios me teriam preparado e eu merecido por meus pecados. Isso aconteceu em brevíssimo espaço, mas ainda que vivesse muitos anos, seria impossível esquecer. A entrada parecia uma ruela comprida e estreita com o formato de um forno muito baixo, estreito e escuro. O solo parecia ser de água lamacenta, muito suja e de odor pestilento; muitos insetos peçonhentos nele; no final havia uma concavidade em uma parede à maneira de um armário embutido, onde me vi entrando em lugar muito estreito. Tudo isto era agradável à vista em comparação com o que aí senti; isto que falei ainda não corresponde à realidade”.

247. “Este outro me parece ainda princípio de louvar como é, não o pode ter nem se pode entender, mas senti um fogo na alma que não consigo expressar da maneira que é, das dores corporais tão intoleráveis, comparadas às gravíssimas que já tive na vida (segundo os médicos), as mais intensas que se pode sofrer, como no caso em que se me encolhiam todos os nervos e fiquei tolhido, e muitas outras dores que já passei, e outras ainda causadas pelo demônio; isto tudo não é nada em comparação com o que aí senti e por saber que seriam sem fim e sem jamais cessar. Isto não é nada em comparação com o agonizar da alma: uma sufocação, uma sensação de afogamento, uma aflição tão sensível e com tão desesperado e aflito descontentamento que eu não sei como explicar; pois dizer que é um estar sempre arrancando a alma é pouco, porque aí aparece que outro lhe tira a vida, mas aqui a mesma alma é a que se despedaça. O caso é que eu não sei como explico aquele fogo interior e aquela desesperação provocados por tão grande tormento e dores. Não via quem os aplicava, mas sentia queimar e despedaçar (ao que me parece) e digo que aquele fogo e desespero interior são o pior.

248. Estando em lugar de tão infecto, sem esperança de consolo; não há como sentar, nem como deitar, nem uma abertura sequer na parede, pois estas paredes são espantosas, apertam e provocam sensação de sufocação; não há luz, somente trevas espessas. Não entendo como pode ser isso: embora não havendo luz, vê-se tudo que provoca sofrimento. O Senhor não quis que eu visse mais de todo o inferno. Depois tive outra visão de coisas espantosas; o castigo causado por alguns vícios, especialmente da vista; porém, como não me fazia sofrer, não me causaram tanto medo. Nessa visão o Senhor quis que verdadeiramente sentisse aqueles tormentos, aflição espiritual, como se o corpo estivesse padecendo. Não sei exatamente como isso aconteceu, porém entendi ter sido uma graça de Deus poder ver de onde me havia libertado

sua misericórdia. Não há termo de comparação entre ouvir dizer, nem eu ter imaginado em termos de tormentos (ainda que poucos, pois por temor se conduz bem minha alma), nem que os demônios torturam, nem outros tormentos diferentes que tenha lido, nada se compara a este sofrimento, porque é outra coisa; enfim, como imagem da verdade, o que se queima aqui é muito pouco em comparação com o fogo de lá.

249. Fiquei tão espantada, e ainda o estou nesta hora que escrevo, depois de quase seis anos, e é assim que me parece o calor natural me falta temor aqui onde estou. Lembro-me que não tenho trabalho nem dores, que não me pareça muito pouco tudo que aqui se pode passar, e assim me parece em parte que nos queixamos sem motivo. Assim, torno a dizer, foi uma das grandes graças que o Senhor me concedeu. Foi de grande proveito, tanto para perder o medo das tribulações e contrariedades desta vida como para esforçar-me para sofrê-las e dar graças ao Senhor que me livrou de males tão duradouros e terríveis”.

250. “Depois (dessa experiência), tudo aqui me parece fácil em comparação com um momento apenas de sofrimento que eu ali padeci. Espanta-me como, tendo lido muitas vezes livros onde eram narradas as penas do inferno, como não as temia nem as tinha pelo que são. Como podia ficar tranqüila pelo fato de ir a tão mau lugar. Bendito sejais, meu Deus, para sempre. Sinto que vós me amais muito mais a mim do que eu me amo a mim mesmo. Quantas vezes, Senhor, me libertastes de cárcere tão terrível e como eu retornava a ele sem a vossa vontade!

251. Daqui também comecei a sentir o grande sofrimento causado pela condenação de muitas almas (estes luteranos em especial, porque pelo batismo já eram membros da Igreja) e o grande desejo de salvá-las; por elas mil vezes morreria alegremente. Se vemos uma pessoa a quem queremos muito, metida em grandes dificuldades ou sofrimento, naturalmente somos movidos à compaixão, e se o sofrimento é grande, a dor aperta-nos; pois ao ver uma alma ser lançada para sempre no pior dos trabalhos, quem não sofre?

252. Isto também me faz desejar que, em tão importante situação, não deixemos de fazer tudo que depender de nós. Nada deixemos de fazer e praza ao Senhor conceder-nos a graça para tanto” (Cap. 33, n. 1.2.3).

253. Certo dia, o Senhor fê-la ver mil felicidades da glória do céu, dizendo-lhe: “Olha, filha, quanto perdem os que são contra mim; não te esqueças de dizer-lhes isto” (Cap. 34, 3).

254. “Estando uma vez em oração, era tanta a alegria que em mim sentia, que, como indigna de semelhante bem, comecei a pensar que merecia estar no lugar que vira, o inferno, e que, como disse, nunca me esqueço de semelhante visão. Essa consideração fez inflamar-se minha alma e veio-me um arrebatamento de espírito, de tal modo que não sei o que dizer. Parecia-me estar envolvida daquela majestade outras vezes vislumbrada. Nessa majestade compreendi uma verdade que é cumprimento de

todas as verdades. Não sei dizer como, pois não vi nada. Disseram-me, sem ver quem, porém entendi ser a mesma verdade: - *Não é pouco o que faço por ti, que uma das coisas em que me deves, porque todo mal que vem do mundo é por não conhecer com clareza as verdades da Escritura: não faltará um til dela.* A mim pareceu-me sempre haver crido nisto e que todos os fiéis o criam também. Disse-me: - *Ai, filha! Como são poucos os que me amam de verdade, pois se me amassem, não lhes esconderia meus segredos. Sabes o que é amar de verdade? Entender que tudo é mentira o que não é agradável a mim; com claridade verás isto que agora não entendes no que aproveita tua alma*”(Cap. 40, 1).

255. “Por essa época, tive notícias dos danos e estragos causados pelos luteranos na França e quanto crescia essa desventurada seita. Causou-me grande fadiga e, se eu pudesse ou fosse alguém, choraria e suplicaria ao Senhor que remediasse tanto mal. Doaria mil vidas para salvar uma alma das muitas que aí se perdiam. E como me vi mulher e desprezível, impossibilitada de realizar o que desejava ao serviço do Senhor (e toda minha ânsia era, e ainda é que, tendo tantos inimigos e tão poucos amigos, que esses fossem bons). Determinei fazer esse pouco que podia, isto é, seguir os conselhos evangélicos com toda perfeição possível, - e procurar que essas poucas que estão aqui fizessem o mesmo, - confiada na grande bondade de Deus, que nunca nega ajuda a quem se determina a deixar tudo por ele, e que, sendo tais quais eu as pintava em meus desejos, entre suas virtudes não tinham força minhas faltas, e poderia contentar o Senhor, e que todas ocupadas em oração pelos que são defensores da Igreja, pregadores e letrados, ajudássemos no que pudéssemos a este Senhor meu, que tão sufocado o carregam aqueles a quem lhe fez tanto bem, que parece quererem agora voltar a crucificá-lo, esses traidores, e que não tivesse onde reclinar a cabeça.

256. Ó Redentor meu, meu coração não pode chegar aqui sem cansar-se muito! Que acontece agora com os cristãos? Serão sempre os que mais vos devem os que mais vos fatigam? Aos que mais benefícios concedeis, aos que escolheis por vossos amigos, a quem acompanhais e a quem vos comunicais pelos sacramentos? Não estais cansado dos tormentos que por eles haveis passado?

257. Com certeza, meu Senhor, nada faz quem agora se separa do mundo. Pois a vós pouco respeitam; que esperamos nós? Não respeitam vossa lei. Que esperamos nós? Por ventura merecemos que nos tratem melhor? Por acaso fizemos melhores obras para que nos tenham como amigos? Que é isso? Que esperamos dos que, por bondade de Deus, não estamos no vício, uma vez que aqueles pertencem ao demônio? Bom castigo ganharam por suas próprias mãos e bem granjearam com seus prazeres o fogo eterno. Eles que se avenham, ainda que se me parta o coração ao ver como tantas almas se perdem. O sofrer não é problema, queria mesmo não ver perder-se mais a cada dia.

258. Ó irmãos em Cristo! Ajudai-me a pedir isso ao Senhor, que por isso vos reuniu aqui. Para isso fostes chamadas, isso deve ser vossa preocupação, esses devem ser vossos desejos, essas vossas lágrimas, esses vossos pedidos” (*Caminho de perfeição*, cap. 1, n. 1.2).

CAPÍTULO 15

Continuação

259. *Da vida de Santa Maria Madalena de Pazzis*. (105) “Seria difícil encontrar homem apostólico que tivesse zelo mais ardoroso pela salvação das almas. Interessava-se viva e ternamente pelo bem delas; parecia-lhe não amar suficientemente o Senhor se todos não o amassem também. Vendo os progressos que em nome da fé se fazia no seu tempo nas Índias, dizia que, se pudesse ir pelo mundo todo salvar almas sem prejuízo de sua vocação, suas asas teriam causado inveja aos pássaros do céu. Oh, quem me dera, dizia, poder ir até as Índias e pegar aquelas crianças índias e instruí-las em nossa fé para que Jesus tomasse conta de suas almas e elas possuíssem a Jesus!”

260. “A seguir, falando de todos os infiéis em geral, dizia: Se eu pudesse, acolheria a todos e os reuniria no grêmio de nossa santa mãe Igreja. Faria com que ela os purificasse de todas as infidelidades e os regenerasse, fazendo deles seus filhos e os guardasse em seu coração amoroso, alimentando-os com o leite de seus santos sacramentos. Como seriam bem nutridos e aleitados por seus peitos! Oh, se eu pudesse fazer isto, com que prazer o faria!”

261. “Reconhecendo o dano que tão dilatadas heresias causavam às almas, dizia: Ah! Seria necessário que nossas almas fossem como rolas, sempre gementes, que continuamente lamentassem a cegueira dos hereges! E contemplando quanto se havia afrouxado a fé dos católicos, exclamava: Derrama-a, ó Verbo, derrama-a viva e ardente no coração dos teus fiéis, reaquecida e acesa na fogueira do teu coração e da caridade infinita, para que fé e obras se conformem! E outras vezes, pedindo a conversão dos pecadores, dizia ao Senhor com palavras como que de fogo, que não ouvisse a elas, mas aos gemidos de seu divino sangue”.

262. “Desejava que o ardente zelo pela salvação penetrasse em todos os corações, e assim dizia continuamente às monjas a ela confiadas que sempre rezassem a Deus pelas almas. Peçamos tanto, repetia, quantos forem os nossos passos no mosteiro; peçamos tanto quantas forem nossas palavras pronunciadas na oração diária. Semelhantes ao ardor de seus afetos eram suas obras enquanto o permitia sua condição de monja, de modo que o autor de sua biografia encheu catorze capítulos com as provas e argumentos de seu zelo pela salvação das almas: disciplinas, jejuns, vigílias, prolongadas orações,

exortações, correções: nada, absolutamente nada omitia; impunha a si próprio, durante meses, a mais rígida penitência, por qualquer pecador que se lhe recomendasse”.

263. Sabemos que muitas almas se salvaram pelas orações de Santa Teresa do Menino Jesus e de Santa Maria Madalena de Pazzis; e muitas outras, ainda hoje, continuam se salvando pelas orações das monjas boas e fervorosas. Por isso sempre fui inclinado a pregar retiros e a fazer práticas espirituais às religiosas (mas não a confessá-las, porque me tomavam muito tempo), a fim de que me encomendassem a Deus. (106) Algumas vezes dizia que elas deviam fazer como Moisés no monte e eu como Josué (107) no campo de luta: elas orando e eu lutando com a espada da divina palavra. E assim como Josué alcançou a vitória pelas orações de Moisés, eu a espero pelas orações das monjas. E, para estimulá-las ainda mais, dizia-lhes que depois repartiríamos o mérito. (108)

CAPÍTULO 16

Meios de que me valia para produzir frutos

Primeiro meio: A oração (109)

264. Estimulado a trabalhar para a maior glória de Deus e pela salvação das almas, como venho dizendo, falarei agora dos meios que me servi para alcançar este objetivo, conforme o Senhor me deu a conhecer, como sendo os mais apropriados e adequados. O primeiro meio que sempre utilizei e de que sempre me valho é a *oração*. Considero que este é o meio máximo que se devia usar para obter a conversão dos pecadores, a perseverança dos justos e o alívio das almas do purgatório. Por isso, na meditação, na missa, oração, devoções, jaculatórias que praticava, sempre pedia a Deus e à santíssima Virgem estas três coisas.

265. Não somente eu rezava, mas pedia também a outros que rezassem, como as monjas, as Irmãs de Caridade, Terciárias (110) e a todas as pessoas virtuosas e zelosas. (111) Com este objetivo, pedia-lhes que participassem da santa missa e recebessem a sagrada comunhão; que durante a santa missa e depois da comunhão apresentassem ao Pai eterno e a seu Filho santíssimo esses pedidos; que em seu nome e por seus méritos lhe pedissem estas três graças de que falei: a conversão dos pecadores, a perseverança dos justos e o alívio das pobres almas do purgatório. Também lhes dizia que se valessem da visita ao Santíssimo Sacramento e das estações da via-sacra. (112)

266. Exortava também a que se encomendassem muito a Maria santíssima, rogassem e lhe pedissem isso, que se valessem da devoção ao santíssimo Rosário, que sempre pregava e ensinava o modo prático de rezá-lo, e eu mesmo o rezava com todas as pessoas presentes, antes de iniciar o sermão; fazia isto para que as pessoas aprendessem a rezá-lo e também para que, rezando-o todos juntos, alcançássemos essas três graças acima mencionadas. (113) Ensinava ainda às pessoas o modo de serem devotas das dores de

Maria e que cada dia da semana meditassem uma dor, de modo que assim as sete dores seriam meditadas nos sete dias da semana, uma de cada dia. (114)

267. Rogava e fazia com que as pessoas rogassem aos santos do céu, a fim de que intercedessem junto a Jesus e a Maria e nos alcançassem estas mesmas graças. Invocava especialmente aqueles que, durante sua vida terrena, tivessem manifestado mais zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas.

268. Jamais, em ocasião alguma, esquecia-me de invocar o glorioso São Miguel e os anjos da guarda, especialmente o de minha proteção, o do reino, o da província, o do povoado em que pregava e o de cada pessoa em particular. (115)

269. Senti visivelmente a proteção dos Anjos da Guarda.(116) Desejo apresentar aqui, algumas das jaculatórias que rezo diariamente e, ao mesmo tempo, tenho aconselhado a outros que as façam. De resto, têm-me garantido que lhes fazem muito bem: (117)

Quem como Deus? Quem como Jesus Cristo? Quem como Maria santíssima, virgem e mãe de Deus? Quem como os anjos do céu? Quem como os santos da glória? Quem como os justos da terra? Viva Jesus! Viva Maria santíssima! Viva a santa lei de Deus! Vivam os santos conselhos evangélicos! Vivam os santos sacramentos da Igreja! Viva o santo sacrifício da Missa! Viva o Santíssimo Sacramento do altar! Viva o santo rosário de Maria! Viva a graça de Deus! Vivam as virtudes cristãs! Vivam as obras de misericórdia! Morram os vícios, culpas e pecados!

270. Oração que rezava no princípio de cada missão. (118).

Ó Virgem e Mãe de Deus, Mãe e advogada dos pobres e infelizes pecadores! Bem sabeis que sou vosso filho e ministro, formado por vós mesma na frágua de vossa misericórdia e amor. Sou como uma flecha colocada em vossa mão poderosa. Lançai-me, minha Mãe, com toda a força de vossa braço contra o ímpio, sacrílego e cruel Acab, casado com a vil Jezabel. (119) Quero dizer, lançai-me contra satanás, príncipe deste mundo, que tem estabelecida aliança com a carne.

271. *Para vós, minha Mãe, seja a vitória. Vós vencereis. Sim, vós que tendes poder para acabar com todas as heresias, erros e vícios. E eu, confiado em vossa poderosíssima proteção, empreendo a batalha, não só contra a carne e o sangue, mas também contra os príncipes das trevas, como disse o apóstolo Paulo, (120) empunhando o escudo do santíssimo rosário e armado com a espada de dois gumes da palavra divina. (121)*

272. *Vós sois rainha dos anjos. Ordenai-lhes, minha Mãe, que venham em meu socorro. Vós bem conheceis a minha fraqueza e as forças de meus inimigos. Vós sois rainha dos santos. Pedi que eles roguem por mim e dissei-lhes que a vitória e o triunfo conseguidos serão para a maior glória de Deus e salvação de seus irmãos. Reprimi, Senhora, por vossa humildade, a soberba de Lúcifer e seus sequazes,*

audaciosos em usurpar as almas remidas com o sangue de Jesus, Filho de vossas entranhas virginais.(122)

273. Além do mais, proferia o seguinte exorcismo: (123) *Satanás com todos os seus seguidores: como ministro que sou de Jesus Cristo e de Maria santíssima, embora indigno, ordeno-te que saias daqui e vás para teu lugar. Ordeno-te em nome do Pai, + que nos criou; em nome do Filho, + que nos livrou de teu domínio, e do Espírito Santo, + que nos consolou e nos santificou. Amém. Ordeno-te também, em nome de Maria santíssima, virgem e Mãe de Deus vivo, + que te esmagou a cabeça. Vai-te, Satanás; vai-te, soberbo e invejoso; nunca mais impeças a conversão e a salvação das almas.*

CAPÍTULO 17

Outros meios, para produzir frutos

Segundo meio: O catecismo às crianças

274. Sempre me lembrava daquele provérbio que diz: “*A Dios rogando y con el mazo dando*”. (A Deus rogando e com o martelo batendo). Assim é que tinha tal cuidado e trabalhava com tal afã, como se tudo dependesse de minha habilidade e, ao mesmo tempo, depositava toda a minha confiança em Deus, pois dele tudo depende, principalmente quando se trata da conversão de um pecador, que é ação da graça e obra máxima de Deus.

275. *O catecismo às crianças* – A primeira coisa que procurava era instruir as crianças na doutrina cristã, tanto pelo gosto que sempre tive por esse tipo de ensino, como também porque julgava algo de suma importância pelo fato de o catecismo ser o fundamento deste edifício da instrução religiosa e moral. (124) Além do mais, porque as crianças têm muito mais facilidade em aprendê-lo e gravá-lo; assim elas se preservam do erro, do vício e da ignorância, e mais facilmente podem ser formadas na virtude por serem mais dóceis que os adultos. Com as crianças só se tem o trabalho de plantar, ao passo que com os adultos é preciso arrancar e depois plantar. (125) Com as crianças há também outra vantagem: com elas se conquistam os adultos e, com os filhos, os pais; pois os filhos são partes do coração dos pais. E ainda mais: dando-lhes umas estampas como prêmio pelo bom aproveitamento no ensino, os pais e os adultos lêem as estampas por curiosidade e não poucas vezes se convertem, como sei por experiência própria.

276. Uma das coisas que mais me impeliu a ensinar às crianças é o exemplo de Jesus Cristo e dos santos. Cristo disse certa vez: *Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais; porque o Reino de Deus é daqueles que se lhes assemelham. Abraçando-as eles as abençoou, impondo-lhes as mãos. (Mc 10,14.16)*. Sem dúvida alguma, uma criança conservada na inocência por uma boa educação é, aos olhos de Deus, um tesouro mais precioso do que todos os reinos do mundo.

277. Os apóstolos, doutrinados por Jesus, catequizavam tanto os pequeninos como os adultos, de tal maneira que seus sermões eram declarações dos mistérios da fé. Foram catequistas São Dionísio, São Clemente de Alexandria, homem muito erudito, mestre de Orígenes; o mesmo Orígenes também foi catequista; São João Crisóstomo, Santo Agostinho, São Gregório de Nissa. São Jerônimo, ao mesmo tempo que era consultado de todas as partes como o oráculo do universo, não se desdenhava de ser catequista de crianças, empregando nessa humilde ocupação o resto de seus dias, que tão utilmente havia empregado a serviço da Igreja. *Enviai-me vossos filhos, dizia o santo a uma viúva, eu balbuciarei com eles, terei menos glória diante dos homens, porém serei mais glorioso diante de Deus.* (126)

278. São Gregório Magno foi superior em zelo a São Jerônimo nesse particular, e Roma, capital do mundo de então, e o centro da Religião, pôde ver com espanto que o grande papa, já bastante doente, destinava todo o tempo que podia à instrução da juventude. Depois de haver dado um manjar sólido aos fortes, não se desdenhava de dar leite às crianças.

279. O célebre chanceler de Paris, João Gerson entregava-se incansavelmente ao catecismo das crianças. Alguns o criticavam por isto, mas ele lhes respondia dizendo *que não podia ocupar-se em coisa melhor do que em separar essas almas do dragão infernal e em regar essas ternas plantas da horta da Igreja.* (127)

280. O venerável mestre João de Ávila, apóstolo da Andaluzia, dedicava-se à instrução das crianças. Seus discípulos faziam o mesmo. Ele recomendava-o insistentemente aos professores da escola infantil, dizendo: *Ganhada a infância, ganha-se e recupera-se toda a República, porque as crianças passam a ser grandes e a governam. A boa educação, dizia, e o ensino da doutrina cristã são a fonte e raiz de todos os bens e de toda a felicidade de uma República, ao passo que educar mal a juventude é envenenar as fontes comuns.* (128)

281. O presbítero Diego de Guzmán, filho do conde de Bailén, discípulo do venerável Ávila, exerceu o papel de mestre do ensino da doutrina cristã por toda a sua vida de 83 anos, percorrendo a Espanha e a Itália com admirável zelo e fruto, com ingentes esforços e sofrimento, e, para que a obra prosseguisse após sua morte, fundou em Sevilha uma congregação para ensino da doutrina cristã às crianças e jovens, como ele havia praticado.

282. Dedicaram-se também à instrução da doutrina cristã para crianças e jovens: Santo Inácio, São Francisco Xavier, São Francisco de Borja, Laínez e Salmerón; enviados ao concílio de Trento, trabalhavam na catequese das crianças e jovens por ordem de Santo Inácio. São José de Calasans. O venerável César de Bus fundou uma congregação destinada ao ensino da doutrina cristã: (129) Os Irmãos da Doutrina cristã. (130)

283. O padre Inácio Martinez, orador eloqüente e pregador do Rei de Portugal, deixou de pregar a fim de dedicar-se exclusivamente à instrução das crianças e jovens, por espaço de mais de 17 anos. (131) O padre Edmundo Augerio, pregador apostólico, apelidado de *Trombeta do Evangelho*, tendo convertido 40.000 hereges na França, dedicou-se de tal modo ao ensino do catecismo que, quando morreu, Deus quis que fosse visto subir ao céu, acompanhado de um exército de anjos e de crianças. (132) À pergunta feita pelo profeta Isaías: *Ubi est doctor parvulorum?*: Onde está o médico das crianças?(133) pode-se responder: Está aqui.

284. Em vista, pois, destes e de outros exemplos, que eu conheço e que aqui omito, sentia-me fortemente estimulado à catequese de meninos e meninas. Sempre procurei praticá-la, desde o tempo de estudante, como sacerdote, como administrador paroquial, depois ecônomo, como missionário e mesmo mais tarde como arcebispo. (134)

285. Pelo amor que tinha às crianças e, ao mesmo tempo, pelo desejo de que se instruissem na doutrina cristã, escrevi quatro catecismos: um para as criancinhas, desde que começam a falar até aos sete anos; outro para os camponeses; um terceiro, mais extenso, e, finalmente, um catecismo explicado e ilustrado. (135)

286. O método usado e o que a experiência me ensinou ser o melhor, está desenvolvido no segundo tomo da obra intitulada: *O Colegial ou Seminarista instruído*. Seção V, c. IV. (136)

CAPÍTULO 18

Terceiro meio: Catequese para os adultos

287. O catecismo para os adultos é o meio mais eficaz, conforme constatei. Através dele arrancava-se da ignorância, que por sinal é maior do que se pensa, até mesmo entre aquelas pessoas que ouvem os sermões com freqüência, pois os pregadores supõem o auditório instruído, e exatamente esta é a instrução que fala aos católicos. Além disso, os ouvintes são instruídos nas respectivas obrigações e no modo de cumpri-las. (137)

288. Instruía diariamente, menos no primeiro dia, destinado a outro assunto, no exórdio do sermão, antes da Ave Maria; como estava sozinho, tinha de fazer tudo sozinho. O exórdio durava vinte minutos, e a matéria era sempre os mandamentos da lei de Deus, explicados mais longa ou brevemente, conforme os dias de duração da função ou missão. Efetivamente, levava em meu vade-mécum os mandamentos explicados e também algumas folhas soltas para cada mandamento e explicações referentes àquele mandamento. (138) Usava-as conforme os dias que havia de pregar naquela povoação e também segundo

os costumes ou vícios que havia de repreender e virtudes que havia de plantar ou fomentar; para isso certificava-me antes e, pelo que me diziam, e pelo que eu mesmo conhecia, ia aplicando os remédios.

289. Não obstante estes conhecimentos, não abordava de imediato os vícios predominantes; ao contrário, aguardava para mais tarde. Esperava ter domínio sobre o auditório e, então sim, ainda que lhes denunciasse os vícios, os ídolos, não se ofendiam, antes, ao contrário, arrependiam-se. Havia observado que no começo vinham muitos, movidos pela novidade, mas prevenidos para ver de que se falava e, se ouviam reprimendas a seus queridos vícios, era como tocar a ferida na carne viva. Irritados, alvoroçavam-se, não voltavam mais, além de falarem mal do missionário, da missão e daqueles que dela participavam.

290. Assim dizia que nesses calamitosos tempos o missionário devia portar-se como o que cozinha caracóis. Coloca-os a cozer na panela com água fria. Com a frescura da água o caracol sai da casca. Como a água vai esquentando imperceptivelmente até ferver, ficam assim mortos e cozidos. Porém se algum imprudente os joga na panela com água fervendo, recolhem-se para dentro da casca e ninguém os pode tirar. Assim procurava proceder com toda classe de vícios e erros, blasfêmias e impiedades. Nos primeiros dias apresentava a virtude e a verdade com cores vivas e atraentes, sem dizer uma palavra sequer contra os vícios e viciados. Desta forma, ao verem que eram tratados com indulgência e benignidade, voltavam mais vezes, e então se procurava falar claramente dos erros a serem corrigidos e todos tomavam por bem, convertiam-se e se confessavam. Encontrei muitos que iam à missão só por curiosidade, outros por malícia, para ver se me surpreendiam em alguma expressão, mas por fim se convertiam e se confessavam bem.

291. Em 1840, ao iniciar as missões, estando em plena guerra civil entre realistas e constitucionalistas, procurava, então, andar com o máximo cuidado, evitando falar em política, tanto a favor como contra um ou outro partido, principalmente porque pregava à população de todas as facções. (139) E como pregava em povoados de todos os partidos, devia andar com muito cuidado, pois, como já disse, alguns vinham ouvir-me para surpreender-me em alguma expressão, como se diz de Jesus, nosso divino Redentor: *Ut caperent in sermone*: Com a finalidade de surpreendê-lo em alguma palavra. (140) Graças a Deus, nunca puderam me pegar.

292. Naquela época cheia de calamidades, não só se devia ter cuidado, mas também não se podia dar ao trabalho missionário o nome de missão, mas de Novena das almas, da Virgem do Rosário, do Santíssimo Sacramento, deste ou daquele Santo, para não chamar a atenção dos constitucionalistas, que tinham a autoridade e governavam as cidades e povos onde eu pregava. Se o povo afluía em grande número, estendiam-se as funções por mais dias.

293. Ontem vos falei disto e disto... Resumia assim os pontos principais, por três motivos: 1) Porque assim, escutando novamente o mesmo assunto, embora resumidamente, fixava-se melhor o aprendizado, pois, como diz Santo Afonso de Ligório, os rústicos têm a cabeça de madeira dura e, para que guardem bem essas coisas, são necessários muitos golpes de repetição.(141) 2) Porque, se não estavam presentes no dia anterior, por terem ficado em casa guardando as casas, filhos, etc., etc., escutavam-no e sabiam de que se havia falado e assim sabiam melhor a doutrina do dia anterior. Além disso, se os que estiveram no sermão anterior tivessem contado mal em casa, assim podiam retificar, pois não poucos entendiam mal as coisas e as referiam ainda pior e, em casos de doutrina, convém que seja entendida com exatidão. 3) Assim, pois, o resumo servia de introdução ao assunto do dia, tornando-se mais fácil para o pregador e de mais proveito para o auditório do que buscar uma idéia geral e própria para o exórdio.

CAPÍTULO 19

Quarto meio: Os sermões

294. Os pontos doutriniais servem para instruir e os sermões para exercitar a vontade. Os sermões devem ser escolhidos conforme o auditório. Há alguns que Santo Afonso de Ligório chama de necessários, como é o caso dos novíssimos, e outros arbitrários.

295. Eu regularmente os distribuía assim:

- 1) O primeiro era das almas, de Maria santíssima, etc., conforme o objetivo da pregação.
- 2) A importância da salvação.
- 3) A gravidade do pecado mortal.
- 4) A necessidade da confissão e o modo de fazer a confissão geral.
- 5) A morte.
- 6) O juízo.
- 7) O inferno.
- 8) A eternidade.
- 9) A glória.
- 10) A perseverança.

296. Se a missão se prolongasse, acrescentava, ou intercalava alguns outros, por exemplo, o filho pródigo ou a misericórdia de Deus, a impenitência final, o juízo universal, a morte do justo, a conversão de Santo Agostinho, o escândalo, a conversão da Madalena, os prejuízos causados ao próprio pecador, o pecado venial, a ocasião próxima, a devoção do rosário, a oração mental, a esmola, a paixão de Cristo, as dores de Maria santíssima, etc.

297. O estilo que me propus desde o princípio foi o do santo Evangelho: *simplicidade e caridade*. Para isso valia-me de comparações, semelhanças, exemplos históricos e verdadeiros; o mais era tomado da sagrada Escritura. (142) Havia observado que uma das coisas que mais chamava a atenção de todos, sábios e ignorantes, crentes ou incrédulos, eram as comparações tiradas da natureza.

298. Recordo-me de que no ano de 1841, pregando num Setenário das dores da santíssima Virgem num ambiente de pessoas bastante más, no meio do sermão, disse uma verdade realmente transcendental, provada mediante a autoridade da sagrada Escritura. Os ouvintes observavam silêncio profundo, e do silêncio saiu uma voz que proferia uma frase bastante depreciativa: *Olha o engodo em que nos metes!* (143) Eu fiz como se não tivesse ouvido e disse: *Para que fique mais clara esta verdade importantíssima, valho-me de uma comparação*. Expliquei-a, e o mesmo respondeu com voz alta: “Tens razão” (144) e no dia seguinte fez uma confissão geral.

299. Poderia referir este e muitíssimos outros casos que confirmaram a utilidade das comparações naturais. Neste particular, Deus nosso Senhor me favoreceu de tal maneira que, ao tratar qualquer assunto, ocorrem-me comparações, sem premeditar e sempre muito oportunas, como se de muito tempo antes as tivesse preparado. Bendito sejais, meu Deus, por me ter enriquecido com este dom, que é vosso e não meu, pois reconheço que de mim nem uma palavra posso dizer, nem um pensamento bom posso ter! Tudo seja para vossa glória.

300. Sempre tive muito desejo de ler autores de sermões missionários. Li São João Crisóstomo, Santo Afonso de Ligório, Siniscalqui, Barcia e o Venerável João de Ávila. (145) Da leitura deste último notei que pregava com tanta claridade que era entendido por todos e nunca se cansavam de ouvi-lo, mesmo que às vezes seus sermões durassem duas horas. Tal era a fluência e o número de idéias que lhe ocorriam que era muito difícil ocupar menos tempo.

301. Diuturnamente não pensava senão na expansão da glória de Deus através da renovação dos costumes e conversão dos pecadores. A finalidade primordial a que dirigia sua pregação era tirar as almas do infeliz estado de culpa, manifestando a feiúra do pecado, a indignação de Deus e o horrendo castigo preparado para os pecadores impenitentes, e o prêmio oferecido aos verdadeiros arrependidos, concedendo-lhe o Senhor tanta eficácia a suas palavras que, segundo Luis de Granada: “Um dia ouvi-o, em um sermão, falar da maldade dos que por luxúria ofendem a Deus nosso Senhor, citando Jeremias: *Obstupescite, coeli, super hoc: Pasmai, ó céus por causa disto;*(146) a verdade é que o pronunciou com tão grande expressão e espanto que pareciam tremer as paredes da Igreja”. (147)

302. Na época em que pregava em Granada o Venerável Ávila, pregava também outro pregador, o mais famoso da época. Quando este pregava, as pessoas saíam do sermão admiradas por tantas e tão lindas coisas, proferidas com tanta eloquência. Porém, quando saíam do sermão do Venerável Ávila, saíam em

silêncio, cabeças baixas, sem um comentário sequer, recolhidos e compungidos pela força da verdade e excelência do pregador. Com uma simples palavra que dizia e um grito que dava, comovia e abrasava os corações e as entranhas dos ouvintes.

303. Quis referir-me aqui ao Venerável Ávila, por causa do seu estilo. Adaptei-me muito bem a ele e percebi que era o que dava melhores resultados. Glória seja a Deus nosso Senhor que me fez conhecer os escritos e obra deste grande mestre de pregadores e pai de bons e zelosos sacerdotes!

304. Quando ia a um povoado, não só pregava diariamente os sermões correspondentes à função, mas procurava também pregar aos sacerdotes (a não ser que estivessem em retiro, pois então lhes pregava de manhã cedo e à tarde, cada dia). Pregava também em todos os conventos de contemplativas, às Irmãs de Caridade, às Terciárias, aos membros das Conferências de São Vicente de Paulo, (148) às senhoras, aos presos, aos meninos e às meninas, aos enfermos. Em suma, não me esquecia de visitar e pregar em nenhum estabelecimento de piedade ou beneficência. O tempo que me sobrava, passava-o no confessionário, ouvindo confissões pela manhã e à tarde.

305. Bendito sejais vós, meu Deus, por me haverdes dado saúde e força para que eu sustente tão grande e contínuo trabalho! Tenho plena certeza de que sem o auxílio especial do céu seria impossível suportar tão árduo e prolongado trabalho, (149) desde 1840 até 1847, época em que fui às Ilhas Canárias, juntamente com o bispo D. Boaventura Codina, homem cheio de virtudes e zelo. (150) Além de todo trabalho missionário, pregava retiros ao clero, às contemplativas, aos leigos, aos meninos e às meninas que se preparavam para a primeira comunhão.

CAPÍTULO 20

Quinto meio: Exercícios espirituais de Santo Inácio

306. Já comentei em outro lugar (151) que desde a época de estudante, sempre fiz os exercícios espirituais, através dos escritos de Santo Inácio. Em Roma, fiz duas vezes os exercícios espirituais através dos escritos de Santo Inácio, uma vez sozinho, ao chegar, e outra, pertencendo à Companhia de Jesus, antes de sair por causa de uma enfermidade. Os próprios padres o pregaram; foram os que mais me fizeram bem.

307. Quando tive que deixar a Companhia por causa da enfermidade, deram-me um exemplar dos Exercícios de Santo Inácio, explicados pelo padre Diertins. Através dele, sempre pregava a outros. O clero de Vic pediu-me o livro para reimprimi-lo, e foi impresso por Trullás. (152)

308. Os exercícios de Santo Inácio são um meio muito poderoso que sempre utilizei para a conversão dos sacerdotes, que por certo é a tarefa mais difícil. Contudo, sempre constatei resultados muito positivos

da parte de muitíssimos sacerdotes que verdadeiramente se converteram e não poucos que se tornaram zelosos e fervorosos pregadores. Preguei ao clero de Vic, Barcelona, Tarragona, Gerona, Solsona, Canárias, Mataró, Manresa, Poble-Grà, Ripoll, Campdevánol, San Llorens dels Pitús, etc., etc. (153) 309. Ministrei várias vezes esses exercícios aos leigos, separando homens e mulheres em diversas turmas e, pelo que pude observar, produzem frutos mais sólidos do que a pregação de missões. (154) A esse respeito escrevi um livro intitulado *Exercícios de Santo Inácio*. Foi muito bem aceito. Os exercícios produziram e produzem maravilhosos efeitos. Quando bem feitos, os pecadores se convertem, os justos se conservam ou se aperfeiçoam na graça. (155) Que tudo seja para a maior glória de Deus. Devo dizer que por este livro sua majestade a rainha faz anualmente os exercícios espirituais e aconselha às camareiras que os façam também através dele. (156)

CAPÍTULO 21

Sexto meio: Livros e folhetos.

310. A experiência me ensinou que um dos meios mais poderoso para a propagação do bem é a imprensa, ao mesmo tempo que é a arma mais poderosa para se propagar o mal, quando dela se abusa. Por meio da imprensa pode-se produzir muitos livros bons e folhetos para o louvor de Deus. Nem todos querem ou podem ouvir a divina palavra, mas todos podem ler ou ouvir a leitura de um bom livro. Nem todos podem ir à igreja ouvir a palavra divina, porém o livro irá à sua casa. Nem sempre o pregador pode estar pregando, porém o livro sempre estará repetindo a mensagem, sem nunca se cansar, sempre disposto a repetir a mesma coisa, quer seja lido pouco ou muito, lido ou deixado uma ou mil vezes, não se ofende por isso, permanece o mesmo, sempre se acomoda à vontade do leitor.

311. Sem dúvida, a leitura de bons livros sempre foi considerada de grande utilidade, hoje, porém, é de suma necessidade. Digo isto porque vejo que há como que um delírio para ler e, se as pessoas não têm bons livros, lerão os maus. Os livros são alimento para a alma. Se ao corpo faminto se oferece uma comida sadia será nutrido, mas se a comida está deteriorada, prejudicará o organismo. O mesmo ocorre com a leitura. Os que lerem livros bons e oportunos, adequados a si e às próprias circunstâncias, se sentirão nutridos e fortalecidos. Porém, se nutridos com livros perniciosos, periódicos e folhetos heréticos, verão corrompidas suas crenças e pervertidos seus costumes, extravia-se o pensamento, corrompe-se o coração e, do coração corrompido, saem os males, como disse Jesus, (157) até chegar à negação da verdade primeira e do princípio de toda verdade, que é Deus: *Dixit insipiens in corde suo: non est Deus*: Disse o insensato em seu coração: Não há Deus.(158)

312. Em nossos dias há uma dupla necessidade de fazer circular bons livros; estes, porém, devem ser pequenos pelo fato de as pessoas andarem apressadas e com mil e uma coisas para fazer por toda parte e, como a *concupscientia oculorum et aurium*: concupiscência dos olhos e dos ouvidos(159) aumentou ao extremo, todos querem ver e ouvir tudo, além de viajar. Assim o livro volumoso não será lido, servirá unicamente para sobrecarregar as estantes das livrarias e as das bibliotecas. Por isso, convencido dessa verdade importantíssima e ajudado pela graça de Deus, publiquei inúmeros livretes e folhas volantes.

313. O primeiro livrete que publiquei contém conselhos ou avisos espirituais, dirigido às monjas de Vic, a quem acabara de pregar os exercícios espirituais; para que recordassem melhor o que lhes havia pregado, pensei deixar-lhes por escrito o conteúdo. Antes de entregar o escrito às monjas, para que cada uma o copiasse, mostrei-o ao querido amigo doutor Jaime Passarell, cônego penitenciário daquela catedral. Ele sugeriu que o imprimisse e assim evitaria às monjas o trabalho de copiar e seria utilizado por elas e por outros mais. Acatei a sugestão desse que tanto respeitava e amava por sua virtude, e o livro foi impresso. E assim foi que veio à luz meu primeiro livro.

314. Percebendo os bons resultados do primeiro livro, decidi escrever o segundo: *Avisos às moças*. Depois escrevi aos *Pais*; *As crianças*; *Aos jovens* e outros, como se pode ver no catálogo. (160)

315. À medida que ia missionando, percebia as necessidades e, conforme o que via e ouvia, escrevia um livrinho ou um folheto. Se na povoação houvesse o costume de cantar cantos desonestos, fazia imprimir logo um folheto com um cântico espiritual ou moral. Por isso quase todos entre os primeiros folhetos que imprimi eram de cânticos. (161)

316. Desde o começo, publiquei um folheto contendo receitas contra as blasfêmias. Naqueles dias em que comecei a pregar era coisa horrorosa a quantidade e a gravidade das blasfêmias que se ouvia por toda parte. Parecia que os demônios do inferno se haviam disseminado pela terra a fim de provocar os homens a blasfemarem. (162)

317. Também a impureza já ultrapassara seus limites e por isso resolvi escrever mais duas receitas. Como a devoção a Maria santíssima é remédio muito poderoso contra todos os males, escrevi no início do folheto aquela oração que assim se inicia: *Ó virgem e Mãe de Deus...* que se acha em quase todos os livros e folhetos. (163) Estas duas palavras, Virgem e Mãe de Deus, coloquei-as porque ao escrevê-las lembrava que, quando estudante, nas férias de verão, li a vida de São Filipe Néri, escrita pelo padre Conciencia, na qual dizia que o santo gostava muito que se juntassem sempre estas duas palavras, e que com elas se honra muito e se obriga a Maria santíssima. (164) As demais palavras são uma consagração que se faz a nossa Senhora.

318. Sentindo eu mesmo os bons resultados que esse folheto estava produzindo, resolvi escrever outras, segundo as necessidades que observava na sociedade e distribuía com profusão, não somente aos adultos,

mas também às crianças que se aproximavam para beijar-me a mão e me pediam um santinho, como era costume, e eu procurava levar os bolsos sempre bem abastecidos. Para maior glória de Deus, quero aqui registrar um caso entre os muitos que poderia referir. É o seguinte:

319. Certa tarde, ao passar pela rua de uma das maiores cidades da Espanha, um menino aproximou-se de mim e beijou-me a mão, pedindo-me um santinho; eu lho dei. No dia seguinte, muito cedo, dirigi-me à igreja para a celebração da missa. Costumava ir antes ao confessionário, pois sempre me aguardavam muitas pessoas. Após a missa, fiquei no presbitério em ação de graças. Passado algum tempo, aproximou-se de mim um homem alto, gordo, de bigode e barba grandes, tão encoberto por uma capa de gola grande e peluda, que quase não se via senão o nariz e a fronte: olhos meio fechados, bigode, barba, costeletas encobriam o restante do rosto. Com voz trêmula e rouquenha, pediu-me o favor de atendê-lo em confissão. Disse-lhe que sim, que entrasse na sacristia, e logo iria atendê-lo, assim que concluísse a ação de graças. Embora houvesse outras pessoas esperando ao lado do confessionário, pensei em atendê-lo separadamente, pois por seu aspecto pareceu que assim convinha; de fato assim foi. A sós na sacristia atendi-o.

320. Sentei-me, e ele pôs-se a chorar tão convulsivamente, que eu não sabia o que fazer para consolá-lo. Fiz-lhe várias perguntas para saber a causa. Finalmente, entre lágrimas, suspiros e soluços, ele respondeu: *Padre, o senhor passou ontem, à tarde pela minha rua e, ao passar pela porta de casa onde moro, um menino saiu para beijar-lhe a mão, fez-lhe um pedido e o senhor deu-lhe um santinho. O menino ficou muito contente e, após tê-lo examinado por um espaço de tempo, deixou-o em cima da mesa e foi para a rua brincar com as outras crianças. Fiquei só em casa e, tocado de curiosidade e para passar o tempo, tomei do folheto e o li. Padre, não posso explicar o que senti naquele momento; cada palavra era como que um dardo que se cravava em meu coração. Resolvi confessar-me e pensei: uma vez que Deus se valeu dele para fazer-te conhecer a verdade, com ele irás confessar-te. Passei a noite chorando e examinando minha consciência. Agora estou aqui para confessar-me. Padre, sou um grande pecador. Tenho cinqüenta anos e, desde criança, não me confesso, e chefei bandos de pessoas más. Padre, haverá perdão para mim?* - Sim, senhor, sim! Ânimo, confiança na bondade e misericórdia de Deus. O bom Deus chamou-o para que se salve, e o senhor fez muito bem em não endurecer o coração e colocar em prática a resolução de fazer uma boa confissão. Confessou-se. Absolvi-o e ficou muito contente e tão alegre que nem conseguia expressar-se.

321. Pois bem, mesmo que os folhetos e santinhos não tivessem produzido senão esta conversão, já me sentiria satisfeito pelo trabalho e pelos gastos com as impressões. Porém, não foi esta a única conversão pela leitura dos folhetos e dos santinhos já publicados.

322. Em Villafranca del Panadés havia quatro criminosos condenados. Há três dias estavam esperando a execução da pena de morte e não queriam confessar-se. Com a leitura de uma estampa, começaram a refletir e se confessaram. Receberam o santíssimo Viático e tiveram morte edificante. São muitíssimos os que se converteram pela leitura de uma estampa. Ó meu Deus, como sois bom! De tudo tirais proveito para derramar vossa misericórdia sobre os pobres pecadores. Bendito sejais para sempre. Amém!

Capítulo 22

Sétimo meio: Publicações, diálogos familiares, rosário e objetos religiosos

323. Graças sejam dadas a Deus, pois todos os livrinhos produziram bons resultados. De todos esses livros, os que mais têm convertido almas são: *O Caminho Reto* e o *Catecismo Explicado*. (166) Da leitura destes dois livros encontrei muitas conversões e, mesmo estando na corte, não passa um dia sem que se apresentem pessoas determinadas a mudar de vida por ter lido esse livro. Todos o procuram e não se contentam enquanto não o possuem. Todos, sem distinção de classes, desejam tê-lo. Esse desejo geral me obrigou a fazer uma impressão de luxo para as pessoas mais abastadas. Procuraram-no a rainha, o rei, a infanta, damas do palácio, gentlemen e toda classe de nobreza. Pode-se dizer que na classe alta não há casa alguma ou palácio em que não se encontre um ou mais exemplares de *O caminho reto* de luxo e, nas demais classes, outros mais simples. (167)

324. Não sei como foi que escrevi tantos e tão diversos livros. Vós o sabeis, meu Deus. Digo mal. Sim, eu sei. Não sou eu que os escrevo. Sois vós, meu Deus que, para realizar tal obra vos servis deste miserável instrumento, pois não teria capacidade, nem talento, nem tempo para realizar tudo isso. Mas vós me proporcionastes tudo, mesmo sem eu compreender como.

325. A finalidade disso tudo era a maior glória de Deus, a conversão dos pecadores e a salvação das almas. Por isso escrevi em forma de avisos para todas as classes sociais; porém, minha predileção eram as crianças. Para tanto publiquei quatro catecismos, além de livros e folhetos.

326. Outra camada da sociedade que me chamava a atenção era a dos clérigos. Para eles publiquei, em dois volumes, *O Colegial ou o Seminarista instruído*, obra que agradou a quantos a leram. (169) Tudo seja para a maior honra e glória de Deus.

327. Somos criados para conhecer, amar, servir e louvar a Deus. E para que um clérigo desempenhe todos os seus deveres, precisa saber *canto eclesiástico*. Com essa finalidade publiquei um caderno bastante resumido e fácil sobre o modo de cantar e louvar a Deus. (170)

328. Em qualquer um dos livros publicados não busquei nenhum lucro, senão somente a maior glória de Deus e o bem das almas. Nunca cobrei sequer um centavo de direitos autorais daquilo que mandei

imprimir, antes ao contrário, dei gratuitamente milhares e milhares de exemplares e até hoje continuo distribuindo e, se Deus quiser, continuarei espalhando esses impressos até a hora da morte, pois tenho plena certeza de que é a melhor esmola que se pode dar hoje em dia. (172)

329. A fim de poder dar e vender a um preço mais barato possível, pensei em fundar uma *Imprensa Religiosa*, (173) sob a proteção de Maria santíssima de Montserrat, padroeira da Catalunha, e também do glorioso São Miguel. Comuniquei este pensamento a Caixal (174) e a Palau, (175) então cônegos de Tarragona e agora bispos, um de Seo de Urgel e o outro de Barcelona. Atualmente ainda cuidam dela sob a direção direta de um administrador. (176)

330. O que fez e o que está fazendo a *Livraria Religiosa* basta visitar a editora ou a gráfica e ler o catálogo do que se imprimiu. Ainda assim é difícil conhecer bem, pois algumas obras aí catalogadas tiveram muitas reimpressões. Há obras que já atingiram a trigésima oitava edição; as tiragens são de muitos milhares cada uma. (177)

331. Por meio da *Livraria Religiosa*, os eclesiásticos e os leigos já adquiriram e estão adquirindo bons livros, os melhores de que se tem conhecimento, e a um preço realmente insignificante. Em nenhuma gráfica espanhola se vendem livros tão baratos, de boa qualidade quanto na *Livraria Religiosa*. Quanto deveria agradecer a Deus por ter-me inspirado tão grande e proveitoso pensamento!

332. Agora que me refiro a livros, também direi do reforço vindo à *Livraria Religiosa* através da *Academia de São Miguel*, aprovada pelo sumo pontífice Pio IX, e pelo governo de sua majestade com cédula real, sendo suas majestades os primeiros dos coros. A academia é constituída por uma junta diretiva em Madri, que se reúne todos os domingos e se ocupa em cumprir o disposto no regulamento. Há muitos coros em Madri e nas principais povoações de Espanha e é incalculável o bem que se faz. (178)

333. Os bons livros e os folhetos sempre produzem bons frutos, porém esses frutos são mais copiosos quando esses impressos são distribuídos durante as missões. Ajudam a pregação e confirmam o que se ouviu de viva voz, além de fazerem com que os frutos sejam mais perseverantes. É por isso que nas pregações e missões procuro distribuí-los em grande quantidade. (179)

334. Outro meio que faz muito bem é ter conversas familiares. Que bem tão grande produzem! Entre os primeiros membros da Companhia havia um irmão leigo que fazia compras todos os dias e era tão feliz nas conversas com as pessoas com quem negociava, que conseguiu converter mais pessoas do que qualquer um dos missionários. Este fato eu o li era ainda estudante e me agradou tanto que o imitava conforme as circunstâncias se me apresentassem. (180)

335. Ao se falar da morte ou ao se ouvir o toque dos sinos, aproveitava a oportunidade para falar da fragilidade e da inconstância de nosso ser, como havemos de morrer e da conta que devemos prestar

perante Deus. Se havia uma tempestade de raios e trovões, fazia-me pensar no juízo e falar daquele grande dia. Se estivesse ao lado do fogo, falava do fogo do inferno. Uma vez falava com um pároco, ao lado do fogo de sua cozinha. Da conversação que tive com ele, como que por passatempo, comoveu-se tanto que, no dia seguinte, fez comigo uma confissão geral de coisas que nunca se havia atrevido a confessar. Aquela conversa motivou-o ao arrependimento.

336. Quando viajava, não perdia a oportunidade de falar às pessoas próximas de mim, segundo as circunstâncias. Se visse flores, chamava-lhes a atenção e dizia-lhes que, assim como as plantas produzem flores tão formosas e perfumadas, também nós deveríamos produzir virtudes; por exemplo, a rosa ensina a caridade, a açucena, a pureza, a violeta a humildade, e daí por diante. Temos de ser, como disse o apóstolo Paulo, *bonus odor sumus Christi Dei in omni loco*: somos o bom odor de Cristo Deus em todo lugar.(181) Vendo uma árvore frutífera, falava às pessoas de como devemos dar frutos de boas obras, porque, do contrário, seríamos como aquelas duas figueiras de que nos fala o Evangelho. (182) Ao passar perto de um rio, falava-lhes como a água nos lembra que caminhamos rumo à eternidade. Ao ouvir o canto dos pássaros, de uma música, etc., falava-lhes das do cântico eterno e novo do céu; e, assim, de outras coisas. Observei que com essas conversas familiares se fazia muitíssimo bem, pois se passava coisa semelhante àquilo que ocorreu com os discípulos de Emaús; (183) e, além do mais, evitavam-se conversas inúteis e, quem sabe, até murmurações. (184)

337. Outro meio muito poderoso do qual me valia para conquistar as almas é o da distribuição de terços, ao mesmo tempo que ensinava como se devia rezar. Dava medalhas, ensinava como levá-las e beija-las pela manhã e à noite. Oferecia escapulários, explicando o que significam e como usá-los. (185)

338. Muito bom também para excitar a piedade é benzer imagens, medalhas, terços e escapulários. Trazem-nos, assim, no dia marcado para a bênção que fazia do púlpito. Isso os entusiasmava, afervorava-os e dava-lhes piedosa recordação das missões e de tudo que nelas fora dito e praticado.

339. Escrevi também um pequeno livro sobre a origem do escapulário azul-celeste; das graças e indulgências que se obtêm, e muitas pessoas o receberam na corte de Madri, especialmente a rainha, o rei, o príncipe e as princesas, as criadas e camareiras. (186)

CAPÍTULO 23

Virtudes necessárias para se obter frutos

Primeira virtude: A humildade

340. Até aqui falei dos meios mais comuns de que me valia para produzir frutos. Agora tratarei das virtudes. Cícero, quando fala do orador, diz que deve ser instruído em toda arte e ciência: *In omnibus*

artibus et disciplinis instructus debet esse orator: O orador deve ser instruído em todas as artes e disciplinas.(187) O missionário apostólico deve ser exemplo de todas as virtudes. Deve ser a própria virtude personificada. À imitação de Jesus Cristo deve começar por fazer e praticar, para depois ensinar. *Coepit facere et docere*: Fez e ensinou desde o princípio.(188) Com as obras deve poder dizer como o apóstolo Paulo: Tornai-vos meus imitadores, como e o sou de Cristo: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi*. (189)

341. A aquisição das virtudes, necessárias para ser um verdadeiro missionário apostólico, começa pela humildade, que considerava o fundamento de todas as virtudes. (190) Desde minha entrada no seminário de Vic para cursar filosofia, tomei como matéria de exame particular a virtude da humildade. Bem que o necessitava, pois em Barcelona, com todos aqueles desenhos, máquinas e demais tolices, ficara com a cabeça cheia de vaidades e, quando alguém me elogiava, meu coração contaminado comprazia-se todo naqueles elogios. Ó meu Deus, perdoai-me, pois me arrependo de verdade! A recordação de minha vaidade faz-me derramar muitas e amargas lágrimas. Porém, vós, meu Deus, me humilhastes, e assim não posso senão dar graças por isso e dizer com o profeta: *Bonum mihi quia humiliasti me*: Chegou em boa hora a humilhação.(191) Vós, Senhor, me humilhastes, e eu também me humilhava, ajudado com vosso auxílio.

342. Ao iniciar os meus estudos em Vic, sucedia-me algo parecido com o que se passa numa forja, na qual o ferreiro coloca na fornalha uma barra de ferro e quando ela está em brasa retira-a, coloca-a em cima de bigorna e começa a dar golpes com martelo. O ajudante faz o mesmo e os dois vão alternando compassadamente marteladas e vão moldando o ferro até que adquira a forma desejada pelo ferreiro. Vós, meu Senhor e meu mestre, pusestes meu coração na forja dos exercícios espirituais e dos sacramentos, e assim, aquecendo meu coração no fogo de vosso amor e no de Maria santíssima, começastes a dar golpes de humilhações, alternando com meus próprios golpes desferidos através do exame particular que eu fazia sobre tão necessária virtude. (192)

343. Com muita freqüência, repetia a prece de Santo Agostinho: *Noverim te, noverim me*, (193) e a de São Francisco de Assis: *Quem sois vós? Quem sou eu?* (194) E como se o Senhor me dissesse: *Eu sou o que sou* (195) e tu és o que não és. Tu não és nada e ainda menos que nada, pois o nada não peca, e tu sim. (196)

344. Sei clarissimamente que de mim nada tenho senão o pecado. Se sou algo, se tenho algo, tudo recebi de Deus. O ser físico não é meu, é de Deus; ele é meu criador, meu conservador, meu motor, pelo concurso físico. Da mesma forma que um moinho que, por melhor que esteja montado, se não tem água não se movimenta, assim também sou eu no ser físico e natural.

345. O mesmo digo, e muito mais, relativamente ao espiritual e sobrenatural. Reconheço que não posso invocar o nome de Jesus nem ter um único pensamento bom sem o auxílio de Deus. Sem ele, absolutamente nada posso. Para pesar meu, quantas distrações tenho!
346. Na ordem da graça, assemelho-me a um homem que se lança num poço profundo, mas que por si só não pode sair. Assim sou eu. Posso pecar, porém não posso me livrar do pecado senão com os auxílios de Deus e os méritos de Cristo. Posso condenar-me, porém não posso salvar-me, a não ser pela misericórdia e bondade de Deus.
347. Cheguei à conclusão de que a virtude da humildade consiste em reconhecer que nada sou, que nada posso, senão pecar, que em tudo dependo de Deus: ser, conservação, movimento, graça. Por outro lado, fico muito contente por esta dependência de Deus, pois prefiro contar com ele que somente com minhas possibilidades. Não suceda comigo o que aconteceu a Luzbel. Ele conhecia muito bem que todo seu ser, natural e sobrenatural, estava totalmente dependente de Deus, mas foi soberbo, pois como o conhecimento era meramente especulativo e a vontade descontente, desejou semelhar-se a ele, não pela graça, mas por sua própria virtude.
348. A partir de um princípio percebi que o conhecimento de tudo isso é prático, quando sinto que em nada me hei de gloriar nem envaidecer, porque nada sou, nada tenho, nada valho, nada posso e nada faço. Simplesmente sou como o serrote nas mãos do serrador.
349. Compreendi que não devo sentir desprezo algum por tudo isso, porque, nada sendo, nada mereço. Na prática procuro agir da melhor forma possível, pois em nada devo ensoberbecer-me, como nenhuma ignomínia ou desonra devem entristecer-me.
350. Tenho para mim que a pessoa verdadeiramente humilde deve ser como uma pedra. Ainda que esteja colocada no mais alto de um edifício, sempre gravita para baixo. Li muitos autores ascéticos que tratam desta virtude da humildade, a fim de entender bem em que consiste e os meios assinalados para conseguí-la. Lia as vidas dos santos que mais se distinguiram nessa virtude para ver como a praticavam, pois eu desejava alcançá-la.
351. Efetivamente propus-me o exame particular sobre esta virtude. Escrevi os propósitos sobre esse particular e os ordenei tal como se encontram no opúsculo chamado *La Paloma*. (198) Durante quinze anos fiz esse exame particular ao meio-dia e à noite, e ainda não sou humilde. (199) Quando menos esperava, notava em mim algum rebento de vaidade. No mesmo instante proponha-me cortá-lo, por sentir alguma complacência ao conseguir um bom êxito ou por alguma palavra frívola. Por essa atitude depois tinha que chorar, arrepender-me, confessar-me e fazer penitência.
352. Tinha absoluta certeza de que Deus nosso Senhor queria que eu fosse humilde, e me auxiliava muito para isso, dando-me motivos para humilhar-me. Naqueles primeiros anos de missões era muito

perseguido por toda parte e isto na verdade é muito humilhante. Levantavam as mais feias calúnias a meu respeito, diziam que havia roubado um burro, e outras coisas mais que contavam. No início de uma missão ou função nos povoados, pelo menos até a metade dos dias, era muito caluniado: farsas, mentiras, calúnias de toda espécie diziam a meu respeito. Tinha aí muito sofrimento para oferecer a Deus e, ao mesmo tempo, matéria para exercitar a humildade, a paciência, a mansidão, a caridade e demais virtudes.

353. Tudo isso durava até a metade da missão e era comum em todas as povoações. (200) Da metade da missão em diante, as coisas mudavam completamente. Aí o diabo se valia do expediente oposto. Todos diziam, então, que eu era um santo, para que eu me enchesse de soberba e vaidade. Mas Deus nosso Senhor não descuidava de mim. Naqueles últimos dias da missão em que acudia tanta gente para ouvir as pregações, para confessar-se, comungar e para assistir a todas as demais devoções, naqueles últimos dias em que se viam os copiosíssimos frutos colhidos e em que se ouviam os elogios que todos, bons e maus, de mim faziam; naqueles dias, pois, o Senhor me permitia uma tamanha tristeza que só posso explicar, dizendo que era a especial providência de Deus que me permitia como um lastro, a fim de que o vento da vaidade não me derrubasse.

354. Bendito sejais, meu Deus, por tanto cuidado para comigo! Quantas vezes teria perdido o fruto de meu trabalho se vós não me tivésseis guardado! Eu, Senhor, teria feito como a galinha que, depois de botar o ovo, fica sem ele, e, mesmo que num ano ponha muitos, acaba ficando sem nenhum, por ter cacarejado. Ah! Meu Deus! Se vós não me tivésseis imposto silêncio, com a vontade que às vezes eu tinha de falar dos sermões, etc., teria cacarejado como a galinha, perdido todo fruto e merecido castigo, porque vós dissestes: *Gloriam meam altero non dabo*: Não cedo minha glória a nenhum outro. (201) E eu, por ter falado, teria cedido ao demônio da vaidade, por vós castigado e, com justiça, Senhor, por tê-lo referido, não a vós e sim ao diabo, vosso capital inimigo. Contudo, vós sabeis se alguma vez o diabo beliscou algo, não obstante os poderosíssimos auxílios que me dáveis. Misericórdia, Senhor!

355. A fim de não me deixar arrastar pela vaidade, procurava ter presente os doze graus da virtude da humildade ditos por São Bento, aceitos e aprovados por Santo Tomás (2-2 q. 161 a.1), e são os seguintes: 1) Manifestar humildade interior e exterior, isto é, no coração e no corpo, baixando os lhos para a terra, por isso se chama *humílitas*; 2) Falar pouco, de conformidade com a razão e em voz baixa; 3) Não rir pronta e facilmente; 4) Ficar calado até ser perguntado; 5) Não fugir das obras normais que fazem todos; 6) Ter-se e reputar-se como o mais vil de todos e, sinceramente, expressar-se assim; 7) Considerar-se indigno e inútil para tudo; 8) Reconhecer os próprios defeitos e confessá-los singelamente; 9) Ter imediata obediência com as coisas difíceis, e muita paciência nas ásperas; 10) Obedecer e sujeitar-se aos superiores; 11) Nada fazer por sua própria vontade; 12) Temer a Deus e lembrar-se sempre de sua santa lei. (202)

356. Além da doutrina contida nesses doze graus, procurava imitar a Jesus que a mim e a todos nos diz: *Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas.* (203) E assim contemplava continuamente Jesus no presépio, no trabalho, no calvário. Meditava suas palavras, seus sermões, suas ações, sua maneira de comer, vestir, andar de uma povoação a outra... Com este exemplo me animava e sempre me dizia: *Em casos como esse, como é que Jesus se portaria?* Procurava imitá-lo com muito gosto e alegria, convicto de que imitava a meu Pai, a meu mestre e a meu Senhor, agradando-o com isto. Ó meu Deus, como sois bom! Estas inspirações santas me eram dadas para que vos imitasse e fosse humilde. Bendito sejais, meu Deus! Se a outro tivésseis concedido as mesmas graças e auxílios que a mim, como seria melhor do que eu sou!

Capítulo 24

Segunda virtude: A pobreza

357. Vendo que Deus nosso Senhor, sem nenhum mérito meu, mas unicamente por seu beneplácito, me chamava para fazer frente à torrente de corrupção e me escolhia para curar as enfermidades do corpo meio morto e corrompido da sociedade, pensei que devia dedicar-me a estudar e conhecer bem as enfermidades deste corpo social. Dessa minha análise, conclui que tudo o que há no mundo não passa de amor às riquezas, às honras e aos prazeres sensuais. Sempre o gênero humano teve inclinação a essa tríplice concupiscência, (206) mas hoje em dia a sede de bens materiais está secando o coração e as entranhas das sociedades modernas.

358. Vejo que estamos num século em que, não só se adora o bezerro de ouro, a exemplo dos hebreus, (207) mas se dedica um culto tão grande ao ouro, que as virtudes mais generosas foram derrubadas dos seus pedestais sagrados. Todos somos imagens de Deus, filhos de Deus, remidos com o sangue de Jesus Cristo e destinados para o céu, no entanto, vejo que estamos em uma época em que o egoísmo faz os homens esquecerem os seus deveres mais sagrados para com seus semelhantes e irmãos.

359. Considerei que para enfrentar este gigante que os mundanos chamam de onipotente, tinha de fazer-lhe frente com a santa virtude da pobreza. Da forma como entendi também coloquei em prática. *Nada tinha, nada queria e tudo recusava.* (208) Estava contente com a roupa que levava e a comida que me davam. Levava tudo num lenço. Minha bagagem consistia de um breviário do todo ano, um vade-mécum em que levava os sermões, um par de meias e uma camisa para trocar. E nada mais.

360. Nunca levava dinheiro comigo, nem queria. Certa ocasião levei um susto. Meti a mão no bolso do jaleco e pensei ter encontrado uma moeda. (209) Fiquei espantado, tirei-a do bolso e olhei; para meu

consolo vi que não se tratava de uma moeda, mas de uma medalha, que muito tempo antes me haviam dado. Tamanho era o horror que tinha ao dinheiro que foi como se tivesse voltado da morte à vida.

361. Não tinha dinheiro, tampouco dele necessitava. Não precisava para andar a cavalo, de condução ou trem, porque sempre andava a pé, embora tivesse de fazer viagens longas, como direi noutra lugar. Não o necessitava para comer, pois vivia de esmola aonde chegava. Não necessitava de roupa, nem de calçado, pois nosso Senhor conservava aquelas que tinha, de modo admirável, como aos hebreus no deserto. (210) Sabia claramente que era vontade de Deus que eu não tivesse dinheiro, que nada aceitasse, a não ser a comida necessária nas horas habituais de refeição, sem jamais querer provisão para levar a outra parte.

362. Sentia que este desprendimento causava boa impressão a todos e por isso procurava ser fiel aos propósitos feitos. Para animar-me, meditava assiduamente a doutrina de Cristo, especialmente naquelas palavras que dizem: *Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus!* (211) - *Se queres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres... Depois vem e segue-me!* (212) *Ninguém pode ser discípulo de Jesus se não renunciar a todas as coisas.* (213)

363. Sempre considerava que Jesus se tornou pobre, quis nascer, viver e morrer pobremente. Não me esquecia também de Maria santíssima, que sempre quis ser pobre. E tinha presente também que os apóstolos deixaram tudo para seguir a Cristo. Algumas vezes, o Senhor fazia com que eu sentisse os efeitos da pobreza, porém era por pouco tempo, logo me consolava dando-me o necessário. Nesses momentos, a alegria que eu sentia com a pobreza era maior que a dos ricos no meio de todas as suas riquezas. Os ricos com todas as suas riquezas não desfrutam o que eu desfruto com minha mui amada pobreza. (214)

364. Observei uma coisa que não posso deixar de registrar aqui: quando se é pobre voluntária e não forçosamente, mais saboreia a doçura da virtude da pobreza e, além do mais, pode-se dizer que Deus auxilia, de duas maneiras: ou movendo os corações dos que têm a dar qualquer coisa; ou conservando a vida daquele que assume generosamente a pobreza, mesmo que fique sem comer. De modo particular eu já pude vivenciar essas duas experiências.

365. Citarei alguns casos acontecidos comigo. Certa vez ia de Vic a Campdevánol, a fim de pregar um retiro espiritual a alguns sacerdotes que, com o senhor Cônego Soler, tinham-se recolhido naquela paróquia. Era nos últimos dias de julho. Fazia muito calor. (215) Estava com fome e sede e, ao passar em frente à Meson de San Quirico de Besora, a dona da Meson convidou-me para comer e beber. Respondi que não tinha dinheiro para pagar. (216) Ela respondeu-me que comesse e bebesse quanto necessitasse, que tudo seria oferecido de graça. Eu aceitei.

366. Certo dia, indo de Igualada a Barcelona, passando em frente à Meson de Molins del Rey, um pobre teve pena de mim, fez com que entrasse na Pousada e pagou-me um prato de feijão que lhe custou quatro

quartos (*moeda antiga de cobre de pouco valor*); alimentei-me muito bem, chegando com folga a Barcelona, naquela mesma tarde .(217)

367. Em outra ocasião, voltando da missão ao povo de Bagá, passei por Badella, Montanha de Santa Maria, Espinalbert, Pla d'en Llonch, até São Lourenço dels Piteus, sem nada comer durante o dia todo, caminhando sempre pelas mais escabrosas estradas, atravessando riachos e rios bastante caudalosos. Atravessar os rios era o que mais sentia. Sentia mais do que não ter o que comer, ainda que nisso o Senhor também me favorecia. (218)

368. Certa ocasião em que deveria atravessar o rio Besós, bastante caudaloso, quando já ia tirando os sapatos, aproximou-se de mim um menino desconhecido que me disse: - *Não tire os sapatos, que eu o carregarei.* - *Você me carregará? Você é muito pequeno; nem mesmo pode me suportar nas costas, quanto mais atravessar o rio.* - *Você verá,* respondeu-me o menino, *como o carregarei.* Realmente, carregou-me, e atravessou o rio sem que me molhasse.

369. Num riacho do outro lado de Manresa, as águas tinham subido tanto que as pedras estavam totalmente cobertas e, para não tirar os sapatos, resolvi passar pelas pedras aos pulos. Ao pular, batendo os sapatos, a água recuava, e, assim, pulando de pedra em pedra, atravessei o riacho, sem molhar-me. (219)

370. Observei que a santa virtude da pobreza servia, não só para a edificação de muitas pessoas, como também para derrotar o ídolo de ouro, além de auxiliar-me muitíssimo no progresso da humildade e avançar no caminho da perfeição. Além da experiência, procurava fortalecer-me com esta comparação: as virtudes são como as cordas de uma harpa ou de um instrumento de cordas. Entre elas a pobreza é a corda mais fina e mais curta, pois, quanto mais curta, mais agudo é o som. Assim, quanto menores os interesses, vantagens, riquezas da vida, tanto mais alta será a perfeição alcançada. Vemos o exemplo de Cristo que ficou quarenta dias e quarenta noites no deserto sem comer nada. Quando estava com os apóstolos comia pão de cevada e ainda assim às vezes faltava. Andavam tão abnegados que, certa vez, por colherem e debulharem espigas, em dia de festa, para matar a fome que os afligia, acabaram sendo repreendidos pelos fariseus. (220)

371. Além disso, a condição de pobreza abate o orgulho, desterra a soberba, abre caminho à santa humildade, dispõe o coração para receber novas graças e faz progredir de modo admirável na perfeição. Do mesmo modo que os fluidos, quanto mais finos e leves forem, mais depressa sobem, ao passo que os espessos são mais lentos e rasteiros. Ó Salvador meu! Fazei, vos suplico, que vossos ministros conheçam o valor da virtude da pobreza, que a amem e a pratiquem como vós nos haveis ensinado com obras e palavras! Ó que perfeitos seríamos se todos a praticássemos bem! Que frutos tão grandes produziríamos!

Quantas almas se salvariam! Ao contrário, porém, não praticando a pobreza, não há salvação. Como Judas, as pessoas se condenam por causa da cobiça.

Capítulo 25

Terceira virtude: A mansidão

372. Depois da humildade e pobreza, a virtude mais necessária a um missionário apostólico é a mansidão.(221) Por isso o próprio Jesus dizia a seus amados discípulos: *Aprende de mim que sou manso e humilde de coração e assim achareis repouso para vossas almas.* (222) Se a humildade é a raiz da árvore, a mansidão é seu fruto. Como dizia São Bernardo: (223) “Com a humildade se agrada a Deus e com a mansidão, ao próximo”. No sermão da montanha, Jesus disse: *Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra,* (224) não só a terra prometida, a pátria dos vivos, que é o céu, mas também os corações dos homens.

373. Não há virtude que atraia tanto as pessoas como a mansidão. Um tanque cheio de peixes dá-nos uma idéia desse poder. Se, por exemplo, jogarmos migalhas de pão no tanque, os peixes afluirão de todos os lados até se aproximarem da margem e chegarem perto de nossos pés. Se, porém, em vez de pão lhes atirmos uma pedra, todos eles fogem e se escondem. O mesmo acontece com os homens: se os tratarmos com mansidão, acorrem para ouvir a palavra de Deus e para se confessarem: se forem tratados com aspereza, perturbam-se, não ouvem a palavra de Deus, além de ficarem em suas casas murmurando contra o ministro do Senhor.

374. A mansidão é um sinal de vocação para o ministério de missionário apostólico. Quando Deus escolheu Moisés, concedeu-lhe a graça e a virtude da mansidão. Cristo era a mansidão personificada, tanto que o chamam de Cordeiro de Deus: *Será tão manso,* diziam os profetas, *que não quebrará o caniço rachado, não extinguirá a mecha que ainda fuma.* (225) *Será perseguido, caluniado e repleto de opróbrios e, como “se não tivesse língua, nada dirá”.* (226) Quanta paciência! Quanta mansidão! Trabalhou e sofreu em silêncio e, morrendo na cruz, nos redimiu, ensinando-nos como devemos fazer para salvar as almas, missão que ele mesmo nos confiou. (227)

375. Doutrinados pelo divino Mestre, os apóstolos viviam, praticavam e recomendavam a mansidão a todos, especialmente aos sacerdotes. Por exemplo, São Tiago dizia: *Quem dentre vós é sábio e inteligente? Mostre com um bom proceder as suas obras repassadas de doçura e de sabedoria. Mas, se tendes no coração um ciúme amargo e gosto pelas contendias, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que vem do alto, mas é uma sabedoria terrena, humana, diabólica”(Tg 3,13-15).*

376. A primeira vez em que li estas palavras do santo apóstolo Paulo, fiquei assustado ao ver que ele chama de diabólica a ciência sem doçura, sem mansidão. Jesus, diabólica!... Sim, é diabólica e, tenho por experiência que o zelo amargo é uma perigosa arma a serviço do demônio, daí que o sacerdote que trabalha sem mansidão, serve ao diabo e não a Cristo. Se prega, afugenta os ouvintes, se confessa, afasta os penitentes, e, se estes se confessam, confessam mal, porque o temor os perturba e os leva a ocultar os pecados. Tenho certeza disso, porque já ouvi muitíssimas confissões gerais de penitentes que em vezes passadas ocultaram os pecados por causa da aspereza dos confessores com quem iam se confessar.

377. Certa ocasião, no mês de Maria, muitas pessoas acorriam aos sermões e às confissões. Na mesma capela em que eu atendia confissões, atendia também um sacerdote muito zeloso e sábio. Fora missionário, porém, por causa da idade e da doença, tornara-se tão iracundo e de tão mau gênio que não fazia senão resmungar. Assim, os penitentes ficavam tão envergonhados e confusos que não completavam a confissão. Ficavam tão desconsolados que, para tranquilizarem-se, vinham confessar-se comigo. (228)

378. Como freqüentemente o mau gênio e a ira ou falta de mansidão acobertam-se com a máscara de zelo, estudei muito detidamente em que consistiam uma e outra, a fim de não passar pelo equívoco em algo tão importante. Conclui que a função do zelo é detestar, desprezar, combater e abater, se provável, tudo o que é contrário a Deus, à sua vontade e glória e à santificação de seu santo nome, conforme Davi que dizia: *Iniquitatem odio habui et abominatus sum; legem autem tuam dilexi*: Odeio o mal, eu o detesto, mas amo a vossa lei. (229)

379. Observei que o verdadeiro zelo nos transforma em pessoas ardentemente zelosas pela pureza das almas, que são esposas de Cristo, conforme os dizeres do apóstolo Paulo: *Eu vos consagro um carinho e amor santo, porque vos desposei com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura*. (230) Por certo Elieser se teria enchido de zelo se tivesse visto a casta e bela Rebeca correndo risco de ser violada, ele que a levava para esposa do filho de seu Senhor. Sem dúvida, diria a esta santa donzela: Sou zeloso por vós com o mesmo zelo que tenho por meu Senhor, porque os desposei com um homem para apresentar-vos uma virgem casta ao filho de meu amo Abraão. Com esta comparação se entenderá melhor o zelo do apóstolo Paulo e dos varões apostólicos. Dizia o mesmo em outra carta: *Eu morro todos os dias por vossa glória*. (231) *Quem está enfermo, que eu não esteja enfermo? Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de dor?* (232)

380. Para elucidar esta questão, os santos Padres recorrem à comparação da galinha (233) e dizem: olhem o amor, o cuidado e o zelo que a galinha tem pelos pintinhos. Normalmente é um animal tímido, covarde,

medroso, enquanto não cria; porém, quando é mãe, passa a ter um coração de leão: a cabeça sempre erguida, os olhos atentos, olhando para todos os lados, ao menor sinal de perigo para os pintinhos. Não há inimigo que não ataque para defendê-los. Vive em constante cuidado, fazendo-a cacarejar sem parar. É tão grande a força do amor aos seus filhotes, que anda sempre doente e descorada. Que lição tão interessante de zelo nos dais, Senhor, pelo exemplo da galinha!

381. Compreendi que o zelo é um ardor e veemência de amor que precisa ser sabiamente governado. De outra forma violaria os termos da modéstia e da discrição; não porque o amor divino, por veemente quer seja, possa ser excessivo em si mesmo, nem pelos movimentos ou inclinações que impõe ao espírito, mas porque o entendimento não escolhe os meios mais aptos ou os ordena mal, tomando caminhos muito ásperos e violentos; e, provocada a cólera, não podendo conter-se nos limites da razão, impele o coração em alguma desordem, fazendo com que o zelo por este meio se manifeste de maneira indiscreta e desregradamente, tornando-o mau e repreensível.

382. Quando Davi enviou o exército de Joab contra seu desleal e rebelde filho Absalão, recomendou-lhe que não o tocasse; porém Joab, estando em batalha, como uma fúria pelo desejo de vitória, matou o pobre com suas próprias mãos. (234) Deus pede ao missionário que combate os vícios, faltas e pecados. Recomenda-lhe, porém, que perdoe o pecador e que apresente a Deus esse filho rebelde, para que se converta, viva em graça e alcance a eterna glória.

383. Ó meu Deus, dai-me um zelo discreto e prudente, a fim de executar todas as coisas *fortiter et suaviter*, (235) com fortaleza, mas ao mesmo tempo suavemente, com mansidão e bons modos! Em tudo espero portar-me com uma santa prudência, lembrando que a prudência é uma virtude que nasce naturalmente com o homem, se cultiva com a instrução, se fortifica com a idade, se elucida na convivência com os sábios e se esclarece e se consuma com a experiência dos acontecimentos.

Capítulo 26

Quarta virtude: A modéstia (236)

384. Digo a mim mesmo: O missionário é o espetáculo de Deus, dos anjos e dos homens, (237) e, por isso mesmo, deve ser muito prudente e delicado nas suas palavras, obras e atitudes. Foi daí que tomei a resolução de, tanto em casa como fora, falar pouco e pensar bem nas palavras que dizia, visto a facilidade de as tomarem em sentido diferente do que se quer dizer.

385. Propus-me ao falar, não gesticular, pois em alguns lugares se torna ridículo. Resolvi que, quando tivesse de falar, falaria pouco, breve, de modo calmo e grave, sem entreter-me em tocar o rosto, a barba,

a cabeça e, muito menos o nariz, nem fazer trejeitos com a boca, nem falar coisas de zombaria ou de desprezo, nem ridicularizando, pois percebi que isso leva a perder muito a autoridade, o respeito e a veneração. O missionário que, por sua leviandade, pouca mortificação e pouca modéstia, incorre em semelhantes grosserias, dá prova de pouca virtude e manifesta pouca ou nenhuma educação.

386. Reconheci que o missionário devia estar em paz com todos, como disse o apóstolo Paulo. (238) Baseando-me neste princípio, nunca tive desavença com ninguém, pelo contrário, procurava ser benigno com todos e com ninguém fazia brincadeiras. Não gostava de piadas grosseiras nem caçoava de ninguém. Não gostava de rir, embora sempre manifestasse alegria, doçura e benignidade, pois lembrava-me que a Jesus jamais o viram rir, mas chorar sim algumas vezes. Também lembrava daquelas palavras: *Stultus in risu exaltat vocem suam; vir autem sapiens vix tacite ridebit*: O insensato eleva a voz quando ri, mas o homem sábio sorri discretamente.(239)

387. Como se sabe, a modéstia é virtude que nos ensina a fazer todas as coisas do melhor modo possível e, mais especificamente, tal como as fazia Jesus. Assim, em cada coisa me perguntava e pergunto com fazia isso Jesus Cristo: com que cuidado, com que pureza e retidão de intenção. Como pregava! Como comia! Como descansava! Como tratava com todas as classes de pessoas! Como orava! E assim em tudo, de tal forma que, com a ajuda do Senhor, me propunha imitá-lo em tudo, a fim de poder dizer sim, não só de palavra, mas com obras, como o Apóstolo: *Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo*. (240)

388. Ó meu Deus, entendi o quanto importava, para produzir fruto, que o missionário, não só seja irrepreensível, mas claramente virtuoso, pois as pessoas valorizam mais o que vêem no missionário do que aquilo que dele ouvem. Por isso de Jesus, modelo dos missionários, se diz: *Coepit facere et docere*, (241) primeiro fazer, depois ensinar.

389. Vós sabeis, ó meu Deus, que, não obstante meus propósitos e resoluções, as vezes que faltei contra a santa virtude da modéstia! Vós sabeis se acaso alguém se scandalizou por minha inobservância nesta virtude! Perdoai-me, ó meu Deus. Dou minha palavra que, colocando em prática as palavras do apóstolo Paulo, procurarei que minha modéstia seja notória a todos os homens; (242) será a mesma modéstia de Cristo, como tanto exortava o Apóstolo. (243) Meu Jesus, dou-vos a minha palavra: imitarei também o humilde São Francisco de Assis, que pregava com sua modéstia e com seus bons exemplos e convertia as pessoas. Ó Jesus do meu coração, eu vos amo e quisera atrair a todos a vosso santíssimo amor!

Quinta virtude: A mortificação (244)

390. Conheci que não podia ser modesto sem a virtude da mortificação. Procurei, pois, com todo empenho, ajudado pela graça de Deus, adquiri-la custasse o que custasse.

391. Assim, antes de mais nada, procurei privar-me de tudo que gostava, a fim de oferecê-lo a Deus. Sem saber como, senti-me como que obrigado a cumprir o que era apenas um propósito. Colocavam-se diante do entendimento as duas porções: a que se refere ao meu gosto e a que se refere a Deus. Como, mediante o entendimento, percebia essa incompreensível (incomparável) desigualdade, embora fosse coisa pequena, obrigava-me a seguir o que era do agrado de Deus. Assim, com muito prazer, abstinha-me daquele gosto para dá-lo a Deus. E isto acontece ainda hoje com todas as coisas: com a comida, bebida, descanso, no falar, olhar, ouvir, ir a algum lugar, etc. (245)

392. A graça de Deus muito me serviu para que alcançasse êxito na prática da mortificação, tanto no serviço às almas como para bem rezar.

393. Animaram-me, sobretudo, os exemplos de Jesus, de Maria e dos santos, cujas vidas estudei com muita atenção neste particular; e, para meu uso, fiz alguns apontamentos como os de São Bernardo, de São Pedro de Alcântara. De São Filipe Néri li que, *em Roma, após ter atendido, por trinta anos, as confissões de uma célebre senhora por sua formosura, ainda não a conhecia de vista.* (246)

394. Posso garantir que das muitas mulheres que se confessaram comigo, conheço-as mais pela voz que pela fisionomia, porque nunca olho para o rosto de uma mulher: ruborizo-me e fico envergonhado. Não que me causem tentações. Não as tenho, graças a Deus.(247) É um certo rubor que eu mesmo não sei explicar. Daí que, naturalmente, quase sem saber como, observo aquele documento tão repetido pelos santos padres que diz: *Sermo rigidus et brevis cum muliere est habendus*: Com mulher deve-se manter conversa séria e breve (248) *et oculos humi dejectos habe*: e conserva os olhos abaixados, (249) pois não consigo sustentar uma conversação com uma mulher, por melhor que seja. Com palavras breves e sérias digo-lhe o que convém e imediatamente a libero, sem olhar se é pobre, rica, bonita ou feia.

395. Quando pregava missões pela Catalunha, ficava hospedado nas casas paroquiais e nelas permanecia durante a missão; não me lembro de ter olhado jamais para o rosto de uma mulher, governanta, empregada ou parenta do pároco. Por isso, às vezes, acontecia, achando-me em Vic, ou em algum outro lugar, alguém que me dissesse: *Padre Claret, não me conhece? Eu sou a empregada ou a governanta da casa paroquial em que o Senhor esteve tantos dias pregando missões.* Porém, eu não a conhecia, não a olhava e, com os olhos baixos, perguntava-lhe: *O senhor pároco está bem?*

396. Ainda mais: reconheço que, sem uma graça especial, não seria possível; porém, assim foi. Durante a época em que permaneci em Cuba, seis anos e dois meses, crismei mais de trezentas mil pessoas, mais mulheres que homens, e mais jovens que idosas. Se me perguntarem qual o tipo de fisionomia que têm as mulheres da Ilha, diria que não sei, embora tenha crismado tantas, pois olhava rapidamente a frente, baixava os olhos e, com os olhos fechados as confirmava.

397. Além desse rubor natural que experimento na presença das mulheres, que me impede de fixá-las, há o desejo de produzir frutos nas almas. Lembro-me de ter lido há anos que um pregador muito famoso pregou e deu muito fruto naquele povoado. Depois as pessoas diziam: *Ó que santo!* E um homem mau respondeu: *Poderá ser santo, mas afirmo que gosta das mulheres, porque olhava para elas.* Bastou essa observação para neutralizar todo o prestígio do bom pregador naquele povoado e apagar todo o fruto que nele havia produzido sua pregação. (250)

398. Observei igualmente que se faz péssimo conceito do sacerdote que não mortifique a vista. Tenho lido que Jesus Cristo conservava sempre a vista mortificada e modesta e nas vezes que a levantou, os evangelistas consideraram algo extraordinário. (251)

399. Também o *ouvido* sempre procurava mortificá-lo, fugindo das conversas supérfluas e das palavras ociosas. Não tolerava as conversas que feriam a caridade: quando surgisse conversa desse tipo, retirava-me, mudava de assunto ou fazia cara feia. Também não queria saber de conversas relacionadas com comidas, bebidas, riquezas, coisas do mundo, notícias, políticas, evitando desde logo as leituras de jornais. Preferia ler um capítulo da santa Bíblia, pois sei que estou lendo a verdade, ao passo que nos jornais comumente há mentiras e coisas supérfluas. (252)

400. Procurava também mortificar-me continuamente no *falar*. Da mesma forma que não gostava de escutar, tampouco me era agradável o falar. Tinha como propósito não falar jamais do que havia pregado no sermão ou palestra, (253) pois assim como me desgostava que os outros falassem do que havia perorado, pensei que também seria desagradável aos demais se falasse daquelas coisas, por isso, fiz o propósito de jamais comentar; procurava fazê-lo da melhor forma possível e o colocava nas mãos de Deus. Procurava ser grato às pessoas que me exortavam, nunca procurava justificar ou escusar, mas corrigia-me no que fosse possível.

401. Observei que alguns fazem como as galinhas que cacarejam depois de ter botado o ovo e acabam perdendo-o. Observei que acontece o mesmo a alguns sacerdotes imprudentes: logo após terem ouvido confissões, pregado um sermão, dado uma palestra, ou feito qualquer boa obra, vão à procura da vaidade, falando com satisfação do quê e como disseram. Como já não gosto disso, penso que também seria desagradável a outros se falasse dessas mesmas coisas.

402. O que absolutamente não aceitava era que falassem de coisas ouvidas em confissão; em primeiro lugar, devido ao perigo de profanar o sigilo sacramental e, depois, pela má impressão que causa às pessoas que ouvem falar dessas coisas. Assim, tinha como propósito nunca falar de coisas nem de pessoas que se confessam, seja de pouco ou muito tempo que se confessaram, se fazem ou não confissão geral; em uma palavra, repugna-me ouvir sacerdotes falarem de pessoas que se confessavam e do tempo que não haviam confessado. Quando alguém me consultava, não admitia que alguém me dissesse: *Encontro-me nesse caso, que faço?* Respondia sempre que propusessem o caso na terceira pessoa. Por exemplo: Suponhamos que um confessor se encontrasse em uma situação dessa ou daquela natureza, que resolução se deveria tomar?

403. Uma das coisas que o Senhor me fez compreender é a conveniência de que o missionário se mortifique na *comida* e na *bebida*. Os italianos dizem: *Não se dá crédito aos santos que comem*. O povo em geral julga que os missionários são homens mais celestes que terrenos, como as imagens dos santos que não têm necessidade nem de comer nem de beber. Deus nosso Senhor, nesse particular, concedeu-me uma graça muito especial, de poder passar sem comer ou comendo muito pouco.

404. Três razões me levavam a não comer. A primeira era a falta de apetite ou de tempo, sobretudo antes de pregar ou quando havia muita gente para confessar. Em segundo lugar, para não ter o estômago pesado, mormente quando ia viajar. E, finalmente, abstinha-me de comer para edificar, pois observava que todos reparavam. Assim comia muito pouco, pouquíssimo, mesmo às vezes sentindo fome.

405. Quando me ofereciam algo, procurava pegar o menos possível e o inferior. Se chegasse a uma casa paroquial fora de hora, dizia-lhes que não preparassem nada mais que uma sopa e um ovo. Nunca comia carne e nem mesmo agora a como, mesmo que eu goste, pois vejo ser uma abstinência bastante edificante. Digo o mesmo quanto ao tomar vinho. Apesar de gostar, faz bom tempo que não o provo, a não ser para celebrar missa. Aguardente e licores, jamais os bebo, embora goste deles, pois já os experimentei em outros tempos. Reconheço que a abstinência de comida e bebida é muito edificante e, hoje em dia, necessária para fazer frente aos excessos que se cometem nas mesas.

406. No dia 04 de setembro de 1859, achava-me em Segóvia. Por volta das quatro e vinte e cinco da manhã, estava eu meditando, disse-me Jesus: *Antônio, ensinarás a teus missionários a mortificação na comida e na bebida*. Pouco minutos depois, a santíssima Virgem acrescentou: *Assim produzirás fruto, Antônio*. (254)

407. Naqueles dias, em Segóvia, preguei missões para o clero, para as monjas e para o povo na Catedral. Certo dia, à mesa, disseram-me que o bispo anterior, (255) muito zeloso, tinha pedido a alguns sacerdotes que saíssem em missão, como de fato aconteceu. Após boa caminhada, tiveram fome e sede; como

levassem comida e água, pararam para comer. Enquanto comiam, chegou a comitiva e pessoas da cidade para recepcioná-los. Por estarem comendo, ficaram tão desprestigiados que não obtiveram fruto algum. Assim me contaram. Nem sei por que motivo isso veio à tona, porém, para mim foi uma confirmação do que me haviam dito Jesus e Maria.

408. Sei que isto é muito edificante para um missionário e ainda agora tiro proveito. No palácio, freqüentemente há muitos convites, antes havia ainda mais e, entre os convidados, eu sempre sou um deles. Na medida do possível, procuro esquivar-me; porém, se não posso evitá-los, aceito-os. No entanto, é a ocasião em que como menos. Costumo comer uma concha de sopa e uma fruta, nada mais; vinho também não tomo, só água. Certamente os presentes reparam nesta minha atitude, ficando sumamente edificados.

409. Antes que eu estivesse em Madri, conforme percebi, cometiam-se algumas desordens, e realmente havia motivos para tanto, ao ver a grande quantidade de pratos tão apetitosos, tantas comidas deliciosas, tanto vinho à vontade; tudo convidava ao excesso. Porém, desde que comecei a estar presente, não notei nenhum tipo de extravagância; pelo contrário, parece-me que se limitam a tomar apenas o que necessitam, ao verem que eu me abstenho. Freqüentemente, na própria mesa, os que me ladeiam, falam de coisas espirituais e perguntam-me onde poderei atendê-los em confissão. (256)

410. A fim de edificar cada vez mais as pessoas, sempre me abstive de fumar e de cheirar rapé. Também nunca manifestei nenhuma forma de preferência entre uma e outra coisa. Isto vem de longe. E o Senhor já me cumulou com esta bênção celestial, tanto é que minha querida mãe (I.P.R.) morreu sem saber do que eu mais gostava. Como mamãe me amava muito, para agradecer-me, alguma vez perguntava do que eu mais gostava, e eu respondia que gostava do que ela me preparasse e me desse. E ela me respondia: *Eu sei disso, mas sempre gostamos mais de umas que de outras*. E eu tornava a responder-lhe que as coisas que ela me dava eram as que eu mais gostava. Como todo mundo, há coisas que gosto mais que outras, isto é natural, porém era tanto o gozo espiritual que sentia em fazer a vontade alheia que sobrepunha o gosto físico particular; assim não faltava com a verdade nas palavras que dizia sobre isto. (257)

411. Além de mortificar a vista, o ouvido, a língua, o gosto e o olfato, também procurava fazer alguns atos de mortificação. Por exemplo, às quartas e sextas-feiras tomava disciplina; às terças, quintas e sábados colocava cilício. Se o lugar era inadequado para a disciplina, fazia outra coisa equivalente. Por exemplo, rezava com os braços em cruz ou com os dedos debaixo dos joelhos.

412. Sei muito bem que os mundanos, aqueles que não têm o espírito de Jesus Cristo, desprezam e até censuram estas mortificações. Eu, porém, fico com aquilo que ensina São João da Cruz, que diz: “Se

alguém afirmar que pode ser perfeito sem a mortificação externa, não lhe deis crédito, nem mesmo que faça milagres para comprovar, pois é pura ilusão”. (258)

413. Observo que São Paulo mortificava-se e dizia publicamente: *Castigo corpus meum et in servitute redigo, ne forte cum aliis praedicaverim ipse reprobus efficiar*: Castigo meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir, eu mesmo ser excluído depois de ter pregado aos outros.(259) Todos os santos que viveram até aqui, todos agiram assim. Segundo o venerável Rodríguez a santíssima Virgem teria dito a Santa Isabel de Hungria que nenhuma graça espiritual vem à alma, regularmente falando, senão por meio da oração e das aflições do corpo. (260) Há um princípio que diz: *Da mihi sanguinem et dabo tibi spiritum*: Dá-me sangue e eu te darei espírito.(261) Ai daqueles que são inimigos dos açoites e da cruz de Cristo!

CAPÍTULO 28

A mortificação (continuação) (262)

414. Cheguei à conclusão de que, em um só ato de mortificação, podem-se praticar muitas virtudes, segundo os mais diversos fins a que a pessoa se propõe. Por exemplo:

1. O que mortifica seu corpo com a finalidade de refrear a concupiscência, faz um ato de virtude da *temperança*.
2. Se o faz com a finalidade de ordenar bem a vida, será um ato de virtude da *prudência*.
3. Se o faz com a finalidade de reparação por faltas da vida passada, realizará um ato de *justiça*.
4. Se o faz para vencer as dificuldades da vida espiritual, será um ato de *fortaleza*.
5. Se o faz com a finalidade de oferecer um sacrifício a Deus, privando-se do que lhe agrada e praticando o que lhe custa e repugna, será um ato da virtude da *religião*.

415.

6. Se o faz com a finalidade de receber maior luz para conhecer os divinos atributos, será um ato de *fé*.
7. Se o faz com a finalidade de assegurar sua salvação, será um ato de *esperança*.
8. Se o faz com a finalidade de ajudar à conversão dos pecadores e em sufrágio das almas do purgatório, será um ato de *caridade* para com o próximo.

9. Se o faz com a finalidade de ter mais com que socorrer os pobres, será um ato da virtude da *misericórdia*.

10. Se o faz com a finalidade de agradar mais a Deus, será um ato de *amor a Deus*.

Em cada ato de mortificação poderá exercitar todas estas dez virtudes, segundo a finalidade a que se proponha.

416. A virtude tem tanto mais mérito, mais brilha e mais arrebatada quanto mais acompanhada de sacrifícios.

417. O homem mesquinho, fraco, pusilânime e covarde nunca faz sacrifício algum, nem é capaz de fazê-lo, pois não resiste a nenhum desejo ou apetite da concupiscência. Concede tudo o que a concupiscência lhe pede, nada nega à sua paixão, porque é um covarde e mesquinho que se deixa vencer e se rende. A exemplo do que acontece numa luta, na qual o valente vence o covarde, assim é o vício e o viciado, pois este fica vencido e aprisionado pelo vício. Aí está a razão por que a castidade e a continência são tão louvadas, pois fazem com que o homem se abstenha dos prazeres e deleites que a sua natureza e paixão lhe oferecem.

418. Segue-se daí que, quanto maior o prazer de que se abstenha; quanto mais intensa e extensa a dor que tiver de tolerar; quanto maior o respeito humano ou a repugnância que tiver de vencer; ou quanto maiores sacrifícios que tiver de fazer, maior será o mérito, por fazer e sofrer tudo por amor à virtude e para a maior glória de Deus.

419. Exteriormente, propus-me a modéstia e o recolhimento e, interiormente, uma contínua e ardente ocupação com Deus, nos trabalhos, na paciência, no silêncio e no sofrimento. Além disso, procuro o cumprimento exato das leis de Deus e da Igreja e as obrigações do meu estado: fazer o bem a todos, fugir dos pecados, das faltas e imperfeições e praticar as virtudes.

420. Em todos os acontecimentos desagradáveis, dolorosos e humilhantes que me ocorrem, sempre penso que são permitidos por Deus, para meu próprio bem. Portanto, no mesmo instante em que me vêm os momentos desagradáveis, em silêncio e com resignação dirijo-me à sua santa vontade, lembrando aquilo que o Senhor disse: *Não cairá nenhum cabelo da cabeça, se não for da vontade do Pai celestial, que tanto me ama.* (263)

421. Reconheço que uma hora de sofrimento que o Senhor me permite equivale a trezentos anos de fiel serviço a Deus, tão grande é o seu valor. Ó meu Jesus e meu mestre! O atribulado, perseguido e desamparado de amigos, o crucificado por trabalhos exteriores e por cruzes interiores, o desamparado

de consolo espiritual, que cala, sofre e persevera com amor, este é vosso amado e o que vos agrada e a quem mais estimais. (264)

422. Por esse motivo é que fiz o propósito de jamais me escusar nem de me defender das calúnias, das censuras e perseguições que lançarem contra mim, pois isso acarretaria perda diante de Deus e dos homens. Estes se valeriam de meus próprios argumentos como armas para se voltarem contra mim.

423. Creio que tudo vem de Deus e que ele me pede esse obséquio: suportar com paciência e por seu amor, os sofrimentos do corpo, da alma e da própria honra. Creio que, ao me calar e sofrer a exemplo de Jesus abandonado na cruz, estarei agindo para a maior glória de Deus.

424. O agir e o sofrer são as grandes provas do amor.

425. Deus se fez homem. Porém, que homem? Como nasce? Como vive? Como morre! *Ego sum vermis, et non homo, et abjectio plebis*: Eu sou um verme, não sou homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe. (265) Jesus é Deus e homem, porém a divindade não ajuda a humanidade em seus sofrimentos e dores, como a alma do justo que está no céu, não ajuda o corpo que apodrece na terra.

426. Deus protegia os mártires de modo todo particular; Jesus, porém, o homem das dores, Deus o abandonou aos seus sofrimentos e penas. O corpo de Jesus era mais delicado que o nosso e, por isso mesmo, mais suscetível de dores e sofrimentos. Quem é capaz de imaginar o tanto que Jesus sofreu? O sofrimento esteve presente em toda a trajetória de sua vida. Quanto haveria de sofrer por nosso amor! Oh, que sofrimento tão prolongado, tão intenso e extenso!

427. Ó Jesus de minha vida! Pelo que pude constatar, sei que os sofrimentos, as dores e os trabalhos são as divisas do apostolado. Com vossa graça as abraço, delas me revisto. (266) Meu Senhor e meu Pai, estou pronto para beber este cálice de purificação interior e decididamente disposto a receber este batismo de provações externas. E digo: Longe de mim gloriar-me em outra coisa a não ser em vossa cruz, na qual estais pregado por mim, e eu também quero estar pregado por vós. (267) Assim seja.

Capítulo 29

Virtudes de Jesus que me propus imitar (268)

428. 1. Humildade, obediência, mansidão e caridade: estas virtudes brilham singularmente na cruz e no Santíssimo Sacramento do Altar. Ó meu Jesus, fazei que vos imite!

429. 2. *Roupa*: Jesus, durante toda a sua vida, teve somente uma túnica, feita por sua mãe e um manto ou capa, (269) mesmo assim, na hora de sua morte despojaram-no, morrendo nu, descalço e sem chapéu nem gorro. (270)

430. 3. *Alimentação*: Pão e água durante os trinta anos de vida oculta. No deserto, após quarenta dias de rigoroso jejum, os anjos levaram-lhe pão e água, como a Elias. (271) Nos anos restantes da sua vida pública comia o que lhe davam e se conformava. O alimento que tomava com os apóstolos era pão de cevada e peixe assado e, ainda assim, nem sempre, pois tinham que colher espigas em dia de sábado e ainda serem criticados. (272) Na cruz, no momento em que disse ter sede, não lhe deram senão fel e vinagre, aumentando ainda mais o seu tormento. (273)

431. 4. *Morada*: Não possuía. As aves têm seus ninhos, as raposas, suas tocas, Jesus, porém, não tem sequer uma pedra onde reclinar a cabeça. (274) Nasce num presépio. Para viver escolhe o desterro no Egito. Reside em Nazaré e em qualquer outra parte, e morre numa cruz.

432. 5. *Viagens*: Anda sempre a pé, com exceção daquela vez em que monta num jumento para entrar em Jerusalém, cumprindo as profecias. (275)

433. 6. *Dinheiro*: Não teve. Para pagar o imposto, manda Pedro tirar o necessário da boca de um peixe. (276) Se pessoas piedosas lhe dão alguma esmola, quem a guarda é Judas, o único apóstolo infiel.

434. 7. *Durante o dia*, pregava e curava, *à noite* rezava. *Et erat pernoctans in oratione Dei*: E passou toda a noite orando a Deus. (277)

435. 8. *Jesus era amigo* das crianças, dos pobres, dos enfermos e dos pecadores.

436. 9. *Não buscava sua própria glória*, mas a do Pai celeste. (278) Fazia tudo para cumprir a vontade do Pai e salvar os homens, suas queridas ovelhas, e, como bom pastor, deu a vida por elas. (279)

437. Ó meu Jesus! Dai-me vossa santíssima graça, a fim que vos imite na prática de todas as virtudes. Vós bem sabeis que convosco tudo posso e sem vós não consigo absolutamente nada.

Capítulo 30

A virtude de amor a Deus e ao próximo (280)

438. A virtude mais necessária é o amor. Sim, digo-o e o repetirei mil vezes: a virtude mais necessária ao missionário apostólico é o amor. Deve amar a Deus, a Jesus Cristo, a Maria santíssima e ao próximo. Sem esse amor, suas mais belas qualidades são inúteis, mas, se acompanhadas de grande amor, tudo possui.

439. Para o que prega a divina palavra, o amor é como o fogo em um fuzil. Se um homem atirar uma bala com a mão, pouco estrago faz, mas, se essa mesma bala for arremessada com o fogo da pólvora,

mata. Assim é a palavra de Deus. Se for dita naturalmente, sem espírito sobrenatural, pouco bem faz, mas se for dita por um sacerdote cheio do fogo da caridade, do amor a Deus e ao próximo, extirpará vícios, destruirá pecados, converterá pecadores, operará prodígios. Vemos isto em São Pedro, ao sair do cenáculo, ardendo no fogo do amor, que havia recebido do Espírito Santo, e o resultado foi a conversão de oito mil pessoas em dois sermões: três mil no primeiro e cinco mil no segundo. (281)

440. O Espírito Santo, aparecendo sob a forma de línguas de fogo pousando sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, dá-nos a entender claramente esta verdade: que o missionário apostólico precisa carregar chamas do fogo divino da caridade na língua e no coração. Certa vez, um jovem sacerdote perguntou ao venerável Ávila o que era preciso para se tornar um bom pregador, e ele respondeu muito oportunamente: *Amar muito*. (282) A experiência ensina, e a história da Igreja confirma, que os melhores e maiores pregadores foram os que mais fervorosamente souberam amar.

441. Na verdade, o fogo da caridade num ministro do Senhor produz o mesmo efeito que o fogo numa locomotiva de trem, e a máquina em um barco a vapor: arrasta-os com a maior facilidade. (283) Para que serviria toda aquela máquina se não tivesse o fogo e o vapor? Para nada serviria. De que valeria um sacerdote ter feito uma carreira brilhante, ter-se formado em teologia e em direito, se não tem o fogo da caridade? De nada. Para ninguém serviria porque seria uma máquina de trem sem fogo, antes, pelo contrário, talvez pudesse até estorvar. Não serviria nem para ele pessoalmente, como diz São Paulo: *Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine*. (284)

442. Estou muito convencido da utilidade e necessidade do amor para ser um bom missionário: empenhei-me em buscar este tesouro escondido, ainda que fosse preciso vender tudo para comprá-lo. Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que os meios mais adequados para consegui-lo eram os seguintes: 1º Guardando bem os mandamentos da lei de Deus; 2º Praticando os conselhos evangélicos; 3º Correspondendo com fidelidade às inspirações internas; 4º Fazendo bem a meditação. (285)

443. 5º Pedindo-o e suplicando-o, contínua e incessantemente, sem jamais desfalecer ou cansar, por mais que tarde em alcançá-lo. (286) Orando a Jesus e a Maria santíssima e pedindo, sobretudo, a nosso Pai que está nos céus (pelos méritos de Jesus e Maria santíssima), certo de que o bom Pai dará o divino Espírito àquele que assim o pede. (287)

444. 6º O sexto meio é ter fome e sede deste amor. Assim como aquele que tem fome e sede corporais, sempre pensa em como poderá saciar-se e pede ajuda a todos os conhecidos, também eu procuro, ansiosa e ardentemente. Dirijo-me ao Senhor e digo-lhe de todo o meu coração: Ó meu Senhor, vós sois meu amor! Vós sois minha honra, minha esperança, meu refúgio! Vós sois minha vida, minha glória, meu

fim! Ó amor meu! Ó bem-aventurança minha! Ó conservador meu! Ó alegria minha! Ó reformador meu!
Meu mestre! Meu Pai! Meu amor!

445. Não busco, Senhor, nem quero saber outra coisa senão vossa santíssima vontade para cumpri-la com toda perfeição. Não amo senão a vós. Em vós, unicamente por vós, e para vós são todas as demais coisas. Sois para mim sufficientíssimo. Senhor, vós sois meu Pai, meu amigo, meu irmão, meu esposo, meu tudo. Eu vos amo, meu Pai, fortaleza minha, meu refúgio e meu consolo. Fazei, meu Pai, que vos ame como vós me amais e como quereis que eu vos ame. Ó meu Pai! Bem sei que não vos amo o quanto deveria amar-vos, porém, estou certo de que virá o dia em que vos amarei o quanto desejo amar-vos, porque vós me concedereis o amor que vos peço por Jesus e por Maria. (288)

446. Ó Meu Jesus! Peço-vos uma coisa e sei que quereis concedê-la. Sim, meu Jesus, peço-vos amor, grandes chamadas desse fogo que fizestes baixar do céu à terra. Vem, fogo divino! Vem, fogo sagrado, incendeia-me, abrasa-me, derrete-me e funde-me para que assumo o molde da vontade de Deus.

447. Ó mãe minha Maria! Mãe do divino amor, não posso pedir outra coisa mais agradável nem mais fácil de conceder que o divino amor, concedei-o, ó minha Mãe! Minha Mãe, amor! Minha Mãe, tenho fome e sede de amor, socorrei-me, saciai-me! Ó Coração de Maria, frágua e instrumento de amor, inflamai-me no amor de Deus e do próximo! (289)

448. Ó querido próximo, eu te amo por mil razões. Amo-te porque Deus assim o quer. Amo-te porque Deus me manda que te ame. Amo-te porque Deus te ama. Amo-te porque Deus te criou à sua imagem e te destinou para o céu. Amo-te porque foste redimido pelo sangue de Jesus Cristo. Amo-te pelo muito que Jesus fez e sofreu por ti. E, como prova de meu amor por ti, suportarei por ti todas as dificuldades e trabalhos, até a morte, se for necessário. Amo-te porque Maria santíssima, minha queridíssima Mãe, te ama. Amo-te porque és amado pelos anjos e santos do céu. Amo-te e, por este amor, te livrarei dos pecados e das penas do inferno. Amo-te e, por este amor, te instruirei e te mostrarei os males que deves evitar e as virtudes que deves praticar; enfim, te acompanharei nos caminhos das boas obras rumo ao céu.

449. Estou ouvindo uma voz que me diz: “O homem necessita de alguém que lhe esclareça quem ele é, que o instrua acerca de seus deveres, que o dirija para a virtude, renove seu coração, que o restabeleça em sua dignidade e em seus direitos; e isto tudo se faz por meio da palavra”. (290) A palavra foi, é, e sempre será a rainha do mundo.

450. A palavra de Deus tirou do nada todas as coisas. A palavra divina de Jesus restaurou todas as coisas. Jesus Cristo disse aos Apóstolos: *Euntes in mundum universum, praedicate evangelium omni creaturae*: Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda criatura. (291) São Paulo disse a seu discípulo Timóteo:

Predica verbum: Prega a palavra.(292) A sociedade parece por porque privou a Igreja de sua palavra, que é palavra de vida, palavra de Deus. As sociedades estão desfalecidas e famintas por não receberem o pão cotidiano da palavra de Deus. Todo propósito de salvação será estéril se não restaura, em toda a plenitude, a grande palavra católica.

451. O direito de falar e de ensinar as pessoas que a Igreja recebeu do próprio Deus, na pessoa dos apóstolos, foi usurpado por uma turba de jornalistas obscuros e de ignorantíssimos charlatões.

452. O ministério da palavra, sendo, ao mesmo tempo, o mais nobre e invencível de todos, e por ele foi conquistada a terra, está se convertendo, em todas as partes, de ministério de salvação em ministério abominável de ruína. Assim, como nada e ninguém pôde frear seus triunfos nos tempos apostólicos, também nada e ninguém poderá conter, hoje, seus estragos, se não se fizer frente, por meio da pregação dos sacerdotes e mediante a distribuição abundante de bons livros e de outros escritos santos e salutareos.

453. Ó Meu Deus! Prometo-vos que o farei. Pegarei, escreverei e farei circular livros bons e folhetos em abundância, a fim de sufocar o mal com a abundância do bem. (293)

Capítulo 31

Pregação e perseguições

454. Até aqui falei dos meios através dos quais me valia e das virtudes que deveria cultivar para produzir fruto nos povoados aos quais era enviado pelos bispos, já que sem obediência não queria ir a nenhum lugar. Agora falarei dos povoados em que estive e do que fazia nesses lugares. (294) Desde o início de 1840, quando voltei de Roma, até começo de 1848, época em que fui a Madri e ocasião em que me dirigi às Ilhas Canárias em companhia de D. Codina, bispo daquelas ilhas, preguei em Viladrau, Seva, Espinelvas, Artés, Igualada, Santa Coloma de Queralt, Prats del Rey, Calaf, Calldetenas, Vallfogona, Vidrá, San Quirico, Montesquieu, Olot, Olost, Figueras, Bañolas, San Feliu de Guíxols, Lloret, Calella, Malgrat, Arenys de Mar.

455. Preguei também em Arenys de Munt, Mataró, Teyá, Masnou, Badalona, Barcelona, Sampedor, Sallent, Balsareny, Horta, Calders, Moyá, Vic, Gurb, Santa Eulália, San Feliu, Estany, Oló, São João de Oló, (295) Pruit, San Feliu de Pallarols, Piera, Pobla de Lillet, Bagá, San Jaime de Frontanyá, Solsona, Anglesola, San Lorenzo dels Piteus, Lérida, Tarragona, Torredembarra, Altafulla, Constantí, La Selva, Valls, Alforja, Falset, Pont de Armentera, Barberá, Montblanch, Vimbodí, Vinaixa, Espluga de Francolí, Cornudella, Prades, Villanueva de Prades e outros e outros... (296)

456. Não me deslocava imediatamente de uma povoação a outra. Ao contrário, ia a uma, concluída aquela, ia a outra bem longe, ou porque o pediam a meu superior, o bispo de Vic, ao qual sempre o obedecia com espírito de submissão, ou porque o exigiam as circunstâncias daqueles tempos tão turbulentos, em que os ministros da religião e do bem sofriam muitas perseguições.

457. Em cada lugar em que pregava, até a metade da pregação era muito perseguido e caluniado. Mas do meio em diante, todos se convertiam e passavam a me elogiar; e então começavam as perseguições por parte das autoridades, do governo e demais dirigentes. Eis aí, portanto, por que meu bispo me fazia passar de um local a outro bem distante. Desta forma embaía-se a perseguição que o governo movia contra mim, pois, quando se tomavam providências contra mim em uma província da Catalunha, eu já tinha terminado a missão e passado a outra província; e quando me perseguiram nesta, passava para outra, e assim por diante. Desta forma, o governo que me perseguia a fim de prender-me, jamais conseguiu nada. (297)

458. O general Manzano (298) disse-me pessoalmente depois, estando os dois em Cuba, eu como arcebispo e ele como governador da cidade de Santiago, que ele tinha ordem de prender-me, não porque suspeitasse alguma coisa minha contra o governo, pois todos os governantes sabiam que eu jamais me metia em política, mas porque tinham medo ao ver a multidão de pessoas que de todas as partes se reuniam quando eu pregava; temiam também, devido ao prestígio que eu tinha, que à menor insinuação minha, poderia provocar uma sublevação. Por isso buscavam prender-me, porém jamais o conseguiram, seja pela estratégia de mudar para lugares distantes, e também porque Deus nosso Senhor não o quis, e esta é a razão principal. Deus nosso Senhor quis que a palavra fosse anunciada a todos os povos, enquanto o demônio procurava corromper as pessoas por meio de bailes, teatros, paradas militares, guardas, maus livros, periódicos licenciosos, etc, etc.

459. Aos domingos e dias santos, em muitas povoações, como os homens viviam armados, faziam-nos assistir as manobras militares. Desta forma não podiam participar da missa e a demais deveres religiosos, como era seu costume. Impedia-se o bem e fomentava-se toda espécie de males. Por toda parte não se via senão escândalos e horrores e não se ouviam senão blasfêmias e disparates. Parecia que o inferno estava solto.

460. Quanto a mim, durante estes sete anos ia de um lugar a outro. (299) Viajava sozinho e a pé. Levava comigo um mapa da Catalunha, forrado com tecido e dobrado, através do qual me orientava. Media as distâncias e marcava os lugares de pousada. Viajava cinco horas pela manhã e outras cinco à tarde, às vezes debaixo de chuva, outras vezes com neve e, no verão, sob um sol abrasador. Este era o tempo que mais me fazia sofrer. Como andava sempre com batina e capote, o mesmo traje de inverno, no verão sentia calor; além disso, os sapatos e meias de lã provocavam bolhas nos pés, de modo que, às vezes, me

faziam andar mancando. A neve também me deu ocasião de exercitar a paciência, especialmente quando nevava muito e cobria tudo e o caminho ficava oculto, por isso caminhava de lado e caía dos barrancos cheios de neve. (300)

461. Como sempre andava a pé, procurava juntar-me aos tropeiros e demais viajantes, a fim de falar-lhes alguma coisa de Deus e instruí-los nas coisas da religião, e com isso percorríamos sem perceber o caminho e nos sentíamos confortados. Certa ocasião ia de Bañolas a Figueras (301) para pregar uma missão. Ao passar por um rio havia uma grande pedra, duas vigas faziam de ponte: uma das margens à pedra e outra, da pedra à outra margem. Atravessava o rio, juntamente com outras pessoas. Ao chegar à pedra no meio do rio, soprava um vento tão forte que deslocou a viga que estava à minha frente e o homem que andava nela. Os dois caíram na água. Eu fiquei no meio do rio, em cima da pedra, firmando-me com um pau e resistindo ao embate do vento, até que um homem desconhecido, carregando-me nos ombros, atravessou o rio e me deixou na outra margem. Continuei a viagem, porém sempre com um vento tão forte que, não poucas vezes, me tirava do caminho. Os que viajaram por Ampurdán sabem que por lá sopra um vento tão forte a ponto de transportar de lugar as montanhas de areia de Bagú.

462. Não enfrentei somente o frio e o calor, neves e lamas, chuvas e ventos, rios e mares como aconteceu no caminho de São Feliu a Tossa, quando tivemos que enfrentar, não somente a correnteza e a tempestade, (302) mas também os demônios que me perseguiram muitíssimo. Certa ocasião, rolaram uma pedra no caminho por onde eu passava. Outra vez, num domingo à tarde, pregava num lugar chamado Sarreal, com a igreja repleta de gente, quando, de repente, o demônio fez cair do arco principal uma grande pedra que se despedaçou no meio do auditório. No entanto, para admiração e todos, ninguém ficou ferido. (303)

463. Às vezes acontecia que, durante a pregação, e muita gente ouvindo-me piedosamente, aparecia satanás sob a figura de um aldeão assustado e punha-se a gritar que a aldeia estava pegando fogo; como já conhecia toda essa trama e vendo que o auditório se alarmava com a notícia, desde o púlpito dizia: Calma! Não há fogo nenhum. É uma cilada do inimigo. No entanto, para maior tranquilidade vossa, que vá alguém ver onde há fogo e, se for verdade, todos nós iremos apagá-lo. Porém, digo-vos que não há fogo. Não passa de uma invenção do diabo para impedir vosso aproveitamento. E era assim mesmo. Quando pregava ao ar livre, ameaçava-nos com tempestades. (304) A mim pessoalmente chegou a provocar enfermidades terríveis e, quando estava ciente de que era obra do inimigo, logo ficava completamente curado, sem necessitar de remédio algum. (305)

464. Se a perseguição que o inferno movia contra mim era grande, a proteção do céu era bem maior. Percebia visivelmente a proteção da santíssima Virgem, dos anjos e santos que me guiavam por caminhos desconhecidos, livravam-me de ladrões e assassinos e, sem eu saber, me levavam a porto

seguro. Deus lhes pague. Muitas e muitas vezes correu a notícia de que me haviam assassinado, fazendo com que as boas almas me aplicassem sufrágios. Deus lhas pague.

465. Em meio a todas essas vicissitudes, passava de tudo. Momentos bons, outros amargos, a ponto de me tirarem o gosto pela vida; daí minha única preocupação era pensar e falar do céu, e isto me consolava e me animava muito. Habitualmente não recusava os sofrimentos; ao contrário, amava-os e desejava morrer por Jesus Cristo. Não me expunha temerariamente aos perigos, mas gostava que o superior me enviasse a lugares perigosos, a fim de ter a felicidade de morrer mártir por Jesus Cristo.

466. Na província de Tarragona, o governo regional e todo o povo me queriam muito bem; todavia, alguns queriam assassinar-me. O arcebispo (306) sabia disso e, um dia conversando com ele sobre os perigos, eu lhe disse: Excelentíssimo senhor Arcebispo, eu não me afasto nem me detenho por isso. Mande-me a qualquer ponto da sua diocese e irei com gosto, mesmo sabendo que no caminho haja duas filas de assassinos com o punhal na mão à minha espera. Não recuarei, caminharei sempre em frente. *Lucrum mori*: Morrer é lucro para mim.(307) Esse meu “lucro” é o desejo de morrer assassinado por Jesus Cristo.

467. Todas as minhas aspirações sempre foram morrer num hospital como um pobre ou num patíbulo como mártir, ou assassinado pelos inimigos da sacrossanta religião que professamos e pregamos. Quisera eu selar, com meu sangue, tanto as virtudes como as verdades que tenho pregado e ensinado. (308)

CAPÍTULO 32

O que pregava e como pregava

468. Em todos os povoados mencionados no capítulo anterior e em outros que não mencionei, preguei diferentes funções religiosas e com nomes diferentes. Embora não lhe desse o nome de missões, porque as circunstâncias daqueles tempos não o permitiam, contudo, os assuntos eram propriamente de missão: Quaresma, Mês de Maria, Quinzenário do Rosário, Novenário das almas, Oitavanário do Sacramento, Setenário das Dores. Estes eram os nomes que dávamos às funções e, embora o nome fosse de novena, se necessário, estendiam-se os dias o suficiente para as pregações. (309)

469. Em cada uma das referidas povoações houve uma ou mais dessas pregações em um ou mais anos, e sempre com grande fruto. Em todas as partes houve conversões, algumas comuns, outras, grandes e extraordinárias. No início todos vinham para me ouvir, uns com boa vontade, outros por curiosidade e ainda os mal-intencionados, no mínimo para me pegarem em flagrante.

470. Ao iniciar minhas atividades, jamais fazia referências aos vícios e falhas daquela povoação. Sempre lhes falava de Maria santíssima, do amor de Deus, etc; desta forma, como os maus e os corruptos percebiam que eu não os maltratava, e que tudo era amor, doçura, caridade, fazia com que eles se interessassem em voltar mais vezes. E, tratando progressivamente dos novíssimos, atingia a todos, sem que se sentissem ofendidos, até que finalmente mudavam totalmente de vida. Desta maneira, nos últimos dias da missão já se podia falar abertamente dos vícios e falhas predominantes. (310)

471. Pensava que certa classe de pecadores devem pegos com o mesmo método de cozinhar caracóis. Colocados na água fresca, que eles gostam, se esticam e saem o mais possível de sua casca. Entretanto, o que os cozinha tem o cuidado de aquecer a água pouco a pouco e os caracóis insensivelmente vão morrendo e cozinhando. Porém, se o que cozinha os caracóis cometesse a imprudência de jogá-los na água quente, eles se recolheriam em sua casca e por nada se poderia tirá-los de lá. Assim acontece com os pecadores. Se no início de uma função se investe com violência, os que estiverem assistindo por curiosidade ou por malícia, ao ouvir aquela descarga, escondem-se na casca da própria obstinação e malícia e, longe de converterem-se, não farão mais que desacreditar o missionário e ridicularizar a quantos estejam dispostos a ouvi-lo e a confessar-se. Porém, ao agir com doçura, delicadeza e amor se deixam atingir muito bem.

472. Entre a multidão de pecadores convertidos, merece especial menção a conversão do senhor Miguel Ribas. Homem abastado de Alforja, povoação do arcebispado de Tarragona. (311) Esse senhor tinha uma vida bastante moderada: fazia anualmente retiro espiritual no convento ou no colégio dos Missionários Padres de São Francisco de Escornalbou. Nele vivia um cunhado seu religioso. Vendo os padres a calamitosa situação à qual se aproximavam, confiaram-lhe os documentos que julgaram convenientes; porém, foi tão inoportuno para ele, que passou a não dar crédito a nenhum sacerdote. Fez prosélitos e, em pouco tempo, eram piores que o mestre.

473. Seu dogma e sua moral consistiam em não obedecer a ninguém. Os filhos não deviam obediência aos pais; as mulheres, a seus maridos; os súditos, a seus superiores. Deviam comungar diariamente, mas sem jejum, etc., etc. O senhor Miguel converteu-se e, tendo resolvido retratar-se, fez a retratação através de escritura pública passada em cartório, na casa do pároco, na presença de onze testemunhas tiradas dentre os homens mais distintos da comunidade, conforme disposição do bispo de Tarragona. (312)

474. Por todos os lugares onde ia pregar, não me dirigia somente ao povo em geral, mas também aos sacerdotes, estudantes, religiosos e religiosas, aos doentes dos hospitais, aos encarcerados, e demorava

mais ou menos tempo, segundo a oportunidade. Costumava, porém, dedicar-me aos sacerdotes durante uns dez dias, com pregação pela manhã e à tarde, além de pregar-lhe exercícios espirituais.

475. Enquanto ia pregando de uma povoação a outra, tentava encontrar meios para tornar mais duradouros os frutos das missões e dos retiros que pregava. Cheguei à conclusão de que o meio mais eficaz para atingir tal objetivo era distribuir por escrito tudo aquilo que lhes tinha falado. Eis a razão pela qual comecei a escrever livrinhos e folhetos para as mais diversas categorias de pessoas, intitulado-os *Avisos* aos sacerdotes, aos pais de família, etc, etc.

476. Tanto os livretes com os folhetos deram um bom resultado. Para melhor propagá-los resolvi fundar a Livraria Religiosa. Ajudado pela graça de Deus, pela proteção de nossa Senhora de Montserrat, e acompanhado pelos senhores José Caixal e Antonio Palau, então cônegos de Tarragona e atualmente o primeiro é bispo de Urgel e o segundo, de Barcelona. Como naqueles tempos estivesse pregando missões naquela diocese, consultei-os sobre este assunto e eles, como homens sábios e zelosos da maior glória de Deus, ensino e salvação das almas, me ajudaram muitíssimo, de modo que, em dezembro de 1848, encontrando-me nas Ilhas Canárias, já começou a sair o primeiro livro que a Livraria Religiosa imprimiu, o *Catecismo Explicado*. Até o presente continua produzindo. As obras impressas já formam um grande catálogo. Algumas delas ampliam sua tiragem a cada reimpressão. Um bom exemplo é o livro *O caminho reto*; a impressão atual é a de número trinta e nove. Que tudo seja para a maior glória de Deus e de Maria santíssima e pela salvação das almas. Amém.

Capítulo 33

Missionário nas Ilhas Canárias (313)

477. O mundo sempre procurou criar-me dificuldades e perseguir-me. Mas Deus nosso Senhor cuida de mim e frustra todos os seus planos de iniquidade. Em agosto de 1847, alguns chefes de um certo grupo chamado *Matinés* ou *Os madrugadores*, começaram a se destacar em diversos pontos de Catalunha. Os jornais que falavam desses chefes afirmavam que eles nada faziam sem antes consultar *Mosén Claret*.⁽³¹⁴⁾ Diziam isto unicamente para comprometer meu nome e ter um pretexto para prender-me e impedir a pregação; Deus nosso Senhor, porém, conduziu as coisas de uma tal forma que me livrou de suas garras e enviou-me a pregar nas Ilhas Canárias. Sucederam-se os fatos da seguinte maneira:

478. Estando de passagem por Manresa, fui pregar às Irmãs de Caridade, residentes no hospital daquela cidade. ⁽³¹⁵⁾ Lá a superiora me informou que o padre Codina havia sido eleito bispo das Canárias. ⁽³¹⁶⁾ Ela me perguntou, então: Você gostaria de ir pregar naquelas ilhas? Respondi-lhe que não tinha gosto

nem vontade. Gostava, sim, de ir para onde meu prelado de Vic me enviasse. Portanto, se ele me enviasse para Canárias, iria com tanto gosto como a qualquer outro lugar. (317) E a nossa conversa ficou nisso.

479. A irmã, por própria iniciativa, escreveu ao bispo Codina, narrando-lhe minha resposta. Este, por sua vez, escreveu imediatamente ao bispo de Vic, do qual recebi ordens de ficar à disposição do bispo eleito das Canárias. Dom Codina encontrava-se em Madri e daí mesmo, no início de janeiro de 1848, chamou-me e eu fui. Em Madri hospedei-me na casa do padre José Ramírez y Cotes, (318) sacerdote exemplar e muito zeloso. Fiquei naquela casa durante os dias em que se ajeitava a viagem. Assisti à sagração episcopal do bispo eleito, Dom Codina. Todos os dias que permaneci na corte, ocupei-me em pregar e confessar os pobres enfermos do Hospital Geral. (319)

480. De Madri fomos a Sevilha, Jerez e Cádiz; aí preguei enquanto esperávamos o navio para as Ilhas Canárias. (320) Chegamos a Tenerife no início de fevereiro. (321) Aí aproveitei para fazer uma pregação no domingo e, na segunda-feira, partimos para a Gran Canária. Preguei retiro aos sacerdotes num salão do palácio, enquanto o bispo presidia a todos os atos. Preguei também retiro aos seminaristas e missões em todas as paróquias da Ilha Gran Canária.

481. Com muita freqüência tinha de pregar nas praças, porque as igrejas não comportavam tanta gente vinda das mais diversas povoações para ouvir a santa missão. Quando havia muita gente, eu preferia muito mais pregar nas praças do que nas igrejas, isto por muitas razões que facilmente se explicam.

482. O que me metia em apuros era ouvir as pessoas em confissão geral, como desejavam fazê-la. De fato, pedi ajuda aos demais sacerdotes. Dava-lhes instruções práticas sobre como atender bem e prontamente as pessoas. A fim de evitar confusão e discussão entre os penitentes, mandava-os formar fila à proporção que iam chegando. Em grupos de oito, sendo quatro homens e quatro mulheres, pedia-lhes que fizessem o sinal da cruz, se persignassem e rezassem comigo o *Eu pecador...*; isto me poupava tempo; do contrário tinha que esperar muito até que fizessem o sinal da cruz e rezassem o que costumavam antes de confessar-se, só ficava em particular a confissão dos pecados de cada um. Evitava-se assim perda de tempo, tumulto e que as pessoas ficassem muito perto do confessor.

483. Quando terminava a missão, o povo acompanhava-me em massa até me encontrar com o pessoal da outra missão que vinha me receber. Os primeiros despediam-se com lágrimas, os outros me recebiam cheios de alegria. Não vou narrar tudo o que me aconteceu nesses povoados, pois seria interminável. Só quero assinalar um fato para que sirva de exemplo aos Missionários. (322)

484. Ao terminar as missões na Gran Canária, o bispo quis que eu fosse a outra ilha chamada Lanzarote. (323) Como nessa ilha houvesse pouco clero, (325) mandou que seu irmão, o padre Salvador, religioso capuchinho, me acompanhasse e para que me ajudasse ouvir confissões. Do porto da ilha até a capital tínhamos de percorrer umas duas léguas e, como meu companheiro (o padre Salvador) era bastante

gordo, disse-me: - Como faremos? Você quer ir a pé ou montado? Eu lhe respondi: - Você sabe que eu nunca monto; ando sempre a pé. - Se você não quer ir montado, tampouco eu quero montar, respondeu-me. Disse-lhe eu, então: - Veja bem, será bastante difícil e custoso para você ir a pé até lá. Eu não posso permitir isso. Se você vai a pé por minha causa, mudo de idéia e assim nós iremos montados.

485. Na ocasião nos trouxeram um camelo e nós dois montamos nele. Pouco antes de chegarmos à cidade, apeamos e, logo que chegamos ao povoado, dei início à missão. Depois que terminamos a missão, ao nos despedir do povo, um cavaleiro me perguntou: - Você é aquele missionário que pregou missões na Gran Canária? Respondi-lhe que sim. - Então fique sabendo que por aqui ficaram duvidando se era você, porque o da Gran Canária andava a pé e você chegou montado. Houve até quem chegasse a dizer: *Eu não vou ouvi-lo porque não é o missionário da Gran Canária.*

486. Deixei as Ilhas Canárias no início do mês de maio de 1849. (326) O bispo quis dar-me um chapéu e capote novos, mas eu não os aceitei. Assim sendo, não tive outro proveito material senão os cinco rasgões no meu capote velho por causa da multidão que se lançava sobre mim quando ia de uma povoação a outra. Naquelas ilhas fiquei durante quinze meses e, ajudado pela graça de Deus, pude trabalhar todos os dias. Comia pouco devido à falta de apetite. Suportei algumas dificuldades, mas alegremente porque estava convicto de que era a vontade de Deus e de Maria santíssima e que serviriam para a conversão e salvação de tantas almas.

487. Ó meu Deus, quão bom sois! Quão imprevisos são os meios de que vos servis para converter os pecadores! Homens mundanos queriam comprometer-me na Catalunha. Vós vos valestes desse fato e me levastes às Ilhas Canárias. (327) Assim me livrastes das prisões e me levastes àquelas Ilhas, a fim de apascentar as ovelhas de vosso Pai celestial, por quem doastes com satisfação a vida para que vivam na graça. Bendita seja a vossa caridade. Bendita seja vossa grande providência para comigo. Agora e sempre cantarei vossas eternas misericórdias. Amém. (328)

CAPÍTULO 34

A Congregação do Imaculado Coração de Maria

488. Cheguei a Barcelona (329) em meados de maio e me dirigi a Vic. Falei com meus amigos, os cônegos Soler (330) e Passarell (331) sobre o projeto que tinha de fundar uma congregação de sacerdotes que fossem e se chamassem Filhos do Imaculado Coração de Maria. Ambos acolheram calorosamente a idéia. O cônego Soler, que era reitor do seminário de Vic, ofereceu o seminário e, tão logo os

seminaristas entrassem em férias, poderíamos nos reunir no seminário, ocupar seus quartos, enquanto Deus nosso Senhor nos dispusesse outro local. (332)

489. Apresentei esse mesmo plano ao bispo de Vic, Dom Luciano Casadevall, pelo qual era muito estimado. Ele muito aplaudiu esta minha iniciativa. Aproveitando a oportunidade, resolvemos que durante as férias nos instalaríamos no seminário. Enquanto isso ele mandaria preparar o Convento das Mercês que o governo pusera à sua disposição. E assim se fez. (333) Com o local das Mercês já à disposição, fui falar com alguns sacerdotes a quem Deus nosso Senhor havia dado o mesmo espírito de que eu me sentia animado. Eram eles: Estêvão Sala,(334) José Xifré,(335) Domingos Fábregas,(336) Manuel Vilaró,(337) Jaime Clotet,(338) Antônio Claret, eu, o mais insignificante de todos. Sim, isso é verdade, pois todos eles são mais instruídos e mais virtuosos do que eu; mesmo assim, porém, sentia-me bastante feliz, considerando-me servidor de todos. (339)

490. No dia 16 de julho de 1849, reunidos no seminário, com a aprovação do bispo e do reitor, iniciamos, nós sozinhos, o retiro espiritual, com todo rigor e fervor.(340) Como justamente nesse dia se comemora a festa da Santa Cruz e de Nossa Senhora do Carmo, tomei como tema da primeira prática as palavras do Salmo 22,4: *Virga tua et baculus tuus ipsa me consolata sunt*: Tua vara e teu cajado me consolarão, (341) frisando a devoção e a confiança que devemos ter na Santa Cruz e em Maria santíssima, além de aplicar o salmo a nosso objetivo. (341) Saímos desse retiro muito fervorosos, resolvidos e determinados a perseverar. Graças a Deus e a Maria santíssima todos perseveraram muito bem. Dois morreram e se acham neste momento gozando na glória celeste e do prêmio de seus trabalhos apostólicos e intercedendo por seus irmãos. (342)

491. Assim iniciamos e assim continuamos vivendo uma vida perfeitamente comum, todos entregues aos trabalhos do sagrado ministério.(343) Ao terminar o retiro que pregara à pequena e nascente comunidade, pediram que, na igreja do seminário, eu pregasse um retiro ao clero da cidade de Vic. No dia 11 de agosto, descendo do púlpito, ao concluir o último ato, disseram-me que o bispo desejava falar comigo. Fui ao palácio episcopal. Quando lá cheguei, entregou-me um decreto real com data de 04 de agosto, nomeando-me arcebispo de Cuba. Tal notícia me deixou como morto. Disse que não aceitava de modo algum a nomeação. Supliquei ao bispo que se dignasse transmitir a decisão dizendo que não aceitaria de maneira nenhuma.

492. Ó meu Deus, bendito sejas, pois vos dignastes escolher vossos humildes servos para se tornarem Filhos do Imaculado Coração de vossa santíssima Mãe!

493. Ó Mãe, mil vezes bendita! Infinitos louvores vos sejam dados pelas finezas de vosso Imaculado Coração e por nos terdes adotado como vossos filhos! Fazei, minha Mãe, que correspondamos a tanta bondade. Que sejamos cada dia mais humildes, mais fervorosos e mais zelosos pela salvação das almas.

494. Digo a mim mesmo: *Um filho do Imaculado Coração de Maria é um homem que arde em caridade e abrasa por onde passa; que deseja eficazmente e procura por todos os meios inflamar o mundo no fogo do divino amor. Nada o detém. Alegra-se nas privações. Enfrenta os trabalhos. Abraça os sacrifícios. Compraz-se nas calúnias e se alegra nos tormentos. Seu único pensamento é seguir e imitar a Jesus Cristo, no trabalho, no sofrimento, procurando sempre e unicamente a maior glória de Deus e da salvação das almas.* (344)

Capítulo 35

Nomeação e aceitação do Arcebispado de Santiago de Cuba

495. Fiquei atônito com a nomeação para arcebispo. Não quis aceitar, por me considerar indigno e incapaz de tão grande dignidade, por não ter nem a ciência nem as virtudes necessárias para tal. Depois, refletindo melhor, pensei que, mesmo se tivesse ciência e virtude, não devia abandonar a Livraria Religiosa e a Congregação que acabavam de nascer.(345) Assim é que, por todos os meios, rejeitava as instâncias do núncio apostólico, excelentíssimo monsenhor Brunelli,(346) e do Ministro da Justiça, senhor Lourenço Arrazola.(347) Tanto o núncio como o ministro, vendo baldados todos os seus esforços, recorreram ao bispo de Vic, ao qual obedecia cegamente. Ele ordenou taxativamente que aceitasse.(348)

496. Esta ordem fez-me estremecer. De um lado, não me atrevia aceitar e, por outro, queria obedecer. Pedi que me desse alguns dias para eu refletir, antes de responder, e ele me atendeu. Procurei logo os padres Jaime Soler, Jaime Passarell, Pedro Bach e Estêvão Sala, sacerdotes muito sábios, virtuosos e de minha total confiança. Supliquei que me encomendassem a Deus, pois esperava de sua bondade que até o último dia de retiro, que ia começar, me dissessem o que deveria fazer: obedecer ao bispo ou recusar terminantemente a nomeação. No dia marcado e, depois de terem conversado entre si, vieram a mim e foram unânimes ao me dizer que era vontade de Deus que eu aceitasse a ordem do bispo. Aceitei no dia 4 de outubro, dois meses depois de ter sido eleito.

497. Uma vez aceita a nomeação de minha pobre pessoa, indicada por sua majestade, processaram-se as formalidades de praxe e assim todo o processo foi enviado a Roma. Entrementes, continuei a desempenhar o meu apostolado habitual, pregando retiros ao clero, aos religiosos, religiosas, aos estudantes e leigos. Ainda nessa época, preguei retiro ao clero e missão ao povo de Gerona, falando todos os dias da varanda da Casa Pastors à multidão, que ocupava a praça, as escadarias e o átrio da catedral, ruas imediatas e às demais pessoas que se colocavam nas varandas, janelas e sacadas de todas aquelas casas. (349)

498. O Senhor revelou-me, durante esses dias, coisas muito especiais para a sua maior glória e salvação das almas. (350) Fui preconizado; (351) as bulas vieram de Roma a Madri e remetidas a Vic, sob a responsabilidade dos padres Firmin de la Cruz (352) e Andrés Novoa,(353) sacerdotes exemplares. Nesse meio tempo, procurei me preparar, fazendo um retiro espiritual de muitos dias, durante os quais elaborei um plano de vida para o meu governo.(354) Assim preparado e predisposto, recebi a consagração em Vic, como direi na terceira parte, se Deus quiser.

TERCEIRA PARTE

Consagração de arcebispo

Capítulo 1

499. No dia seis, primeiro domingo do mês de outubro de 1850, dia de São Bruno, fundador dos Cartuxos, a cuja ordem desejava pertencer (1); dia do Santíssimo Rosário, de cuja devoção sempre tive grande inclinação, nesse dia recebi, na catedral de Vic, (2) a sagração episcopal juntamente com D. Jaime Soler, bispo de Teruel. Foi meu bispo consagrante D. Luciano Casadevall, que teve como assistentes D. Domingos Costa y Borrás, bispo de Barcelona, (3) e D. Fulgêncio Lorente, bispo de Gerona. (4)

500. Na terça-feira, dia oito, saí de Vic a Barcelona e Madri onde monsenhor Brunelli, núncio de Sua Santidade, me impôs o pálio no dia 13 do mesmo mês. Apresentei-me a sua majestade e aos ministros do governo e, enquanto despachavam os documentos oficiais, dediquei-me à pregação e a confessar etc. (5) Concluídos meus negócios, voltei à Catalunha. Cheguei a Igualada no último dia de outubro e ali preguei sobre o tema de todos os santos e, no dia seguinte, fui a Montserrat, onde também preguei. (6) Passei por Manresa onde se fazia o novenário das almas (pelo livro) do padre Mach. (7) À noite preguei e distribui a sagrada comunhão a muitas pessoas que, sabendo de minha presença, se haviam preparado para tal oportunidade.

501. À tarde passei por Sallent, minha terra natal. Todos vieram receber-me. À noite preguei de um balcão, na praça, pois não coube todo mundo na igreja. (8) No dia seguinte, pela manhã, celebramos uma missa solene e à tarde saí para Santmartí, passando por nossa Senhora de Fusimanha, à qual dedicava grande devoção desde criança. E ali, nesse santuário, celebrei e preguei sobre a devoção à santíssima Virgem. (9) De lá segui para Artés e, em seguida, para Calders onde preguei pela manhã; depois para Moyá, ali a pregação foi à noite. No dia seguinte, passei por Collsuspina, onde também preguei; almocei em Vic e, à noite, fiz uma pregação. Saindo de Vic, passei por Barcelona, onde preguei todos os dias em diferentes igrejas e conventos, (10) até o dia 28 de dezembro, data em que embarcamos na fragata *La Nueva Teresa Cubana*, que tinha como capitão o senhor Manuel Bolívar.

502. Faziam parte de minha comitiva: João Lobo, presbítero e provisor, com um jovem chamado Telésforo Hernández; os padres Manuel Vilaró, Antônio Barjau, Lourenço San Martí, Manuel Subirana, Francisco Coca, Felipe Rovira, Paládio Currús, João Pladebella e os leigos Inácio Betríu, Felipe Vila e Gregório Bonet. (11)

503. No mesmo barco iam dezoito Irmãs de Caridade destinadas a Havana e um sacerdote que as acompanhava, chamado Pedro Planas, (12) da Congregação de São Vicente de Paulo, além de alguns outros passageiros.

504. Todos saímos saudáveis e alegres de Barcelona para Cuba. Porém, ao chegar ao Penhasco de Gibraltar, tivemos de esperar o tempo melhorar para a travessia do estreito. Como o mar se agitasse cada vez mais, fomos obrigados a retornar ao porto de Málaga, onde ficamos três dias, esperando que o tempo melhorasse. Durante a estadia, aproveitei o tempo; preguei quinze sermões, na catedral, no seminário, aos estudantes, em casas religiosas, etc. (13)

505. Finalmente o tempo melhorou e continuamos a viagem rumo às Ilhas Canárias, onde esperávamos poder visitar aqueles queridos insulanos, que por seu lado também nos esperavam. Mas o mar estava tão agitado que foi impossível atracar, para tristeza de ambas partes.

506. Continuamos a viagem até Cuba, por sinal com suma felicidade e uma tranqüilidade admirável. As acomodações estavam divididas em duas partes. Do mastro-mor até a popa estava eu com todos os meus companheiros, e do mastro-mor até a proa estavam todas as irmãs. Para que houvesse privacidade foram colocadas persianas para separar uma parte da outra. Pela manhã, todos os dias levantávamos no mesmo horário (14) e tínhamos meia hora de oração mental em comum. As irmãs faziam o mesmo em seus aposentos. Terminada a oração mental, eu rezava a santa missa em um altar improvisado, tanto para os meus companheiros e sacerdotes como para as irmãs. Cada qual participava da mesma sem sair de suas repartições. Para isso abriam-se as portas situadas na linha divisória. Todos comungavam, com exceção de um dos sacerdotes, já marcado para celebrar uma segunda missa em ação de graças. Celebravam-se, pois, diariamente no barco, duas missas: uma eu e outra um dos sacerdotes, que se iam revezando.

507. Concluídas estas primeiras devoções, íamos à cobertura e tomávamos chá. Em seguida cada um estudava o que queria. Às oito horas, nos reuníamos novamente e rezávamos em comunidade as horas menores e, logo após, tínhamos conferência de moral até as dez horas, momento em que íamos almoçar. Depois do almoço descansávamos um pouco e estudávamos até as três; em seguida rezávamos vésperas, completas, matinas e laudes e depois havia outra conferência até as cinco, depois do quê, íamos jantar. (15) Às oito da noite rezávamos o rosário e demais devoções; tínhamos uma conferência de ascética, tomávamos uma xícara de chá e, em seguida, cada um se dirigia para seu camarote. (16)

508. Estas eram as atividades de todos os dias úteis. Em dias de festa celebrávamos a segunda missa numa hora mais apropriada para que a tripulação pudesse participar. Nesses dias, à tarde, havia sermão. Os sacerdotes, por turno, a começar por mim, o provisor etc., fazíamos a pregação.

509. Chegando ao Golfo das Damas, comecei a pregar uma missão nos convés do navio. (17) todos participaram, confessando e comungando no dia da comunhão geral, tanto os passageiros quanto a

tripulação, desde o capitão ao último dos marinheiros. Isto colaborou para que ficássemos cada vez mais amigos, de tal forma que todas as vezes que o navio fazia escala em Santiago, os marinheiros vinham me visitar. No dia 16 de fevereiro de 1851 desembarcamos, sem o menor incidente. Fomos muito bem recebidos, com as maiores demonstrações de alegria e boa vontade. E, no dia seguinte à chegada, fizemos a entrada solene na cidade, conforme os costumes e rituais daquela capital. (18)

510. Quinze dias depois de nossa chegada, visitamos a imagem de Nossa Senhora da Caridade na cidade de Cobre, situada a vinte e quatro quilômetros da capital, à qual os habitantes da Ilha dedicam muita devoção. Prova é que a capela é muito rica de donativos que continuamente os devotos de todas partes lhe trazem. (19)

511. Regressamos novamente a Santiago, capital da diocese, e iniciei a missão que se prolongou até o dia 25 março. Nesse dia houve comunhão geral. É inexplicável o número de pessoas que vieram, tanto aos sermões como à participação na comunhão. Enquanto eu pregava na catedral, o padre Manuel Vilaró pregava na igreja de São Francisco, maior templo da cidade depois da catedral. Nela, no domingo após a festa da Anunciação, distribuí a comunhão. (20)

512. Preguei também retiro espiritual a todo o clero, cônegos, párocos, beneficiários etc., fato que se repetiria a cada ano enquanto eu estive naquela Ilha. E para maior comunidade, reunia-os nas principais cidades da diocese. (21)

513. Eu e todos os da minha comunidade também fazíamos esse retiro anualmente; antes dos outros e somente nós, fechados no Palácio e guardando um rigoroso silêncio. Nesses dez dias não se recebiam cartas, nem ofícios, não se atendia o público e, como todos sabiam disso, deixavam-nos em paz.

514. Concluídas as missões na cidade principal e encerradas as celebrações da Semana Santa e da Páscoa, aproveitei para distribuir os sacerdotes pela Ilha. Enviei os padres Manuel Subirana e Francisco Coca para a cidade do Cobre, e Paládio Curríus e Estêvão Adoain, capuchinho, ao povo de Caney, a doze quilômetros de Santiago. Este religioso capuchinho apresentou-se logo que cheguei e me auxiliou muito, como direi depois. (22) Os demais foram distribuídos desta maneira: o padre João Lobo, na Provisoria, e na minha ausência como Vigário-Geral; o padre Felipe Rovira no seminário para ensinar gramática latina aos jovens, e o padre João Pladebella para ensinar teologia moral. Os padres Lourenço San Martí e Antônio Barjau mandei-os à cidade de Porto Príncipe para ensinarem o catecismo até a minha chegada.

515. Quanto a mim, fiquei em Santiago. Dei início à vista pastoral, começando pela catedral e, em seguida, pelas demais paróquias; todos os dias administrava o sacramento da confirmação. Como houvesse muita gente para confirmar e, a fim de evitar confusão, mandei imprimir papeletas para isso, repartindo nos curatos, um dia antes, o número exato de pessoas que poderiam ser confirmadas. (23) Na papeleta escrevia-se o nome do crismando, dos pais e do padrinho. Assim evitava-se confusão e

aglomeração de gente. Com mais tranquilidade e sossego os nomes eram copiados nos livros paroquiais. Assim fazia sempre. Nunca houve confusão em todas as confirmações e certamente não devem ter sido menos que trezentas mil nos seis anos e dois meses que estive naquela Ilha.

516. Além da visita pastoral e das crismas, pregava todos os domingos e festas de guarda do ano. Jamais me omiti de tal função, onde quer que me encontrasse na diocese. (24) Nos primeiros dias de junho, saí de Santiago e fui a Caney para encerrar a missão que os padres Estêvão e Curríus tinham começado e continuado com grande proveito. Crismei a todos e fiz o encerramento da missão. (25)

517. Em seguida dirigi-me à cidade do Cobre, onde estavam pregando missões os padres Manuel Subirana e Francisco Coca. Trabalharam muitíssimo naqueles dias e o fruto foi abundante. Basta dizer que quando chegaram lá, não havia mais do que oito casais legitimados. A terminar a missão, o número de legitimações matrimoniais foi de quatrocentas. Permaneci ali alguns dias para ministrar o sacramento da crisma e dar uma colaboração à missão e, ao mesmo tempo, dispensar alguns casos de parentesco, pois o Sumo Pontífice me havia facultado a possibilidade de conceder essa dispensa.

Capítulo 2

Perseguições em Cobre: vicissitudes em Porto Príncipe

518. Foi na cidade do Cobre que começaram os desgostos e as perseguições. (26) Na verdade, o demônio não podia olhar com indiferença a multidão de pessoas que cada dia se convertiam ao Senhor. Além disso, Deus devia permitir alguma tribulação ao lado da grande satisfação que sentíamos diante do bom andamento das coisas. O desgosto começou deste modo: encontrando-me naquele povoado, faltavam alguns casamentos para regularizar. Os interessados não haviam conseguido. Eu, nas melhores das intenções, chamei o comandante do povoado e disse-lhe: O senhor que conhece o povo melhor do que ninguém, diga-me se as pessoas que constam neta lista e que vivem mal podem ou não realizar um matrimônio feliz, ou se existe algum impedimento de raça, pois eu quero acertar, e não quero fazer coisa alguma que com o tempo acarrete tristeza.

519. O comandante vinha diariamente à minha casa e informava-me sobre os pretendentes. O pároco fixava em público os proclamas, conforme as possibilidades de realizá-los. Certo dia apresentou-se um europeu, natural de Cádiz, que vivia ilegitimamente com uma negra e com a qual tinha nove filhos. Eu não o vi, mas ouvi que falava com meu secretário e dizia com toda insistência que desejava casar-se com aquela mulher para poder cuidar bem dos filhos que tinha com ela e assim criá-los devidamente. O secretário disse-lhe que falaria comigo sobre o caso e pediu-lhe que voltasse outra hora, pois àquela hora não se encontrava o comandante e nós não possuíamos informações a respeito dele. Não voltou mais.

520. Naquela mesma noite o comandante mandou um ofício ao pároco, dizendo-lhe que soube que ele realizava casamentos de pessoas de classes distintas, aludindo ao mencionado europeu. O pároco veio a mim com o ofício, o que me deixou muito admirado. Chamei o comandante e lhe perguntei como agira daquela maneira, pois a atitude não era contra o pároco e sim contra mim e que aquele ofício não só contrariava a verdade, como também a cortesia. Mostrei-lhe como sempre procedera com a devida consideração, não permitindo que se fizesse proclamas de quem quer que fosse sem antes falar com ele, a fim de evitar choques e aborrecimentos. No entanto, agora vinha ele com essa inexatidão caluniosa. E como no mesmo ofício dizia que daria queixa ao comandante-geral de Cuba, perguntei-lhe se realmente havia dado queixa, a fim de prevenir-me para os primeiros passos; respondeu-me ele, então, com outra falsidade, dizendo que não. Eis que o comandante-geral, sem nada mais saber além do que lhe havia informado o comandante da cidade do Cobre e, mal aconselhado pelo secretário do governo, começou a fazer as diligências mais furibundas, das quais resultaram muitíssimas contestações e grandes desgostos. (27)

521. Não obstante, com a ajuda do Senhor, o fruto que se colhia era muito grande. Enquanto despachava em Cobre, o general Lemery, que ocupava o cargo de comandante-geral do departamento do centro na cidade de Porto Príncipe,(28) escreveu-me encarecendo que fosse, o mais breve possível, até lá, pois convinha apaziguar os ânimos que estavam muito exaltados. Ao mesmo tempo que o general do centro chamava-me com urgência, o Capitão-Geral de Havana, José de la Concha,(29) escrevia-me que não fosse, porque eu com meus pedidos de clemência, o impediria de praticar justiça e fazer as punições indispensáveis. Eu lhe respondi, informando-o da insistência do general do centro; então ele aquiesceu que eu fosse para lá.

522. Fui a Porto Príncipe nos últimos dias de julho do mesmo ano.(30) Como todos da cidade estavam, ou contaminados e comprometidos com a Revolução de Narciso López,(31) ou amotinados ao norte contra os europeus, por isso receberam-me com muita prevenção. Iniciei a missão. Vinham ver se eu falaria das revoltas políticas em que estava mergulhada toda a ilha de Cuba e, mais particularmente, a cidade de Porto Príncipe. Observando que eu jamais falava uma palavra de política, nem em público, nem no confessionário, nem em particular, aquilo lhes chamou muitíssimo a atenção e lhes inspirou confiança.

523. Justamente naqueles dias, quatro reolucionários, filhos da mesma cidade, foram surpreendidos pelas tropas com armas nas mãos, e condenados à morte. Tamanha era a confiança que em mim depositavam os réus e seus familiares que me chamaram para que fosse ao cárcere confessá-los. Fui e confessei-os.(32) A confiança em mim depositada foi crescendo muito. Propuseram-me que entrasse em entendimento com o general, a fim de que os que envolvidos que haviam pegado em armas as deixassem e voltassem

dissimuladamente para as suas casas, sem que se lhes dissesse nada e sem que constassem seus nomes. Consegui isso do general, e assim toda aquela sublevação acabou. Desfeita a provisão de armas, munições e dinheiro, a paz voltou a reinar. Após dois anos, os americanos do norte fizeram outra tentativa, mas não encontrou eco como a anterior. Fizeram ainda uma terceira, sem resultado algum.

524. Durante a minha permanência, ocorreram três tentativas contra a Ilha. A primeira foi muito forte e a desfiz completamente com a ajuda do Senhor. A segunda foi menor.(33) A terceira foi nula.(34) Assim, os inimigos da Espanha viam-me com maus olhos. Diziam que o arcebispo de Santiago causava mais prejuízo do que todo o exército, e afirmavam que, enquanto eu estivesse na Ilha, seus planos não poderiam ter resultados. Por causa disso tentaram tirar-me a vida.(35)

Capítulo 3

Missões em Porto Príncipe, Manzanillo, São Frutuoso e Bayamo

525. Ao chegar a Porto Príncipe, a primeira coisa que fiz foi pregar exercícios espirituais ao clero. Para que as paróquias não ficassem desprovidas, dividi os padres em duas turmas. Aluguei uma casa grande. Na mesma casa em que vivia, reuni vinte na primeira turma e, na segunda, dezenove sacerdotes. Conviviam comigo dia e noite. O tempo foi distribuído com leituras, meditações, recitação do ofício divino e reflexões que eu dirigia. Todos fizeram sua confissão geral, escreveram seu plano de vida e tudo se acertou.(36)

526. Depois do clero, dirigi-me ao povo. A missão realizou-se em três diferentes pontos para facilitar a participação, pois a cidade tem mais de uma légua de comprimento. Dispus que os padres Lourenço San Martí e Antônio Barjau fizessem a missão na igreja de nossa Senhora da Caridade, situada em um dos extremos da cidade; na igreja de Santa Ana, situada no extremo oposto, estava o padre Manuel Vilaró; eu me encarreguei da missão do centro, na igreja de nossa Senhora das Mercês, a maior da cidade. Essa missão durou dois meses: agosto e setembro. É inexplicável o fruto realizado por Deus. Visitei as seis paróquias da cidade e as outras igrejas.

527. De Porto Príncipe, desloquei-me para Nuevitas,(37) onde pregamos missão em Baga, São Miguel e São Jerônimo e logo regressamos a Porto Príncipe para as festas do Natal. Cantamos matinas e a Missa do Galo com toda a solenidade na igreja da Soledade. O padre Antônio Barjau adoeceu de febre amarela. Chegou muito mal, mas recuperou-se perfeitamente, graças a Deus.(38) Continuamos a missionar e crismar até a semana da Paixão. Percorrendo paróquia por paróquia, chegamos a Cuba. Realizamos todas

as funções da Semana Santa com grande solenidade, ensaiando bem antes com todos os sacerdotes que tomariam parte na consagração dos santos óleos e demais funções.(39)

528. Nos últimos dias de abril saí de Santiago e fui para a cidade de Manzanillo, juntamente com dois sacerdotes. Os demais seguiam pregando missões em diferentes pontos. Em Manzanillo comecei no mês de maio. Diariamente pregava, com grande afluência de povo. Sem saber como, pregando, escapava-me da boca palavras que prediziam a ocorrência próxima de grandes terremotos.(41) De Manzanillo passamos à paróquia de São Frutuoso. Em todos os lugares, fazia sempre o mesmo: confessava, pregava, confirmava e ministrava o sacramento do matrimônio. De lá, passamos para a cidade de Bayamo. Iniciei a missão fazendo o mesmo que em outras localidades. Preguei exercícios ao clero. Pregava diariamente, confessava; crismei até o dia 20 de agosto de 1852. Às dez da manhã, estava na capela do Sacramento ou das Dores, quando senti o terremoto, que se foi repetindo todos os dias.(42)

Capítulo 4

Os tremores em Santiago de Cuba

529. Horrendos foram os estragos que os tremores de terra causaram em Cuba. Todo o povo se apavorou. O senhor Provisor (43) disse-me que era conveniente que eu fosse a Santiago.(44) Deixei a missão de Bayamo e fui a Santiago. Fiquei espantado ao ver tantas ruínas. Mal se podia transitar pelas ruas devido aos escombros. A catedral estava completamente danificada. Para se ter uma idéia dos abalos que aquele templo sofreu, limito-me a dizer que em cada ângulo do frontispício da catedral há duas torres iguais. Em uma delas está o relógio e na outra, os sinos. As torres têm quatro cantos e no último deles está um vaso como ornato. Pois bem, com as sacudidas, um desses vasos se desprende e entrou por uma das janelas do campanário. Imagine que curva não deve ter descrito aquele vaso para enfiar-se pela janela adentro! O Palácio ficou em ruínas. Com as demais igrejas aconteceu mais ou menos o mesmo. Por isso, nas praças ergueram-se capelas onde se celebrava a missa, administravam-se os sacramentos e se pregava. Todas as casas, algumas mais outras menos, sofreram as conseqüências do terremoto.

530. Quem não experimentou o que são os grandes tremores, não pode fazer idéia deles. Não consistem somente na oscilação ou ondulação da terra e deslocamento dos móveis da casa, de um lado para outro. É mais que isso, mais que a experiência dos navegadores no navio em dia de mar agitado. Mas, não é só isso. Há algo mais num terremoto.

531. Observando os camelos e demais quadrúpedes, eles são os primeiros que o pressentem; ficam hirtos, dali não saindo nem mesmo a poder de chicotadas e riscos de esporas. A seguir, observa-se como as aves:

galinhas, pavões, pombos, periquitos, dão gritos, grasnidos, chilros, sinais de grande espanto. Ouve-se depois um grande estrondo subterrâneo e, logo tudo balança. Ouvem-se os estalos da madeira, portas, paredes; e começam a cair partes dos edifícios; mas o que mais impressiona são as faíscas elétricas em meio a tudo isso. Vê-se nos jardins que o aparelho de ímã com o ferro, na hora do tremor, se decompõe completamente.

532. Além disso, cada um sente os efeitos em si mesmo. Todas as pessoas, no momento do estrondo, gritam com voz espantosa e espavorida: *Misericórdia!* E, por instinto de conservação, põem-se a correr para algum pátio, praça ou rua, pois ninguém se sente seguro em sua própria casa. Assim que cessa o ruído, todos páram, calam-se e se olham como bobos e se lhes assoma uma lágrima nos olhos. É inexplicável o que se passa. Em meio a esta multiplicidade de sobressaltos, presenciamos em Santiago um fato muito grato e surpreendente. Todos os enfermos de casas particulares e hospitais civis e militares, todos enrolados em cobertores, se levantaram, saíram de seus aposentos, como os demais, e disseram que se encontravam curados e que por nada voltariam às suas camas.

533. Houve muitas ruínas, porém tivemos que lamentar apenas desgraças pessoais. Um número muito grande de pessoas referiam os prodígios da misericórdia de Deus. Muitos saíram miraculosamente ilesos, embora tivessem sofrido com a destruição de suas casas e elevadas despesas para reconstruí-las. A mim a reparação da catedral custou 24.000 duros, o colégio ou seminário 7.000 duros, o palácio 5.000 duros.(45)

CAPÍTULO 5

A cólera na diocese de Cuba

534. Os tremores duraram de 20 de agosto até os últimos dias de dezembro, com breves interrupções. Por outro lado, havia dias em que se sentiam até cinco tremores. Todos os cônegos e demais sacerdotes, em prece e em procissão, fomos à avenida da praia onde foi erguida uma capela de tábuas, coberta com um grande toldo. Pela manhã participavam as autoridades e o povo da cidade. (46)

535. Além das ladainhas cantava-se uma missa de intercessão. À tarde, além do rosário e preces, preguei uma missão exortando à penitência, dizendo-lhes que Deus havia feito o mesmo que a mãe faz com um filho dorminhoco: balança a cama para que acorde e se levante e, se isto não basta, castiga-lhe o corpo. O mesmo faz Deus com os filhos que são pecadores empedernidos. Agora moveu-lhes o catre, a cama, a casa e, se ainda não despertam, passará a castigá-los no corpo com a peste ou a cólera, pois Deus concedeu-me conhecer tudo isto. Alguns ouvintes não aceitaram as minhas palavras e murmuraram

contra mim. Mas eis que, passado apenas um mês, manifestou-se a cólera de um modo espantoso. Em certas ruas, no espaço de menos de dois dias, morreram todos os seus moradores. (47)

536. Um grande número de pessoas, que não se tinha confessado durante a missão, confessou-se por causa dos tremores e da peste. A verdade é que existem alguns pecadores que são como nogueiras; pois só dão frutos quando seu tronco leva pauladas. Não posso senão bendizer ao Senhor e continuamente dar-lhe graças por ter enviado a peste em hora tão oportuna, pois compreendi de forma evidente e clara que ela era um efeito de sua adorável misericórdia: por causa da peste, muitos se confessaram para morrer e não o haviam feito na missão; outros que na missão se haviam convertido e confessado bem, se teriam outra vez precipitado nos mesmos pecados; assim Deus levou-os naquela peste e estão no céu. Se não fosse pela peste, teriam recaído e morrido em pecado e se teriam condenado. Bendita e louvada seja a bondade e misericórdia de Deus, nosso bom Pai de toda clemência e de toda consolação. (48)

537. Durante a peste ou cólera, todo o clero se portou muito bem, dia e noite. Juntamente com todos os sacerdotes estávamos sempre entre os enfermos, socorrendo-os espiritual e corporalmente. Somente um morreu, vítima da caridade, o pároco da cidade do Cobre. Sentia-se já um pouco atacado, mas com a medicação tinha esperanças de se curar. Estava acamado. Avisam-no para atender a um enfermo, ele respondeu: *“Se for, sei perfeitamente que morrerei, porque se agravará o meu mal; mas como aqui não há outro sacerdote, irei. Prefiro morrer a deixar de atender a um enfermo que me chama”*. Foi; ao voltar, deitou-se na cama e morreu. (49)

Capítulo 6

Viagem a Baracoa, Mayarí e a Santiago. Resultado da primeira visita

538. Não obstante os tremores e a cólera, nos dois primeiros anos visitamos todas as paróquias do arcebispado, pregando missões, tanto eu como meus companheiros. E pregamos em muitas paróquias rurais de grande extensão. Em cada duas ou três léguas fazia-se uma missão em algum barracão de tabaco, que consiste numa grande cobertura. Ali se montava um altar e um púlpito e, com cadeiras, armavam-se confessionários, com grades que levávamos para isso.

539. Naqueles dois primeiros anos choveu muitíssimo. Em uma ocasião choveu durante nove meses sem falhar um só dia. Houve ocasião em que choveu dia e noite sem parar, de modo que tínhamos dificuldade para viajar; mas, apesar disso, eu e meus companheiros não deixávamos de ir e as pessoas participavam constantemente. Sempre contentes e alegres e, às vezes, nem tínhamos o necessário para a sobrevivência.

540. Lembro-me de que no segundo ano em que nos achávamos naquelas terras, desejei ir por terra à cidade de Baracoa, já que por mar não houve condições. Fui com meus companheiros. (50) Acompanhou-

nos um empregado que levava comida, porque os lugares eram despovoados e as poucas pessoas que por aquela região existiam, tinham abandonado o local por causa da cólera. O bom do empregado ficou para trás, pois a besta não podia caminhar. Chegamos muito tarde da noite a uma casa; nela nada mais encontramos que uma bolacha de soldados, pequena e dura; repartimo-la em quatro pedaços, um para cada sacerdote.(51) No dia seguinte, em jejum, tivemos de percorrer o pior caminho que jamais havia andado em minha vida.

541. Tivemos de passar trinta e cinco vezes o rio chamado Jojó; pelo fato de correr entre duas altas montanhas, quando dá passagem por um lugar, não a dá pelo outro. Depois do rio, tivemos de subir as altas montanhas, chamadas ‘Cuchillas de Barocoa’, nome perfeitamente adequado, pois têm a forma de lâmina. Por cima do corte ou do ponto mais elevado, passa o caminho. Quando se passa por ele, há trechos que se faz soar um caracol marinho, para que não haja encontro do que vai com o que vem. Caso contrário, o cavalo de um ou do outro teria de rolar para baixo, pois o caminho é tão estreito que o cavalo não tem como dar volta para trás. E são tão altas as montanhas, que se vê o mar dos dois lados da ilha, pois se situam no meio da ilha, além disso, possuem uma extensão de umas quatro léguas. Depois de cruzarmos o rio, em jejum, tivemos de subir por essas montanhas. A descida é tão íngreme, que eu resvalei e caí duas vezes, embora não me tenha machucado muito, graças a Deus. (52)

542. Ao meio-dia, chegamos a uma casa de campo, onde pudemos comer e, à tarde, chegamos felizmente à cidade de Baracoa, justamente o ponto da ilha onde o descobridor Colombo pôs os pés ao chegar à terra. Conserva-se ainda a cruz que levantou ao chegar. Havia sessenta anos que nenhum prelado visitava a cidade, e conseqüentemente, não fora ministrado o sacramento da confirmação.(53) Quando cheguei, dois companheiros meus já haviam pregado a missão. Não obstante, preguei todos os dias em que lá permaneci, ministrei o sacramento da crisma a todos, visitei-a; passei depois à paróquia de Guantánamo e também de Mayarí. Estas duas paróquias foram missionadas pelos meus companheiros e fiz o mesmo que em Baracoa.

543. De Mayarí, voltamos para Santiago, a capital, distante quarenta léguas. Como o caminho é ermo, tivemos de levar comida. Saímos segunda-feira santa. Levamos uma sopa de bacalhau com grão-de-bico e batatas, e uma panela de barro. Depois de muito caminhar, decidimos comer. Paramos. Acendemos o fogo e, para proteger-nos do vento, encostamo-nos a um tronco de uma grande árvore de mogno. Todos íamos colocar lenha. O calor do fogo foi tão intenso que a panela estourou. Procuramos uma palmeira-real, pois naquela mata havia muitas, para dela tirar uma folha chamada “*iágua*”, (as *iáguas* são folhas grandes que caem das palmeiras-reais, como peles de carneiro). Numa *iágua* despejamos a sopa, porque a panela e se havia quebrado, devido ao excesso de calor do fogo. Acontece que não tínhamos nem colher nem garfo. Apanhamos então uma cabaça, com a qual tomamos nossa sopa. Tivemos sede e, para beber,

apanhamos outra folha de *iágua*, atamos as pontas, formando assim um recipiente que enchemos de água. Todos estávamos tão contentes e alegres que era uma maravilha. No dia seguinte chegamos a Santiago para celebrar as funções da semana santa, as quais sempre celebrei todos os anos.

544. Nos primeiros anos, tivemos os tremores e a cólera, como já disse. Não obstante as dificuldades, eu e meus companheiros realizamos missões em todas as paróquias do arcebispado. Em todas realizei a visita pastoral, ministrei o sacramento da crisma durante quantos dias fossem necessários para que ninguém ficasse sem o sacramento. (54) Casavam-se ou se separavam os que viviam maritalmente. A todos distribuíamos livros, santinhos, medalhas, terços; e todos ficavam muito contentes e nós também.

545. Durante a primeira visita e missão, tivemos o cuidado de contar o que distribuíamos. Só em livros distribuimos 98.217, que dávamos de graça ou trocávamos por outros considerados nocivos. Foram muitos os livros que destruimos. Além disto, distribuimos 89.500 estampas, 20.663 terços, 8.931 medalhas. Depois da primeira visita já não se anotava o que era distribuído, por ser muitíssimo o que mandava vir da Península, da França e de outros lugares. Tudo era distribuído dentro e fora da diocese. Que tudo seja para a maior glória de Deus e salvação dos homens que Jesus Cristo redimiu.

546. Escrevi muitas circulares durante o tempo em que permaneci à frente da diocese. Não quis escrever nem uma carta pastoral antes de ter visitado primeiro toda a diocese e constatado a realidade, para que as palavras não fossem atiradas ao vento, mas aproveitadas verdadeiramente.

547. A primeira carta pastoral que escrevi e assinei foi no dia 20 de setembro de 1852. Foi dirigida ao clero. Essa mesma carta foi reimpressa (55), com os seguintes acréscimos: 1. Sobre o hábito clerical. 2. Deveres dos vigários forâneos. 3. Deveres dos párocos e demais sacerdotes. 4. Determinações para sacerdotes e coadjutores. 5. Método de vida. 6. Sobre as capelanias. 7. Sobre os matrimônios. 8. Sobre dispensas matrimoniais.

548. Além disso, escrevi sete apêndices: 1. Sobre ornamentos e livros paroquiais; 2. Sobre o cemitério; 3. Sobre formulários; 4. Sobre a distribuição do orçamento das fábricas (rendimento aplicado ao culto e manutenção de uma igreja); 5. Sobre as conferências; 6. Sobre a Irmandade da Doutrina Cristã; 7. Sobre a maneira de evitar os escândalos. (56)

549. A segunda carta pastoral dirigida ao povo, com data de 25 de março de 1853, recorda o que havíamos ensinado nas missões e na visita pastoral. (57) A terceira foi contra maus livros que um navio havia trazido para a Ilha. (58) A quarta, foi um convite à oração para obter a definição dogmática da Imaculada Conceição de Maria. (59) A quinta, foi por motivo da declaração do dogma da Imaculada Conceição de Maria. Esta carta foi impressa e reimpressa em Cuba, Barcelona e Paris. (60) Tudo seja para maior glória de Deus, de Maria santíssima e para o bem das almas, como tem sido sempre minha intenção.

Capítulo 7

Disposições a favor da diocese

550. Se é verdade que nos dois primeiros anos foram visitadas e missionadas todas as paróquias da diocese, depois as visitas e missões continuaram. Como manda o sagrado concílio de Trento, que a cada ano ou dois se faça visita, eu em seis anos e dois meses visitei quatro vezes cada paróquia. (61)

551. Na minha gestão, revisei e melhorei os vencimentos do clero, tanto da catedral como das paróquias. A cota deles aumentou, a minha diminuiu. Antes o arcebispo de Cuba recebia 30.000 duros e a quarta parte das arrecadações das funções paroquiais, que somava 6.000 duros. No meu tempo este valor ficou reduzido a 18.000 duros, sem a quarta parte das arrecadações. (62)

552. Os vigários recebiam uma mesquinharia. Só como exemplo: os quatro de Santiago recebiam trinta e três duros, mais as ofertas da igreja, das quais tinha que dar a metade ao prelado e ao que era chamado sacristão, que nada fazia. No meu tempo, estabeleceu-se que, nas paróquias menores, os párocos que ingressavam receberiam 700 duros, os de meia carreira 1.200 duros, e os de fim de carreira 2.000. Para os gastos do culto: 200 duros para os iniciantes, 400 para os de meia carreira, e 700 para os de fim de carreira. Também os cônegos tiveram seus ordenados aumentados. Foi reformada uma capela, muito bem provida e montada, com a finalidade de acolher bons músicos e organistas, vindos da Península; nela se realizavam celebrações esplendorosas.

553. Tanto os cônegos como os párocos e demais sacerdotes eram convidados a fazer anualmente dez dias de exercícios espirituais. Fiz-lhes vestir sempre o hábito talar. Determinei por um edito; o que faltasse teria uma multa de dez duros. Somente um faltou. Fiz com que comparecesse vestido de leigo e exigi que pagasse a multa e como foi visto em casa suspeita de mulheres, cancelei as licenças e o deixei em reclusão. A um cônego e prebendado que reincidiu na falta depois de ter sido avisado, tirei-lhe parte de suas rendas, segundo disposição do Concílio de Trento. Quando algum sacerdote caía em alguma fragilidade, exigia que fizesse retiro espiritual e, se via que de fato se havia emendado, tirava-o do local e o enviava a outro ponto bem distante, a fim de afastar-se do perigo.

554. Instituí as conferências em todos os povoados, três cada semana: uma sobre rubricas e duas sobre moral. Eu sempre as presidia. A primeira de cada mês era uma conferência para o dia de retiro, que consistia num tempo de leitura, oração e pregação.

555. Reestruturei o Seminário Conciliar. Há mais de trinta anos que não se ordenava nenhum seminarista interno. Todos começavam a carreira dizendo que tinham vocação. Instruíam-se às custas dos seminários,

no último ano diziam não ter vocação para o sacerdócio e graduavam-se em Direito. Em Santiago existe um exame de advogados formados às custas do seminário, e os poucos párocos vinham de fora. (63)

556. Com a ajuda de Deus, a situação mudou completamente. Nomeei reitor o padre Antônio Barjau, sacerdote dotado de zelo para educar crianças e jovens. Este bom sacerdote, com suas boas maneiras e, tendo ele mesmo boa formação, educava bem os candidatos, religiosa e cientificamente. Deste modo progrediram, tanto nas virtudes como nas ciências. Muitos se ordenaram e outros ainda se preparam.

557. Como necessitava logo de sacerdotes, e o seminário não podia oferecê-los senão após longos anos, recorri ao seguinte recurso: convidei estudantes da Catalunha em final de curso, que concluíam em Santiago, e dava-lhes já com o encargo de uma sacristia. Eles colocavam-se à disposição dos párocos e depois tornavam-se candidatos a párocos. Foram ordenados por mim trinta e seis.

558. Juntamente com o provisor, acabamos com muitos e gravíssimos abusos existentes nas capelarias. Estas, que eram de direito devoluto, procurava dá-las aos bons seminaristas do lugar, que eram internos e davam esperança de que, com o tempo, seriam bons párocos.

559. Aumentei o número de paróquias e determinei que os párocos ensinassem a doutrina cristã e que em todos os domingos fizessem pregação ou leitura ao povo.(64)

560. Implantei a Irmandade da Doutrina Cristã e, desde que nos instalamos na Ilha, todos os estudantes tinham de ensinar a doutrina, distribuídos pelas diversas igrejas. Aos domingos fazíamos procissão com as crianças. Parávamos na frente das igrejas. Nos átrios ou nas praças dispunham-se duas mesas, os meninos, de dois em dois, subiam nelas e, em voz alta e clara, se faziam perguntas mutuamente. E o povo que se aglomerava, motivado pela novidade, aprendia a doutrina que tanto necessitava.(65) Visitava sempre e em todos os povoados as escolas primárias, as escolas de meninos e de meninas e instruía os professores e alunos.

561. Abri um Convento de Monjas do Ensino para a educação das meninas. Adquiri para elas uma casa que custou doze mil duros. (66)

562. Com ajuda do Senhor, cuidei dos pobres. Toda segunda-feira do ano, durante toda a minha permanência na Ilha, reunia todos os pobres da povoação em que me encontrava. Como às vezes são mais pobres de alma que de corpo, dava uma peseta a cada um, depois de eu mesmo lhes ensinar a doutrina cristã. Sempre, após o ensino do catecismo, fazia uma exortação para que participassem dos santos sacramentos da confissão e eucaristia. Muitíssimos se confessavam comigo, porque conheciam o amor que lhes dedicava. Realmente, o Senhor deu-me um amor entranhável pelos pobres. (67)

563. Para os pobres, comprei uma fazenda na cidade de Porto Príncipe. Quando saí da Ilha, havia gasto vinte e cinco mil duros de minhas próprias economias. (68) O presbítero Palácio Curríus, que recebera do Senhor um dom especial para isso, dirigia a obra de construção da casa. Ele comia e dormia na mesma fazenda, junto com os trabalhadores, a fim de melhor coordenar as atividades.

564. O plano da obra era recolher meninos e meninas pobres, muitas dos quais vivem perambulando pelas ruas a pedir esmola. Ali recebiam comida e roupa, teriam aulas de religião, aprenderiam a ler e escrever, etc., e uma arte ou ofício que quisessem. Uma hora diária era dedicada ao trabalho na fazenda para produção de alimentos e a própria manutenção. Todo o excedente que ganhassem devia ser colocado na caixa de poupança. De modo que, quando saíssem daquela casa, além da instrução e aprendizagem de algum ofício ou arte, receberiam o que tivessem ganhado.

565. A casa era dividida em dois grandes pavilhões: um para as meninas e outro para os meninos; a capela ficava no meio. Nas funções religiosas, os meninos ficavam no centro da capela, e as meninas ocupavam as tribunas ao lado. Assim ficavam completamente separados. A casa tinha dois andares, no primeiro estavam as oficinas e, no segundo, os dormitórios, etc.

566. Na parte da frente do estabelecimento ou casa, no pavilhão dos meninos, haveria um pequeno laboratório de física e química, instrumentos de agricultura e uma biblioteca. Esta seria aberta ao público duas horas pela manhã e duas à tarde. Três dias por semana, as aulas de agricultura poderiam ser franqueadas por todos que se interessassem. O restante era reservado aos internos.

567. Mandei cercar e amurar toda a extensão da fazenda. Depois dividi o terreno em quadras diferentes; tanto ao redor como nas linhas divisórias das quadras, mandei plantar árvores nativas e vindas de fora e que lá pudessem aclimatar-se e ser utilizadas, formando uma espécie de jardim botânico; eram identificadas por números registrados num livro em que explicava a natureza de cada uma, sua procedência, sua utilidade, o modo de ser propagada e de ser melhorada, etc., etc. Para tanto, eu pessoalmente, com minhas próprias mãos, plantei mais de 400 laranjeiras que cresciam admiravelmente. Na fazenda haveria um lugar destinado aos animais da Ilha e de fora, cujas raças podiam ser utilizadas e melhoradas. (69)

568. Enquanto a obra ia se desenvolvendo, escrevi um pequeno livro intitulado *Delícias do Campo*, que contém, em embrião, o projeto da Casa de Beneficência começada. A pequena obra *Delícias do Campo*, tem sido de grande utilidade na Ilha, pois os donos das fazendas a entregavam aos administradores e pediam que se instruissem por ela.(70) Os generais de Havana e de Santiago, incentivadores da prosperidade no país, eram os que mais divulgaram a obra. O general Vargas, que então vivia em Santiago e atualmente está em Porto Rico, fez nova edição para Porto Rico e Santo Domingo.(71)

569. Criei também na diocese a *Caixa Econômica*, cuja regulamentação e aprovação estão na mesma obra, para auxiliar as necessidades dos pobres, porque percebi que os pobres, quando são bem orientados e se lhes proporciona um modo digno de ganhar a vida, são pessoas honradas e virtuosas; caso contrário, se aviltam. Por isso eu me empenhava por almejar o espiritual e o corporal. Assim, com a ajuda de Deus, tudo me saiu muito bem. Que tudo seja para a glória de Deus. (72)

570. Visitava também os presos dos cárceres, catequizava-os, pregava-lhes a palavra de Deus com muita freqüência. Dava a cada um uma peseta, pois assim me ouviam com prazer e atenção.

571. Com a mesma freqüência, visitava os enfermos pobres do hospital, dava-lhes alguma ajuda, particularmente quando recebiam alta e enquanto se restabeleciam. Eu era o presidente da *Junta dos Amigos do País*. Nós nos reuníamos no palácio para tratar dos assuntos em prol do desenvolvimento da Ilha. Procurávamos empregos para os rapazes pobres. Cuidávamos para que no cárcere os presos recebessem alfabetização, religião e alguma profissão. No presídio, tínhamos um bom número de oficinas. A experiência nos ensinava que muitos se entregavam ao crime porque não tinham nenhuma profissão nem sabiam como conseguir honestamente a sua subsistência.

572. Facilitei a regulamentação dos matrimônios aos pobres e daqueles que não dispunham dos documentos de batismo, a fim de acabar com os concubinatos. Opus-me aos raptos e aos matrimônios entre parentes. Só os aceitava e dispensava quando não havia outra solução, pois via o mau resultado que produziam semelhantes uniões. (73)

Capítulo 8

Ferimento e cura no atentado (74)

573. Encontrava-me em Porto Príncipe, realizando a quarta visita pastoral. Era o quinto ano de minha permanência naquela Ilha.(75) Terminada a visita às paróquias da cidade, dirigi-me a Gibara, passando por Nuevitas que também visitei de passagem. De Gibara, porto do mar, dirigi-me à cidade de Holguín. Havia dias que me sentia muito fervoroso e desejoso de morrer por Jesus Cristo. Não sabia falar de outra coisa a não ser do divino amor, tanto com meus irmãos de comunidade como com os de fora que me visitavam. Tinha fome e sede de sofrer dificuldades e derramar meu sangue por Jesus e Maria. Dizia no púlpito que desejava confirmar com o sangue as verdades que pregava.

574. No dia primeiro de fevereiro de 1865,(76) tendo chegado à cidade de Holguín, iniciei a santa visita pastoral. Sendo véspera da festa da purificação da santíssima Virgem Maria, preguei sobre este adorável mistério, fazendo ver aos ouvintes o grande amor que a santíssima Virgem nos manifestou ao oferecer

seu Filho Santíssimo à paixão e morte por todos nós. As coisas que eu disse e como as disse, não sei. Diziam-me, porém, que nunca fora tão feliz assim. O sermão durou uma hora e meia.

575. Desci do púlpito vibrando de fervor. Terminada a função, saímos da igreja em direção à casa aonde iria dormir. Acompanhavam-me quatro sacerdotes,(77) meu acompanhante Inácio,(78) um sacristão, com uma lanterna para iluminar o caminho, pois a noite estava escura e eram oito e meia da noite. Saíramos da igreja e já estávamos numa rua larga e espaçosa. Nos dois lados da rua havia muita gente, todos me saudavam. Aproximou-se de mim um homem, como que desejando beijar-me o anel. Inesperadamente, porém, estendeu o braço empunhando uma navalha de barbear e desfechou um golpe com toda a sua força. Como, porém, eu estivesse com a cabeça inclinada e, na mão direita um lenço com o qual tapava a boca, em lugar de cortar-me o pescoço como tencionava, fez-me um corte no rosto, na face esquerda, desde a frente até a orelha, onde começa a barba e, na pressa, agarrou-me e feriu-me o braço direito com o qual tapava a boca. (79)

576. Por onde passou a navalha, a carne abriu-se até fender o osso dos maxilares superior e inferior. O sangue escorria por dentro e por fora da boca. Imediatamente, segurei a bochecha para conter o jorro de sangue e, com a mão esquerda, apertava a ferida do braço direito. Felizmente, perto do local havia uma farmácia, e eu disse: *Entremos aqui, pois teremos mais à mão os remédios.* (80) Como os médicos da cidade e do regimento tinham assistido ao sermão e saíam da igreja com o povo, logo souberam do acontecido, acudiram-me imediatamente. Ficaram espantados ao ver bispo todo ensangüentado, vestido de capa e peitoral, pois, além de bispo, era amigo e, como tal, me estimavam e me queriam muito bem. Olhando-me, ficaram tão estupefatos que eu tive de animá-los e dizer-lhes o que tinham que fazer; eu mesmo estava tranqüilo e sereno. Os médicos disseram que o sangue saído pelos cortes equivaleria a quatro libras e meia. Devido à forte hemorragia, sofri um pequeno desmaio. Logo tornei a mim, assim que me deram vinagre para cheirar.

577. Feitos os primeiros curativos, levaram-me em uma maca para casa onde estava hospedado.(81) Não sei como explicar o prazer e a alegria que minha alma sentia por ter alcançado o que tanto desejava: derramar o meu sangue por amor de Jesus e de Maria e poder selar com o sangue das minhas veias as verdades evangélicas. Sentia mais intensa alegria em mim ao pensar que isto era uma amostra daquilo que com o tempo alcançaria: derramar todo o sangue e consumir o sacrifício com a própria morte. Parecia-me que estas feridas eram como que a circuncisão de Jesus e depois, com o tempo, teria a ditosa e incomparável sorte de morrer, ou na cruz em um patíbulo, ferido por um punhal de assassino, ou coisa semelhante.

578. A alegria e gozo duraram todo o tempo em que estive acamado. Alegrava a todos os que me visitavam.(82). Aos poucos essa alegria foi passando, à medida que as feridas cicatrizavam.(83)

579. Na cura das feridas, aconteceram três coisas prodigiosas que consignarei aqui brevemente. A primeira foi a cura instantânea de uma fístula, que os médicos me tinham dito que duraria. Com o ferimento romperam-se completamente os ductos das glândulas salivares, de modo que a saliva, líquida como a água, escoava por um orifício no meio da cicatriz da face, próximo à orelha. Os médicos pensavam fazer uma cirurgia dolorosa e pouco vantajosa. Tendo deixado para o dia seguinte, encomendei-me à santíssima Virgem Maria e me ofereci e resignei-me à vontade de Deus e, no mesmo instante, fiquei curado. De maneira que, no dia seguinte, quando os médicos viram o prodígio, ficaram assombrados.

580. O segundo prodígio foi que da cicatriz do braço direito apareceu como que uma imagem, em relevo, de Nossa Senhora das Dores, de meio corpo e, além do relevo, tinha cores branca e roxa. Nos primeiros anos podia ser vista perfeitamente, de modo a constituir-se motivo de admiração por parte dos amigos que a viram. Aos poucos, porém, foi se apagando e agora pouco se reconhece.

581. O terceiro foi o pensamento de fundar a Academia de São Miguel, ainda nos primeiros dias em que me achava acamado. Logo que me levantei, comecei a desenhar a estampa e a escrever o regulamento, atualmente aprovado pelo governo, com cédula real, além de elogiado e recomendado pelo sumo pontífice Pio IX.

582. A rainha e o rei foram os primeiros a se filiarem. Depois, muitos aderiram em Madri e nas principais povoações da Espanha e é incalculável o bem que fazem. Que tudo seja para a maior glória de Deus e o bem das almas. (84)

583. O agressor foi detido no ato da agressão. Foi aberto contra ele um processo e o juiz deu sentença de morte.(85) Em meu depoimento, no entanto, disse que como cristão, sacerdote e arcebispo, o perdoava. Logo que o capitão-geral de Havana, José de la Concha, tomou conhecimento, fez uma viagem expressamente para me visitar. Supliquei que lhe fosse dado o indulto e que o tirassem da Ilha para que ninguém o linchasse, como se temia, por ter-me agredido; tal era a dor e a indignação do povo ao ver-me ferido e, ao mesmo tempo, criou-se um sentimento de vingança pelo fato de que no seu país houvessem ferido o seu bispo.

584. Ofereci-me para pagar-lhe a passagem a fim de que voltasse à sua terra, à Ilha de Tenerife, nas Canárias. Ele se chamava Antônio Pérez.(86) Era o mesmo que no ano anterior havia tirado da prisão, sem conhecê-lo, simplesmente atendendo a um apelo dos seus parentes. Na época supliquei às autoridades que o soltassem, as quais aquiesceram e o soltaram. No ano seguinte, fez o favor de agredir-me. Digo favor porque tenho na conta de grande favor o que o céu me fez. Disso estou sumamente agradecido e continuamente louvo a Deus e à santíssima Virgem.

Capítulo 9

Chamado a Madri

585. Jesus disse aos que iam prendê-lo, no horto: *Haec est hora vestra et potestas tenebrarum*: Esta é a vossa hora e o poder das trevas.(87) O mesmo deveria dizer eu, pois aquela era a hora em que Deus dava permissão os maus e aos demônios para que me ferissem. No instante em que fui ferido, vi o próprio demônio que o ajudava e dava forças para desferir o golpe. Ocorreu-me a idéia sobre aquelas palavras que dizem os Cânones: *Si quis suadente diabolo*.(88) Pensei: Este infeliz homem, *cooperante diabolo*, cooperador do diabo, põe suas mãos violentas sobre tua miserável pessoa. É bem verdade que és um pobre pecador, um indigno sacerdote, contudo, sacerdote, um bispo da Igreja, um ministro de Jesus Cristo. (89) Meu Pai!, perdoa-lhe pois não sabe o que faz. (90)

586. Assim que me restabeleci, dirigi-me à igreja para dar graças a Deus.(91) Ministrei o sacramento da crisma a todos os que deveriam ser crismados e depois iniciei a caminhada de regresso a Santiago de Cuba. Administrava a crisma em todas as paróquias que estavam no caminho. Pernoitamos em uma fazenda chamada *Santo Domingo*. Acreditando os inimigos que estivéssemos em outra fazenda chamada *Altagracia*, durante a noite a incendiaram.(92) Ao anoitecer do dia seguinte, chegamos a Santiago. (93) A cidade inteira saiu para nos receber, com grande demonstração de alegria ao ver-me, pois julgavam que estivesse morto. O dia seguinte à minha chegada era sexta-feira das Dores. Fui à igreja da Virgem das Dores para agradecer. Celebrei missa e distribuí comunhão a muitas pessoas; assisti à missa solene e ao sermão. Depois fiz a celebração da bênção do Domingo de Ramos e presidi todas as celebrações da Semana Santa e Páscoa.

587. Em conseqüência do atentado, meu rosto ficou muito desfigurado; a voz não muito clara e a articulação comprometida. Nos primeiros meses depois do retorno a Santiago, não podia pregar como de costume. Dedicava-me a práticas particulares o tempo que o confessionário e demais ocupações do ministério me deixavam livre. Depois de alguns meses, porém, já trabalhava como antes e, na Quaresma do ano seguinte, iniciei uma missão na igreja de São Francisco, de Cuba. Já havia pregado alguns dias de missão quando recebi uma ordem real para regressar a Madri, pois havia falecido o arcebispo de Toledo, que era confessor da rainha, e sua majestade me havia escolhido para substituí-lo. (94)

588. No dia 18 de março recebi a Ordem Real e, no dia 20 (95) do mesmo mês, saí de Cuba para Havana, onde embarquei no vapor correio que ia para Cádiz. Todo o povo veio se despedir no porto, manifestando tristeza e sentimento. Com a minha saída, os meus companheiros de comunidade ficaram dispersos. Contudo, deixei o padre Dionísio González, como meu representante, para que continuasse até receber

nova ordem, e aos padres Antonio Barjau e Galdácano que continuassem à frente do seminário até que chegasse meu sucessor, a fim de não ficasse no abandono.

589. Desde o dia em que cheguei a Havana até 12 de abril, dia da minha partida, preguei diariamente e ouvi confissões de pessoas importantes da cidade. Dei a primeira comunhão à filha do capitão-geral e à sua esposa, no mesmo ato.(96)

590. Na viagem arrostamos grandes perigos que nos punham em risco a vida, porém o Senhor nos salvou a todos. (97) Fizemos escala nas Ilhas Terceiras que são portuguesas e fomos muito bem tratados. Contristou-nos a morte de dois artilheiros, ao retribuir as saudações recebidas, na cidade de Fayal. Desembarcamos todos e fizemos as exéquias.(98) Continuamos a viagem e, nos últimos dias de maio, chegamos a Cádiz.(99)

CAPÍTULO 10

Breve biografia dos sacerdotes colaboradores

591. *Padre João Nepomuceno Lobo*: Conheci-o quando fui à Corte, de passagem pelas Ilhas Canárias. Gostei muito dele por seu saber e virtude. Quando fui nomeado arcebispo, convidei-o para o cargo de provisor. Depois de ter-se encomendado a Deus, aceitou o cargo de tesoureiro e decano. Era encarregado responsável pelo cabido, cargo que desempenhou muito bem. Desempenhou igualmente a função de provisor e, na minha ausência, substituía-me. É um sacerdote de muita virtude, saber e zelo, e me ajudou muito. Pouco depois, renunciou a tudo que possuía e entrou para a Companhia de Jesus.(100) Substituiu-o Dionísio González, pessoa de agradável convivência; tendo ele passado à península por causa da saúde, nomeei-o vice-presidente do Escorial.(101)

592. *Padre Manuel Vilaró*: Este sacerdote me acompanhava e me ajudava nas missões na diocese de Tarragona. Ingressou na Congregação do Imaculado Coração de Maria. Quando fui para Cuba, teve a bondade de acompanhar-me. Nomeei-o secretário; desempenhou muito bem o seu cargo. Além de trabalhar na secretaria, pregava e confessava sempre. Bastante culto, virtuoso e zeloso. Trabalhou muitíssimo. Adoecendo em Cuba, e não dando esperanças de vida, foi enviado à península, morreu em Vic, sua terra natal.(102)

593. *Padre Manuel Subirana*: Nascido em Manresa, meu colega; ordenamo-nos juntos, ainda que com alguma diferença. Muito virtuoso, sábio e zeloso, primeiro na Catalunha, depois em Cuba. Foi depois para a Guatemala e Honduras, onde se encontra atualmente e faz maravilhas, sempre pregando de um povoado a outro como fazia na minha diocese.(103)

594. *Padre Francisco Coca*: Nascido em Capellades, diocese de Barcelona. Conheci este sacerdote quando fui pregar o mês de Maria em Villanueva, onde trabalhava como vigário coadjutor. Ao saber de minha nomeação, ofereceu-se. Aceitei-o e veio comigo. Era um sacerdote muito bom, simples como uma criança, muito zeloso e fervoroso. Sempre acompanhava o padre Manuel Subirana, pois entre ambos havia grande e boa simpatia. Os dois eram muito zelosos e fervorosos e pregavam continuamente, passando de uma povoação a outra, sem descansar jamais. Os dois possuíam vozes harmoniosas. Todos iam à missão, mesmo que fosse só para ouvir seus cantos. O sermão, que vinha depois do canto, pegava-os na armadilha. É inexplicável o fruto que produziram. Depois foi a Guatemala, entrou na Companhia de Jesus e morreu jesuíta. (104)

595. *Padre Estêvão Adoain*: Capuchinho, este padre, logo que cheguei em Santiago, procurou-me. Estava fugindo de Havana, por causa das perseguições, pelo muito que pregava. Ficou em meu palácio e, com outro sacerdote, em dupla, iam às missões. O primeiro que o acompanhou foi o padre Paládio Curruíus, e o segundo, o padre Lourenço San Martí. Era muito zeloso e prático em organizar missões e sabia, com arte, tirar da má vida os amancebados. Seguiu depois para um convento de capuchinhos, na Guatemala.(105)

596. *Padre Felipe Rovira*: Logo que chegou em Cuba, destinei-o ao seminário como professor de latim, uma vez que isso era o que fazia quando se juntou a mim, para irmos para a América. Com a saída do padre Manuel Vilaró, nomeei-o secretário, acompanhando-me sempre nas visitas e missões da diocese, até vir comigo para Madri. Foi depois para Porto Rico, com o novo bispo, D. Benigno Carrión. Também era muito zeloso e trabalhava muito, principalmente no combate aos concubinatos e outros escândalos.(106)

597. *Padre João Pladebella*: Era um padre da diocese de Gerona; grande teólogo. Coloquei-o no seminário para as aulas de teologia moral. Desempenhou muito bem o seu cargo. Era muito virtuosos e aplicado. Morreu de febre amarela; os médicos só descobriram após a morte dele, porque ficou amarelo, como aconteceu com os que morriam dessa doença.(107)

598. *Padre Paládio Curríus*: Natural de Ridaura, diocese de Gerona. Sacerdote muito piedoso e zeloso. No começo pregava missões com o padre Estêvão, capuchinho. Nas missões ficou doente. Chegou ao palácio mais morto que vivo. Logo que se restabeleceu, coloquei-o no seminário para que ensinasse teologia moral em lugar de Pladebella, que havia falecido. Depois enviei-o a Porto Príncipe, a fim de dirigir a Casa de Beneficência, em construção. Quando Felipe Rovira veio comigo à Europa, ele ficou como secretário em Santiago. Depois de algum tempo chamei-o a Madri, onde me ajudou nas obras do hospital e igreja de Montserrat. Finalmente, enviei-o ao Mosteiro do Escorial.(108)

599. *Padre Lourenço San Martí*: Natural de Curríu, diocese de Solsona. Iniciou as missões com o padre Antônio Barjau. Depois, coloquei-o em companhia do padre Estêvão Adoain e, finalmente, enviei-o a Porto Príncipe como vigário forâneo, tarefa que desempenhou muito bem. Foi sempre muito fervoroso e desprendido de tudo. Por fim, ingressou na Companhia de Jesus. Atualmente se encontra em Fernando Pó.(109)

600. *Padre Antônio Barjau*: Natural de Manresa, diocese de Vic; iniciou pregando missões com o padre Lourenço San Martí. Como possui um dom especial para instruir e educar crianças, coloquei-o como reitor do seminário. Desempenhou muito bem o seu cargo. Ficou ali até a chegada do meu sucessor. Voltou, então, e nomeei-o reitor do Colégio do Real Mosteiro do Escorial. É um sacerdote muito desprendido das coisas terrenas e muito zeloso da glória de Deus e da salvação das almas.(110)

601. *Padre Antônio de Galdácano*: Capuchinho, de Viscáia. Juntou-se a mim após dois anos de minha estada em Cuba. Exclaustrado pela revolução, foi para os Estados Unidos. Esteve depois em Porto Rico como pároco. Como ali não se deu muito bem, veio para Cuba, onde se adaptou melhor. É um religioso muito instruído e muito zeloso. Acompanhou-me algumas vezes nas missões, ajudando-me nas confissões. Nomeei-o depois catedrático no seminário. Logo que chegou meu sucessor, veio (à Espanha) e destinei-o para o cargo professor de teologia no seminário do Escorial.(111)

602. *Telésforo Hernández*: Jovem trazido pelo padre João Lobo. Destinei-o a trabalhar na secretaria como escrevente. Morreu de febre amarela.(112)

603. *Gregório Bonet*: Foi cozinheiro, mas não se deu bem com o clima. Como fora soldado e ferido, com o calor, os ferimentos pioraram e teve de voltar para Majorca, de onde era natural.(113)

604. *Felipe Vila*: Jovem, natural da cidade de Vic. Levei-o como meu criado. Cuidava muito bem dos doentes e dos pobres, a quem dava esmola e ensinava a doutrina cristã e os exortava à virtude. Fazia

reflexões tão belas, oportunas e enérgicas que os párocos do país, ouvindo-o, ficavam admirados. Diziam-lhe que melhor seria que estudasse para padre e não fosse simples criado. Ele lhes deu ouvido e queria estudar. Eu, porém, dizia-lhe que não fizesse isso, pois Deus não o tinha destinado ao sacerdócio, embora tivesse ótimos costumes. Apesar disso, quis estudar. Pouco tempo depois, porém, acometido de angina, voltou à Europa e morreu.(114)

605. *Ignácio Betríu*: Jovem, natural de Arreu, diocese de Seo. Foi o mais perseverante. De bons costumes, muito amigo dos pobres e bastante zeloso. Dava catecismo aos pobres e, nas missões, catequizava as outras pessoas, a quem distribuía livros, medalhas, santinhos e terços mandados por mim. Veio comigo da América e atualmente ainda está comigo.(115)

606. Estes são os colaboradores que me acompanharam nos trabalhos apostólicos naquela diocese, tão cheia de ervas daninhas e espinhos. Devo agradecer muitíssimo a Deus por ter colocado ao meu lado companheiros tão bons. Todos tiveram exímia conduta. Jamais me causaram desgosto. Ao contrário, todos me serviam de grande consolo e alívio. Todos tinham bom caráter e eram de virtude muito sólida. Desprendidos de tudo o que era terreno, não falavam nem pensavam em interesses nem distinções honrosas. Seu único desejo era a maior glória de Deus e salvação das almas.

607. De todos eles eu tinha muito a aprender, davam-me exemplos de todas as virtudes, obediência, particularmente de humildade, obediência, fervor e desejo de estar sempre trabalhando. Nunca se percebeu em nenhum deles displicência na hora de serem enviados. Todos estavam sempre dispostos a trabalhar; com prazer se ocupavam nas tarefas às quais eram enviados, fosse nas missões, que era o mais comum, ou cuidar de alguma paróquia ou vigararia forânea, para eles era indiferente. Jamais pediram ou recusaram qualquer tipo de ocupação.

608. Nossa casa era motivo de admiração por parte dos hóspedes que a visitavam. Digo isto porque dei ordens a todos os sacerdotes que viessem à cidade, que se hospedassem na minha residência pelo tempo que desejassem, estando eu presente ou não. (116) Houve um cônego da Ilha de Santo Domingo, chamado Gaspar Hernández que, tendo que abandonar seu destino por causa da revolução, veio a Cuba e permaneceu três anos em minha residência, comendo conosco. Vinham eclesiásticos dos Estados Unidos e de outros pontos e todos encontravam lugar em minha casa e à minha mesa. Parece que Deus os trazia para sentir e ver aquele espetáculo tão encantador. Notavam que nossa casa era como que uma colméia: alguns saíam e outros entravam, segundo as tarefas que lhes eram atribuídas, e todos sempre contentes e alegres. Assim, os hóspedes ficavam admirados com o que viam e louvavam a Deus.

609. Às vezes eu ficava imaginando como era possível que reinasse tanta paz, tanta alegria, tão bela harmonia entre tantas pessoas e por tanto tempo. Eu não podia dar outra explicação senão dizer: *Digitus*

Dei est hic: Isto é o dedo de Deus.(117) Esta é uma graça singular que Deus nos dispensa por sua infinita bondade e misericórdia. Reconhecia que o Senhor abençoava os meios que de nossa parte colocávamos para obter esta graça especialíssima. Os meios utilizados eram os seguintes:

610. 1º) Diariamente nos levantássemos a uma hora fixa e determinada, e, em comunidade, sem faltar ninguém, tínhamos meia hora de oração mental. As refeições eram em comum e havia sempre leitura durante a refeição, a qual era feita por turno. Depois do almoço e janta, todos juntos tínhamos um tempo de recreação, assim todos nos víamos, conversávamos igualmente, e encerrávamos as atividades do dia com o santo rosário e demais devoções.(118)

611. 2º) Anualmente, em determinada época, nos reuníamos na residência episcopal e fazíamos dez dias de exercícios espirituais sem interrupção, observando absoluto silêncio, sem admitir visitas, nem cartas, nem outros assuntos. Por turno, cada dia um servia à mesa, outro lia, começando por mim. Durante os dias de retiro, por vontade deles, era eu que pregava. No último ato dos exercícios, eu beijava os pés de todos eles; depois me pediam permissão para beijar os meus e dos demais. Este gesto expressava ternura, muito imponente e de ótimos resultados.

612. O terceiro meio era que ninguém nutria amizades particulares. Todos nos amávamos igualmente uns aos outros. Ninguém tinha amizade fora de casa. Na residência, tínhamos de tudo. Sendo assim, não fazíamos visitas, nem éramos visitados pelos de fora. A experiência nos mostrava a utilidade deste meio necessário para conservar a paz, evitar desgostos, ciúmes, invejas, suspeitas e murmurações e outros males maiores.

613. O quarto meio consistia no seguinte: proibi-lhes, com toda a força da minha autoridade, e lhes pedi com toda a amabilidade e carinho que lhes dedicava, que jamais lessem cartas anônimas. Estes são os meios dos quais nos valíamos. O Senhor dignou-se abençoá-los e foram para nós muito bons. Sempre e por tudo seja o Senhor louvado.

Capítulo 11

O descontentamento que sinto em Madri (119)

614. Chegamos a Madri nos primeiros dias de junho de 1857.(120) Apresentei-me a sua majestade e, no dia cinco do mesmo mês, passou-me e comunicou-me a ordem real, nomeando-me seu confessor.(121) Poucos dias depois, encarregou-me da instrução religiosa da infanta Isabel. Ela tinha então uns cinco anos. Ministrei-lhe sempre as lições. No dia onze de abril de 1862, com dez anos de idade, fez sua primeira comunhão em companhia de sua mãe, a rainha, tendo-se confessado sempre comigo a partir dos

sete anos em diante. E agora, além da instrução e preparação, participou de dez dias de exercícios espirituais. (122)

615. A rainha, desde o primeiro ano em que fez os exercícios espirituais, repetia-os anualmente com muito gosto, concluía-os contentíssima e exortava outras pessoas que também os fizessem. Manifesta especial apreço pelo livro de exercícios de minha autoria, pede exemplares, pois ela tem imenso prazer com ele presentear as pessoas e pede que ao menos o leiam.

616. Todas as camareiras e açafatas possuem o *Caminho reto* e o livro de exercícios. Quem gostou muito do *Caminho reto* foram suas majestades. Para ambos foram feitas impressões de luxo pela casa Aguado, de Madri. (123). Cotidianamente suas majestades, as camareiras e açafatas comportam-se de modo edificante. Participam da santa missa. Diariamente lêem a vida do respectivo santo, recitam o rosário e participam dos santos sacramentos. A rainha e a infanta confessam-se comigo e confesso também muitas açafatas. Todas estão sempre ocupadas.

617. A rainha, além de suas devoções e atendimento dos assuntos do governo e de conceder audiências a muitas pessoas durante o dia, ocupa-se também com trabalhos manuais, como pintar alguma tela, bordar, etc. Nos bordados é que regularmente mais se ocupa. No ano passado (124) fez uma almofada de tricô, muito bonita, com flores lindas, para meu reclinatório. Às vezes ocupa-se também em fazer colchas a mão.

618. A infanta Isabel está também sempre ocupada: além de suas devoções e leituras espirituais diárias, passa muito tempo nas várias lições que lhe são pedidas. No tempo de descanso, mais se distrai com passatempos masculinos que femininos; assim, nos cinco anos que tenho contato freqüente com ela, nunca a vi com brinquedos femininos, mas sempre com brinquedos próprios de meninos. O brinquedo que mais aprecia é um chapéu em ponta e uma espada. Além de bordar e costurar muito bem, às vezes entretém-se na confecção de rosários, com alicates e arames.

619. As amas dos quartos de sua majestade e das princesas estão sempre ocupadas, tanto no cumprimento de suas respectivas obrigações, quanto na leitura de algum bom livro, seja em fazer tricô com as agulhas ou outras coisas.

620. Mesmo vendo que sua majestade porta-se muito bem na moralidade, na piedade e na caridade, além de outras virtudes e, a seu exemplo, as demais pessoas do palácio, não me conformo nem sossego em ter de permanecer em Madri. Percebo que não tenho temperamento cortesão nem de nobre palaciano. O fato de ter que viver na corte e estar continuamente no palácio é para mim um contínuo martírio.

621. Disse algumas vezes que Deus me deu este destino para que seja meu purgatório, para pagar e purificar os pecados de minha vida passada. Outras vezes tenho dito que em minha vida passada não padei tanto como no tempo em que me encontro na corte. Sempre estou suspirando por sair. Sou como um pássaro engaiolado que percorre todos os cantos da gaiola, procurando por onde escapar. Assim sou eu, que ando de cá para lá, procurando como sair. Quase me alegraria se estourasse uma revolução, para ser mandado embora.

622. Algumas vezes me pergunto: Que motivo tens para andar tão desgostoso? No palácio todos te respeitam. Toda a família real te estima e te elogia. Sua majestade, a rainha, gosta muitíssimo de ti e te quer até o extremo. Então, que motivos tens para andar tão violento? Nenhum. Eu mesmo não saberia dizer o porquê. Só explico o enigma, dizendo que a repugnância que sinto é uma graça que Deus me concede para que não me apegue às grandezas, honras e riquezas do mundo. Estou claramente convencido de que o sentir continuamente esta repugnância pelas coisas da corte e o desejo perene de fugir me preservam da inveja e de colocar o coração nas coisas que o mundo aprecia.

623. Vejo que o Senhor fez em mim o que contemplo e se passa nos planetas. Neles observo duas forças: a centrífuga e a centrípeta. A centrífuga que os força a escapar para longe, e a centrípeta que os dirige para o centro. Equilibradas estas duas forças, descreve-se a órbita. É assim que me contemplo. Sinto em mim uma força que chamarei de centrífuga, a qual me obriga a sair de Madri e de sua corte. Mas sinto que há outra força, que é a vontade de Deus que quer no momento que permaneça na corte, mas que com o tempo sairei. Esta vontade de Deus é para mim a força centrípeta que me detém amarrado como um cachorro num poste.⁽¹²⁵⁾ Misturadas estas duas forças, a saber, o desejo de sair e o amor que tenho em cumprir a vontade de Deus, que no momento quer que eu esteja na corte, estas duas forças assim combinadas, me fazem descrever o círculo que estou fazendo.

624. Nas orações de todos os dias tenho de fazer atos de resignação à vontade de Deus. Dia e noite tenho de fazer atos de sacrifícios para permanecer em Madri. Porém, dou graças a Deus por esta repugnância. Reconheço que é um grande bem para mim. Ai de mim se a corte e o mundo me agradassem! Só isto me agrada: o ver que nada me agrada. Bendito sejais, meu Deus e Pai, que cuidais tanto de mim! Estou convencido, Senhor, de que, assim formastes a água do mar salobra e amarga para que se conserve pura, o mesmo concedestes a mim o sal do desgosto e da amargura enfastiante da corte, para que me conserve limpo do mundo. Graças, muitas graças vou dou, Senhor!

Capítulo 12

Obediência e não participação em política

625. Como sua majestade me estima e me ama muito, sei que seria de seu agrado que lhe pedisse favores. No entanto, até o momento não lhe fiz nenhum pedido, nem desejo fazê-lo no futuro.(126) Porém, que estou dizendo? Não me expresso bem. Sim, pedi um favor, muitas vezes com muita insistência: a permissão para retirar-me de Madri e da corte. Este é o único favor, que até agora não me foi concedido. O pior de tudo é que, mesmo que tenha alguma esperança, por enquanto não posso conseguir o que desejo.

626. Aqueles que têm sede e fome, não de justiça por seus méritos, mas sim, de empregos, cargos e dignidades, assediam minha casa todos os dias e me incomodam com suas insistências e pretensões. Digo-lhes que *sinto profundamente em minha alma não poder atendê-los*, porque fiz um propósito de não me meter nisto. Mesmo depois de estar cinco anos aqui em Madri e ter observado a mesma conduta, ainda não se desenganaram, pois a cada dia a cena se repete. A maioria das pessoas que me procuram na hora da audiência que dou diariamente das onze às doze horas, é para pedir empregos, favores e dignidades. Isto sem falar das inúmeras cartas que recebo todos os dias, com o mesmo pedido. Coitado de mim se me tivesse medido nesse enredo.

627. Por outro lado, vejo que os que tanto insistem, procuram ou solicitam empregos, favores e dignidades, sem falar nos presentes e outros meios, são os mais indignos de tais empregos. Deus me livre de cooperar com um mal tão grande que daí resulta: cargos mal desempenhados, o mérito e a virtude desatendidos, a ignorância, o pedantismo, o vício e a imoralidade seriam introduzidos através do favor. Sim, digo-o, e o digo bem alto e quisera que todos me ouvissem e assim me deixassem em paz. Não me ocupado disto.

628. Mesmo tendo agido com toda precaução nesse campo, nem por isso escapei das más línguas: uns por despeito, porque não quis ser instrumento de suas injustas pretensões, e outros por inveja; uns pelo temor de perder os bens, outros, por malícia e, não poucos, por ignorância, só pelo que ouviram dizer. Falaram de mim todas as vilezas que se possa imaginar, levantaram contra mim as calúnias mais feias e repugnantes. Eu me calei, sofri e alegrei-me no Senhor, por me ter presenteado com um pouco do cálice amargo de sua paixão. Recomendéi a Deus os caluniadores depois de tê-los perdoado e amado de todo o meu coração.

629. Em matéria de política jamais quis meter-me, nem quando era simples sacerdote, tampouco agora, apesar de ter sido várias vezes provocado.(127) Certa pessoa influente um dia disse-me que deveria falar à rainha a favor deste ou daquele. Respondi-lhe, então: Saiba, senhor, que considero a Espanha atual como uma mesa de jogo. Os jogadores são os dois partidos.(128) Como seria repreensível que um mero espectador fizesse a menor insinuação a favor de alguém; assim também eu, que sou mero espectador, seria merecedor de censura, se fizesse alguma indicação a sua majestade a favor deste ou daquele partido.

No final das contas, todos os partidos não passam de jogadores que querem ganhar o jogo e ter o orgulho de mandar nos demais ou o benefício de maiores vencimentos. De modo que a mola da política e dos partidos nada mais é do que a ambição, o orgulho e a cobiça.(129)

630. Por insistência de sua majestade, minha ocupação maior era a nomeação de bispos. Direi, pois, como isto acontecia. O ministério da justiça pede, de vez em quando, aos bispos e a cada um em particular, se sua diocese tem algum sacerdote que reúna as qualidades para ser bispo quando conviesse, e o bispo responde afirmativa ou negativamente. Se considera que há algum, dá as informações que pode: idade, carreira, virtude, desempenho do ministério e demais qualidades... O ministro recolhe e guarda essas notícias e quando alguma diocese fica vacante, reúnem-se esses currículos e são apresentados a sua majestade. Ela faz a leitura e escuta a inspiração interior e pede a Deus o discernimento para saber a quem deve escolher. Depois de se formar uma terna, passa-se a informação aos interessados, são encomendados a Deus e se pede que também se encomendem. Finalmente, é realizada a escolha, sem considerar outra coisa que a maior glória de Deus e o bem da Igreja. Posso assegurar que, se alguma vez algum sacerdote insinuou o desejo de ser eleito, o mesmo gesto foi mais que suficiente para que jamais tenha sido nomeado bispo. E eu dizia a mim mesmo certa vez: Quanto alguém pede ou procura ser bispo, por si só esse desejo o desqualifica. Talvez em nenhuma coisa na Espanha se proceda com mais equidade e justiça do que nas nomeações de bispos, e tampouco em nenhuma se age com mais acerto. (130)

631. Quanto aos canonicatos, já não se procede com tanto cuidado. Não direi que sua majestade ou o ministro façam simonias. Mas só Deus sabe se os pretendentes que rodeiam sua majestade e o ministro não farão alguns pactos, presentes, etc, etc., que não são bem-vistos por Deus. Por isso jamais quis meter-me nesse setor de pretensões e conezias. Oxalá todos os sacerdotes procurassem ser os últimos entre seus companheiros, como ensinava o divino Mestre! O melhor canonicato é amar muito a Deus e salvar almas, a fim de obter um lugar de distinção na glória do céu. Certamente mais validade terá a vida de um sacerdote ter sido missionário que cônego. Que escolha agora, pois, o que iria escolher na hora da morte.(131)

Capítulo 13

Desprendimento total (132)

632. Há um provérbio popular que diz uma grande verdade: *“Abana o rabo o cão, não para ti, e sim para o pão”*. Vejo todos os dias homens e mulheres que fazem mil festas, bajulações e outras coisas para os reis, só que não para os reis, e sim, para o que lhes derem...pois eu não quero nem pretendo nada. Só pretendo sair da corte. Se alguém disser: — Tens as duas grandes cruces. — É verdade, mas como as

tenho? A grã-cruz de Isabel a católica, não a pedi, nem a queria quando ma ofereceram. Disseram-me que, pelo fato de ir a Cuba, seria uma necessidade possuir um título e a designação de excelência, por ser a primeira dignidade da Igreja, e porque tinha de manter relações amistosas com o general daquela Ilha. (133)

633. A outra de Carlos III não a pedi, nem a desejei. Foi com pesar que a recebi e desta maneira: Após o nascimento do príncipe de Astúrias, no mesmo dia em que suas majestades iam a Atocha, chamaram-me ao palácio. Logo que cheguei, saíram, a rainha e o rei, do quarto onde me esperavam e, sem dizer nada, os dois juntos impuseram-me a cruz com faixa. (134) Eu não disse nenhuma palavra, porque os dois estavam juntos, e como naquela época o rei (135) não me inspirava a confiança de agora, pois também me estima muito, calei-me. Interiormente, porém, experimentei muita aflição. Outro dia em que me encontrei só com a rainha, disse-lhe que não podia deixar de agradecer a distinção com que me haviam condecorado, com a cruz de Carlos III, mas que para mim fora motivo de grande aflição e pesar. E, como prova dessa aflição, por muito tempo não usava nenhuma, só depois de muito tempo comecei a usá-las e, mesmo agora, somente as uso em dias que exigem uniforme a rigor e grande etiqueta.

634. Além disso, nada mais tenho. Não há prelado na Espanha que não tenha algum peitoral, ou cálice, ou outros objetos de sua majestade, seja por razão de um batizado, ou visita à sua catedral, etc, etc. Eu, porém, não tenho nem quero ter nada. Quando batizei a infanta Conceição, deveriam presentear-me com alguma coisa, como é costume. Porém pedi com insistência que não me dessem nada, e para não me contrariar não me deram nada. (136) Minha satisfação consistirá, ao me retirar do palácio, em poder dizer que nada tenho de sua majestade, sequer um alfinete.

635. Existem pessoas que, ao lado de suas majestades, procuram graduações, honrarias, maiores ordenados. No entanto eu, como já disse, nada lucrei, ao contrário, perdi. Sua majestade insistiu para que eu assumisse o cargo de protetor de Montserrat, da igreja e hospital. Eu resisti. O intendente, muitas vezes, me pediu e insistiu. Finalmente, aceitei porque constatei que as casas já haviam sido postas à venda através de publicação no *Boletim Oficial*. Então, para salvá-las da desamortização, acabei aceitando. Porém, com que lucro? Desembolsando do meu próprio bolso cinco mil duros para consertar a igreja e o estabelecimento. (137)

636. O mesmo digo do real mosteiro do Escorial, que não me deu e nem me dá lucro nenhum a não ser desgosto e aflição, acarretando-me perseguições, calúnias e gastos. Por três vezes desejei renunciar à presidência, em nenhuma foi possível. (138) Seja tudo por Deus, já que o Senhor quer que eu carregue esta cruz, só me resta conformar-me com a vontade do Senhor. Ó meu Deus! Nada quero deste mundo. Só quero vossa divina graça, vosso santo amor e a glória do céu.

Capítulo 14

Ocupações ordinárias e extraordinárias

637. Todos os dias de inverno, comumente costumo acordar às três horas, e às vezes antes, porque me levanto logo quando não consigo dormir, pois nunca permaneço acordado na cama. (139) Logo inicio a recitação do ofício divino. Rezo matinas e laudes, o santíssimo triságio. Em seguida leio a Sagrada Escritura. Preparo-me para a santa missa, celebro-a e permaneço em ação de graças. (140) Depois vou ao confessionário até as onze horas; inicio as audiências, atendendo aos que desejam falar comigo. A hora mais pesada é a das onze às doze, porque vêm os pedidos pretensiosos que não posso atender, como solicitações para empregos, promoções e coisas semelhantes. Das doze às doze e quinze faço o exame particular. Às doze e quinze, nos dirigimos ao almoço. Depois rezo vésperas e completas. Pela tarde e à noite me ocupo visitando doentes, presos e outros estabelecimentos caritativos. Prego às religiosas contemplativas e outras irmãs. Ocupo-me em estudar e escrever opúsculos e folhetos.

638. Além das ocupações ordinárias de cada dia, surgem também as extraordinárias: exercícios ao clero, a homens e mulheres das Conferências de São Vicente de Paulo, às irmãs contemplativas e ativas, além de pregar missões ao povo. (141) Estas ocupações não me esgotam. Todo o meu desejo seria missionar pelos lugares e aldeias. Este é meu sonho dourado. Tenho uma santa emulação e quase inveja dos missionários que têm a ditosa sorte de poder ir de uma povoação a outra, pregando o santo Evangelho. (142)

639. Em meio às minhas aflições, tenho algum consolo. Quando com suas majestades e altezas saímos, então tenho oportunidade de pregar ao povo na parte da manhã antes que suas majestades saiam de casa. (143) Depois prego nos conventos, às irmãs contemplativas e ativas, aos sacerdotes, aos estudantes, a homens e mulheres das conferências, etc, etc. Deste modo, passo o dia todo pregando, com exceção do tempo estrito em que devo estar no palácio com a família real.

640. Uma das maiores ocupações minhas desde que estou em Madri é escrever e imprimir livros, folhetos; comprar estes e outros livros e fazê-los circular por meio da Academia de São Miguel: no confessionário, nas ruas, nas escolas e demais estabelecimentos. (144)

641. Ó Deus, quem me dera que ninguém o ofendesse! Antes, que todas as criaturas o conhecessem, o amassem e o servissem! Esse é o meu único desejo. O restante não tem importância! Ó Sumo Bem, como sois bom! Eu vos amo com todo o afeto do meu coração.

CAPÍTULO 15

Regra de vida e propósitos (145)

642. 1. Jesus e Maria são todo o meu amparo e guia, e os modelos que me proponho seguir e imitar. Além disso, tenho como protetores e exemplos os gloriosos São Francisco de Sales, São Carlos Borromeu, Santo Tomás de Villanueva e São Martinho.

643. 2. Lembrarei das palavras do Apóstolo escrevendo a Timóteo: *Attende tibi et doctrinae*: Olha por ti e pela instrução dos outros. Sobre o que diz Cornélio: *Haec duo munia sunt episcopi... qui aliter faciunt... nec sibi nec aliis prosunt*. (146)

644. 3. Todo ano farei os santos exercícios espirituais.

4. Todo mês farei um dia de retiro espiritual.

5. Toda semana, pelo menos uma vez, me confessarei.

6. Três dias por semana tomarei disciplina e nos demais dias me porei o cilício ou outra coisa equivalente.

7. Jejuarei toda sexta-feira do ano e na vigília das festas do Senhor e da santíssima Virgem.

645. 8. Levantarei diariamente às três horas, e antes, se não conseguir dormir, eu irei dormir às vinte e duas horas. Assim que me levante, rezarei matinas, laudes e lerei a santa bíblia até a hora da meditação.

9. Farei uma hora de meditação.

10. Celebrarei a santa missa e empregarei meia hora para ação de graças e para pedir graças para mim e para os outros.

646. 11. Logo me dirigirei ao confessionário até as oito horas. Nessa hora tomarei café da manhã e, em seguida, voltarei ao confessionário. Se não houver penitentes, ocuparei o tempo com outra coisa até as onze, quando iniciarei a audiência pelo espaço de uma hora. Às doze horas rezarei Ângelus e farei o exame (de consciência).

12. Às doze e quinze, almoçarei, ouvindo uma leitura espiritual.

13. Descanso até as treze e trinta.

14. Trabalharei até às oito e meia, quando rezarei o rosário e outras devoções.

15. Às nove horas janta e, às dez, descanso.

647. 16. Proponho jamais perder um instante de tempo. Por isso estarei sempre ocupado, estudando, rezando, pregando ou ministrando os sacramentos, etc.

648. 17. Proponho-me estar sempre na presença de Deus e dirigir a ele todas as coisas, não buscando jamais elogios, e sim, unicamente a maior glória de Deus, à imitação de Jesus, a quem procurarei sempre imitar, pensando como ele se portaria em tais ocasiões.

649. 18. Proponho executar bem e do modo que me parecer melhor as coisas comuns. Diante de duas alternativas, procurarei escolher sempre a melhor, mesmo que custe sacrifício à vontade própria, e particularmente escolherei o que for mais pobre, humilde e doloroso.

650. 19. Proponho conservar sempre um mesmo humor equilibrado, sem jamais me deixar dominar pela ira, impaciência, tristeza, nem por demasiada alegria, lembrando-me sempre de Jesus, de Maria e de José, que também tiveram suas aflições, e maiores que a minhas. Pensarei que Deus assim o dispôs para o meu bem. Por isso mesmo, não me queixarei, mas direi: *Faça-se a vontade de Deus*. Lembrarei do que diz Santo Agostinho: *Aut facies quod Deus vult, aut patieris quod tu non vis*: Ou fazes o que Deus quer ou padecerás o que tu não queres.(147) Também recordarei o que Deus recomendou a Santa Madalena de Pazzis: Que sempre mantivesse o mesmo humor inalterável, uma grande bondade no trato com qualquer tipo de pessoa e que jamais pronunciasse uma palavra de lisonja. (148) Lê-se que São Martinho nunca foi visto irritado, nem triste, nem dando risadas, e sim, sempre com a mesma disposição, com celestial alegria. Tamanha era sua paciência que, apesar de ser bispo, se os menores clérigos o ofendessem, podiam ter a certeza de que não os castigaria. (149)

Textos escolhidos

651. A perfeição consiste em amar muito a Deus e em desprezar-se a si mesmo (Santa Maria Madalena de Pazzis). (150) *Spernere se, spernere nullum, spernere mundum, et spernere sperni*: Desprezar-se a si mesmo, não desprezar a ninguém, desprezar o mundo e desprezar o ser desprezado.(151) Faze o que deves e aconteça o que acontecer. Há grande valor sofrer sem murmurar, e grande sabedoria em ouvir com paciência. *In silentio et spe erit fortitudo vestra*: No silêncio e na esperança estará vossa fortaleza.(152)

652. O homem forte não deve temer coisa alguma, nem a própria morte, quando se trata de cumprir o seu dever. Devemos manter o lugar ou profissão que Deus nos designou, lutando até morrer, sem temer as conseqüências. A única coisa que devemos temer é agir injustamente.

653. Se quereis atingir alto grau de virtude, não vos enalteçais sobremodo a vós mesmos. Crede que nada fazeis e que tudo fareis (São João Crisóstomo). *Abstine et sustine*. *Abstine*: Abstém-te da gula, comodismo e de todo prazer, ainda que lícito. *Sustine* = Suporta o trabalho, a enfermidade, as perseguições e calúnias. (153) *Spiritus Sanctus docet: Pauca loqui cum discretione; multa operari cum fervore, ac jugiter laudare Deum*: O Espírito Santo ensina: falar pouco e com devoção, fazer muito e com fervor, e louvar a Deus continuamente.(154)

Capítulo 16

Algumas devoções particulares

654. *Ladainhas* (155)

Ladainha de todos os Santos. Santa Maria, São José, São Joaquim, Santa Ana, Santo Antônio, Santos Serafins, Santos Querubins, Santos Tronos, Santas Dominações, Santas Virtudes, Santas Potestades, Santos Principados, Santos Arcanjos, Santos Anjos, Santos Patriarcas e Profetas, São João Batista, São Pedro, São Paulo, São Jacó, São João; todos os Santos Apóstolos e Evangelistas, São Francisco de Sales, São Carlos Borromeu, Santo Tomás de Villanueva, Santo Antonino, São João Crisóstomo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, Santo Aloísio, São Gregório, Santo Atanásio, São Jerônimo, São Paulino, São Martinho, São Juliano, São Lourenço Justiniano, Santo Ildefonso, Santo Afonso de Ligório, São Bernardo Calvó,(156) São Bernardo Doutor, São Francisco Xavier, São Francisco de Assis, São Francisco de Borja, São Francisco de Paulo, Santo Tomás Doutor, São Domingos, Santo Estêvão, São Lourenço, São Vicente, São Sebastião Mártir, São Sebastião Balfre,(157) São Filipe Néri, Santo Inácio Mártir, Santo Inácio, São Luís, Santa Teresa, Santa Catarina Mártir, Santa Catarina Virgem, Santa Maria Madalena, Santa Maria Madalena de Pazzis, Santa Eulália, Santa Tecla, Santa Inês, Santa Filomena; todos os Santos e Santas de Deus.

Petitiones pro me (Preces por mim.) (158)

655. *Credo, Domine, sed credam firmius. Spero, Domine, sed speram securius. Amo, Domine, sed amem ardentius. Doleo, domine, sed doleam vehementius:* Creio, Senhor, porém que eu creia com mais firmeza. Espero, porém que espere com mais segurança. Amo, Senhor, porém que eu ame com mais ardor. Sinto dor, Senhor, porém que a sinta com mais veemência.

656. *O, Domine, quia ego servus tuus, et filius ancillae tuae. Ecce servus tuus, fiat mihi secundum voluntatem tuam. Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu. Dabis ergo servo tuo cor docile, ut populum judicare possit et discernere inter bonum et malum:* Ó Senhor, eu sou teu servo filho de tua Serva. Eis aqui teu servo, faça-se em mim segundo a tua vontade. Senhor, que queres que eu faça?. Ensina-me a fazer tua vontade, pois tu és meu o Deus. Concede, pois, ao teu servo um coração dócil, capaz de fazer justiça teu ao povo e discernir entre o bem e o mal.

657. *Pater, da mihi humilitatem, mansuetudinem, castitatem, patientiam et charitatem. Pater, bonitatem, et disciplinam et scientiam doce me. Pater, da mihi amorem tuum cum gratia tua et dives sum satis. Deus meus, Jesus meus et omnia:* Ó Pai, dá-me humildade, mansidão, castidade, paciência e caridade. Ó Pai, ensina-me a bondade, a disciplina e a ciência. Ó Pai, dá-me teu amor e tua graça e já serei bastante rico. Meu Deus, meu Jesus, meu tudo.

658. *In cruce vivo, et in cruce cupio mori; et non a meis manibus, sed ab alienis spero descendere a cruce, postquam consummatum fuerit sacrificium. Absit mihi gloriari nisi in cruce Domini mei Jesuchristi, per quem mihi mundus crucifixus est et ego mundo:* Vivo na cruz e na cruz quero morrer;

espero descer da cruz, não por minhas mãos, mas por mãos alheiras, depois de ter consumado o meu sacrifício. Livra-me Deus de gloriar-me a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está morto e crucificado para mim, como eu o estou para o mundo.

Petitiones pro populo: Pedidos pelo povo (159)

659. *Pater, respice in faciem Christi tui. Pater, respice in faciem Ancillae tuae. Pater, respice in me, et miserere mei quia unicus et pauper sum ego. Respice in me et miserere mei, da imperium tuum puero tuo, et salvum fac filium ancillae tuae. O Domine, quia ego servus tuus, ego servus tuus et filius ancillae tuae. Parce Domine, parce populo tuo, per humilitatem, et patientiam Jesus Christus Deus nostrus et Beatae Virginis Mariae: Ó Pai, volta a olhar a face de teu Cristo. Ó Pai, volta a olhar a face de tua Escrava. Olha para mim e tem misericórdia de mim, concede a teu servo a tua força, eu que sou teu servo e filho de tua escrava. Senhor, eu sou teu servo; teu servo e filho de tua escrava. Perdoa, Senhor, perdoa teu povo, pela humildade e a paciência de Jesus Cristo nosso Senhor e da bem-aventurada Virgem Maria.*

660. *Parce Domine, parce populo tuo per amorem et merita Jesus Christus Deus nostrus et Beatae Virginis Mariae. Parce, Domine, Jesu fili David, miserere nostri: Perdoa, Senhor, perdoa teu povo pelo amor e pelos méritos de Jesus Cristo nosso Senhor e da Bem-aventurada Virgem Maria. Perdoa, Senhor, perdoa Jesus Cristo, filho de Davi, tem compaixão de nós.*

661. *Te ergo quaesumus tuis famulis subveni, quos prestioso sanguine redemisti. Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic hereditati tuae. Et rege eos, et extolle illos usque in aeternum. Dignare, Domine, die isto sine peccato nos custidre. Miserere nostri, Domine, miserere nostri. Fiat misericordia tua, Domine, super nos quemadmodum speravimus in te. In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum: Nós te rogamos, pois, que te lembres de teus servos, aos quais redimiste com teu precioso sangue. Salva teu povo, Senhor, bendize a tua herança. Governa-os e exalta-os para sempre. Digna-te, Senhor, que neste dia nos mantenhamos sem pecado. Tem misericórdia de nós, pois em ti depositamos nossa esperança. Em ti, Senhor, esperei, que não seja confundido para sempre.*

662. Ah! meu Deus! Não quisera eu que dissésseis de mim o que dissestes dos sacerdotes de Israel: *Não fizestes frente, não vos colocastes como muro com vossas orações a favor da casa de Israel para sustentar a luta no dia do Senhor* (cf. Ez 13,5). Vós dizeis, meu Deus: *Busquei entre eles um homem justo que se interpusesse entre mim e o povo como um vale, e que permanecesse no muro frente a mim, com suas orações, a favor da terra, a fim de prevenir a sua destruição, mas não encontrei nenhum* (Ez 22,30).

663. Eu nada sou, Senhor, contudo, como Moisés, quero suplicar. *Dimite, obsecro, peccatum populi hujus, secundum multitudinem misericordiae tuae*: Perdoa, te suplico, o pecado deste povo segundo a multidão de tua misericórdia.(160) Peço-vos, ó Pai, pelos méritos de Jesus Cristo, Filho vosso e redentor nosso, e pelos méritos de Maria santíssima, Mãe de vosso santíssimo filho e Mãe nossa. Sim, eu que sou o primeiro e o maior dos pecadores, peço-vos em nome de todos os que vós quereis que vos peça e sabeis que temos necessidade.

Capítulo 17

Exemplos de animais domésticos e a prática das virtudes (161)

O Galo

664. O Espírito Santo me diz: Preguiçoso, aprende da formiga a ser prudente. (162) Eu aprenderei, não somente da formiga, mas também do galo, do burro e do cachorro. *Quis dedit gallo intelligentiam?*: Quem deu inteligência ao galo?(163) *Gallus cantavit*: O galo cantou.(164)

1. O galo me chama, e eu, como Pedro, devo lembrar meus pecados para chorá-los.
2. O galo canta em diversas horas do dia e da noite. Eu devo louvar a Deus em todas as horas do dia e da noite. Devo também exortar a todos para que façam o mesmo.
3. O galo vigia sua família dia e noite. Eu devo cuidar noite e dia das almas que o Senhor me confiou.
4. O galo, ao menor ruído ou ameaça de perigo, dá alarme. Eu devo fazer o mesmo; exortar as almas ao menor perigo de pecar.

665. 5. O galo defende seu terreiro quando o gavião ou outro animal ou ave de rapina vem para atacar. Eu devo defender as almas que o Senhor me confiou, contra os gaviões dos vícios, erros e pecados.

6. O galo é muito generoso; basta que encontre algo que sirva de alimento, chama as galinhas para comer, privando-se do mesmo. Eu devo abster-me de comodidades e conveniências e ser mais caridoso e generoso com os pobres e necessitados.

7. O galo, antes de cantar, agita as asas. Eu, antes da pregação, devo agitar e bater as asas do estudo e da oração.

8. O galo é muito fecundo. Eu devo sê-lo espiritualmente, a tal ponto que possa dizer com o Apóstolo: *Per evangelium ego vos genui*: Eu vos gerei em Cristo Jesus pelo Evangelho.(165)

O Burrinho

666. *Ut jumentum factus sum apud, et ego semper tecum*: Como burro fui diante de ti; e eu estive sempre contigo.(166)

1. O burro é o animal mais humilde por natureza. Seu próprio nome denota desprezo. Sua habitação é o lugar mais humilde: debaixo da casa. Sua comida é pobre, e pobres são todos os seus arreios. Também eu devo ser pobre na moradia, na roupa e na comida, a fim de procurar humilhações e até mesmo o desprezo dos homens, para alcançar a virtude da humildade, uma vez que pela natureza corrompida, sou soberbo e orgulhoso.

667. 2. O burro é um animal muito paciente. Carrega pessoas e carga, sofre pancadas sem queixar-se. Também eu devo ser paciente no cumprimento de minhas obrigações, sofrer com resignação e mansidão as aflições, trabalhos, perseguições e calúnias.

668. 3. A santíssima Virgem Maria valeu-se do burro quando foi para Belém dar à luz seu filho Jesus e ao fugir para o Egito na perseguição de Herodes. Eu também me ofereço a Maria santíssima para praticar com prazer e alegria a devoção para com ela e pregar suas excelências em suas alegrias e dores. Meditarei dia e noite sobre estes santos e adoráveis mistérios.

669. 4. Jesus montou num burro ao entrar triunfalmente em Jerusalém. Também eu me ofereço alegremente a Jesus a fim de que se valha de mim para entrar nas almas convertidas e nos povoados, triunfando dos inimigos: mundo, demônio e carne. Que fique bem claro: as honras e os louvores que me forem tributados não serão para mim, que sou o burrinho, mas para Jesus, cuja dignidade levo, ainda que indigno. (167)

O cachorro

670. *Canis muti qui non valuerunt latrare*: Cachorros mudos, que não podem latir.(168)

1. É um animal tão fiel e tão constante companheiro de seu dono, que nem a miséria, nem a pobreza, nem os trabalhos nem coisa alguma é capaz de separá-lo de seu dono. O mesmo devo fazer eu. Hei de ser tão fiel, tão constante no serviço e amor a Deus, que possa dizer com o apóstolo Paulo: *Nem a morte, nem a vida, nem outra coisa qualquer possa separar-me dele* (Rm 8,37-39).

671. 2. O cachorro é mais leal que um filho, mais obediente que um criado, mais dócil que uma criança. Não só faz voluntariamente o que seu dono manda, mas olha a fisionomia do seu senhor para conhecer a sua intenção e vontade, a fim de cumpri-las sem esperar que o mande, e o faz com a maior prontidão e alegria e ainda se faz participante dos afetos do dono. De tal maneira que é amigo dos amigos do amo e inimigo dos seus inimigos. Devo praticar todas estas belas qualidades no serviço de Deus, meu querido Senhor. Sim, com satisfação farei tudo o que ele me mandar. Procurarei descobrir sua vontade para cumpri-la, sem esperar que me mande. Cumprirei, com prontidão e alegria, tudo o que ele dispuser por

seus representantes que são os meus superiores. Serei amigo dos amigos de Deus e tratarei os inimigos de Deus como ele me indicar, ladrando contra suas maldades para que desistam delas.

672. 3. O cachorro vigia durante o dia e à noite dobra sua vigilância. É guarda da pessoa do amo e de todas as coisas que lhe pertencem. Late e avança sobre aqueles que conhece e que vão, ou presente que possam prejudicar seu amo e seus interesses. Devo procurar vigiar continuamente e clamar contra os vícios, culpas e pecados e contra os inimigos da alma.

673. 4. O maior prazer do cachorro é estar e andar na presença de seu dono. Procurarei andar sempre com prazer e alegria na presença de Deus, meu querido Amo, e assim não pecarei nunca e serei perfeito, segundo aquela palavra: *Ambula coram me, et esto perfectus*: Anda em minha presença e sê perfeito.(169)

CAPÍTULO 18

Conhecimento de Deus e da Virgem Maria (170)

674. 1855. No dia 12 de julho de 1855, às dezessete e trinta horas, quando eu concluía a Carta Pastoral sobre a Imaculada Conceição, ajoelhei-me diante da imagem de Maria para agradecer por me ter ajudado a escrever aquela carta. Para minha surpresa, ouvi uma voz clara da imagem que me disse: *Bene scripsisti*: Escreveste bem.(171) As referidas palavras impressionaram-me profundamente, ardendo-me o desejo de ser perfeito.

675. 1857. No dia 15 de janeiro, às cinco da tarde de 1857, estando em contemplação, disse a Jesus: Que quereis de mim, Senhor? E Jesus me respondeu: *Trabalharás logo, Antônio; a hora ainda não chegou!* Nesse aspecto, em alguns dias tenho muita consolação, especialmente na missa e na meditação.

676. 1857. No dia oito de outubro, às doze e trinta horas, a santíssima Virgem Maria disse-me o que deveria fazer para ser muito bom: *Já sabes: arrepender-te das faltas da vida passada e vigilância para o futuro...Ouves, Antônio?* Repetiu-me: *Vigilância para o futuro. Sim, sim, eu to digo.*

677. No dia nove do mesmo mês, às quatro da madrugada, a santíssima Virgem Maria me repetiu o que dissera outras vezes: que eu deveria ser o *São Domingos destes tempos, na propagação do rosário.*

678. No dia 21 de dezembro do mesmo ano recebi quatro avisos: 1º - Mais oração; 2º - Escrever livros; 3º - Orientar almas; 4º - Ser mais tranqüilo diante do fato de ter de que estar em Madri. Deus assim o dispôs.

679. No dia 25, Deus me infundiu amor às perseguições e calúnias. O Senhor favoreceu-me com um sonho na noite seguinte. Sonhei que estava preso inocentemente. Eu não disse nada, julgando ser um presente do céu, por me tratarem como Jesus; por isso, calei-me também como Jesus. Todos os amigos me abandonaram como a Jesus. E a um que queria defender-me, como São Pedro a Jesus, eu lhe disse: *Não queres que eu beba o cálice que meu Pai me enviou?* (172)

680. 1859. No dia seis de janeiro de 1859, o Senhor revelou-me que sou como a terra. Efetivamente, sou terra. A terra é pisada e permanece calada. Eu devo ser pisado e ficar calado. A terra sofre o cultivo: Eu devo sofrer a mortificação. A terra tem necessidade de água para produzir: Eu necessito da graça para produzir boas obras.

681. No dia 21 de março, enquanto meditava nas palavras de Cristo dirigidas à samaritana: *Ego sum qui loquor tecum: Sou eu que falo contigo*, (173) entendi grandes coisas. À samaritana comunicou a fé e ela acreditou. Deu-lhe pesar por seus pecados e ela se arrependeu. Deu-lhe a graça para pregar a Jesus. Assim para mim: fé, arrependimento e missão de pregar.

682. Disse a Moisés: *Ego sum*: Eu sou.(174) e enviou-o para o Egito. Jesus disse aos apóstolos à beira do mar: *Ego sum* (175), e animaram-se. Jesus disse a Saulo: *Ego sum*, (176) e ele converteu-se, tornando-se grande pregador. E assim por diante...

683. No dia 27 de abril prometeu-me o divino amor e me chamou de *Antoñito mio: meu Toninho*.

684. No dia quatro de setembro, às quatro e vinte e cinco minutos da madrugada, disse-me Jesus Cristo: *Ensinarás a mortificação aos missionários, Antônio*. Passados alguns minutos, me disse a santíssima Virgem: *Assim farás fruto, Antônio*.

685. No dia 23 de setembro, às sete e meia da manhã, disse-me o senhor: *Voarás pela terra ou andarás com grande velocidade e pregarás os grandes castigos que se aproximam*. O Senhor deu-me a conhecer grandes coisas sobre aquelas palavras do Apocalipse: *Et vidi et audivi vocem unius aquilae*: Então olhei e ouvi a voz de uma águia, (177) que voava nos altos céus e dizia em alta e clara voz: Ai! Ai! Ai! dos habitantes da terra por causa dos três castigos que devem vir. Estes castigos são:

1) O protestantismo, comunismo; 2) Os quatro arquidemônios, que promoverão de um modo espantoso, o amor aos prazeres, o amor ao dinheiro, a independência da razão, a independência da vontade; 3) As grandes guerras e suas conseqüências.

686. No dia 24 de setembro, dia de nossa Senhora das Mercês, às onze e meia do dia, o Senhor fez com que eu entendesse o texto do Apocalipse: *Vi também outro anjo forte descer do céu, revestido de uma nuvem e sobre sua cabeça o arco-íris; seu rosto brilhava como o sol, seus pés eram como colunas de fogo*.(178) Ele trazia em sua mão um livro aberto, e pôs seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a

terra (primeiro em sua diocese de Cuba e depois nas demais dioceses). Soltou um grande grito como o leão quando ruge. E, depois de gritar, sete trovões articularam suas vozes. Aqui vêm os filhos da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Disse sete; o número é indefinido, pois quer dizer todos. Chama-os trovões porque, como trovões, gritarão e farão ouvir suas vozes; também por seu amor e zelo, como São Tiago e São João, que foram chamados filhos do trovão. E o Senhor quer que eu e meus companheiros imitemos os apóstolos Tiago e João no zelo, na castidade e no amor a Jesus e a Maria.

687. O Senhor disse a mim e a todos esses missionários meus companheiros: *Non vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, et Matris vestrae qui loquitur in vobis*: Não sois vós quem falareis, mas o Espírito de vosso Pai (e de vossa Mãe), o qual fala por vós.(179) De tal modo que cada um de nós poderá dizer: *Spiritus Domini super me, propter quod unxit me, evangelizare pauperibus misit me, sanare contritos corde*: O Espírito do Senhor repousa sobre mim, pois me consagrou com sua unção divina e me enviou a evangelizar ou proclamar a boa nova aos pobres, a curar os que têm coração contrito. (180)

688. No dia quinze de outubro de 1859, dia de Santa Teresa, eu seria assassinado. O assassino entrou na igreja de São José, em Madri, na rua Alcalá, para passar o tempo, e com má intenção. Mas acabou se convertendo por intercessão de São José, segundo o Senhor me revelou. O assassino veio encontrar-se comigo, disse-me que era de uma organização secreta, mantido por ela, e que fora escolhido para assassinar-me. E que, se não me assassinasse, dentro de quarenta dias ele seria assassinado, como ele mesmo havia assassinado outros por não terem cumprido a tarefa. Ele, que tinha de me assassinar, chorou, abraçou-me e me beijou e foi ocultar-se para que não o matassem por não ter cumprido sua tarefa.

689. Passei por grandes padecimentos, calúnias e perseguições. Todo o inferno se havia conjurado contra mim.

690. 1860. Dia sete de junho de 1860, às onze e meia, dia de Corpus Christi, após a missa em Santa Maria, antes da procissão que eu deveria presidir, estando em oração, diante do Santíssimo Sacramento, com muito fervor e devoção, de repente, Jesus me disse: *É bom e gostei do livro que escreveste*. Refere-se ao primeiro volume do livro do *Colegial ou Seminarista*, que eu terminara no dia anterior; percebi nitidamente que se referia a esse livro. Ao terminar o segundo volume, dignou-se aprová-lo também.

691. No dia 22 de novembro de 1860, estava muito agoniado por ter de arcar com toda a responsabilidade do Escorial. A preocupação não me deixava descansar durante o dia, nem dormir à noite. Vendo que não podia dormir, levantei-me, vesti-me e comecei a rezar, colocando diante de Deus minhas aflições. Ouvi com voz espiritual muito clara e inteligível o Senhor que dizia: *Ânimo, não desanimes, eu te ajudarei*.

692. 1861. No dia dois de março de 1861, Jesus dignou-se aprovar o folheto escrito sobre a Paixão.

693. No dia seis de abril de 1861, recebi um aviso para não perder a calma; que fizesse cada coisa como se não tivesse nada mais que fazer, sem perder a mansidão. No dia 15 de junho de 1861 disse-me Jesus: *Tenha paciência, já trabalharás.* (181)

694. No dia 24 de agosto de 1861, enquanto rezava na igreja do Rosário, na Granja, (182) às dezenove horas, o Senhor concedeu-me a grande graça da conservação das espécies sacramentais e de ter sempre, dia e noite, o Santíssimo Sacramento no peito. Por isso, eu devo estar sempre muito recolhido e devoto interiormente e devo orar e enfrentar todos os males da Espanha como disse o Senhor. Com efeito, fez-me recordar uma porção de coisas: como, sem mérito, sem talento, sem apadrinhamento de pessoas, de plebeu me elevou até os altos cumes, ao lado dos reis da terra e agora ao lado do Rei do Céu... *Glorificate et portate Deum in corpore vestro: Glorificai a Deus e levai-o sempre em vosso corpo.*(183)

695. Dia 27 de agosto de 1861, na mesma igreja, durante a bênção do Santíssimo Sacramento, dada após a missa, o Senhor fez-me conhecer os três grandes males que ameaçam a Espanha: o protestantismo, melhor, a *descatolização*; a república e o comunismo. Deu-me a conhecer que se devem praticar três devoções para combater estes mesmos males: o Triságio, o Santíssimo Sacramento e o Rosário.

696. O triságio, rezado diariamente; o Santíssimo Sacramento, na missa, recebendo-o freqüentemente e com devoção, sacramental e espiritualmente; o rosário completo diariamente, ou pelo menos um terço, meditando os mistérios, aplicando-os aos costumes próprios.

697. No dia da conversão de São Pedro, o Senhor fez-me saber o que aí se passou: Pedro falhou, negou Jesus. O galo cantou, mas Pedro não se converteu. O galo cantou de novo, e Pedro converte-se, porque Jesus olhou para ele. Jesus é aquele que olha para a terra e a faz tremer, *qui respicit terram et facit eam tremere: o que olha a terra e a faz tremer.*(184) Entendi que deveria pregar uma, duas vezes e, ao mesmo tempo orar, a fim de que o Senhor se dignasse olhar com piedade e clemência para os homens terrenos e os fizesse tremer, estremecer e se converterem.

698. 1862. Dia onze de maio de 1862, achando-me na capela do palácio de Aranjuez,(185) às seis e meia da tarde, ao fazer a reserva do Santíssimo Sacramento, ofereci-me a Jesus e a Maria para pregar, exortar, sofrer dificuldades e a própria morte, e o Senhor se dignou aceitar-me.

699. Sinto-me chamado a escolher entre duas coisas de igual glória de Deus: o mais pobre, o mais humilhante e o mais doloroso.(186)

700. No dia dezesseis de maio de 1862, às quatro e quinze da madrugada, estando em oração, lembrei do que tinha escrito no dia anterior a respeito do Santíssimo Sacramento, referente ao dia 26 de agosto do ano passado. Eu estava disposto, e também hoje, a apagar o que havia escrito. A santíssima Virgem disse-

me que não apagasse. Após a missa, disse-me Jesus Cristo que me concedera graça de permanecer em meu interior sacramentalmente.

Capítulo 19

701. Etapas mais importantes da vida (187)

1807 - Fui batizado no dia 25 de dezembro de 1807.

1813 - 5 anos. Pensava muitíssimo na eternidade.

1816 - 9 anos. Gostava muito de rezar.

1818 - 10 anos. Recebi a primeira Eucaristia.

1820 - 12 anos. Deus me chamou, eu ouvi e me ofereci.

1826 - 18 anos. O mar me arrastou, e Maria santíssima me salvou.

1828 - 20 anos. Maria santíssima livrou-me de uma mulher mal intencionada.

1829 - 21 anos. A Virgem santíssima livrou-me de uma grande tentação.

1835 - 28 anos. Fui ordenado sacerdote.

1838 - 30 anos. Fui nomeado administrador paroquial de Sallent.

1839 - 31 anos. Fui a Roma para oferecer-me à Propaganda Fide.

1840 - 32 anos. Voltei de Roma e iniciei as missões.

1845 - 37 anos. Fundei a Congregação contra a blasfêmia.

1848 - 40 anos. Fui às Ilhas Canárias.

1848 - 40 anos. Fundei a Livraria Religiosa.

1849 - 41 anos. Voltei das Ilhas Canárias.

1849 - 41 anos. Foi dado início à Congregação dos Missionários.

1849 - 41 anos. Dia quatro de agosto, fui eleito arcebispo.

1849 - 41 anos. Dia quatro de outubro, aceitei.

1850 - 42 anos. Dia seis de outubro, fui consagrado.

1850 - 42 anos. Fui agraciado com a grã-cruz de Isabel a Católica.

1850 - 42 anos. Partimos de Barcelona para Cuba.

1851 - 43 anos. Dia dezesseis de fevereiro chegamos a Cuba.

1856 - 48 anos. Dia primeiro de fevereiro fui ferido em Holguín.

1856 - 48 anos. Desenhei a estampa da Academia de São Miguel.

1857 - 49 anos. Dia doze de março, saí de Havana.(188)

1857 - 49 anos. Dia cinco de junho, fui nomeado confessor de sua majestade.

1859 - 51 anos. Fui nomeado presidente do Escorial.

1860 - 52 anos. Dia treze de julho, fui indicado arcebispo de Trajanópolis.

Índice. (189)

QUARTA PARTE

CONTINUAÇÃO DA BIOGRAFIA DO ARCEBISPO D. ANTONIO MARIA CLARET

CAPÍTULO 1

Viagem com suas majestades e altezas por Andaluzia (1)

702. No dia 12 de setembro de 1862 saí com suas majestades e altezas da corte de Madri para Mudela; no dia 13, estivemos em Andújar; no dia 14 em Córdoba, ali permanecemos nos dias 15 e 16; no dia 17 chegamos a Sevilha e nela permanecemos de 18 a 25; no dia 26 nos dirigimos a Cádiz, lá permanecemos até o dia 02 de outubro; no dia 03, voltamos para Sevilla; no dia 5 estivemos em Córdoba; no dia 6, em Bailén; no dia 7, em Jaén; no dia 9, em Granada; no dia 14 em Loja; no dia 15 em Antequera; no dia 16 em Málaga; no dia 19 em Almería; no dia 20 em Cartagena; no dia 23 em Múrcia; no dia 25 em Orihuela; no dia 27 em Novelda; no dia 28 em Aranjuez e no dia 29, às cinco da tarde, entramos em Madrid.

703. Bendito seja o Senhor, que se dignou valer-se desta miserável criatura para fazer grandes coisas; a Deus nosso Senhor seja a glória, e a mim a confusão, como mereço. Tudo é de Deus; ele me deu saúde, forças, palavras e tudo o mais. Sempre reconheci que o Senhor era muito pródigo comigo, porém nessa viagem, não somente eu reconheci, mas também os demais. Eles viam que mal comia e bebia; somente provava alguma batata e um copo de água durante todo o dia. Jamais comia carne, peixe ou ovos. Não bebia vinho. Sempre estava contente e alegre. Jamais me viram cansado, não obstante em alguns dias ter pregado doze sermões.

704. Não posso dizer a quantidade de sermões que Deus pregou através deste indigno ministro e servo inútil durante os 48 dias de viagem. Um membro da comitiva teve a curiosidade de anotá-los. Diz ele que são 16 ao clero, 9 aos seminaristas, 95 às religiosas, 28 às Irmãs da Caridade, 35 aos pobres dos estabelecimentos de beneficência, 8 aos homens das Conferências de São Vicente de Paulo e 14 ao povo em geral nas catedrais e igrejas grandes. (2)

705. Além das pregações, distribuímos muitos milhares de folhetos, opúsculos e livros. Efetivamente, em cada lugar que chegávamos já havia uma caixa grande de material que havíamos pedido antecipadamente. Não é possível explicar o afã com que todas as pessoas buscavam ouvir a divina palavra, o efeito que lhes causava, a avidez com que pediam alguma lembrança, e o amor com que guardavam o que lhe dávamos, ainda que não fosse mais que uma folha avulsa. (3)

706. Houve grandes conversões, ainda que não tenham conseguido confessar comigo por falta de tempo. Escreveram-me, depois, os mesmos penitentes convertidos. Cito apenas um dos muitos que se poderia referir. Através de carta, dizia: *“Excelentíssimo e ilustríssimo senhor e padre: O que se atreve a escrever a vossa excelência é um grande pecador, esquecido dos sábios princípios que me haviam transmitido os meus pais, meus mestres e que eu havia adquirido na longa carreira de meus estudos científicos. Lancei-me com todo o furor de um coração corrompido à revolução do ano de 1835, e do ano anterior, 1934. Não me havia aproximado do santo tribunal da penitência, não obstante meus horríveis temores e devoradores remorsos de minha consciência; graças a Deus e a Maria santíssima, acabo de me confessar. Ontem, primeiro de setembro de 1862, fiz minha confissão geral. Meu coração está cheio de júbilo”*.

707. *“Os males que causei com meus escritos são incalculáveis e os excessos cometidos por minha posição são indizíveis. Desprezei meu Redentor e ele abandonou-me às minhas paixões e assim tenho vivido até este momento em que o Senhor teve piedade de mim. O primeiro chamado de meu Senhor foi o seguinte: Embarquei em Barcelona, no mesmo vapor em que estava um sacerdote. Este me presenteou com uma estampa da Puríssima com algumas máximas cristãs. Aceitei e, mesmo não fazendo caso, guardei-a em minha carteira e lhe recitei uma Salve Rainha. Não sei o que se passou no meu interior. Chega sua majestade a Andaluzia e vossa excelência com ela. Ao ver vossa excelência, lembrei-me da estampa de Maria santíssima. Porém, como? Pedindo justiça contra mim! Disseram-me que vossa excelência pregava. Correndo vou ouvi-lo. Ouço a palavra divina. Saio aterrorizado. Entro em minha casa e digo: Já tudo está acabado...”*

708. Louvemos todos a Deus e cantemos eternamente suas divinas misericórdias e, ao mesmo tempo, animemo-nos cada dia mais em colocar em prática os meios de que Deus se vale para converter os pecadores: como os folhetos, livretes e pregação. Oh! Como é bom hoje em dia fazer circular bons escritos, a fim de fazer frente à multidão dos maus.

CAPÍTULO 2

Trabalho com as Monjas de Andaluzia

709. Por todas os povoados em que passávamos nos quais havia monjas, aproveitava para pregar, a fim de não perder tempo. Enquanto pregava num convento, mandava um sacerdote a outro para que convocasse as irmãs diante da grade do altar mor. Assim que chegasse, podia iniciar a pregação e, logo depois de concluída, saía para outro convento. Desse modo, estando elas do lado de dentro e eu do lado de fora, não podiam deter-me, como me deteriam se tivesse entrado na clausura, como elas pretendiam

sempre. Eu, porém, mesmo com a permissão dos respectivos bispos, nunca queria entrar para não ter que falar e perder tempo, coisas contrárias ao silêncio e à ocupação que sempre lhes inculcava. Não poucas vezes dizia-lhes que, se todas as monjas fossem mudas, seriam mais santas do que são. (4)

710. Em todas as povoações observei que na maioria dos conventos não havia vida comum e sim particular. Por exemplo: em Sevilha há atualmente vinte conventos de monjas; em cinco se observa a vida comum e em quinze se vive uma vida particular, nessa mesma proporção encontram-se os conventos de outras povoações de Andaluzia.

711. Os que conviveram com monjas sabem que é impossível que haja perfeição em uma comunidade na qual não se guarda a referida vida comum. Não direi eu o que acontece; deixo que o diga uma noviça de um convento que acaba de me escrever, com data de 18 de dezembro de 1862:

712. *“Encontro-me neste convento e, por amor a Deus e pelo sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, suplico-lhe que me tire deste inferno. Isto não é um convento, mas uma casa de vizinhos. Aqui não há sossego. Tudo é um puro labirinto. Nada do que aqui existe é do meu agrado. Se o nosso bispo soubesse o que se passa neste convento, já o teria fechado. Estou próxima da profissão e serei uma monja para o inferno. Não posso confiar em ninguém. Somente em vossa excelência espero encontrar remédio e salvação para minha alma, pois como confessor da rainha, deverá aconselhá-la a expedir uma ordem real para que não professe nenhuma noviça nos conventos em que não se observa a vida comum. Ai Senhor! Quanto lhe diga é pouco. Oh! Que vida tão triste! É uma morte. Eu somente sofro e calo. Espero de vossa excelência algum “remédio” antes que chegue o dia de minha profissão. Todas as que estão em conventos de vida particular encontram-se na mesma situação que eu estou. Somente Deus sabe o que se passa nestes conventos de vida particular. Remédio imediato; o tempo passa, a profissão se aproxima, sinto-me sem forças para remediar a situação, por compromissos muito grandes de...”*

713. Esta pobre monja está dizendo em geral o que já sabemos em minúcias e que se passa em semelhantes conventos. Por isso, em todos os conventos de vida particular, pregava-lhes com tanta energia e com tantas e tão poderosas razões, que se percebia claramente que Deus nosso Senhor, de um modo muito particular, me inspirava.

714. Fazia-lhes ver a necessidade que tinham de aspirar à perfeição, se desejassem mesmo a salvação. Não basta que sejam monjas para se salvarem, pois muitas devem ouvir de Jesus, seu esposo, aquelas palavras: *Néscio vos, (5) não vos conheço*, como às virgens imprudentes do Evangelho. Pregava-lhes o quanto é necessária a vida comum para a perfeição. Além disso, fazia-lhes um paralelo entre a vida comum e a vida particular, fazendo-lhes ver todas as vantagens corporais, espirituais e econômicas da vida comum sobre a particular e, para confirmar os argumentos, apresentava-lhes os exemplos da vida

de Jesus, dos apóstolos, dos discípulos e de todas as comunidades nas quais existe vida de perfeição, pois são todas de vida comum.

715. Também lançava mão de outro argumento que, em verdade dava muita força; era uma oferta de pelo menos dois mil reais que sua majestade dava aos conventos. Dizia-lhe que o desejo de sua majestade era que todos os conventos tivessem vida comum. Não era uma ordem, mas um desejo. A oferta era de dois mil reais (em moeda da época) para cada convento da povoação, depositada nas mãos do bispo, com a obrigação de que fosse entregue às comunidades de vida comum e, às demais, quando a alcançassem.

716. Também dizia aos bispos e às comunidades que não deixassem entrar noviças nos conventos onde não houvesse vida comum e, se em alguns já tivessem entrado, que não professassem até que se houvesse restabelecido a vida em comum. Se não houvesse consenso de toda a comunidade, bastava que duas ou três comesçassem, e que as noviças que ingressaram, todas assumissem este compromisso. E assim, as velhas iriam entrando no esquema da vida comum. As mais velhas iriam morrendo e assim ficaria a comunidade reformada. A estas somente se lhe pedia que não fizessem como os fariseus, que não entravam no céu nem deixavam os outros entrar, como dizia Jesus. (6)

CAPÍTULO 3

Danos e erros de protestantes e socialistas em Andaluzia.

717. Faz alguns anos que nessa parte da Espanha se tem instalado muita apatia, tanto da parte dos governantes, como de parte dos eclesiásticos. Os socialistas e protestantes souberam aproveitar bem a ocasião. Enquanto alguns dormiram, outros semearam a cizânia naquele maravilhoso campo. É conhecida de todos a sublevação de Loja e a multidão de afiliados: não menos de oitenta mil. Também sabemos que, para sufocá-la foi preciso derramar sangue e desterrar a muitíssimos. Graças à viagem de sua majestade e ao indulto geral concedido, puderam retornar ao seio de suas famílias. Através de documentos oficiais sabe-se que os processados em consequência de tais acontecimentos de Loja, foram 1183, dos quais 387 eram solteiros, 720 casados, 76 viúvos. (7)

718. Os meios de que se valeram foram muitos. Os principais, porém, foram: dinheiro, livros, panfletos e charlatões propagandistas. Valiam-se também da violência, pois os que não se alistavam eram perseguidos e impedidos de trabalhar, além de fazê-los padecer fome. Durante o tempo de nossa passagem e permanência, tive a curiosidade de notar alguns dos erros que por aquelas terras se havia disseminado. Anotarei aqui brevemente. (8) Diziam:

719. 1. “Que o homem não deve reconhecer a outro como pai nem a outra como mãe na terra, porque os homens são como fungos e os cogumelos, etc. sem contar com Deus para nada”.

2. “Que os filhos nada devem a seus pais, porque eles somente pretendiam divertir-se e, se de seu prazer veio o filho, talvez tenha sido contra a sua vontade, talvez tenham tido sentimento por isso e, quem sabe se não tentaram abortar?” Essa forma de linguagem era falada, não somente no seio das famílias, mas também nas ruas, praças, caminhos e também nos tribunais.

720. 3. “Os reis, os ministros, são uns tiranos. Eles não têm nenhum direito de mandar sobre os demais homens. Todos são iguais”.

4. “A política é um jogo com a finalidade de apoderar-se do poder da nação, dos homens, dos interesses e tudo mais na sociedade”.

5. “Não há outra lei senão a do mais forte”.

721. 6. “A terra não é de ninguém. Dela saem todas as coisas. As coisas são para todos e de todos”.

7. “Os ricos são uns velhacos, zangões, que não fazem mais que folgar, comer e viver de excessos; que, assim como as abelhas, insurgem-se e tiram a vida a quantos podem; assim os trabalhadores devem levantar-se e acabar com todos esses zangões da sociedade”.

722. 8. “Irmãos, somos iguais, todos somos da mesma natureza; porém os ricos nos tratam como se fossemos de natureza diferente e inferior à sua. Sim, tratam-nos como se somente eles fossem homens e nós como se fôssemos seus animais de carga e de trabalho. Eles não trabalham nunca, estão continuamente folgando; andam e se divertem pelos cafês, teatros, bailes e passeios, enquanto nós estamos continuamente trabalhando. Nem sequer nos deixam descansar nos dias de festa. Eles escolhem e reservam os lugares mais cômodos, e assim se livram do calor do verão e do frio no inverno. Nós, além da fadiga do trabalho, temos que padecer o calor, o frio, os ventos e as chuvas nas intempéries, ou metidos nas fábricas, porões e minas, respirando ar contaminado, e assim morremos antes do tempo. Eles, a cada dia colocam em suas mesas muitos e fartos pratos; nós apenas podemos comer um pedaço de pão velho, que nos fazem pagar muito caro, por causa do monopólio que detêm...”.

723. “Eles vestem roupas bonitas e finas; cada dia mudam de traje e cada vez mais luxuoso. Nós, mal podemos trocar nossas camisas miseráveis, molhadas do suor de nossas fadigas”.

724. “Eles vivem em grandes e magníficas casas, adornadas com um luxo asiático. Nós já não podemos viver senão em porões e sótãos, porque subiram o preço dos aluguéis, e já não conseguimos pagá-los. Nós edificamos as casas, construímos os móveis, confeccionamos suas roupas, preparamos suas refeições; porém, eles não nos retribuem, antes nos roubam o que ganhamos e nos sugam o sangue com aluguéis, impostos e contribuições. Até quando vão durar esses roubos e injustiças? Levantemo-nos todos contra eles”.

725. 9. Até agora os ricos desfrutaram das terras. Já é tempo de nós também desfrutá-las e assim dividi-las entre nós. Esta divisão não é só um direito de equidade e justiça, como também de grande utilidade e proveito, pois os terrenos acumulados pelos ricos ladrões são infrutíferos, porém se divididos em pequenos lotes entre nós e cultivados por nossas próprias mãos, darão abundantes colheitas”.

726. 10. Além disso, dizia e repetia com muita freqüência o ferrador de Loja, Pérez del Olmo, o caudilho dos socialistas: “Antes os hospitais, casas de beneficência, as comunidades religiosas, os cabidos, os beneficiados, etc., etc., tinham fazendas, posses e rendas, e esses boas vidas apropriaram-se de tudo e até do que é próprio dos povoados. E de todas essas coisas não nos deram nada. É justo que reclamemos a parte que nos toca; nós temos o mesmo direito que eles; e como eles não nos darão nada, estamos a ponto de tomar posse do que nos pertence. Unamo-nos, pois, todos, e levantemo-nos: mãos à obra”.

727. Com esses discursos e com os demais meios adulatários, ameaças e insultos aos que não cediam prontamente, e dessa forma rapidamente foi tomando grandes proporções. Ao mesmo tempo, foram semeadas doutrinas perversas e destruidoras: disseminava-se a imoralidade, apartando as pessoas do bem e conduzindo-as para o mal. Já não mais se recebiam os sacramentos da penitência, eucaristia e matrimônio; nem mesmo se participava da missa. Nos dias de festa, trabalhava-se até o meio-dia; à tarde e à noite, jogo, baile, teatro, café, taberna, passeio. Nada de religião. Tudo mundano. Os ministros da religião, desprezados, murmurados, caluniados, etc., etc.

728. Estando em Madri, ao tomar conhecimento de todas essas iniquidades, meu coração partia-se de dor. Desejava dirigir-me até lá para pregar. Porém, sua majestade disse-me que esperasse, que pregaria quando fôssemos para lá. E foi o que aconteceu. Mas isto não é suficiente. É necessária a presença de missionários. Conversei com os bispos daquelas regiões. O senhor núncio apostólico e a rainha falaram e escreveram cartas para que os missionários fossem para lá. Espero que alguém vá, certamente poucos, pois são poucos ao todo. Ó pai celestial, enviai missionários!!! (9)

Capítulo IV

Calúnias contra sacerdotes católicos

729. Sabem os protestantes, os socialistas e os comunistas que os sacerdotes católicos são seus maiores inimigos, pois desfazem seus planos. Pois, sendo trevas seus erros, basta os sacerdotes católicos apresentarem a luz da doutrina católica para que as trevas por si mesmas desapareçam. Por isso, o remédio mais oportuno que encontraram foi falar mal dos sacerdotes. Eles sabem muito bem que o que falam são invenções, calúnias e mentiras. Não importa, pois algo fica. Desprezados e desprestigiados os mestres, imediatamente é desprezada a doutrina, apaga-se a luz da verdade, fica o povo à mercê das trevas e de

seus erros. É inexplicável o quanto propalaram com palavras e por escritos. Transcreverei aqui um dos muitos impressos que tenho à vista e que circulam em todas as direções, e procuram fazer chegar nas mãos de todos. Diz assim:

Religião e moral

730. “Que seria da Igreja Católica se tivéssemos de julgá-la pelo procedimento da maior parte, para não dizer de todos os seus ministros? A degradação moral do clero vai chegando ao seu auge. Aumenta de um ano a outro, de um dia a outro e de uma hora a outra. Vejam como esses ministros da religião estão engolfados nos prazeres mundanos; metidos em intrigas políticas e feitos uns egoístas e comerciantes, completamente esquecidos das palavras de seu divino Mestre, que diz: *Meu reino não é deste mundo*”.

(10)

731. “Eles não estudam nem ensinam a moral e se entregam à satisfação das suas ambições e apetites desenfreados. Não pregam o Evangelho e se preocupam incessantemente com os interesses dos partidos políticos, sendo eles os primeiros urdidores das tramas mais escandalosas e dos ardis mais iníquos. Quando perceberem alguma intriga infame, uma calúnia atroz, um vil manejo, digam, sem medo de errar: Isto é obra de um ministro católico”.

732. “Os párocos abusam de tudo; nada lhes é sagrado. A tudo profanaram aviltaram: o púlpito, o confessionário, a consciência, a família e a sociedade inteira. Puseram tudo a perder. Alguns parecem austeros, porém cuidado, pois carregam escondido debaixo da batina o punhal envenenado para lhes tirar a vida, e o que é mais assombroso, nem mesmo entre si se perdoam. Esquecidos das palavras de Jesus Cristo: *Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*, (11) com as quais se pode deduzir a separação entre a política e a religião, delas não fazem caso, misturam tudo, confundem tudo e com tudo fazem comércio”.

733. “Os sacerdotes católicos traem a si mesmos, a religião e a pátria. Chamam-se ministros do Deus da paz e são os primeiros a provocar a guerra, às vezes com palavras e, em outras, com exemplos. Deveriam ser a luz do mundo; porém, enchem-no de trevas, com sua ignorância e imoralidade. Seduzem as solteiras, enganam as casadas e corrompem as viúvas. São odiados de todo mundo por causa da vaidade, da ambição e de outras picardias. Conclusão: Foge, afasta-te deles. São duplamente impostores: são lobos devoradores em vez de bons pastores”.

734. É inexplicável o prejuízo que os ímpios e socialistas acarretam com as calúnias que levantam, com as ações que praticam e com o desprezo com que olham e tratam os sacerdotes, a missa e os sacramentos

e as demais funções da religião. A tudo isto acrescentam o desprezo, as caçadas e a mofa que fazem dos fiéis que professam a religião. Deste modo, cada dia angariam novos prosélitos e a sociedade, a passos acelerados, caminha para a perdição.

735. Algumas vezes, digo melhor, continuamente, penso no remédio que se poderia aplicar a tão grande mal. Depois de muito refletir, vejo que o remédio reside, de um lado, na formação de um bom clero, sábio, virtuoso, zeloso e de oração; de outro, catequizar e pregar às crianças, a todo o povo e distribuir bons livros e folhetos. Trabalhando, ainda há fé em Israel, o terreno ainda produz. Coragem, digo a mim mesmo; é preciso não desfalecer. Diante da virtude e firmeza dos bons sacerdotes, os ímpios perdem sua ousadia e atrevimento. (12)

Capítulo 5

Realizações desde a chegada a Madri

736. Ao chegar a esta corte, senti-me tão alegre e descansado de todas as minhas fadigas como se tivesse retornado de uma temporada de folga. Assim é que não duvidei em vir ao Escorial para dar início a uma novena-missão em honra de Nossa Senhora do Patrocínio. Preguei, graças a Deus. Muitas pessoas participaram e foram inúmeros os frutos, graças a Deus. (13)

737. Terminada a novena, iniciei os exercícios espirituais à comunidade de sacerdotes e estudantes do seminário e a alguns sacerdotes de fora; na verdade os resultados foram muito felizes. (14)

738. De volta a Madri, dediquei-me aos exercícios espirituais às Adoradoras; todas aproveitaram muitíssimo. Todas quiseram fazer confissão geral e ficaram muito fervorosas. (15)

739. Durante as festas natalinas preguei exercício às Monjas ou Irmãs Francesas. Por se ocuparem com o ensino das meninas, que nessa época estão com os familiares para as festas natalinas, as irmãs ficam desocupadas e todos os anos dedicam-se aos exercícios espirituais; desde que me encontro em Madri, repetem o mesmo. (16)

740. Propósitos dos exercícios espirituais que preguei no Escorial, do dia 10 a 19 de novembro de 1862:

1º - Anualmente farei os santos exercícios.

2º - Cada mês farei um dia de rigoroso retiro, sem conversar com ninguém.

3º - Confessarei semanalmente.

4º - Jejuarei três dias por semana, a saber: quarta, sexta e sábado e, em alguns dias, me absterei de sobremesa. Na segunda, quarta e sexta-feira aplicarei disciplina ou outra penitência equivalente. Na terça, quinta e sábado usarei o cilício.

741. 5º - Durante a oração pensarei nos mistérios do rosário e na paixão de Cristo. Evitarei a pressa. Recordarei a repreensão dirigida a Santa Catarina de Sena. (17)

742. 6º - Praticarei o exame particular sobre a mansidão. A experiência diz que mais vale fazer poucas coisas com mansidão do que fazer muitas precipitadamente e com aborrecimento, pois as pessoas se desedificam ao presenciar tais atitudes, por isso tenho feito o propósito de jamais aborrecer-me, nem de queixar-me de coisa alguma. Serei sempre amável com todos, mesmo para com aqueles que me são incômodos. Farei freqüentemente as meditações dos capítulos 20 e 28 do livro *Exercícios*. (18)

743. 7º - Pedirei continuamente a Deus nosso Senhor que faça com que eu o conheça e o torne conhecido, que o ame e o torne amado, que o sirva e o faça servir. Direi: *Senhor, se vós quereis servir-vos de mim para a conversão dos pecadores, etc., aqui me tendes*.

744. 8º - Antes do almoço, direi: *Senhor, alimento-me para ter forças e para melhor vos servir*. Antes das horas de estudo, direi: *Senhor, estudo para melhor conhecer-vos, amar-vos e servir-vos, e para ajudar meu próximo*. Antes de deitar direi: *Senhor, faço-o para recobrar as forças desgastadas e servir-vos melhor; faço-o porque vós, Senhor, meu Pai, assim ordenastes*.

745. 9º - Máximas que me propus guardar:

1ª. Comer pouco e trabalhar muito.

2ª. Dormir pouco e rezar muito.

3ª. Falar pouco e padecer muitas dores e calúnias, sem queixar-me nem defender-me; antes alegrar-me.

746. 4ª. Mortificação interna e externa.

5ª. Leitura espiritual pelo texto de Rodríguez. (19)

6ª. Oração mental pelo texto de “La Puente”. (20)

7ª. Exame particular sobre a mansidão.

747. 8ª. Agirei em tudo com retidão de intenção, com atenção e com força de vontade para fazer bem cada coisa.

748. 9ª. Andarei sempre na presença de Deus e lhe direi com freqüência: *Domine, pati aut mori*: Senhor, ou morrer ou padecer.(21) *Pati non mori*: Padecer, não morrer.(22). *Pati, et contemni pro te*: Padecer por vós e que eu seja desprezado.(23) *Absit mihi gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi*: Livra-me, ó Deus, de gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.(24)

Lembretes:

749. 1. Pedirei a Maria santíssima uma caridade abrasada e uma perfeita união com Deus, humildade profundíssima e desejos de sofrer desprezo.

750. 2. Terei grande estima pela virtude de todos. A todos terei como meus superiores, julgando o melhor possível todas as suas obras, repreendendo-me, censurando-me e julgando somente a mim. Isto servirá para meu proveito; o resto não.

751. 3. Lembrarei o que o Senhor disse a um missionário: que o havia preservado de cair no inferno a fim de que procurasse a salvação das almas. Recordarei que me salvou das águas do mar e de outros perigos para que eu buscasse sua maior honra e glória e a salvação das almas que, com tanto custo, ele redimiu.

752. 4 - Que não fez Jesus para a glória de seu Pai e para a salvação das almas? Ah! Contemplo-o em uma cruz, morto e desprezado. Pois eu, ajudado por sua graça, estou resolvido a sofrer aborrecimentos, trabalhos, desprezos, mofas, murmurações, calúnias, perseguições e até mesmo a morte. Já estou sofrendo, graças a Deus, muitas destas coisas; mas, animado, digo com o apóstolo Paulo: *Omnia sustineo propter electos, ut et ipsi salutem consequantur*: Tudo sofro por amor aos escolhidos, a fim de que consigam também eles a salvação.(25)

753. 5 - Sei que não posso oferecer a Deus bocado mais saboroso, nem bebida mais suave e delicada do que almas arrependidas, desde o púlpito e o confessionário. Jesus me convida e me dá seu corpo em comida e seu sangue em bebida e quer que eu o convide em companhia de almas convertidas. Sei que é a comida de que mais gosta, como disse aos apóstolos. Para os reis da terra providenciam-se frutos deliciosos, mesmo que sejam difíceis de conseguir. Que não devo eu fazer então para o rei celestial?

754. 6 - Depois da missa, por meia hora, sinto-me como que aniquilado. Não desejo outra coisa senão sua santíssima vontade. Vivo com a vida de Jesus Cristo. Ele, possuindo-me, possui um nada, ao passo que eu, possuindo-o, tudo possuo. Eu lhe digo: Ó Senhor, vós sois meu amor! Vós sois minha honra, minha esperança e meu refúgio. Vós sois minha glória e meu fim. Ó meu amor! Bem-aventurança minha! Protetor meu! Alegria minha! Restaurador meu! Meu mestre! Meu Pai! Esposo de minha vida e de minha alma!

755. Não procuro, Senhor, nem quero saber outra coisa, senão vossa santíssima vontade, a fim de cumpri-la. Nada mais desejo senão a vós e, unicamente por vós e para vós, as demais coisas. Vós sois para mim sufficientíssimo. Eu vos amo, ó minha fortaleza, meu refúgio e meu consolo. Sim, vós sois meu Pai, meu irmão, meu esposo, meu amigo e meu tudo. Fazei que vos ame, como vós me amais e como quereis que vos ame.

756. Ó meu Pai, aceitai este meu pobre coração; devorai-o, assim como eu faço de vós meu alimento, para que eu me converta inteiro a vós. Com as palavras da consagração, a substância do pão e do vinho se converte na substância do vosso corpo e sangue. Ó Senhor onipotente! Consagrai-me, falai para mim e convertei-me todo em vós.

CAPÍTULO 6

Prestação de contas ao meu diretor espiritual: 1862

757. Diariamente, tanto no inverno como no verão, levanto-me às três horas. Enquanto me visto, vou rezando, apesar de gastar poucos minutos para me vestir. Desejo muito a permissão para descansar sobre uma tábua e não me deitar na cama. Na cama sinto a cabeça pesada.(26)

758. Logo de manhã, aplico forte disciplina e, quanto mais forte, mais alegria me dá, pois penso em meus pecados e nos açoites de Jesus e em seu amor. Parece-me ouvir: *Da mihi sanguinem, et dabo tibi spiritum*: Dá-me sangue e eu te darei espírito.(27) Segundo meus propósitos, um dia aplico-me a disciplina, outro dia o cilício. Este me incomoda mais que a disciplina, mas não o abandono nunca, por mais que repugne ao corpo.

759. A minha maior luta é com a comida.(28) Meu corpo é como o de um péssimo burro, que muitas vezes me engana e ri-se de mim: sente fome quando à mesa vê a comida. Faço-o jejuar três dias por semana: quarta, sexta e sábado. Em todos os dias do ano, mesmo nas festas principais, não me permito comer carne ou peixe. Quero, porém, que se prepare para os demais da casa para que eles comam, não eu. Para o corpo, isto é um verdadeiro sofrimento de Tântalo. O mesmo acontece com o vinho. Gosto de carne e de vinho, porém não quero nem comer nem beber e assim meu corpo e minha alma se sentem melhor.

760. Quanto à abstinência de carne, peixe e vinho, conformo-me, embora me custe um pouco. O mais difícil é abster-me das demais comidas. Meu corpo deseja mais que do que eu quero dar-lhe. No entanto, faz-me cometer falta servir mais do que o projetado. Cometo, porém, outra falta maior: comer mais apressado do que me proponho. Como eu sirvo primeiro e não mais que batata ou verdura, etc., etc., e depois os outros se servem o que querem; naturalmente, eles necessitam mais tempo para comer o que colocam no prato. Eu quero esperá-los comendo devagar, a fim de concluir ao mesmo tempo, pois aqui está o meu desafio. Como sirvo antes e não me detenho em trincar e, além disso, como tenho um apetite muito bom, não consigo conter o burrinho do meu corpo; ele me escapa, e como mais rapidamente do que desejo. Fora das refeições nada como nem bebo.

761. A abstinência em minha vida tem muitas finalidades:

1) Mortificar o corpo; 2) Edificar o próximo, o que cada dia me convence que convém; 3) Importunar o menos possível o próximo, sobretudo quando dele sou hóspede; 4) Economizando, terei mais o que dar. Ainda mais, especialmente para imitar a Jesus e a Maria. De um tempo para cá, Deus nosso Senhor, por sua infinita bondade, me revela muitas coisas quando estou em oração. Sinto profundo desejo de agir e de sofrer para sua maior honra e glória e para o bem das almas.(29)

762. Desejo ardentemente sair de Madri para pregar pelo mundo inteiro. Não posso explicar meu sofrimento ao perceber que não me deixam sair. Só Deus o sabe. Diariamente tenho de resignar-me, conformado-me com a vontade de Deus, que no momento eu permaneça neste lugar. Faço propósitos de calar-me, no entanto, não escondo meu desejo de sair.(30)

763. Sendo obrigado a permanecer nesta corte, atendo confissões todos os dias até as onze horas. Dois terços dos penitentes são pessoas que nunca se confessaram comigo e vêm para fazer uma confissão geral. (31)

764. Das onze às doze horas, dou audiência. É a pior hora para mim, porque vêm com exigências relativas ao palácio e com as quais não posso concordar. Na parte da tarde, dedico-me a pregar, estudar e a escrever ou em alguma outra coisa; o mesmo acontece à noite. Procuo em momento algum estar desocupado.

765. Às três horas da manhã, antes da oração mental, rezo o santíssimo Triságio; às doze horas, antes do almoço, faço o exame de consciência e via-sacra breve. À noite rezo três partes do rosário, sete Pai-nossos e Ave-Marias a nossa Senhora do Carmo e das Dores e mais a dezena e o rosário de antífonas marianas.(32)

766. Para mim, a oração vocal me satisfaz mais do que a puramente mental, graças a Deus. Em cada palavra do Pai-nosso, Ave-Maria e Glória vejo um abismo de bondade e misericórdia. Deus me concede a graça especial de estar muito atento e fervoroso durante tais orações. Também na oração mental, na sua bondade e misericórdia, o Senhor me concede muitas graças, porém na oração vocal o reconheço mais.(33)

767. Diante do Santíssimo Sacramento, sinto uma fé tão viva que nem sei explicar. Sinto-a (sua presença) de modo quase sensível. Continuamente beijo suas chagas. Finalmente fico abraçado com ele. Custa e tenho que usar de violência sempre que tenho de separar-me de sua divina presença, sempre que chega a hora. (34)

Capítulo 7

Prestação de contas da minha missão no Palácio

768. Já não sei o que dizer sobre este particular. Deus é quem sabe se cumpri minha obrigação. É bem verdade que sua majestade me estima e aprecia muito meus conselhos. Porém, em vista de sua posição, às vezes não se arrisca a fazer tudo o que sabe ser o melhor, principalmente no que concerne a atos públicos e exteriores; o que ela pode fazer, por si e privadamente, sempre se mostra disposta. Assim é que cotidianamente lê a vida do santo do dia, reza o santo rosário, participa da missa, visita a imagem da santíssima Virgem, freqüenta os sacramentos com muito fervor e devoção. Anualmente faz os exercícios espirituais, quando estamos na Granja, pois ali dispõe de mais tempo livre. Nunca se cansa das coisas boas. É muito caridosa, faz donativos de boa vontade e generosamente. É muito compassiva. Interessa-se por todos os sofrimentos que presencia e conhece. O que mais lhe custa é o que se refere ao exterior, seja pela educação recebida, ou porque não quer provocar atritos com pessoas mundanas; mesmo assim, aos poucos vai se corrigindo naquelas coisas que, se bem é verdade que não são faltas graves, porém reconhece que seria melhor se as fizesse de outro modo. As principais são as seguintes:

769. 1º - *Os teatros* - Quando cheguei em Madrid, a rainha todas as noites ia ao teatro e dava bons presentes aos artistas. Atualmente, comparece só por formalidade, dando preferência aos espetáculos que não ferem a moral, ainda assim, cansa-se, sente sono, precisa esforçar-se para não dormir, como ela mesma confidenciou.

770. 2º - *Os bailes* - Antes, eram freqüentes no palácio. Hoje em dia são poucos e realizados com muita ordem, segundo as informações dos que neles estiveram presentes, pois jamais vou vê-los e desaconselho os que estão ao meu alcance. Porém, os referidos bailes são mais um pretexto para encontros políticos do que para dançar e por outros fins. Vistos sob este ponto de vista, devem ser tolerados. E pode até ter havido ocasiões em que, por motivos estritamente políticos, se tenham tornado necessários.

771. 3º - *Os banquetes* - Antes eram muitos os banquetes. Hoje são poucos e só se aceitam os indispensáveis. Nesse mês, por motivos especiais, deveria haver três: por ser a comemoração do santo onomástico do príncipe, pela comemoração do santo onomástico da infanta Paz e por outro motivo; estes três convites, no entanto, foram reduzidos a um. Eu prefiro que se gaste em esmolas aos pobres do que em banquetes, bailes, etc. (35)

772. 4º - *As reuniões de Etiqueta* (beija-mãos) - Este é meu principal trabalho, porque desejo que as senhoras usem vestidos longos e com mais recato. Elas dizem que é o vestido da moda; que é costume vestir assim em tais cerimônias; que em todas as cortes do mundo, em tais funções, se vai assim, etc., etc. Não me impressiono com tais queixas, digo e faço o que entendo ser o meu dever. É verdade que atualmente a rainha é a senhora que se veste com mais recato e modéstia, mesmo assim não estou satisfeito. Queixo-me e manifesto o desgosto que sinto pelo fato de estar no palácio; por isso mesmo meu desejo é retirar-me.

773. *Castigo contra os blasfemadores* – Muitos são os castigos que poderia referir, cito apenas dois: (36)
1. Na corte de Madri, rua dos Relatores, ano de 1862, realizavam-se obras numa casa e a passagem estava um tanto quanto obstruída. Um carroceiro, com a carroça carregada, devia passar por ali e, tendo encalhado a carroça no meio dos entulhos, começou a blasfemar contra Deus, chicoteando impiedosamente os animais e, simultaneamente, blasfemando. Eis senão quando um dos animais deu-lhe forte coice nas têmporas. O carroceiro caiu morto com a blasfêmia na boca.

774. 2. No mesmo ano de 1862, no mesmo povoado da cidade de Madri, na rua *del Viento*, alguns pedreiros e serventes abriam valetas para fazer a ligação de um poço de esgoto de uma casa para a rede central, no centro da rua. Um deles, enquanto trabalhava com a picareta, soltava blasfêmias e, entre outras, dizia que se sujava com Deus; porém, como castigo Deus fez com que ele mesmo se sujasse. O muro de proteção rompeu-se antes do tempo e, asfixiado pelo forte odor e pela grande avalanche de água suja de esgoto, morreu com a boca cheia e todo o corpo coberto de sujeira.

Capítulo 8

Prestação de contas ao meu diretor espiritual: 1863

775. No corrente ano (1863), suas majestades não realizaram nenhuma expedição. Permaneceram sempre em Madri e nas localidades de Aranjuez e na Granja. Assim tive mais tempo para dedicar-me à pregação, confessar, escrever livretes, mensagens e produzir estampas.(37)

776. No tocante ao anúncio, preguei os santos exercícios espirituais a todas as senhoras e senhores da corte, isto tudo com grande fruto. Foi obra de Deus. Na igreja de Montserrat preguei também a novena de São José, a quem se dedicou um altar novo à nova imagem. A novena foi muito concorrida e fecundos os frutos. Preguei também retiro às Adoradoras, às Escolápias e às Terciárias, às meninas e empregadas. (38)

777. Em Madri confesso todos os dias, das sete às onze horas, quando me levanto para dar audiência às pessoas que querem falar comigo. Para mim essa é a hora mais enfadonha, pois me pedem coisas nas quais não posso me meter.

778. Neste ano, nos Sítios, logo após a missa, atendia confissões todos os dias, pois se confessam comigo todas as camareiras e servidores mais próximos de suas majestades e altezas, e como todas freqüentam os sacramentos, todos os dias há gente para confessar. Em Madri, cada uma tem seu confessor e diretor espiritual; nos Sítios, porém, todas confessam comigo e todas têm uma conduta muito conveniente. Praticam meditação e leitura espiritual todos os dias, seja por um desejo espontâneo, mas também pelo

bom exemplo de sua majestade que, além das práticas ordinárias de cada dia, a cada ano, no Real Sítio da Granja, faz os exercícios espirituais de Santo Inácio. As demais fazem seu retiro em Madri.

779. Em Aranjuez escrevi o segundo volume de *O Colegial Instruído* e produzi também várias estampas. Na Granja escrevi o livro *A Colegial Instruída*. Presenteei todos os seminários da Espanha com duzentos exemplares de *O Colegial Instruído* e mais cinco bíblias para serem distribuídas entre os seminaristas mais aplicados. Doei também muitíssimos livros, estampas e rosários. (39)

Capítulo 9

Propósitos por ocasião dos exercícios espirituais

780. Na última terça parte no mês de outubro de 1863, fui ao Escorial para fazer exercícios espirituais, que duraram de 23 de outubro a 1º de novembro inclusive, nos quais fiz os seguintes propósitos:

1. Anualmente, farei os santos exercícios.

2. Mensalmente, um dia de retiro rigoroso.

3. Confessarei uma vez por semana.

4. Jejuarei três dias por semana: quarta-feira, sexta-feira e sábado. Nesses dias, à noite, me absterei da sobremesa.

5. Na segunda, quarta e sexta-feira me aplicarei disciplina ou outra prática semelhante. Usarei cilício na terça, quinta e sábados.

781. 6. Na oração pensarei na repreensão que Santa Catarina de Sena recebeu. (40) Lembrarei de São Luís Gonzaga, que só na recitação das matinas gastava uma hora. (41)

782. 7. Farei o exame particular sobre a virtude da mansidão. Recordarei da mansidão de Jesus, modelo e mestre que disse: *Aprende de mim que sou manso e humilde de coração*. (42)

783. Lembrarei da mansidão de Maria santíssima, que por nada se deixou levar pela ira, nem perdeu a perfeitíssima mansidão, com imutável e inimitável igualdade interior e exterior, sem que jamais se notasse variação no semblante, nem alteração na voz, nem expressões que indicassem alguma mudança interior. (43) “Considerarei sua utilidade, porque com humildade se agrada a Deus e com a mansidão ao próximo”. (44)

784. “Melhor é fazer pouco com paciência, mansidão e amabilidade, do que fazer muito com precipitação, ira, enfado e resmungando. Diante deste modo de proceder, as pessoas se escandalizam e se afastam”.

785. 8. Jamais me mostrarei indisposto. Calarei e oferecerei a Deus tudo que me fizer sofrer.

9. Nunca me queixarei. Procurarei resignar-me à vontade de Deus, que assim tudo dispôs para meu bem: pobreza, humilhações, dores, desprezos, etc.

786. 10. Serei sempre amável com todos, principalmente com aqueles que mais me importunam.

787. 11. Nunca falarei de mim mesmo, nem sobre minhas obras, nem bem nem mal.

788. 12. Direi ao meu bom Deus: *Senhor, se vos quereis servir de mim, miserável instrumento, para a conversão dos pecadores, aqui me tendes.*

789. 13. Antes das refeições direi: *Senhor, é para ter forças e servir-vos melhor que me alimento; não por prazer, pois não desejo nenhum, mas sim por necessidade.*

14. Antes de deitar, direi: *Senhor, faço-o para recuperar as forças gastas e para melhor vos servir. Durmo porque vós, meu Senhor, o ordenais.*

15. Antes de estudar, direi: *Senhor, estudo para melhor vos conhecer, amar, servir e para ajudar meu próximo.* As devoções para os dias da semana serão as mesmas dos propósitos realizados nos outros anos. (45)

790. 16. Em todas as coisas vou procurar: Primeiro, pureza e retidão de intenção; segundo, grande atenção e cuidado; terceiro, força de vontade.

791. 17. Terei o máximo cuidado em fazer bem cada coisa, como se não tivesse mais nada para fazer. Com ajuda de Deus, tenho procurado cumprir estes propósitos.

792. A minha maior dificuldade tem sido a mansidão, devido à multidão de pessoas que vinham falar comigo a respeito de assuntos relacionados com o palácio e com interesses por cargos públicos. Por mais que lhes explicasse, não se convenciam e isto me torturava. Na hora de receber essas pessoas, das onze às doze horas, pedia antes a ajuda da graça de Deus para não me enervar. Enquanto saía uma pessoa e aguardava a seguinte, elevava os olhos e o coração para uma imagem de Maria santíssima, pedia-lhe a graça e os auxílios necessários, e assim suportava melhor e oferecia tudo a Deus. Aos que me procuravam dava uma palavra de ânimo ou um livro espiritual e assim saíam menos desesperados.

CAPÍTULO 10

Capítulo importante para a Congregação (46)

793. No dia 14 de novembro de 1863, dia em que devia pregar sobre Maria santíssima nos santos exercícios espirituais que estava pregando no noviciado das Irmãs Terciárias do Carmo de Madri,

Comunidade de Irmãs, Colégio de meninas e criadas, dia de sábado, no qual faço a leitura espiritual mariana, dia do patrocínio de Maria santíssima, por ter sido impossível celebrá-la no domingo anterior por ser a oitava de todos os santos. Nesse dia, pois, estava lendo “que a Ordem dos Cartuxos, diante da angústia pela falta de quem quisesse professar sob seu hábito em um instituto de vida de tanta austeridade, solidão, silêncio, não encontrou melhor solução que consagrar-se a Maria santíssima, com voto público de rezar diariamente seu ofício (o ofício parvo), e com isto alcançou tão perfeitamente sua perpetuidade que, desde o ano de 1804, perdura inviolada essa severíssima regra, para vergonha do tempo que, destruindo todo poder, não pode destruir o que se põe sob a proteção de Maria”. Este conselho de que se rezasse o ofício parvo foi dado por São Pedro, que lhes apareceu sob o aspecto de um ancião.

794. Nesse dia, veio-me o pensamento de que, se a Congregação rezasse diariamente, além do ofício divino, o ofício parvo de Maria santíssima, ela nos proveria de pessoas que aumentariam, dilatariam e conservariam a Congregação.

795. Durante a oração da manhã do mesmo dia parecia que a imagem da Virgem que está no altar me dizia que assim se fizesse, mas com discrição, bastando que um só membro o rezasse: um por obrigação e os demais por devoção, se o desejassem e julgassem oportuno. Porém, os que estivessem nas missões estariam dispensados, pois teriam ocupação suficiente com a pregação e no atendimento às confissões. Também se poderia dispor que este ofício parvo fosse rezado pelos que estivessem no noviciado e que não possuem ainda as ordens sagradas.

Capítulo 11

Relato espiritual de 1864

796. Oriento-me pelos propósitos que fiz nos últimos exercícios, os quais tenho cumprido com algumas imperfeições, permitidas por Deus nosso Senhor para que mais me humilhe e reconheça na prática que eu não sou mais do que miséria e que, se algo de bom existe em mim, tudo é de Deus; eu não sou mais que um puro nada. No corrente ano, o Senhor concedeu-me conhecer claramente a necessidade e utilidade desta preciosíssima virtude. Nunca a havia entendido tão bem.(47)

797. Neste mesmo ano li novamente as obras de Santa Teresa de Jesus. Através dessa leitura o Senhor me comunicou grandes conhecimentos. Oh! Como o Senhor é bom! Como sabia de antemão das grandes provas pelas quais deveria passar, preveniu-me com profundos conhecimentos e auxílios espirituais.

798. Neste ano tenho sido muito caluniado e perseguido por toda classe de pessoas: pelos jornais, folhetos, livros plagiados, por fotografias e por muitas outras coisas e até pelos próprios demônios. Em

alguns momentos minha natureza se ressentia, mas logo me tranqüilizava e me conformava com a vontade de Deus. Contemplava Jesus Cristo e via como estava longe de sofrer o que ele sofreu por mim. Assim me tranqüilizava. Neste mesmo ano escrevi um livrete intitulado: *O consolo de uma alma caluniada*.(48)

799. Neste mesmo ano, escrevi o *Catecismo* para uso em toda Espanha; *A vocação das crianças*. Fiz que se reimprimisse o *Regulamento dos estudantes, em latim*; *As Regras dos Clérigos de vida comunitária*; *As tardes de verão na Granja* e *Regulamento das Bibliotecas populares*. Esperam-se ótimos resultados através deste livrinho.

800. Neste mesmo ano, preguei missões aos Servitas em San Andrés e nas Salesas Reais. Nelas o Senhor e a santíssima Virgem fizeram que houvesse muito fruto. Preguei os exercícios espirituais às Desamparadas, às Escolápias, às Terciárias e às meninas do Colégio e às criadas. Preguei, na corte, outros diferentes sermões e, no Escorial, exercícios espirituais.

801. Diariamente, às três horas da manhã, o despertador me acorda. Comumente, porém, já estou acordado a essa hora. Faço logo minhas orações e devoções. Dedico-me à leitura espiritual até às quatro e meia, hora em que desperto os empregados. Depois me preparo para a celebração da missa. Às cinco horas começamos a meditação que dura uma hora. Imediatamente celebro a missa no mesmo oratório; depois permaneço em ação de graças até as sete horas. Vou para o confessionário até as onze. Em seguida, inicio as audiências que se estendem até as doze horas, quando então me retiro. Rezo a via-sacra e outras orações, faço o exame particular sobre o amor de Deus; em seguida, almoço, etc. (49) Ocupo-me com a oração, estudo, pregação, visita ao Santíssimo nas quarenta horas, até as oito e meia da noite, quando juntos rezamos o terço.

CAPÍTULO 12

Acontecimentos úteis a pregadores, confessores e demais pessoas

802. Desde que sou sacerdote, ainda que indigno, muitos casos aconteceram comigo, os quais não foram registrados por estar sempre muito ocupado. Porém, com a indicação do meu diretor espiritual de que seria para a glória de Deus e o bem das almas, relatarei alguns casos, com singeleza e brevidade, tais quais presenciei ou se passaram comigo.

803. Hoje, 15 de abril de 1864, disseram-me que na paróquia de San Andrés, onde eu pregara missões na quaresma, haviam cumprido o preceito pascal quatro mil pessoas a mais que nos anos anteriores. Bendito seja Deus. Glória seja a Deus. Confessaram-se homens que não se confessavam há quarenta e mulheres há trinta anos. *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam*: Não a nós, Senhor, não a nós, mas a teu nome dá glória.(50)

804. Males causados pelo pecado de impureza: Hoje, 30 de abril de 1864, chamaram-me ara atender a um doente. Fui. Era um jovem de dezenove anos. A princípio, quando me encontrava em Madri, confessava-se comigo, ia muito bem; freqüentava os sacramentos, encomendava-se a Maria santíssima e seguia em tudo os meus conselhos. Depois começou a freqüentar más companhias e já não vinha confessar-se comigo. Antes de morrer, porém, chamou-me. Eu fui e ele me disse: “Morro tísico por ter-me entregado ao vício da masturbação, por ter abandonado os sacramentos e não mais me ter encomendado a Maria santíssima”. Morreu poucas horas após ter-se despedido de mim.

805. Relatarei aqui alguns casos bastante escabrosos que tive de resolver e remediar. Somente poderão lê-los sacerdotes da prudência e tino para precaverem-se e temer.

806-810. (51)

Capítulo 13

Continuação dos relatos que podem servir de correção

811. Madri, 31 de março de 1864. Um senhor recentemente casado disse à esposa, uma senhora muito virtuosa: “Nada te proíbo; apenas desejo que te abstenhas de uma coisa: da confissão, pois não quero que um sacerdote governe minha casa, como a governaria se te confessasses freqüentemente, pois te deixarias levar pelos conselhos dele”.

812. Acrescentou, para afastá-la dos sacramentos: “Não creio que Deus tenha confiado seus tesouros e suas graças aos sacerdotes. Sei por experiência própria que, quando um senhor rico, poderoso, sábio e prudente nomeia um mordomo a quem deseja confiar seus tesouros e através do qual os quer distribuir, procura alguém que seja probo, instruído e educado, e nunca alguém que seja imoral, bobo e grosseiro.

Isto o diz a razão e o evidencia a experiência de todos os dias. Como, pois, se pode crer que Deus tenha escolhido servidores de seus dons, graças e ministros de sua igreja a sacerdotes, homens grosseiros, sem ciência, sem educação e sem costumes?” Assim falava este ímpio, linguagem antiga dos hereges, mil vezes refutada pelos Santos Padres e doutores da Igreja. É bem verdade que a graça e os efeitos dos sacramentos não dependem da santidade do sacerdote, embora tenhamos o dever de ser instruídos, bem educados e de santos costumes.

813. Madri, 1º de abril de 1864. Uma senhora, diretora de um colégio, disse-me: “*O mais bobo de cada casa é que se mete na igreja e se torna padre*”.

814. Madri, primeiro de abril de 1864. Uma senhora muito piedosa e zelosa, disse-me: “*Há muita ignorância nos clérigos. Seria preferível que em algumas paróquias da zona rural não houvesse sacerdote e os fiéis rezassem o terço em lugar de ter missa, para não acontecer que algum sacerdote, atrasado e imoral, não faça mais que escandalizar*”.

815. No mesmo dia comentava uma senhora sobre a última vez que fora comungar. O sacerdote que lhe deu a sagrada comunhão estava com os dedos tão sujos e com cheiro tão forte de fumo que teve nojo e ânsia. Estando já com a hóstia já na boca, não pôde engoli-la: sentia o estômago revoltado em ânsias de vômito, tudo por causa do nauseabundo sacerdote. Ai de nós se, em lugar de atrair os fiéis com bons hábitos, os afastamos com modos grosseiros e paixões não mortificadas! Ai de nós se, em lugar de sermos o bom odor de Cristo em todo lugar, como diz o Apóstolo, (52) somos a peste que os espanta!...

816. No ano de 1864, Carmelo Sala e Atanácio López foram pregar uma missão em uma povoação chamada Oche.(53) Uma mulher, ao vê-los chegar, pôs-se a gritar: *Menina, prenda as galinhas, que os missionários estão chegando*. Os próprios missionários ouviram-na e me contaram. A mulher, durante a missão, arrependeu-se e justificou-se aos missionários: o que havia dito era por causa de outros que haviam passado antes e por causa da boa vida que levavam. Como convém que os missionários sejam mortificados, muito virtuosos e exemplares!

817. Primeiro de fevereiro de 1865. Os padres Mon e Sáenz de Cenzano, jesuítas, passaram da missão de Pamplona para a missão de Zaragoza; tomaram o trem e se sentaram nas poltronas de primeira classe. De imediato, os ímpios viram ou souberam e comentaram em conversas e pelos jornais. O que os missionários devem fazer é não viajar de trem e, se alguma vez for necessário, o melhor é ir de segunda ou de terceira classe e, melhor ainda, ir a pé, como Jesus, montado num jumento.

Capítulo 14

Castigos advindos por causa de maldições

818. No dia 18 de maio de 1864, encontrando-me, em Madri, aproximou-se de mim uma mulher de um povoado próximo, muito aflita, pedindo-me consolo e conselho sobre a forma como deveria agir. Tinha ela um filho de 25 anos, habituado a sair à noite em companhia de outros. A mãe não queria que saísse de casa à noite; porém, ele não fazia caso das admoestações da mãe. Certa noite, percebendo que perdera o controle, cansada, disse-lhe: *Já que não posso te sujeitar, a justiça te sujeitará.* Com a maldição da mãe, saiu em companhia dos oito colegas, como de costume. Aconteceu insultarem uma mulher; a polícia prendeu a todos e foram parar na cadeia. Ao relatar-me o fato, haviam transcorrido oito meses; nesse tempo todos foram soltos, menos seu filho, condenado a quinze anos de prisão. A mãe dizia que isso foi castigo de Deus, por dois motivos: primeiro, pela desobediência do filho e, segundo, pela maldição que lhe lançara.

819. Dia 25 de novembro de 1864, em Madri, uma mãe me disse que tinha uma filha de oito anos e meio, bastante esperta. Certa ocasião, a menina fez uma travessura própria da idade e vivacidade; a mãe, encolerizada, disse-lhe: *Que morras já!* A própria mãe disse que a menina, bastante sadia, a partir do momento da maldição, adoeceu e morreu. A própria mãe reconhecia que sua maldição lhe havia causado a morte, por isso estava inconsolável.

820. Madri, 10 de janeiro de 1865. Uma mãe disse-me que tinha duas filhas: uma de vinte anos e outra de catorze. A mais velha morreu, e ela disse: *Seria melhor que tivesse morrido a mais nova.* E esta foi morta. O fato aconteceu assim: um homem raptou-a, levou-a consigo, estuprou-a, apertou-lhe a garganta para que não gritasse, acabou afogando-a, jogou-a em um escoadouro e se foi. Este fato foi muito notório em Madri. Eu o ouvi pelo testemunho da própria mãe.

821. Madri, 25 de março de 1865. Uma moça solteira disse-me que vivera amigada, com promessa de casamento com três, um após o outro. E que os três a haviam enganado e abandonado; ela, indignada, amaldiçoara os três e desejara-lhes mal; aos três aconteceu exatamente o mal que ela lhes havia desejado, conforme a própria maldição que lhes lançara.

822. Muitos exemplos deste tipo, com maldições que se verificaram, poderiam ser referidos. Fiquei sabendo e também vi muitos casos cujos desejos do maldizente se cumpriram nos termos e tempo da predição. Vi-os em todos os estados de vida, porém, os mais comuns foram os verificados entre mães e filhos, entre pais e filhos, entre maridos e mulheres; patrões, empregados e empregadas, bem como entre amantes que se enganaram mutuamente, faltando com a palavra dada.

Capítulo 15

Alguns exemplos de pecados castigados

823 - 826. (54)

(Este capítulo não foi publicado por expressa vontade de Claret. Pode-se, porém, lê-lo em seus manuscritos, Mass. Claret, I, 497-499).

CAPÍTULO 16

Fatos que testemunhei

827. No dia 25 de dezembro, do ano..., às quatro da manhã, começou a nevar e continuou por dois dias seguidos. Foi tanta a neve como jamais fora visto em Madri. No entanto, uma mulher, com toda aquela neve, veio de uma cidadezinha a dezoito quilômetros para fazer sua confissão.

828. Uma senhora de 64 anos veio confessar-se comigo. Durante sua vida não se confessara mais do que duas vezes. A primeira vez que em que se confessou tinha dez anos e a segunda, vinte anos, por ocasião de seu casamento. Desde muito pequena sempre foi muito má. Porém, piorou depois de casada; foi muito escandalosa. Esteve em lugares diferentes e em todas as partes teve comportamento péssimo. Finalmente regressou a Madri, sua pátria, e sentiu desejos de confessar-se, pois fazia 44 anos que não se confessava e as duas únicas confissões não foram bem-feitas. Eu, ao ouvir sua longa e péssima vida e, ao vê-la tão arrependida e desejosa de iniciar uma vida penitente, perguntei-lhe se praticava alguma devoção. Respondeu-me que, não obstante sua vida errada, cada dia rezava sete Pai-nossos e sete Ave-Marias à

santíssima Virgem do Carmo, pois desde pequena ouvira dizer que era uma boa devoção. No mês de novembro de 1864 confessou-se e passou a viver cada vez melhor. Não duvido que conseguirá a salvação. 829. Madri, 21 de março de 1865. Converteu-se e confessou-se aquele que fazia caricaturas e fotografias contra mim. Eram muitas, extremamente caluniosas e também foram vendidas e propagadas por toda parte.

830. Nesse mesmo ano converteu-se uma mulher muito má, que havia cometido toda espécie de pecados. Converteu-se através da oração *Ó Virgem e Mãe de Deus, etc.*, que recitávamos depois do sermão. Não obstante sua má vida, todos os dias rezava e, finalmente, a Virgem santíssima tocou-lhe o coração. Ela fez uma boa confissão geral. Nunca se havia confessado bem. Reservadamente direi que havia feito toda sorte de pecados. Havia cometido especialmente o pecado de torpeza consigo mesma, com mulheres, com homens solteiros, viúvos e casados, com seu próprio pai, com seu próprio filho, com animais e de todas as maneiras. Envenenou o marido, tentou suicídio muitas vezes, mas não conseguiu acabar com a vida por mais que o procurasse. Ficava semimorta e era curada. Invocara o demônio muitas vezes e entregara-se a ele para que a levasse, etc., etc. Devido a esta pequena devoção que todos os dias rezava a Maria santíssima, o Senhor a preservou. Finalmente o Senhor a converteu. Ó Maria santíssima, como és misericordiosa! Esta conversão ocorreu durante a novena do Imaculado Coração de Maria, em 1865.

[CAPÍTULO 17] (55)

CAPÍTULO 18

Separação da Corte (56)

831. Às três horas e trinta minutos da tarde do dia sete de maio de 1865, dia do Patrocínio de São José, Jesus me disse que fosse muito devoto de São José e recorresse a ele com confiança.

832. No dia 17 de julho de 1865, às sete horas da manhã, estava rezando diante da imagem de Cristo do Perdão na igreja da Granja, quando Jesus me disse: *Antônio, retira-te*. Isto foi consequência do ato de sua majestade ter aprovando o chamado Reino da Itália. Já se suspeitava desta aprovação. Os bispos começaram a enviar seus relatórios, começando pelo arcebispo de Burgos.(57) A rainha perguntou o que eu achava da posição dos bispos. Respondi-lhe que me parecia muito boa. Disse que eu faria o mesmo se estivesse no lugar deles. Eles escrevem porque estão ausentes. Eu não escrevo porque me encontro diante de vossa majestade e falo pessoalmente, frente a frente. Eles escreveram em nome próprio e dos

seus rebanhos, ao passo que eu não preciso, pois não tenho senão uma ovelha, que o lobo vai devorá-la. Aludia a sua majestade, que entendeu muito bem e disse-me: *Deus nos livre...*

833. Como isto era previsto que iria acontecer, eu a exortava para que fugisse de tal aprovação, que se afastasse dessa questão. A rainha me prometia que jamais se posicionaria contra o Santo Padre, pois iria contrariar também o rei de Nápoles, seu parente muito próximo.(58) Algumas vezes chegara a me dizer que antes preferia deixar de ser rainha, que aprovar tal coisa; outras vezes assegurava que preferia perder a própria vida. Como eu via que, finalmente, aconteceria a ela o mesmo que ao rei de Nápoles, e dizia isso a ela, exortava-a a morrer honrada, sem macular-se com tão feia mancha. Além de todas as exortações que lhe fiz, cheguei até a ameaçá-la, dizendo duas vezes que, se aprovasse o reino da Itália, sairia da corte. Era o modo de sensibilizá-la porque muito me estimava.

834. Finalmente, a 14 de julho, dia de São Boaventura, data funesta para a rainha e para todos os católicos. Às nove horas da noite chegaram todos os ministros à Granja. O presidente O'Donnell foi sozinho ao palácio e falou com sua majestade das nove às onze horas da noite. Disse que o caso do Reino não é como pensam, que o leão não é tão feroz como se pinta. Disse ainda que aqui não se trata de aprovar o direito, mas sim meramente o fato, e isto da parte de Nápoles; porém sem atingir, de nenhum modo, o que pertence ao pontífice. Além deste engano artificioso, falou-lhe ainda da conveniência econômica, sobretudo porque o exército poderia se revoltar e forçar a aprovação do chamado reino da Itália. Dessa maneira, pode-se dizer que ela foi ludibriada e ameaçada.(59)

835. No dia seguinte, na hora pré-determinada, apresentaram-se todos os ministros no palácio. Todos juntos aprovaram o que havia dito o presidente, na noite anterior.

836. Este acordo provocou em mim um sentimento de morte. Apresentei-me a sua majestade e mostrei-lhe o mal que cometera. Ela não fazia outra coisa a não ser chorar. Disse-me que desde o momento em que consentiu não a havia deixado a febre.

837. Este acontecimento causou-me tamanho desgosto, que fui acometido de um terrível desarranjo e, como na Granja são fatais as diarreias por causa da água, pois a cada ano, por esse motivo morrem alguns da comitiva, aproveitei este motivo para ir até a Catalunha e separar-me da corte, apresentando como pretexto a viagem para não causar maior impacto à rainha, pois ela estava no quarto mês de gravidez e poderia abortar. Suplicava-me e pedia com gemidos e lágrimas que eu não me retirasse. Eu dizia ser necessário para salvar minha vida, que havia feito muitos sacrifícios nos oito anos e alguns meses que havia estado ao seu lado e que, finalmente, não me exigisse o sacrifício da própria vida.(60)

838. Saí da Granja e fui a Madri, em seguida a Zaragoza e depois a Barcelona e, finalmente, a Vic. Ao retirar-me do ambiente da corte, já me sentia um pouco melhor, porém continuava o desarranjo, que ainda continuou uma porção de dias, mesmo depois de ter chegado a Vic.(61)

839. No dia 14 de agosto deste mesmo ano, às nove e trinta da noite, encontrava-me na igreja de São Domingos, em Vic, onde se realizavam as Quarenta Horas. Fui visitar o Santíssimo e o Senhor me disse lá do Santíssimo Sacramento do Altar: *Irás a Roma*.

840. Carta a mim escrita por sua Majestade a Rainha:

Santo Ildefonso, 20 de julho de 1865.

Senhor Claret, meu Pai: A finalidade destas linhas é suplicar-lhe, pelo carinho que nos tem, que esteja no dia dois do próximo mês, em Valladolid, a fim de nos acompanhar até Zarauz. O senhor bem compreende o que me aconteceria e o que diriam se me vissem as pessoas sem a sua presença. Se o senhor, após ter estado em Zarauz, precisar de mais banhos, poderá daí mesmo afastar-se alguns dias, e voltar em seguida. Faça mais este sacrifício por sua filha de confissão que tanto lhe deve. Peço-lhe, caso atenda meus pedidos, que me escreva, e minha alegria será imensa. Peça a Deus e à virgem Maria que a todos nos conserve a saúde. O rei está enfermo. Conto com suas preces para que não seja nada. Confiamos todos nas suas orações, e tudo delas esperamos.

Sua respeitosa filha que o ama, *Isabel*.(62)

CAPÍTULO 19

A carta de Sua Santidade

841. Uma vez reconhecido o reino da Itália, sua majestade a rainha consultou o santo padre, pedindo conselho para saber como deveria proceder.(63) O santo padre lhe respondeu dizendo: Majestade: A carta que vossa majestade me dirigiu ultimamente e, através da qual me pede conselho, se vossa majestade deve ou não reconhecer o estado atual da Itália, encerra em si graves dificuldades da parte da que pede conselho e, de minha parte, uma verdadeira impossibilidade de poder dar-lhe uma resposta afirmativa. Não desconsidero a difícil situação em que se encontra vossa majestade e reconheço que no sistema parlamentarista o soberano se encontra muitas vezes impedido de executar as resoluções que sabe deveriam ser tomadas. Contudo, estas resoluções jamais devem nem podem ser admitidas, se elas

são contra a justiça. Por esta razão compreenderá facilmente vossa majestade que meu conselho será sempre contrário ao reconhecimento de uma usurpação sempre injusta aos príncipes italianos, pois foram prejudicados, e muito mais ainda pelo que tange à Santa Sé, cujo patrimônio me foi confiado para que o deixe íntegro a meus sucessores.

842. Parece impossível à nação espanhola, tão famosa pelo amor à fé católica, e que em 1849 deu ao mundo todo um brilhante exemplo de amor a esta santa cátedra, e mesmo à minha pobre pessoa,(64) pretenda agora obrigar vossa majestade a dar um exemplo completamente contrário! Espero que isso não aconteça.

843. Verdade é que o desejo por mim manifestado de preencher as sedes episcopais vagas na Itália, foi motivo para supor por parte de alguns, que esta Santa Sé continue as tentativas de entrar em contato com o rei Victor Manuel e seu governo a ponto de reconhecer o estado atual da Península. Porém, os que pensaram assim caíram em grande equívoco, pois uma coisa é satisfazer a um dever de consciência imposto por Jesus Cristo, qual seja o de ponderar todos os meios possíveis para poder prover às necessidades da Igreja, e outra coisa é reconhecer as usurpações e sancionar, assim, a falsa doutrina dos fatos consumados. Busquei o modo de poder cumprir com meu dever e, direi até com esperança de feliz resultado, nas primeiras tentativas feitas com o Negociador Piamontés; porém, após sua volta a Roma, tendo recebido instruções completamente diferentes, essas mesmas esperanças se desvaneceram completamente, e as coisas voltaram ao seu estado inicial.

844. Quanto ao mais, rogo para que Deus sustente vossa majestade e lhe dê as luzes necessárias para que acerte fazer o bem que lhe seja possível em seu reino e salvar a sociedade, exposta em nossos tempos a grandes danos e evidentes perigos.

Concedo-lhe a bênção do fundo do coração e à sua majestade o rei, o príncipe de Astúrias, à augusta família e a todos os seus súditos.

Dada no Vaticano, aos 15 de junho de 1865. *Pius P. IX.*

Não obstante a leitura da carta por sua majestade e pelos ministros, o reconhecimento do chamado reino da Itália acabou acontecendo. (65)

Capítulo 20

Carta do Núncio, enquanto eu estava na Catalunha

845. Ao perceber o rumo que as coisas tinham tomado, pedi ao senhor núncio apostólico que consultasse Roma sobre a maneira de eu devia proceder. (66) A resposta que veio de Roma, de parte do núncio, constitui-se na seguinte carta:

Excelentíssimo e Ilustríssimo Senhor Dom Antonio Maria Claret

Arcebispo de Trajanópolis

Estimado Senhor e querido Irmão

Recebi ultimamente a resposta de Roma sobre sua consulta, que é a seguinte: “Não estranho, escreve-me o senhor Cardeal Antonelli, que o senhor Claret esteja angustiado e busque sábios conselhos para tomar uma resolução e tranqüilizar seu ânimo. Considerando, porém, o bem que o mesmo poderia prestar em relação aos interesses religiosos e à boa causa, mesmo depois do reconhecimento do reino da Itália, não se pode persuadi-lo de que deixe o posto que tem na Corte, porém tampouco se lhe pode sugerir que continue no mesmo, se isto lhe ocasiona problemas de ordem espiritual e contraria a sua consciência. Portanto, não resta outro recurso senão encomendar-se ao Senhor, implorar as luzes divinas, fazer o que Deus lhe inspire para o bem da Igreja e das almas. Esta é a melhor solução e este o conselho que o senhor deverá dar ao senhor Claret em nome também do Santo Padre”.

846. Procurei traduzir literalmente dita resposta, a fim de que o senhor conheça com toda a exatidão a opinião do santo padre. Esta se reduz ao seguinte: rogue a Deus que o ilumine e, então, conforme a inspiração do Senhor, continue, ou não, no cargo de confessor de sua majestade. O santo padre, sem impor nenhum desses dois extremos, não desaprová a resolução tomada à luz da especial assistência do Senhor.

847. Permita-me uma observação sobre a resposta do santo padre. Ele não disse, é verdade, que o senhor continue no cargo de confessor, porém tampouco diz que o deixe. Portanto, o Senhor não agiria contra seus deveres, nem desgostaria o santo padre. Se não houvesse ambas possibilidades, o santo padre teria dito para o senhor não continuar no cargo. O motivo pelo qual não chegou a afirmar a conveniência do senhor continuar no cargo, não é por ter certeza de que o senhor faria uma ação censurável, mas só porque não deseja que o senhor a faça se a julga contrária à sua consciência.

848. De tudo isso, o que mais importa é resolver a questão, por isso imploro do Senhor as santas luzes de sabedoria e prudência para decidir se deve ou não, de acordo com a sua consciência, continuar por mais tempo na Corte. Bem sei que suas aspirações, suas tendências, seus desejos, seriam de deixar a corte o mais rápido possível e com razões de sobra para ficar tranqüilo com a decisão. Porém, o senhor

me indica que as aspirações, as tendências, os desejos não são a consciência, e aqui única e exclusivamente se trata da consciência.

849. A franca e clara declaração publicada tirou toda dúvida sobre seu modo de pensar a respeito do reconhecimento do reino da Itália. (67) Ninguém, a partir de agora, poderá suspeitar que o senhor não esteja em conformidade com os bispos e com o sentimento católico, tão expressivamente manifestado; ou que oculta ou dissimula sua opinião para não deixar o palácio. Seu afastamento tornaria difícil a prestação de inúmeros serviços à Igreja, especialmente na eleição de bispos. O fato ocasionaria também, segundo a opinião do povo fiel e do clero, grave dano à rainha. Estas duas últimas reflexões são de máxima importância e merecem a mais séria meditação. Quanto à primeira, creio não ser necessário nenhuma recomendação ao senhor; quanto à segunda, somente recordar-lhe a conspiração revolucionária contra sua majestade, especialmente porque no fundo de seu coração é católica e fiel ao papa. E que será se os bons também se tornam inimigos de sua causa como imprudentemente se procura? Quais serão as conseqüências, seja para o Reino, seja para a Igreja?

850. O santo padre professa todo afeto à sua majestade; deplora profundamente o reconhecimento da Itália; porém, como sabe que também a rainha o deplora, se compadece afetuosamente dela, se não soube ou não pôde dominar as circunstâncias.

851. Espero que, com a graça de Deus sua saúde tenha dado sinais de melhora; que mande notícias, especialmente sua resolução. Não se esqueça, em suas orações, daquele que sempre lhe devota especial carinho. Seu caro irmão, Lourenço, arcebispo de Tiana. Madri, 29 de julho de 1865.

852. Vic, 23 de agosto de 1865. Não sabendo o que fazer com relação a voltar para a Corte, ou não, comuniquei-o ao superior geral da Congregação do Imaculado Coração de Maria. Ele confiou o problema aos quatro consultores da Congregação, para que todos o recomendassem a Deus até que chegasse o dia marcado para uma reunião. (68) Realmente, encontramos-nos no dia marcado, e os cinco votos foram assim distribuídos: três que não voltasse para a corte e dois que retornasse. Em vista disso, resolvi não voltar, mas dispus-me a continuar pregando retiros espirituais e outras atividades semelhantes. (69)

CAPÍTULO 21

Em minha defesa (70)

853. O senhor Claret, arcebispo de Trajanópolis, confessor de sua majestade, estava resolvido a escutar em silêncio, por tempo indeterminado, as conjeturas, ora errôneas, ora caluniosas dirigidas a ele há anos, na espera de Deus, a quem orava pelos autores das mesmas, para que lhes iluminasse o entendimento ou apaziguasse a malícia de seus detratores.

854. Atendendo, porém, a insistentes pedidos de pessoas que, além de respeitá-lo e amá-lo como merece, julgam importante para a Igreja desmentir ou retificar tais manifestações, ousamos publicar a seguinte resenha de suas obras; resenha redigida por pessoa fidedigna e bem informada dos acontecimentos. De nossa parte, somente tomamos a liberdade de acrescentar uma coisa: que Claret deveria, a todo custo, fugir de tudo que tivesse caráter político, pois correria o risco de deixar de fazer o bem em favor dos interesses da Igreja, enquanto a política os fere e despreza.

855. Nasceu o excelentíssimo senhor Arcebispo Claret, na vila de Sallent, província de Barcelona, diocese de Vic; ali mesmo cursou as primeiras letras, sendo depois enviado pelos pais a Barcelona, onde aprendeu desenho na Lonja, pela qual foi várias vezes premiado. Estudou química, ciências, francês e, como se sentisse chamado para a carreira eclesiástica, estudou latim. O bispo, D. Pablo de Jesus de Corcuera, enviou-o para o seminário de Vic, em cujos livros de matrícula consta sua aprovação com elogios em todos os anos da carreira.

856. Em 1834, com título de Benefício, foi ordenado *in sacris* com o senhor Balmes, sendo este o primeiro dos diáconos e Claret o primeiro dos subdiáconos. Na missa solene de ordenação, Balmes cantou o evangelho e Claret a epístola. Ambos foram sempre muito amigos e passavam juntos muitas horas na biblioteca episcopal estudando em uma mesma mesa.

857. Aos 13 de junho de 1835, foi ordenado presbítero e, no dia 21 cantou a primeira missa em sua própria pátria por ser ali a sede do benefício em vista do qual fora ordenado.

858. De 1835 a 1839, anos em que ali morou, seu superior eclesiástico pediu-lhe que assumisse o cargo de pároco da mesma paróquia, na qual trabalhou dois anos e mais dois de ecônomo. Deve-se salientar que a vila de Sallent, naqueles anos, estava a favor de Isabel II. Estando o padre Claret à frente da paróquia e, ainda mais como superior da comunidade de beneficiados do lugar, tornou-se muito conhecido e respeitado por todas as autoridades. Pertenciam a essa mesma corte de Madri o excelentíssimo senhor Barão de Meer, então capitão geral de Catalunha, e o excelentíssimo senhor Marquês de Novaliches, com quem sempre andava junto, os dois são testemunhas oculares, pois no decurso de quatro anos estiveram muitas vezes naquela povoação. O capitão geral hospedava-se na casa

Claret, que é a principal da povoação. Claret ia visitá-lo como autoridade eclesiástica. Encontravam-se, tanto na casa paroquial na qual vivia, como na que o general se hospedava. Assim, estas duas autorizadas testemunhas servem de solene desmentido aos que, por finalidades escusas, dizem que foi faccioso.

859. No início de outubro de 1839, desejoso de entregar-se às missões estrangeiras, foi a Roma, onde permaneceu até meados do mês de março do ano seguinte, época em que foi acometido de reumatismo, por causa da muita chuva e intensa umidade. Como remédio para a cura, os médicos o aconselharam a voltar para a Espanha.

860. Há pouco tempo de haver voltado restabeleceu-se completamente, e o superior eclesiástico enviou-o para a paróquia de Viladrau. Daí começou a pregar missões por toda a Catalunha. Era conhecido por *Mosén Claret*, nome normalmente dado aos sacerdotes em toda Catalunha. Porém, em 1846, durante a pregação do mês de Maria em Lérida, começaram a chamá-lo de *Padre Claret*. Vendo-o constantemente em missão, talvez tenham pensado tratar-se de algum dos religiosos franciscanos do convento de Escornalbou, homens apostólicos consagrados às missões. Daí vem, sem dúvida, o nome, atribuído pelos que ignoravam sua história.

861. No começo de 1848, encontrava-se de passagem pela corte. Nela pregou a convite de D. Buenaventura Codina, bispo das Canárias. Depois levou-o consigo e esteve pregando missões naquelas Ilhas até meados de 1849.

862. No dia quatro de agosto do mesmo ano, foi nomeado bispo de Cuba, dignidade que quis a todo custo renunciar, até que, por ordem do bispo de Vic e de seu diretor espiritual, aceitou, no dia quatro de outubro. Foi sagrado bispo em Vic, no dia seis do mesmo mês do ano seguinte. Quando D. Brunelli, núncio de sua santidade naqueles anos, chegou a esta corte, lhe impôs o pálio. Imediatamente dirigiu-se à sua diocese. Em março de 1857, foi nomeado confessor de sua majestade.

863. Foi caluniado em três pontos, nesses últimos anos: 1º - que fora *faccioso trabucaire* (antigo rebelde catalão, armado de trabuco) o que se demonstrou ser totalmente falso;

864. 2º - Foi caluniado supondo que se tivesse comprometido com a política. Que se pergunte a todos os ministros desde o ano de 1857 até o presente. Jamais, oralmente ou por escrito, se comprometeu com política, por seja lá o que fosse. (71)

865. 3º - Foi atrocemente caluniado em seus piedosos e instrutivos escritos, chegando-se à vileza e infâmia extremas de adulterar seus livros, entre os muitos que o senhor Claret escreveu. Entre eles, encontra-se

O Ramallete (O Ramallete): este opúsculo contém uma seleção de orações de ação de graças, intercessão e orações com atos de amor; os inimigos o substituíram por outro com o mesmo título, mas com ilustrações e figuras tão libidinosas e obscenas jamais vistas, tudo atribuído ao senhor Claret. (72)

866. O mesmo fizeram com o folheto chamado *Chave de ouro*. Estando em sua diocese de Cuba, dirigindo ele mesmo as conferências aos sacerdotes recém ordenados, a fim de instruí-los teórica e praticamente na administração dos sacramentos, escreveu um livro com esse título que, com a maior rapidez, se estendeu por todas as dioceses da Espanha; era motivo de felicitação por parte dos prelados. Pois bem, que fizeram os inimigos? Escreveram um opúsculo com esse mesmo nome, com figuras obscenas e as explicações mais repugnantes, atribuindo a autoria também ao padre Claret. Há mais de dez anos o livro era usado pelos sacerdotes. No último ano apareceu esta coisa infernal, com o mesmo nome, para manchar, como se o pudessem, aquele livro e seu autor. (73)

867. Os amigos, por várias vezes, disseram ao padre Claret que se defendesse; porém, ele sempre se negou fazer isso, dizendo que a melhor maneira de se defender era não fazer caso e, ao mesmo tempo, rezar por eles, como fez Jesus do alto da cruz, dizendo: *Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem nem o que dizem*, (74) pois esses desaventurados não sabem o que fazem nem o que dizem a si mesmos.

868. Respeitamos seu silêncio e sua oração, no entanto, a caridade e a justiça exigem que se publiquem estas verdades, por dois motivos: primeiramente para confusão dos maus, tirando-lhes a máscara atrás da qual se escondem; em segundo lugar, para avisar os incautos, a fim de que não se deixem enganar por semelhantes calúnias e imposturas que continuamente inventam contra o padre Claret, como fizeram os judeus contra Jesus. (75) Tirado do jornal da Esperana, do dia 24 de janeiro de 1865, e é verdade o que diz.

CAPÍTULO 22

1865: “Le Monde” publica notícias do Escorial (76)

869. A revolução e seus *condotieri*, disciplinados sob o nome de franco-maçons, esforçam-se para apagar o ensino religioso e a fé católica da Espanha e subordinar a política nacional aos interesses comerciais da Inglaterra.(77) A Igreja espanhola, despojada dos seus bens e do auxílio valioso das ordens religiosas, demonstrou, no entanto, mediante a adesão unânime ao soberano pontífice, e por seus perseverantes esforços contra a imprensa irreligiosa, fortalecer-se nas provas e revigorar-se para os combates decisivos

que afirmarão a liberdade soberana da Igreja de Jesus Cristo. Uma das obras mais notáveis do episcopado espanhol é a reestruturação do seminário do Escorial, levada a efeito pelo excelentíssimo e ilustríssimo D. Claret, Arcebispo de Trajanópolis, sob os auspícios de sua majestade a rainha Isabel II.

870. Foi este prelado heróico quem, fortalecendo a rainha em meio à debilidade de seus ministros constitucionais, resolveu formar um estabelecimento que fosse modelo de ensino eclesiástico e, através de seus esforços e dos de D. Dionísio González Mendoza, vice-presidente, o seminário do Escorial oferece as mais brilhantes esperanças. Adotou o plano de estudos de outros seminários, destinando dois anos à filosofia, um à física e sete à teologia.

871. O senhor González, versado nas ciências modernas e homem de espírito eminentemente prático, tendo em conta que os jovens teólogos teriam necessidade de fazer frente aos erros vindos do exterior e, sobretudo, à filosofia alemã de Strauss, Hegel e Schelling, a fim de combatê-los, determinou que os jovens alunos de teologia dominassem a língua alemã, e já setenta alunos lêem com notável facilidade as obras escritas nesta língua. Estuda-se também, de uma maneira completa, o francês e o inglês. Além disso, o hebraico e o grego, por constar no programa. Muitos estudam também o árabe. Um sábio professor deste seminário fez uma compilação das gramáticas grega, alemã e inglesa para uso do próprio seminário. Os teólogos terão, em breve, um curso de arqueologia eclesiástica e demais ciências afins às ciências sagradas.

872. As excelentes disposições e as notáveis faculdades intelectuais dos estudantes prometem notáveis frutos do seminário do Escorial regenerado. No caderno chamado *Apuntes (Apontamentos)* encontram-se notícias mais extensas a respeito do Escorial.

APÊNDICES

Completamos a Autobiografia de Santo Antonio Maria Claret com os seguintes apêndices, de caráter marcadamente autobiográfico, que nos ajudam a melhor compreendê-la e a completar o último período de sua vida (1865-1870).

1. Um estudante devoto de Nossa Senhora do Rosário

Este escrito corresponde ao ano de 1831, quando Claret tinha 24 anos. Sua redação deve ter acontecido depois de 1865, provavelmente para uma pregação aos estudantes do Escorial. Embora redigido em terceira pessoa, trata-se de um texto muito importante porque nos oferece uma interpretação apostólica

da “visão da casa Tortadés”, acontecida quando estudava o segundo ano de filosofia. A chave de interpretação é a presença do diácono Santo Estêvão. Efetivamente, Claret, ao receber o diaconato, interpretou como relacionadas à sua vocação as palavras do pontifical sobre a luta contra o maligno. Também entendeu o modo de vencer a descendência da serpente por meio da Mulher (Maria) e da descendência dela. A vitória conseguida graças à Virgem, concedeu-lhe naquela ocasião, maior liberdade, fecundidade e universalidade a seu zelo.

Este escrito se conserva entre os Manuscritos Claretianos, II, 227-230: EA, p. 412-414.

E 1831, no seminário da cidade de Vic, na Catalunha, havia um estudante de filosofia. (1) Era muito aplicado ao estudo e assistia as aulas com toda pontualidade. Não tinha amigos nem companheiros, a fim de que não o impedissem de guardar o plano de vida que tinha escrito, no qual estavam consignadas todas as suas obrigações e deveres.

Levantava cedo, na hora marcada, sem deixar-se enganar pela preguiça. Logo, de joelhos oferecia a Deus e à Virgem todas as ações, palavras e pensamentos; imediatamente depois fazia meia hora de meditação sobre a vida, paixão e morte de Jesus Cristo. Concluída a meditação, participava da missa. Voltando, ia para o estudo, que durava até oito horas. Tomava café. Depois repassava a lição e ia à escola. Ao sair, anotava o principal que havia escutado em aula e descansava até as onze. Nesta hora começava a lição da tarde, que ia até as doze. Almoçava, repousava um pouco, fazia leitura espiritual; repassava a lição e ia para a aula. Ao sair, visitava o Santíssimo Sacramento nas Quarenta Horas e imediatamente ia visitar a Nossa Senhora do Rosário na igreja Santo Domingo. Estas duas visitas eram diárias, sem omitir um dia sequer, nem pela chuva ou pela neve. Nos dias em que não havia aula, prolongava as visitas, pois não tinha outros amigos senão Jesus e Maria, nem entrava em outras casas a não ser nas igrejas.

Cada semana recebia os santos sacramentos da penitência e da comunhão e como era congregado de São Luís Gonzaga, todos os anos fazia os exercícios espirituais na igreja do seminário, dirigidos pelo bispo doutor Paulo de Jesus Corcuera, que amava muitíssimo os estudantes e se ocupava muito deles, a fim de que se tornassem santos e sábios sacerdotes. (2)

Esse estudante e congregado tinha muita devoção a São Luís Gonzaga, e como sabia que a verdadeira devoção a um santo consiste em imitar suas virtudes e fazer com plenitude e esmero as coisas que são do maior agrado de Deus, daí que esse jovem se esmerava em tudo, porém singularmente na virtude da castidade. Além disso, como amasse Maria santíssima como à sua terna e carinhosa Mãe, sempre pensava no que poderia fazer em seu favor.

Ocorreu-lhe que deveria ler e estudar a vida de São João evangelista e imitá-lo. Efetivamente, viu que este filho de Maria, dado por Jesus no alto da cruz, se havia distinguido por suas virtudes, porém singularmente pela humildade, pureza e caridade, e assim as praticava esse jovem estudante.

Não obstante o cuidado com que se afastava de todos os perigos, Deus permitiu que sofresse uma tentação, a mais forte e veemente contra a santa pureza, que tanto apreciava. E foi desta maneira. No início de 1831 teve uma forte gripe. Recomendaram que fosse deitar e ele obedeceu. Em um daqueles dias, às dez e meia da manhã, teve uma tentação tão forte contra a castidade que não sabia o que fazer para vencê-la. Invocava o santo Anjo da guarda, São Luís Gonzaga e demais santos de sua devoção, porém não encontrava alívio. Persignava-se fazendo três cruzes e dizendo: “Pelo sinal da santa cruz, livra-nos, Senhor, dos nossos inimigos”, porém tudo em vão, e ainda se sentia mais fortemente estimulado pela paixão.

Como não podia levantar-se, com uma violenta resistência, voltou-se para outro lado da cama e, naquele momento em que se voltava, viu quatro seres: Maria santíssima, a si mesmo, os santos de sua devoção e os demônios.

Viu Maria santíssima muito formosa, vestida de cor rosa-encarnado e manto azul, com muitíssimas grinaldas de rosas em sua mão esquerda, e na direita tinha uma coroa muito linda de rosas. E ela disse: *Esta coroa será tua, se venceres.*

Ao final dessas palavras, pôs-lhe a coroa na cabeça. Deve-se advertir que o estudante estava na cama, encantado com o que se passava. A Virgem estava no espaço, sem estar apoiada em nada, a uma distância de mais ou menos um metro e meio sobre a cama. O estudante via-se a si mesmo na figura de uma criança de doze anos, vivo e formoso, com a coroa de rosas na cabeça, ajoelhado e com as mãos juntas em atitude de fervorosa oração. Foi-lhe concedido entender perfeitamente que aquela criança era o retrato de sua alma: estava como que no espaço, a um metro de distância, do seu lado direito. Neste mesmo lado, separados, a uns dois metros, porém mais ao alto, viu um grupo de santos, seus padroeiros; estavam em atitude de oração pela criança. O que estava mais próximo era Santo Estêvão, que vestia a dalmática de diácono. Como este santo é o padroeiro da cidade do estudante, acreditou ser este o motivo de sua presença no combate. Anos mais tarde, porém, o estudante foi ordenado diácono e o Senhor lhe concedeu compreender, na hora da ordenação, por que Santo Estêvão estava tão próximo dele. Quando o bispo disse aquelas palavras do Apóstolo: *Non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem sed adversus principes et potestates... Não é nossa luta somente contra homens de carne e sangue, mas contra principados e potestades, contra os agentes dessas trevas do mundo, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares.* (3)

Depois de ter visto detidamente a Virgem e os santos padroeiros, o estudante voltou um pouco a vista para a esquerda e viu, no espaço, à distância de uns dois metros, um grande exército de demônios em posição de retirada, como soldados depois de uma batalha.

Assim terminou a visão, ficando o estudante, muito alegre e animado. Sede todos devotos de Maria. (4)

2. Propósitos feitos nos exercícios espirituais de 1843

O ano de 1843 é muito significativo na vida de Claret. É o ano em que se entrega de forma total e definitiva à evangelização. Estes propósitos podem ser fruto de alguns exercícios espirituais feitos em São João de Oló, antes de deixar aquela paróquia, ou que dirigiu aos sacerdotes reunidos em Campdevánol ou em Gombreny. São os propósitos básicos do tempo de missionário apostólico que, de algum modo, manteve durante toda sua vida. É muito interessante, na espiritualidade claretiana, a entrega de Claret como filho e sacerdote de Maria, tomando-a como Mãe, Mestra e Diretora.

O manuscrito original se conserva em Mss. Claret, II, 3-8: EA, p. 522-525.

1. Cada ano farei os exercícios espirituais.
2. Cada mês terei um dia de retiro espiritual e lerei estes propósitos.
3. Ao menos uma vez por semana buscarei a reconciliação. Três vezes na semana: segunda, quarta e sexta, tomarei disciplina ou farei outra forma de penitência, conforme orientação do confessor. Na terça, quinta e sábado usarei cilício ou outra coisa, conforme conselho do confessor. (5) Na sexta e sábado praticarei o jejum.
4. Cada dia me privarei de alguma coisa. Cada dia farei, pelo menos uma hora de oração mental pela manhã, ou meia hora pela manhã e meia à tarde. Diariamente levantarei na hora marcada, segundo o tempo, e me colocarei logo a pensar em Deus. Oferecerei a ele minhas obras, palavras e pensamentos. Em seguida me ocuparei da oração mental. Depois celebrarei a santa missa, com a gravidade e devoção que me seja possível. Depois da ação de graças, irei ao confessionário. Em seguida rezarei devotamente as Horas e me dedicarei ao estudo. Antes do meio-dia, um pouco de oração, como São Pedro, (6) e o exame particular. Ao meio-dia, almoço e descanso até as duas horas. Rezarei Vésperas e, no momento adequado, Matinas, com devoção e diante de alguma imagem. No restante do tempo da tarde me aplicarei ao estudo e às obrigações do ministério. À tarde, uma hora de passeio. Depois do passeio, visitarei o Santíssimo Sacramento e Maria santíssima. A cada dia, um tempo de leitura espiritual, do livro de Rodriguez, (7) menos aos

sábados, pois nesse dia será do *Anuário* ou de *Glórias de Maria*. (8) Às nove horas, Rosário, janta e descanso. Ao meio-dia e à noite farei o exame particular sobre a humildade. Procurarei estar na presença de Deus e tudo fazer e orientar para Deus: sofrerei os incômodos por amor a Deus e em remissão de minhas culpas e pecados, pensando que tenho merecido o inferno; e, melhor sofrê-lo aqui do que do que ter que sofrê-lo lá.

5. Eu me entrego todo inteiro por filho e sacerdote de Maria. Por isso, cada dia rezarei a ela um rosário de antífonas; *Gaude Maria, etc., Dignare me, etc.* (9) Ela será minha Mãe, Mestre e Diretora e para ela ofereço tudo que faça ou sofra neste ministério, porque o fruto deve ser da que plantou a árvore. (10)
6. Eu me ocuparei inteiramente em confessar, catequizar, pregar, pública ou privadamente, segundo as circunstâncias. Não quero nem aceitarei remuneração alguma, porque terei presente que é uma graça que recebi de Maria: *Et quod grátis accepistis, grátis date*: O que de graça recebestes, de graça dai. (11)
7. Jesus é e será meu capitão. Quero segui-lo vestindo seu uniforme colorido das mesmas virtudes que ele veste, a saber: pobreza, desprezo e humildade.
8. *Pobreza* – Não me queixarei, antes me alegrarei, se me faltar o necessário e, enquanto dependa de mim, escolherei sempre o mais desprezível. Vestirei com decência e limpeza, porém com o recato e a pobreza que me sejam possíveis. (Jamais andarei a cavalo, mas a pé e, se alguma vez houver necessidade, procurarei servir-me de um jumento, à imitação de Jesus).
9. *Desprezo* – Se me desprezam e perseguem, sofrerei e me alegrarei por tal sorte; encomendarei a Deus os perseguidores, à imitação de Jesus. (12)
10. *Humildade* – Tudo que fizer será unicamente por Deus e por Maria; portanto, não me louvarei nem falarei a meu respeito, nem do que fiz, nem de minha pátria, parentes, livros, lugares. Se me louvarem, calarei, dizendo unicamente: *non nobis, etc.*, (13) e procurarei mudar de assunto.
11. Eficazmente proponho não perder nunca um instante de tempo, mas empregá-lo na oração, no estudo e em obras de caridade com os próximos, vivos e falecidos. Com a ajuda do Senhor e da Virgem Maria cumprirei meus propósitos e, toda vez que perceba haver faltado ao fazer o exame particular, rezarei uma Ave-Maria com os dedos debaixo dos joelhos.

3. Missionário Apostólico: auto-retrato

Este escrito foi redigido em forma de entrevista, de Claret com Balmes, a 14 de julho de 1846, em Vic. Trata-se de uma breve nota, em oito pontos, que é um verdadeiro auto-retrato do missionário apostólico,

desejoso de reproduzir literalmente a imagem ideal que Jesus traçou de seus apóstolos: buscar em tudo a glória do Pai na pobreza e mansidão evangelizar os pobres, inclusive com o acompanhamento de curas extraordinárias.

O original se encontra no arquivo da Fundação Balmesiana. Foi publicado pelo padre Ignácio Casanovas em sua obra “Balmes, la seva vida, el seu temps, les seves obres”: Balmes, sua vida e suas obras em seu tempo, Barcelona, 1932, vol. I, p. 64 e vol. II, p. 657. Publicado também em EA, p. 424-426.

1. A finalidade da minha pregação é a glória de Deus e o bem das almas. (14) Prego o santo Evangelho, valho-me de suas comparações e uso seu estilo. (15) Mostro as obrigações que as pessoas têm em relação a Deus, a si mesmas e ao próximo e como devem cumpri-las.
2. Não admito pagamento algum para a pregação, somente aceito a alimentação de que necessito para viver. (16) Para não ser incômodo, ando sempre a pé. (17)
3. Não procurei lucro algum dos opúsculos e folhetos que escrevi, por isso não me reservo a propriedade e, por mim, todo mundo pode reimprimi-los e vendê-los.(18)
4. Deus me é testemunha de que ninguém me faz aceitar ocultamente coisa alguma como pagamento por meus trabalhos, nem tenho outra finalidade que o já mencionado, nem espero outra recompensa que o céu.
5. A finalidade da *Cédula* não é outra senão a de eliminar a blasfêmia e, graças a Deus, muito se tem conseguido. (19)
6. Não ganho nada com a venda de imagens, cruzeiros, rosários, etc., não tenho nada com isso, somente abençoar, desde o púlpito, esses objetos e concedo indulgências, segundo minhas faculdades. (20)
7. Jamais me vêm irritado, (21) nem falando com mulheres. (22) Trato a todos, ricos e pobres, crianças e adultos, rudes e sábios, com a mesma afabilidade, amor e carinho. E, ainda que aos olhos de Deus seja e me tenha por um grande pecador, aos olhos dos homens, pela misericórdia de Deus, posso dizer: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* (23)
8. Visito e prego aos encarcerados, aos enfermos nos hospitais e em casas particulares, e um sem número me procuram ou são trazidos em minha casa, e muitos dizem que recuperaram a saúde. O que mais me aflige é ver-me diariamente rodeado de tanta gente. (24) Apaziguo disputas e inimizades, restabeleço a paz nos casamentos desunidos...

4. Regra de vida e propósitos: Preparação à consagração (1850)

Os propósitos de 1843 são típicos do tempo de missionário apostólico. Estes, de 1850, são do tempo de arcebispo de Santiago de Cuba. A preocupação geral do padre Claret nessa época é viver a santidade como arcebispo missionário. O plano de vida pouco difere daquele do período anterior. Insiste nas virtudes necessárias em seu novo estado: a fortaleza e a equanimidade. Sua atitude diante de Cristo é a da caridade apostólica: “A caridade de Cristo nos impele”.

O original se conserva em Mss Claret, II, 11-15.41. EA, p. 532-535.

1. Jesus e Maria são todo meu amparo e guia, são os modelos que me proponho imitar e seguir. Além do mais, tenho como padroeiros e exemplo de vida os gloriosos São Francisco de Sales, São Carlos Borromeu e São Tomás de Villanueva.
2. Lembrarei das palavras do apóstolo Paulo escrevendo a Timóteo: *Attende tibi et doctrinae*: Cuida de ti mesmo e procura ensinar a doutrina.(25) Sobre o que diz Cornélio: *Haec duo munia sunt Episcopi: qui aliter faciunt... nec sibi, nec aliis prosunt*: Estas duas são as funções do bispo: instruir a si e aos demais.(26)
3. Cada ano farei os santos exercícios (espirituais).
4. Cada mês, um dia de retiro e exame.
5. Ao menos uma vez por semana buscarei o sacramento da reconciliação.
6. Três dias da semana tomarei disciplina; outros três dias, cilício ou outra penitência equivalente.
7. Jejuarei todas as sextas-feiras e sábados, nas vigílias do Senhor e da Virgem.
8. Meu horário de levantar será às quatro e o de recolher-me às dez horas.
9. Terei uma hora de oração.
10. Celebrarei missa e depois farei meia hora de ação de graças e súplicas por mim, para o bispado e para todos os demais. (27)
11. Depois irei ao trabalho até às doze e quarenta e cinco, aí farei o exame (do meio-dia).
12. Às treze, almoço, acompanhado de leitura espiritual.
13. Descanso até duas e meia.
14. Trabalho até as dezoito e trinta; então rezarei o rosário e outras devoções até as nove.
15. Janta e, às dez, descanso.
16. Proponho nunca perder um instante de tempo e assim estarei sempre ocupado no estudo, (28) na oração, na administração dos sacramentos, na pregação, etc., etc.
17. Proponho andar sempre na presença de Deus e orientar para ele todas as coisas, não buscando em coisa alguma o aplauso, mas só e unicamente a glória de Deus, a imitação de Jesus Cristo, a quem procurarei sempre imitar, pensando como se portaria em tais circunstâncias.

18. Proponho-me realizar do melhor modo possível as coisas costumeiras e, na necessidade de escolher uma entre duas, procurarei sempre o melhor, ainda que seja com algum sacrifício da própria vontade.

19. Procurarei sempre conservar-me com o mesmo humor e equilíbrio, sem deixar-me dominar pela tristeza nem pela alegria demasiada, lembrando sempre de Jesus, de Maria e de José, que também tiveram seus sofrimentos. Pensarei que Deus dispôs assim para maior bem e por isso não me queixarei, mas direi: Faça-se em tudo a vontade de Deus. *Aut fácies quod Deus vult, aut patieris quod tu non vis*: Ou fazes o que Deus quer ou padecerás o que tu não queres.(29) Deus disse a Santa Madalena de Pazzis que sempre mantivesse um humor inalterável, a mesma afabilidade para com todo tipo de pessoas e que jamais lhe escapasse uma palavra de lisonja.

Sit Episcopus abstinens ab omnibus animi perturbationibus, ne ad iracundiam concitetur, ne illum tristitia deiiciat, ne terror exagitet, ne laetitia immoderata sustllat: Abstenha-se o bispo de toda perturbação de espírito: não se deve deixar levar pela ira, nem o desanime a tristeza, nem o encha de agitação o terror, nem o eleve em excesso a imoderada alegria.

Talis fuit S. Martinus Turonensis Ep. Nemo unquam Martinum vidit iratum, nem moerentem, nem ridentem; unus idemque semper caelestem quodammodo laetitiam vultu proferens, extra naturam hominis videbatur: Ninguém nunca viu Martinho irado, nem triste, nem entregue ao riso; permaneceu sempre inalterável, com uma alegria celestial no rosto, como se estivesse fora da natureza humana.

Tantam adversus omnes injurias patientiam assumpserat, ut cum esset summus sacerdos impune etiam ab infimis clericis laederetur: nec propter id eos loco unquam amoverit, auto a sua caritate repulerit: Tinha tanta paciência para suportar todas as injúrias que, mesmo sendo bispo, aceitava-as dos clérigos mais ínfimos e, nunca por causa disso, os removeu de seus postos, nem lhe negou a caridade.

Numquam in illius ore nisi Christus, numquam in illius corde, nisi pax, nisi misericórdia inerat; etiam pro eorum qui obstrectaroes illius videbantur, solebat flere peccatis: Nada tinha em sua língua senão a Cristo, nada em seu coração senão a piedade, a paz, a misericórdia; inclusive costumava chorar os pecados dos seus detratores. (30)

A perfeição consiste em amar a Deus e em aborrecer-se a si mesmo (S. Madalena de Pazzis).

Charitas Christi urget nos: A caridade de Cristo nos impele. (31)

Quis ergo nos separabit a Charitate Christi? Tribulatio? An angustia? An fames? An nuditas? An periculum? An persecutio An gladius? Propter te mortificamur tota die: aestimati sumus sicut oves occisionis: Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome?

A nudez? O perigo? A espada? Por amor de ti somos entregues à morte o dia inteiro; somos tratados como ovelhas destinadas ao matadouro. (32)

Imposuisti homines super capita nostra: Colocastes homens sobre nossas cabeças..(33)

Spiritus Sanctus docet: pauca loqui cum discretione; multa operari com fervore. Ac jugiter laudate Deum: O Espírito Santo ensina: falar pouco e com discrição, fazer muito e com fervor e louvar a Deus continuamente (Cornélio a Lápide; At 2,3). (34)

5. Testemunho da verdade

Em 1864, Antônio Claret nos diz que foi “muito caluniado e perseguido por todo tipo de pessoas, pelos jornais, por folhetos, livros remedados, por fotografia... e até pelos mesmos demônios”. Claret sofria em silêncio, fortalecido e consolado pelo Senhor. Porém alguns amigos o instaram a defender-se para o bem da Igreja. Redigiu então duas cartas, “não para defender-se, mas para dar testemunho da verdade”, como Jesus. O escrito não foi publicado em vida. Publicou-o depois o padre João Postíus na revista “Ilustração do Clero” (1920, p. 306).

O original conserva-se em Mss. Claret, II, 329-336. Está publicado em EA, p. 436-440.

O excelentíssimo e ilustríssimo senhor arcebispo Claret dá testemunho da verdade. *Há tempo de calar e tempo de falar*, diz Salomão.(35) Até aqui mantive-me calado. Mas ao ver que meu silêncio é causa de que alguns sejam enganados, falarei brevemente, porque a verdade não precisa de muitas palavras. Falarei como meu divino Mestre, não para defender-me, mas para dar testemunho da verdade. (36) Os judeus disseram a Jesus que era samaritano e que estava endemoninhado. Jesus respondeu: *Eu não estou possuído pelo demônio, mas honro meu Pai e vós me desonrais a mim.* (37) O mesmo digo eu. Nada tenho, graças a Deus, do que dizem meus adversários. Eis a verdade. Nasci em Sallent, província de Barcelona. Fui batizado na pia batismal aos 25 de dezembro de 1807.

Fiz meus primeiros estudos em minha cidade natal e depois me enviaram a Barcelona, onde estudei durante quatro anos. Nessa cidade, no tempo livre, aprendi desenho, por ele sentia muita afeição. Mais tarde serviu-me muito para desenhar estampas religiosas. (38)

Como a paróquia de Santa Maria de Sallent é do bispado de Vic, o bispo da época, D. Paulo de Jesus Corcuera, pediu-me que continuasse os estudos em seu seminário. Obedeci e, nos livros de matrícula, consta a aprovação em todos os anos lá cursados. (39)

Fui amigo e companheiro de Jaime Balmes e com ele me ordenei. Na mesma ordenação ele era o primeiro dos diáconos e eu dos subdiáconos; ele cantou o evangelho e eu a epístola. Ordenei-me a título

de benefício de minha paróquia de Santa Maria. Fui ordenado presbítero no dia de Santo Antonio, meu padroeiro, 13 de junho de 1835. No dia 21, dia de São Luís Gonzaga, padroeiro da minha Congregação à qual pertencia, no seminário, cantei a primeira missa.(40) Durante dois anos fui pároco e dois anos administrador paroquial na paróquia de Sallent, povoado favorável à política de Isabel II. Durante esses quatro anos tive um bom relacionamento com o barão de Meer, capitão geral da Catalunha. (41) Ele vinha com muita freqüência e se hospedava na casa Claret, que é a principal da vila. Eu vivia na casa paroquial e o visitava sempre que chegava com seu pessoal. Com ele ia também o senhor de Pavía, marquês de Novaliches, e como os dois vivem nessa mesma corte, poderão dizer a verdade, como testemunhas oculares, que eu jamais me meti em facções nem partidos políticos, mas unicamente ocupado em meu ministério, então e em toda a minha vida. (42)

E como cada dia desejava mais e mais trabalhar para a glória de Deus e salvação das almas, dirigi-me a Roma em fins de setembro de 1839, com a finalidade de apresentar-me à Congregação de Propaganda Fide para que me enviasse a qualquer parte do mundo.

Depois de algum tempo de minha estadia em Roma, por causa das muitas chuvas e intensa umidade daquele ano, tive uma forte dor reumática, o que me fez voltar à Espanha. Isto aconteceu em fins de março de 1840. (43)

Foi só chegar à Espanha e já me senti melhor. Por isso, depois de alguns dias de minha chegada, o governador eclesiástico achou por bem destinar-me à paróquia de Viladrau. (44) Daí iniciei uma série de missões por toda Catalunha até princípios do ano de 1848. (45) A partir desse ano fui com o bispo daquele lugar às Ilhas Canárias, onde estive missionando até fins de maio do ano seguinte. (46)

No dia quatro de agosto de 1849 fui eleito arcebispo de Cuba, por real decreto de sua majestade. Imediatamente renunciei e continuei renunciando por dois meses. Ao ver que de nenhuma maneira minha renúncia era aceita, determinei chamar cinco sacerdotes dos que me inspiravam mais confiança, por seu saber e por suas virtudes, para que pensassem e dissessem o que deveria fazer. Enquanto isso, eu me retirei para fazer, por dez dias, um retiro espiritual com todo rigor possível, suplicando ao Senhor que lhes inspirasse sua santa vontade. Concluídos os dias, comunicaram ao bispo o seu parecer. Então o bispo pediu que eu aceitasse porque essa era a vontade de Deus. Aceitei no dia quatro de outubro. (47) No dia 6 do mês de outubro do ano seguinte fui consagrado. No dia 28 de dezembro de 1850, embarcamos no porto de Barcelona. Chegamos em Cuba em meados de fevereiro de 1851. (48) Voltei em fins de maio de 1857, a pedido de sua majestade.

Assim que cheguei, apresentei-me a sua majestade. Disse que me havia chamado para ser seu confessor e diretor espiritual. Compreendi como é difícil e delicado esse cargo. Desde então até agora, milhares de vezes supliquei a sua majestade que se dignasse exonerar-me e permitisse a minha retirada.

Ao ver que não conseguia, mas que ao contrário, cada dia me queria mais ao seu lado, determinei guardar um plano de vida que foi observado com toda fidelidade durante os sete anos e meio em que estou em Madri. Quis viver fora do palácio e jamais estar presente sem ser chamado por sua majestade. (49)

Jamais me envolvi em assuntos de política. Observo e medito o andamento das coisas, porém não digo sequer uma palavra. (50) Sei que *não se pode servir a dois senhores*. (51)

Nesses sete anos e meio, mudaram muitos ministérios. Convivi e relacionei-me com muitos ministros, particularmente nas viagens com suas majestades e altezas. Sempre tratei a todos com respeito e amabilidade; nunca, porém, tratava de política. Certa ocasião, conversando com um deles em uma estação esperando suas majestades, disse-me ele que era conveniente que eu dissesse à rainha tal e tal coisa a favor do partido. Respondi que me dispensasse e acrescentei: Penso que a nação no momento atual pode ser comparada a uma mesa de jogo, com pessoas de um e de outro lado. O que assiste ao jogo pode observar, mas calado. Seria imprudente a menor insinuação a favor de uns ou de outros. Eu sou, pois, o espectador. Portanto, não devo dizer nada nem a favor de vocês, nem de ninguém neste particular. E, o que devo fazer, faço-o com todas as minhas forças, ajudado pela graça de Deus: que sua majestade seja uma boa cristã, uma boa rainha; de resto, não me importo se ela se vale de Pedro, João ou Diogo para o seu governo.

Creio que todos os ministros que passaram durante esse longo tempo me farão justiça nesse particular. (52) Se alguns falaram ou escreveram contra minha conduta, são pessoas de baixa categoria e não sabem o que dizem. A eles nada mais resta senão recomendá-los a Deus como fez Jesus no alto da cruz.

Por terem formado essa idéia, embora errônea, de que eu sou um empecilho para escalarem o poder e satisfazer sua ambição, dirigem contra mim todos os ataques. Não pouparam meios nem expedientes. Valeram-se de todos os meios. Caluniaram minha pessoa, recriminaram minha conduta, falsificaram meus escritos. Vi com meus próprios olhos e tive em mãos impressos com os mesmos títulos com que os publiquei, como sendo autor daquilo que nunca escrevi. Lançaram mão das fotografias mais repugnantes e de outras coisas que a própria pena se recusa escrever.

Só escrevo e publico as presentes linhas para dar testemunho da verdade, como Jesus disse diante de Pilatos. Quanto ao mais, guardarei profundo silêncio. Somente repetirei as mesmas palavras de Jesus: *Haec est hora vestra et potestas tenebrarum*: Esta é vossa hora e o poder das trevas. (53)

Madri, 12 de dezembro de 1864.

Antônio Maria, arcebispo de Trajanópolis.

6. Propósitos dos exercícios espirituais de 10 a 20 de maio de 1866

Estranha um pouco que nos propósitos desse retiro, realizado no real sítio de Aranjuez, o padre Claret, apesar dos muitos sofrimentos que padecia, não manifeste nenhuma preocupação com a paciência e a mansidão. Somente uma preocupação teológica: a vida em Deus, a atitude da infância espiritual, mesmo no meio do ministério.

O original deste texto se encontra em Mss. Claret, II, 113-116. Foi publicado em EA, p. 573-575.

1. Cada ano farei os santos exercícios espirituais.
2. Cada mês farei um dia de retiro rigoroso.
3. Semanalmente, a confissão.
4. Jejuarei três vezes na semana: na quarta, sexta e sábado; nos mesmos dias à noite não tomarei sobremesa.
5. Na segunda, quarta e sexta aplicarei disciplina ou outra penitência equivalente. Na terça, quinta e sábado usarei cilício.
6. Na oração meditarei os mistérios. Evitarei a pressa. Lembrarei da repreensão que Santa Catarina de Sena sofreu (*Vida*, p. 69). São Luís Gonzaga gastava pelo menos uma hora para rezar Laudes (*Vida*, p. 191). D. Hernando de Talavera, arcebispo de Granada, rezava todo o ofício em pé. D. Pedro de Castro, arcebispo de Sevilha, rezava de joelhos. (54)
7. Farei o exame particular sobre o amor de Deus. Por amor a Deus me esmerarei em fazer bem todas as coisas e cada uma em particular, com pureza de coração e retidão de intenção. Por amor a Deus me absterei de falar de mim mesmo, de minhas coisas e de minhas ocupações, segundo as Regras (p. 66). (55)
8. Andarei continuamente na presença de Deus no meu interior. Procurarei ter sempre muito cuidado com os sentidos para não ser espalhafatoso. Terei a imaginação sempre ocupada no Senhor, lembrando daquelas palavras de Paulo: *Nescitis quia templum Dei estis?*: Não sabeis que sois o templo de Deus? (56) *Vos enim estis templum Dei vivi*: Vós sois o templo de Deus vivo. (57) Imaginarei que meu coração é como aquele compartimento no qual Jesus estava sentado e minha alma contemplando-o a seus pés, como Maria, e que meu corpo, como Marta, está ocupado nas coisas de meu ministério, a fim de que sejam como um alimento muito saboroso para ele. Imaginarei que minha alma e meu corpo são como as duas pontas de um compasso. Minha alma, como uma ponta, está fixa em Jesus, que é o centro da minha vida, e meu corpo é como a outra

ponta do compasso, descreve o círculo de minhas atribuições e obrigações com toda perfeição na terra e da eternidade no céu. (58)

9. Aos pés de Jesus direi freqüentemente jaculatórias como estas: *Deus cordis mei, et pars mea Deus in aeternum*: Deus é para sempre a minha porção e a rocha de meu coração. (59) *Noverim me, noverim te, ut amem te et contemnamm me*: Que te conheça a ti e me conheça a mim, para que te ame a ti e me despreze a mim. *Deus meus et omnia*: Meu Deus e meu tudo. (60)
10. Esse recolhimento do coração, Jesus o ensinou a Santa Catarina de Sena. Maria santíssima também o ensinou à Irmã Maria de Agreda (vol. 6, p. 41). Santa Teresa o ensinava às suas monjas (*Caminho de perfeição*, c. 28). A beata Margarida Alacoque o ensinava às noviças.
11. São Paulo o ensinava e dizia: *Christum habitare por fidem in cordibus vestrís*: Que Cristo habite pela fé em vossos corações.(61) *Donec formetur Christus in vobis*: Até formar inteiramente a Cristo em vós. (62) Como acontece com a fotografia: a imagem de Jesus se imprimirá em meu coração tendo-a sempre presente. Semelhante ao espelho côncavo, assim será meu coração, interior e côncavo. Ao receber o sol que é Jesus, os raios convergirão para o centro da alma e assim arderá no divino amor como um serafim.
12. Jesus vive na casa do meu coração. Como na gruta de Belém, está deitado: eu sou uma criança muito pobre que pede esmola ao Menino Jesus.
13. Eu sou uma criança negra, escravo, que serve o Menino Jesus, branco, cândido e corado, e lhe digo como o menino Samuel: *Loquere, Domine, quia audit servus tuus*: Fala, Senhor, que teu servo escuta.(63) Ou como Saulo: *Domine, quid me vis facere?*: Senhor, que queres que eu faça?(64)
14. Comigo terei coração de juiz e para meus próximos terei coração de mãe. Todas as artes do demônio para enganar os homens se reduzem a duas: *Convencê-los a não crer nas coisas invisíveis e a crer nas visíveis*; e como o que tem fé crê no que não vê, por isso o demônio é vencido quanto à primeira arte. E quem tem fé viva despreza o que vê, pois não é conforme com a lei de Deus, e assim é vencida a segunda (*O Venerável Ávila*, vol. 7, p. 394).

7. Infância espiritual – Fragmento (65)

Texto da época de confessor da rainha. O original encontra-se em Mss. Claret, II, 76. 409-410. EA, p. 611-612.

Nisi efficiamini sicut parvuli...: Se não vos tornardes como crianças.. (66)

Criança na inocência, pequeno na humildade, infante no silêncio e terno na caridade, no desprendimento, no esquecimento de ofensas, em querer a mãe.

E lhes era submisso. (67) Crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens. (68) E tu? Ai! Igual ao burrinho!

Não dou dinheiro às crianças porque o desperdiçam. Eu também desperdicei os benefícios que Deus me concedeu. De agora em diante farei como São Francisco de Assis, que pedia a Deus para guardar o bem realizado para não perdê-lo. Assim fazem as crianças: dão aos pais para que guardem o que recebem, a fim de que não se perca.

Ai de mim se não me faço como o Menino Jesus, não entrarei no Reino dos céus!

8. Luzes e graças – 1866

Original autógrafo em Mss. Claret, II, 199. EA, p. 659.

Dia 20 de setembro de 1866, às onze e quarenta e cinco: Eu disse a Jesus:

- Ó Jesus! Não se perca o muito que por mim haveis padecido.
- *Não te perderás, eu te amo muito*, respondeu-me ele.
- Já sei, disse-lhe eu. Tenho sido muito ingrato.
- *Sei, sim, tens sido muito ingrato.*

Nessa mesma manhã pensava ser o mais ingrato de todos os que vivem sobre a terra.

9. Apostolado de 1866

Fragmento de uma carta dirigida à Madre Antonia Paris de São Pedro, datada em Zarauz, aos 5 de setembro de 1866 (EC, II, 1043-1045).

Ocupei-me em pregar exercícios espirituais ao clero e missões ao povo da cidade (San Sebatían) com muita participação do povo e muito resultado, graças a Deus. Preguei também aos senhores e senhoras das conferências de São Vicente e às Monjas de Santa Tereza. Deus quis valer-se de mim, miserável instrumento, para instalar a congregação de São Luís Gonzaga para a conservação dos jovens; e a congregação das Filhas de Maria para a conservação das meninas. À frente de cada congregação coloquei um sacerdote fervoroso e bem experiente nos exercícios espirituais. Já ingressaram muitos meninos e meninas nessas congregações e são muitíssimos os que ainda pretendem ingressar. Aos

meninos e meninas preguei e dei a sagrada comunhão... Também preguei às Irmãs da Caridade, aos meninos e meninas da Misericórdia, que são muitos, aos homens e mulheres, velhos e inválidos, aos presos do cárcere. (69)

10. Propósitos dos exercícios espirituais, realizados com os Missionários de Segóvia (São Gabriel, 26 de agosto de 1867) (70)

Os propósitos deste ano se centram na paz interior, fruto da caridade. E o motivo principal para conservar a paz, em meio às perseguições, o encontra no amor paterno de Deus. Essa paz consiste na paciência e na alegria interior; porém o padre Claret aspira a algo mais: quer que até mesmo seu semblante se conserve sempre equânime e alegre.

O original encontra-se em Mss. Claret, II, 117-120. EA, p. 576-579.

1. Anualmente farei os santos exercícios espirituais.
2. Mensalmente, no dia 25, um dia de rigoroso retiro. (71)
3. Semanalmente buscarei a reconciliação.
4. Jejuarei três dias na semana: quarta, sexta e sábado.
5. Na segunda, quarta e sexta me submeterei à disciplina ou outra penitência equivalente. Na terça, quinta e sábado aplicarei o cilício.
6. Na oração lembrarei dos mistérios do rosário e da paixão do Senhor: na oração das Horas (Laudes; Hora Média: das Nove, Doze e Quinze horas; Vésperas e Completas).
7. O exame particular será sobre o amor de Deus.
8. Procurarei sempre *a paz interior*. Portanto, não me aborrecerei, nem falarei, nem andarei de mau humor, nem manifestarei pesar nem desgosto, por mais que digam ou façam contra mim, nem por mais que as pessoas me sobrecarreguem.
9. Pensarei que todas as coisas que sucedem são ordenadas por Deus, o qual me diz: *Meu filho, eu quero que agora faças ou sofras isto* (Rodríguez, vol. 1, p. 380). (72)
10. Suportarei tudo com paciência, com gozo e alegria, por ser esta a vontade de Deus, o qual me olha e vê como suporte o sofrimento e os trabalhos, desprezos, dores, calúnias e perseguições.
11. Direi com freqüência: *Deus cordis mei, et pars mea, Deus in aeternum*: Deus é para sempre a minha porção e a rocha do meu coração. (73)
12. Farei todas as coisas com a mais pura e reta intenção de agradar a Deus.

13. Nunca falarei de mim mesmo, nem de minhas ações, nem de minhas coisas; porém, se alguma vez for necessário, falarei em terceira pessoa, como fez São Paulo. (74)
14. Se alguém falar bem de mim, procurarei desviar a conversa. E, se alguém falar mal, direi: *Bendito seja Deus*.
15. *Noverim me, noverim te, ut amem te, noverim me ut contemnam me*: Que te conheça a ti e me conheça a mim, para que te ame a ti e me despreze a mim.(75) Lerei com frequência o tratado quinto, capítulo 16 de Rodriguez, especialmente a última parte que diz: *Uma coisa insignificante vos confunde e inquieta depois, e vos faz voltar atrás* (p. 259). (76) A santidade de uma alma consiste simplesmente em um esforço em duas coisas, a saber: em conhecer a vontade de Deus e em cumpri-la quando conhecida. Como São Paulo: *Domine, quid me vis facere?* (77) Observa Cornélio a Lápide, (78) Faber. (79) São Miguel dos Santos pedia a Deus com todo fervor:
- a. Que o fizesse experimentar todos os padecimentos dos mártires;
 - b. Que lhe concedesse todo o amor dos anjos e santos. Jamais a violência da dor lhe arrancou o menor gemido nem o mais leve suspiro. (80) Esta foi a perfeição dos padres antigos: amar a Deus, desprezar a si mesmo, não desprezar a ninguém nem emitir julgamento (Rodriguez, vol. 2, p. 158). (81)

Cinco coisas procurarei:

1. Horror ao pecado mortal.
2. Horror ao pecado venial.
3. Fazer todas as coisas por Deus, por sua maior honra e glória.
4. Fazer tudo, até as coisas mais ordinárias e insignificantes, do melhor modo possível e na presença do grande Rei.
5. Sofrer tudo por Deus e como coisa por ele permitida, como missão a cumprir para que conquiste a graça e a glória. Este mundo é para sofrer. O céu, para gozar. Isto é ser religioso: fazer o que não quereis e deixar de fazer o que quereis (Rodriguez, vol. 2, p. 61). (82) O que aconteceu com aquele da diocese de Tarragona. Deverei ter presente quatro misérias:
 - a. Ignorância do que deve saber;
 - b. Esquecimento do que já sabia;
 - c. Inclinação ao mal;
 - d. Dificuldade para conquistar do bem. *Tamquam aqua dilabimur*: Somos como a água derramada por terra. (83)

11. Luzes e graças – 1867

Texto em Mss. Claret, II, 203. EA, p. 660.

Dia 29 de agosto de 1867. Refleti que sou como uma viga velha sem polimento, que estou afirmado na parede de sua majestade para que não caia: e assim não pedirei nem para sair nem para ficar, apenas direi: faça-se em mim a vontade de Deus.

Estarei em uma santa indiferença: sempre pronto ao que Deus disponha a meu respeito.

“Tu, meu filho, conhece o valor da santa cruz, e a honra daqueles que por ela receberam as ignomínias e tribulações abraçadas”. (84)

12. Notas espirituais: Paz interior. (85)

Texto em Mss. Claret, II, 164: EA, p. 619-620.

O amor é forte como a morte. (86) Santo Estêvão, imóvel em meio a tantos inimigos, conservava sempre a paz no coração e a serenidade no rosto; pareceu a todos os que estavam presentes e tinham os olhos fixos nele que tivesse um rosto de anjo. Deus quis mostrar, através do exterior, a beleza e a inocência de sua alma (Croisset, dia 26 de dezembro). (87)

Quando Maria perdeu seu amado Filho, não perdeu nem a paz interior nem a exterior, nem teve sentimento de ira, nem de despeito (*Mística Cidade de Deus*, vol. 4, p. 249).

13. Luzes e graças – 1868

Texto em Mss. Claret, II, 209, EA, p. 662.

Hoje, 22 de junho, às nove e meia da noite, fui fazer a visita ao Santíssimo, na capela dos Desamparados. Estando fechada a grade, vi uma luz forte e resplandecente, próxima da luz da lâmpada. (88) Depois de um bom tempo, juntou-se à luz da lâmpada e não mais ficou visível. Já imagino o que significa. (89)

Depois, toda a noite estive sonhando e desejando o martírio. Junto à luz vi três vultos negros, como se fossem três homens. Eram três demônios ou os três inimigos que desejam minha morte. Eu desejo sofrer o martírio.

14. O desterro – Setembro de 1868

Fragmento de uma carta dirigida a José Godino e senhora, datada em Paris, aos 09 de dezembro de 1868 (EC, II, 1325-1327).

Em San Sebastián nos encontrávamos já nos vagões do trem para retornar a Madri. Depois de muito tempo de espera, porém, tivemos que voltar para casa por causa da comunicação que o ministro recebera de Madri. (90) No dia seguinte, recebemos ordem de passar para a França. No mesmo dia comecei a meditar na viagem de Jesus, Maria e José ao Egito. Assim, em espírito, acompanhei a sagrada família. Estivemos cinco semanas em Pau. (91) Agora já faz um mês que estamos em Paris. (92) Porém, admirem a providência de Deus. Louvemos a misericórdia do Altíssimo... O que eram privações, aflições e trabalhos para a sagrada família, são comodidades e conveniências para este miserável pecador. Esta é a única coisa que me aflige ao contemplar a sagrada família sofrendo tanto e eu em meio a tantas comodidades: posso assegurar-lhes que jamais em minha vida estive tão bem assistido e confortável. Isto me penaliza e é o que eu sinto.

Estou hospedado em uma casa que as Irmãs de São José (até isto me lembra a sagrada Família). (93) Estas Irmãs se dedicavam ao ensino de meninas: as internas são cento e três e as externas são mais. São todas muitas boas: as Irmãs e as meninas. Do meu quarto há uma passagem para a igreja. Todos os dias, às sete, celebro missa para a comunidade e dou-lhes comunhão com muita frequência. Concluída a missa, padre Lorenzo, meu capelão, celebra a sua;(94) enquanto isso, com as pessoas que comungaram, permanecemos em ação de graças. Depois vou tomar café. Às doze e meia almoço e à noite janto. As Irmãs cozinham e o Irmão José nos serve à mesa. (95)

Suas majestades e altezas vivem agora no Hotel de Rohan, bem distante de minha casa. (96) Todos os domingos, pela manhã, a rainha me manda o coche e às dez e meia vamos todos à missa na paróquia de Saint Germain. Como é a missa principal, entre missa e sermão dura até próximo das doze. Toas as segundas e quintas dou aula ao príncipe e às infantas. No restante do tempo ocupe-me em atividades do meu ministério, como quando estava em Madri.

15. Propósitos - França: 24 de novembro a 03 de dezembro de 1868.

Original autógrafa: Mss. Claret, II, 121-124. Publicado em EA, p. 580-582.

1. Anualmente farei os santos exercícios espirituais.
2. Mensalmente, no dia 25, farei um dia de rigoroso retiro espiritual.
3. Semanalmente buscarei a reconciliação.

4. Semanalmente jejuarei ou me privarei de alguma coisa, em três dias: quarta, sexta e sábado.
5. Procurarei a mortificação com as disciplinas e os cilícios nos seis dias da semana alternados, ou outras penitências equivalentes, como por exemplo, cinco, seis ou sete Pai-nossos com os braços em cruz. (97)
6. Mortificarei os sentidos, paixões e potências.
7. Procurarei *a paz interior*, sem aborrecer-me nem desgostar-me por coisa alguma deste mundo.
8. Pensarei que Deus está sempre no meu coração, e assim direi: *Deus cordis mei, et pars mea in aeternum*: Deus é para sempre a minha porção e a rocha do meu coração. (98)
9. Andarei sempre na presença de Deus. A meu Deus e Senhor oferecerei todas as coisas em geral e cada uma em particular, realizando-as com a mais pura e reta intenção.
10. Na oração da manhã pensarei nos mistérios do rosário; na oração das Horas, Vésperas e Completas, meditarei nos passos da paixão.
11. Ao vestir-me, pela manhã, pensarei na obra da encarnação, através da qual o Senhor se vestiu de nossa natureza, e agradecerei muito por ela.
12. À noite, ao trocar de roupa, pensarei na morte, e a cama me recordará a sepultura.
13. Na cama, dirigirei meu coração ao templo mais próximo para pensar no Senhor sacramentado, suplicando aos anjos que velem por mim, e assim, enquanto durmo, meu coração vigiará, a fim de realizar a vontade de Deus.
14. Deus quer que coma e que durma o necessário, não por prazer, mas por necessidade e confusão minha, para que veja como sou miserável, pois ainda tenho necessidade destas coisas terrenas. No céu já não haverá necessidade de comer nem de dormir; e assim, direi: *Senhor, faço-o por ser esta a vossa vontade*.
15. Lembrarei desta verdade: Dois anos e dez meses. (99) Pensarei que todas as coisas acontecem porque permitidas por Deus, que me diz em cada coisa: *Meu filho, eu quero que agora faças ou sofras isto*. Eu sofrerei com paciência e com alegria, por ser esta a vontade de Deus, que me vê como a acolho e como suporto os trabalhos, desprezos, dores, calúnias e perseguições. O servo de Deus deve desprezar-se a si mesmo e não desprezar nem julgar a ninguém, mas considerá-lo superior.
16. Cada dia, como leitura espiritual, lerei um capítulo de Rodriguez. Para meditação, a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, de La Puente. Exame particular sobre o amor de Deus, trabalhando e sofrendo. Jaculatórias por amor a Deus. Deus mora na alma que vive na graça e ele mesmo tem por trono a consciência dos bons (Santo Agostinho, *Le Decalogue*, p. 22). Deus fixa sua residência na alma que vive na graça. A boa e tranqüila consciência da alma é o trono no qual

Deus mesmo se senta. *Se alguém me ama, será amado de meu Pai, eu e meu Pai viremos a ele e nele permaneceremos.* (100).

Para perseverar e progredir na perfeição:

1. Fazer bem a oração mental.
2. Recorrer a Deus com freqüência, pedindo auxílio e depois agradecer.
3. Mortificar os sentidos, potências e paixões.
4. Receber bem e freqüentemente os sacramentos.
5. Celebrar bem a missa.
6. Rezar bem o rosário.
7. Manter atitude de humildade, como o publicano e o pecador.
8. Ter o mesmo fervor dos trabalhadores da vinha. Virtudes: Amor a Deus e a Jesus Cristo. Graça. Devoção a Maria santíssima: *Ave, gratia plena*. Devo arrancar as raízes das faltas, fugir das ocasiões e remover os obstáculos para a realização das obras boas. *Charitas est virtus essentialiter ordinata ad actum*: De forma semelhante, também a mesma caridade, essencialmente, é uma virtude ordenada ao ato (Sto. Tomás). (101) Fazer com freqüência atos de amor. Meu Deus, vós sois onipotente, fazei-me santo. Amo-vos de todos o meu coração.

16. Confessor Real

Este escrito, estritamente privado, é um pálido reflexo do que Claret chamava suas “amarguras madrilenhas”, durante os anos nos quais desempenhou o cargo de confessor da rainha. Deve ter sido redigido em 1868 ou 1869. Assim o afirma o padre Clotet, aduzindo o testemunho do secretário do arcebispo: “O padre Puig pensa que o texto foi escrito em Paris antes de ir a Roma em 1869, seja por dedução do próprio escrito, seja porque havia falado com ele deste assunto”.

O original se conserva em Mss. Claret, II, 347-354. Foi publicado em EA, p. 444-446.

1. Sacrifícios que tive de fazer para agradar Sua Majestade

Depois de permanecer seis anos e três meses em Santiago de Cuba, tive de renunciar à diocese. Deram-me o título de Trajanópolis, mas o governo ainda não me entregou as bulas.

Antes tinha dotação e direitos autorais que totalizavam anualmente 25.000 duros. Após a renúncia, destinaram-me 6.000 duros, que sempre me custaram cobrá-los e depois, com a transferência cambial, sempre se perdem, via de regra, dez por cento.

Quando estourou a revolução de setembro de 1868, o governo provisório baixou um decreto determinado que não me dessem mais nada, e nada mais cobre.

Por ocasião da cobrança das últimas mensalidades, antes da revolução, quando o banqueiro ficou sabendo que estávamos na França, declarou-se em falência.

Antes de receber as ordens sacras do sacerdócio, tinha o primeiro benefício da comunidade de Sallent, que me servia de cônica sustentação canônica; foi com esse recurso que me ordenei. Quando fui consagrado arcebispo, tive de renunciar ao benefício; agora encontro-me sem diocese, sem benefício e sem cônica-sustento.

Quando o padre Dionísio González adoeceu, pedi a sua majestade que me permitisse ir morar no Escorial ou renunciar à presidência. Renunciei. É bem verdade que não cobrava nada por meu cargo de presidente, mas tinha onde poder albergar-me e uma mesa para comer. Agora não tenho nada, sequer uma pedra onde reclinar a cabeça.

Eu era também assistente do hospital e igreja de Montserrat de Madri. Ao assumir a direção daquele estabelecimento, gastei 6.000 duros, economias que fizera na minha diocese de Cuba. A partir da revolução, já não sou mais protetor, pois me dirigiram um ofício nestes termos: “Vossa excelência foi exonerado, por abandono voluntário, do cargo de protetor do hospital e igreja de Montserrat”. (102) Assim sendo, agora não tenho casa para morar, nem igreja para celebrar a santa missa, nem confessionário para ouvir as confissões dos fiéis que me procuram.

Quando sua majestade me nomeou confessor, destinou-me um estipêndio de 3.000 duros, que sempre me foram pagos; mas agora, em vista das circunstâncias atuais, só recebo a metade.

2. Cargos que desempenhei

O único título e obrigação que tenho é o de confessor e de diretor espiritual de sua majestade, a rainha Isabel II.

Parece-me que, com a graça de Deus, procurei desempenhar esse único encargo da melhor maneira que pude. No mesmo título me foi consignada a importância... Tenho rogado continuamente pela saúde de sua majestade a rainha, do rei e de toda a família real.

Sem ser obrigado a isso, mas tão-somente por minha espontânea vontade e sem por isso jamais pedir ou desejar o mínimo estipêndio, fui professor de religião e moral, confessor e diretor espiritual da infanta Isabel, desde seus cinco anos até que se casou e também depois de casada. Comprazo-me no Senhor, ao ver que se tornou uma senhora tão instruída, religiosa e virtuosa, a ponto de ser motivo de orgulho para seus pais e toda a nação espanhola, e causa de admiração para os estrangeiros.(103)

O príncipe recebeu as primeiras lições de religião e moral que eu lhe ministrei e ainda agora o estou instruindo nessa disciplina tão importante.

As infantas Pilar, Paz e Eulália, também aprenderam de mim a instrução religiosa e moral e continuarei sendo professor, se esta for a vontade de Deus e de suas majestades.

1. *Trabalhos que tive e padecimentos que sofri*

Os trabalhos e padecimentos por que tive de passar durante estes anos são tais e tantos que somente Deus e eu sabemos; passei, sim, por eles e ainda continuo sofrendo. (104)

Meu caráter e minha forte índole sempre me impeliram para longe do palácio, minha propensão sempre me chamou para as missões; contudo, para fazer a vontade da rainha, sujeitei-me e violentei a mim mesmo.(105)

Muitíssimas vezes tive de sofrer toda espécie de infâmias, calúnias, motejos e perseguições, até de morte. Fui objeto de pasquins, caricaturas, fotografias ridículas e difamatórias.(106)

Antes era admirado, apreciado e até elogiado por todos. Agora, com exceção de uns poucos, todos me odeiam e dizem que o padre Claret é o pior homem que jamais existiu e que sou a causa de todos os males da Espanha.

17. Impressões sobre o Concílio Vaticano I

Oferecemos neste apêndice vários fragmentos do epistolário claretiano, correspondente à época de preparação e celebração do Concílio Vaticano I (1869-1870). Através deles aparecem refletidas as vicissitudes pelas quais foi passando a vida de Claret em seus últimos anos de existência sobre a terra.

“No dia 24 de abril (de 1869) vi o sumo pontífice, o imortal Pio IX. No dia dois, chegamos a Roma e no dia três solicitei audiência. No dia onze participei da missa com os demais bispos (107) e, como nestes dias veio muita gente de fora, ele esperou para poder falar comigo calmamente; realmente, falou com calma, com muita amabilidade e consolação e sempre me repetia: — *Meu caro, sei das calúnias e maldades que disseram contra você. Eu as li.* Em seguida começava a citar-me autoridades das sagradas escrituras e razões muito poderosas para consolar-me; porém, graças a Deus, estava e estou muito tranqüilo” (carta do padre Xifré, 2 de maio de 1869: EC, II, 1382).

“Quando me permitiu que falasse, disse-lhe: Santo Padre, não deve ser mais respeitado o discípulo que o mestre, nem o criado que o seu senhor. (108) Quando o papa ouviu estas palavras e ao ver minha

tranqüilidade, manifestou o prazer que sentia em seu coração e passou a falar-me de outros assuntos” (carta à Madre Antonia Paris, 21 de julho de 1869: EC, II, 1410).

“O clima desta cidade não me agrada. Estive aqui três vezes: na primeira adoeci, na segunda não passei bem nas três semanas que nela permaneci; e na terceira que dentro em breve completará quatro meses, tenho sofrido muito” (109) (carta à Madre Antonia Paris, 21 de julho de 1869: EC, II, 1411).

“Minhas ocupações têm sido e são atualmente as do santo ministério... Agora estou muito ocupado com os preparativos para o Concílio; como tenho estado e conhecido muitos lugares, perguntam-me sobre vários pontos, e isto me mantém muito ocupado. Espero grandes bens deste Concílio. Isto lembrará o que escrevi no livro intitulado *Apuntes (Apontamentos)*.

Pode-se dizer que já se cumpriram os desígnios que o Senhor tinha a meu respeito. Bendito seja Deus. Oxalá seja do agrado de Deus o que tenho feito!” (carta à Madre Antonia Paris, 21 de julho de 1869: EC, II, 1410-1411).

“Tenho andado muito ocupado nos preparativos de assuntos para o concílio. Também por insistência do reverendíssimo Reix, (110) escrevi a Vida de São Pedro Nolasco, (111) que o referido padre mandou traduzir para o italiano.(112)

Escrevi também um livro sobre a divindade de Jesus Cristo, (113) e outro sobre o rosário” (114) (carta a Paládio Curriús, 2 de outubro de 1869: EC, II, 1422).

“Muitas pessoas esperam do concílio bens materiais, como os judeus mundanos esperavam do Messias. Eu espero bens espirituais: saber em que nos apegarmos. Espero que o Concílio e sua doutrina sejam um farol que nos mostre o porto de salvação no meio da borrasca e tempestade que vão aumentando e se adensando ainda mais... Ai da terra!

Tenho sofrido mais que de costume. Tenho muita vontade de morrer... Parece-me já ter cumprido minha missão. Em Paris e em Roma tenho pregado a lei de Deus: em Paris como capital do mundo, em Roma como capital do catolicismo. Preguei através da palavra oral e por escrito. Observei a santa pobreza. Doe o que me pertencia e hoje, graças a Deus, não me dão nada da diocese de Cuba, tampouco a rainha me passa coisa alguma”(carta a Paládio Currius, 2 de outubro de 1869: EC, II, 1423).

“O santo concílio começou e continua muito bem, graças a Deus. (115) As sessões se realizam em uma das capelas do cruzeiro do Vaticano preparada para isto. Os bancos acham-se dispostos em forma de anfiteatro; durante a sessão, as portas que dão comunicação com a igreja ficam fechadas. Aos domingos nos reunimos no coro do Vaticano, onde há missa cantada e sermão em latim. Reunimo-nos também na sala sinodal do palácio com a presença do papa. Além disso, todos os bispos espanhóis nos reunimos na residência do senhor cardeal-arcebispo de Valladolid para tratar em particular dos assuntos de nosso país”. (116)

“No concílio, sentamo-nos por antiguidade de promoção; eu estou no número 40. Sou da categoria dos velhos” (117) (carta ao padre Xifré, 16 de dezembro de 1869: EC, II, 1438).

“Estou muito ocupado. Quase todos os dias temos sessões do Concílio ou funções litúrgicas na capela papal. Saio de casa antes das oito horas (118) e só retorno às duas da tarde, às vezes com uma cabeça que parece um bombo. No dia 29 de maio último tive uma espécie de ameaça de apoplexia” (carta a Paládio Curriús, 17 de junho de 1870: EC, II, 1470-1471).

“São duas as causas do que aconteceu comigo: a primeira é o calor muito forte do começo do verão; a outra é a questão do concílio na qual se trata da Igreja e do Sumo Pontífice e, como nessa matéria não posso transigir nem por nada nem por ninguém, e estou pronto para derramar meu sangue, como disse em pleno concílio, ao ouvir os disparates, blasfêmias e heresias que se dizia, deu-me uma indignação e um tal zelo que o sangue me subiu à cabeça e provocou uma afecção cerebral, sentia a língua muito adormecida, a boca não podia conter a saliva e, involuntariamente, repuxava para o lado da cicatriz, conseqüência do ferimento de Holguín, Cuba. Tomei todos os remédios indicados pelo médico e isto produziu bastante alívio”(carta ao padre José Xifré, 1º de julho de 1870: EC, II, 1481-1482).

“Os trabalhos e canseiras do concílio nos mantêm muito ocupados no afã de sustentar e defender os direitos da Igreja e do santo padre. Eu, em pleno concílio e diante de todos os cardeais e de todos os patriarcas, arcebispos e bispos, do alto do púlpito declarei que estava disposto e preparado para dar meu sangue e minha vida. (119) Minhas palavras causaram profunda impressão. Posso dizer a mesma coisa dos demais bispos espanhóis. Todos se portam muito bem. Um arcebispo inglês (120) veio visitar-me e disse-me: *Pode-se dizer que os bispos espanhóis são a guarda imperial do papa.* Que tudo seja para a maior glória de Deus. Minha saúde está um pouco abalada” (carta à Madre Antonia Paris, 17 de junho de 1870: EC, II, 1473-1474).

“Eu, com o auxílio do Senhor, estou disposto e resignado à vontade de Deus, a quem peço que me dê saúde perfeita ou então que me deixe com essa indisposição, além daquela outra da hérnia, que muitíssimo amiúde me faz sofrer muito; ou, se quer enviar-me a morte, estou inteiramente entregue nas suas santíssimas mãos” (carta ao padre José Xifré, 1 julho de 1870: EC, II, 1482).

18. Propósitos dos exercícios espirituais - Roma, 05 a 14 de outubro de 1869.

Os propósitos deste ano são semelhantes aos dos últimos anos. Centram-se na paz interior e no amor. Há uma aspiração nova, em consonância com o estado de espírito que nos leva às agonias do Getsêmani:

Não se faça a minha vontade, mas a tua. Também suas ocupações apostólicas na cidade eterna são objeto de seus propósitos.

O original se encontra em Mss. Claret, II, 125-128. Foi publicado em EA, p. 583-586.

1. Anualmente farei os santos exercícios espirituais.
2. Mensalmente, no dia 25, será dia de retiro espiritual.
3. Semanalmente me reconciliarei.
4. Semanalmente jejuarei ou me privarei de alguma coisa na quarta, sexta e sábado.
5. Mortificarei meu corpo com a disciplina e cilício, ou fazendo outra coisa equivalente nos seis dias da semana.
6. Mortificarei os sentidos, potências e paixões.
7. Procurarei a *paz interior*, sem aborrecer-me nem desgostar-me por coisa alguma.
8. Pensarei que Deus está sempre em meu coração. *Deus cordis mei, et pars mea in aeternum. Deus é para sempre a minha porção e a rocha do meu coração.* (121) *Non mea voluntas sed tua Fiat:* Não se faça a minha vontade, mas a tua. (122) *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu:* Ensina-me a fazer tua vontade, pois tu és o meu Deus. (123)
9. Procurarei andar sempre na presença de Deus, agindo e sofrendo por seu amor.
10. Na oração pensarei nos mistérios do rosário. Na oração das Horas, Vésperas, idem.
11. Rezarei todos os dias as três partes do rosário.
12. Lembrarei continuamente dos dois anos e dez meses.
13. Não direi palavra alguma em louvor próprio.
14. Procurarei fazer as coisas ordinárias com a maior perfeição possível por Deus e por Maria santíssima.
15. Todos os domingos lerei estes propósitos para melhor cumpri-los.
16. Direi com muita freqüência: Viva Jesus, morra o pecado, morra o amor próprio, inimigo do amor de Deus. O amor próprio ou egoísmo consiste na soberba e sensualidade. (124)

O que mais inculcarei oportune et inoportune: oportuna e inoportunamente.

1. Ensinar e exortar a rezar bem o santo rosário.(125)
2. Participar bem da santa missa em todos os dias de preceito e também nos demais por devoção.
3. Visitar o Santíssimo Sacramento.
4. A recebê-lo sacramentalmente, não somente pela Páscoa, como também durante o ano com freqüência, espiritualmente.
5. Ensinar o modo de andar na presença de Deus.

6. Ensinar o modo de fazer bem as coisas do dia-a-dia.
7. Ensinar o modo de fazer bem o exame de consciência.
8. Ensinar a leitura espiritual como deve ser feita.
9. Ensinar a oração mental e vocal.
10. Ensinar o modo de oferecer a Deus todas as coisas.
11. Ensinar a confessar e exortar a realizá-la freqüentemente.

O exame particular será sobre:

1. O amor de Deus. A virtude que sempre exercitarei e pedirei será o amor de Deus e ao próximo, lembrando-me do que diz Santa Teresa. (126)
2. A graça que pedirei será a da devoção a Maria santíssima.
3. Conversas familiares com os enfermos nos hospitais de civis e militares. (127) O assunto de minhas conversas será religião, sacramentos, santíssimo rosário, etc, seja nas ruas ou onde se apresente a ocasião. A todos me dirigirei, segundo se apresente a oportunidade, porém especialmente aos meninos, meninas e soldados, dando-lhes uma medalha, uma estampa, etc. (128)

19. Propósitos de 1870

Os propósitos deste ano, o último de sua vida, se reduzem a reproduzir alguns avisos de Santa Teresa; um obséquio que tem como ideal o amor; uma aspiração, escrita no dia da Ascensão do Senhor, que expressa seu veemente desejo de morrer para estar com Cristo. Já não há nenhum plano de vida espiritual nem de apostolado. Tudo se orienta para a eternidade.

O original encontra-se em Mss. Claret, II, 129-130,131, 133,135-136. EA, p. 586-588.

Propósitos

Para a glória de Deus, para o bem das almas e minha mortificação, proponho:

1. Falar sempre em italiano, ou me calarei, exceto falar com José (129) e a pregação, (130) ou se vier algum espanhol.
2. Visitar todos os dias o Santíssimo Sacramento.
3. Visitar os hospitais de civis e de militares, toda a quarta-feira.(131)

4. *In omnibus operibus tuis memorare novíssima tua et in aeternum non peccabis*: Em tudo que fizeres, lembra-te de teu fim e jamais pecarás. (132) Em qualquer obra e hora, examina tua consciência e, vistas tuas faltas, procura emendar-te com o divino favor, e por este caminho, alcançarás a perfeição (Santa Teresa, *Avisos*, vol. 1, p. 591). (133)

5. O que meditares pela manhã, traga-o presente durante todo o dia; coloque nisto muita diligência, pois podes tirar grande proveito (Santa Teresa, *Avisos*, 31).

6. Jamais abandone a humildade e a mortificação até a morte (Santa Teresa, *Avisos*, 50).

7. Repita sempre a oração *ato de amor*, pois afervora e entenece a alma (Santa Teresa, *Avisos*, 51).

8. Exercitar-se muito no temor do Senhor, pois conserva a alma compungida e humilhada (Santa Teresa, *Avisos*, 63).

Obséquio

Em obséquio à santíssima Trindade e a Maria neste mês de maio: Procurarei fazer todas as coisas e cada uma em particular com a perfeição possível. O amor de Deus será a causa impulsionadora.

A maior glória de Deus será a causa intencional. Fazer a vontade de Deus será a causa final. Procurarei andar com grande atenção e esmerado cuidado, sempre em plena posse de mim mesmo em cada coisa, imitado Maria santíssima; executando bem cada coisa em particular, mesmo as mais comuns e ordinárias.

A cada hora, não só me lembrarei do que Jesus padecia, (134) mas em cada obra lembrarei do que ele fazia e como o fazia, a fim de melhor imitá-lo na intenção e na prática.

Quando acordar, de manhã, lembrarei de Jesus, como ele acordava e se oferecia ao seu eterno Pai. Levantarei prontamente e oferecerei a Deus todas as minhas obras e a mim mesmo. Nas minhas orações pensarei como Jesus orava.

Aspiração

Dia 26 de maio de 1870. Ascensão do Senhor.

1. A terra será um desterro para mim. Meus pensamentos, afetos e suspiros se dirigirão ao céu.
2. *Conversatio nostra in coelis est*: Nós vivemos como cidadãos do céu.(135) Não falarei nem escutarei senão coisas de Deus e que levem ao céu.

3. Tenho desejo de morrer para ir ao céu e unir-me a Deus. *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo*: Tenho desejo de ver-me livre das amarras deste corpo e estar com Cristo. (136) Como Maria santíssima, minha doce Mãe. (137)
4. Tenho de ser como uma vela que arde, consome a cera e brilha até morrer. Os membros gostam de unir-se à sua cabeça, o ferro ao imã, e eu desejo unir-me a Jesus no Sacramento e no céu. Mais ama a Deus um bem-aventurado, do que mil viandantes, diz São Boaventura.

20. Sobre a Congregação de Missionários

Na continuação reproduzimos alguns textos particularmente significativos para os Missionários Claretianos. Neles Claret manifesta seu íntimo afeto para a obra predileta que o Senhor e a Virgem o haviam inspirado, que ele havia fundado a 16 de julho de 1849 e que se ia desenvolvendo e difundindo para a glória de Deus e o bem dos homens.

1. Amor à Congregação

“Diga a meus queridíssimos irmãos missionários que se animem e que trabalhem quanto possam, que Deus e a santíssima Virgem lhe darão a recompensa.

Tenho tanto carinho pelos sacerdotes que se dedicam às missões que lhes daria meu sangue e minha vida, lhes lavaria e beijaria mil vezes os pés e tiraria o alimento de minha boca para alimentá-los. Amo-os tanto que enlouqueço de amor, e não sei o que faria por eles. Quando considero que eles trabalham para que Deus seja mais conhecido e amado, e para que as almas se salvem e não se condenem, não sei o que sinto.

Agora mesmo, enquanto escrevo, tenho de largar a caneta para acudir aos meus olhos...

Ó Filhos do Imaculado Coração de minha queridíssima Mãe, quero escrever-vos, mas não posso, por ter os olhos marejados de lágrimas. Pregai e rogai por mim” (carta ao padre Xifré, 20 de agosto de 1861: EC, II, 352).

2. Com relação à Revolução de 1868

“Demos graças a Deus. O Senhor e sua santíssima Mãe já se dignaram aceitar as primícias dos mártires. Eu desejava muitíssimo ser o primeiro mártir da Congregação, mas não fui digno, pois outro se adiantou. Parabenizo o mártir e santo Crusats, (138) e felicito o senhor Rexach (139) pela sorte que teve de ser ferido e também dou milhares de parabéns a todos da Congregação pela felicidade de ser

perseguida. Coragem e confiança, pois, nos sagrados corações de Jesus e de Maria. Nem os temporais nem os tufões duram sempre, porquanto depois vem a tranqüilidade. Que todos orem muito: durante o dia é o que mais convém. Que tenham confiança em Jesus e Maria; eles são nossos pais” (carta ao padre José Xifré, 7 de outubro de 1868: EC, II, 1297-1298).

“Os sacerdotes vivam, o quanto possível, de dois em dois, junto com um ou dois Irmãos que lhes façam a comida. Que vivam como se estivessem na Casa Missão, observando as Regras e o recolhimento, em diferentes povoados. Estejam ocupados em confessar, animar e consolar os fiéis; exortem-nos a rezar e a freqüentar os sacramentos.

Tudo o que tenho deixo-o à Congregação. Portanto, tudo está à disposição da mesma para viagens, aluguéis e alimentação. Tenham fé confiança em Jesus e Maria. Eu, graças a Deus, estou muito contente, animado e alegre. Considero que Deus é tão sábio, bom e poderoso que das coisas más tira coisas boas e espero que destas tribulações a Congregação auferirá um grande bem. Vemos muito bem em Lucas (cuja festa hoje se comemora) como o lavrador semeia seu campo. O trigo nasce muito viçoso e cresce de tal maneira que todo o campo parece uma verde alfombra. Chegam, porém, frios tão rigorosos, ventos do norte tão fortes e geadas tão intensas que queimam as folhas do trigo. E, como se isto não bastasse, uma grande nevada cobre por completo o campo. O néscio se espanta, porém o lavrador confia que a neve se derreterá, o frio se acalmará e o bom tempo chegará. Então se verá que todas essas contrariedades serviram para que o trigo lançasse raízes mais profundas e vergôntes mais crescidas.(140) Portanto, coragem”(carta ao padre José Xifré, 18 de outubro de 1868: EC, II, 1304-1306).

Jesus Cristo dizia a seus amados discípulos: *Velai e orai para que não sejais tentados* (141). O mesmo digo a todos vós. Velai e orai para que não falteis com a vocação. Se alguns falham, será por culpa deles, por não terem rezado. Deus é fiel, diz São Paulo, e não permitirá que a tentação seja maior que a graça; (142) ele dá força para resistir-lhe e para tirar maior bem da mesma; porém, é preciso pedi-la ao Senhor por intercessão de Maria santíssima” (carta ao padre Ramon Homs, 2 de janeiro de 1869: EC, II, 1338).

3. Apostolado da educação cristã

“O Senhor permitiu essa perseguição que estamos sofrendo, não para extinguir a Congregação, mas para aumentá-la e dilatá-la. Assim como a neve que cai sobre um campo semeado não mata o trigo, mas o obriga a brotar, também a revolução não matará a Congregação, porém a fará brotar e enraizar-se sempre mais. Os membros serão mais perfeitos e darão mais fruto.

Todos os membros guardarão as Regras e as Constituições da maneira mais perfeita. *Haec est voluntas Dei, sanctificatio vestra*: Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação.(143)

É preciso ter à vista o número 63 (c.16) das Constituições e refletir sobre as palavras: *Catechizare parvulos, pauperes et ignaros...*: Catequizar as crianças, os pobres e os ignorantes,(144) para isso é preciso criar escolas para crianças, como as dos Irmãos das Escolas Cristãs; existem tantas na França, Itália, etc., e que tanto bem fazem.(145) Eu creio que na atualidade os Irmãos são os que mais bem fazem à Igreja e dos que mais se deve esperar.

Deus e a Virgem santíssima reservaram essa missão especial à Congregação também na Espanha. Não quero dizer com isso que todos devam ocupar-se dessas escolas. Só quero dizer que comecem com poucos, sejam nomeados aqueles que pedem e de acordo com o seu zelo.

Estas escolas irão crescendo segundo a fidelidade e correspondência à graça. Deus e a santíssima Virgem trarão pessoas para isso, de modo que, sem perder de vista o seu objetivo primário, dediquem-se a este outro ramo: *Haec oportet facere, et illa non omitttere. Estas coisas deveis observar, sem omitir aquelas.* (146)

Uma pessoa muito zelosa (147) havia trabalhado muito para levar da França pessoas da Congregação da Doutrina, porém não foi possível realizar a tarefa, porque o Senhor e a Virgem as tinham destinado para a Congregação, e eu confio em Deus e na Senhora que os congregados não se farão de surdos.

Não se alarmem nem pensem que todos vão ensinar. Já foi dito como se deve proceder...

Deus e a santíssima Virgem já inspirarão a maneira com que se deve proceder. Porém, se alguém não se sente chamado para isso, suplico-lhe que não o faça, é melhor deixá-lo no seu ócio, pois não lhe faltará tristeza e verme roedor, como acontece com algumas maçãs que criam verme no coração e, quando chega a ventania, caem da árvore. Assim, se alguém cair da árvore da Congregação, não se admirem. Nem desistam por isso. Ânimo. Deus e a Virgem não abandonarão sua obra.

Com essas escolas agradarão a Deus e o povo; sem elas serão sempre caluniados e perseguidos pelos corruptos, que querem viver no pecado e não lhes agrada serem repreendidos. Como diz Gerson, ocupar-se com os adultos exige um duplo trabalho e, às vezes, sem fruto. (148) Ocupar-se das crianças, porém, exige somente um trabalho e, de modo geral, com grande proveito e transcendência. Contudo, deve-se ter presente as palavras do capítulo sete, número dezoito, sobre a castidade. Nem se deve admitir todas as crianças dos povoados, mas aqueles que..."(149) (carta ao padre Xifré, 16 de julho de 1869: EC, II, 1405-1408).

4. Expansão da Congregação

“Alegro-me que tenha ficado assentado e acordado que alguns da Congregação irão à África; com o tempo, talvez possam fundar ali alguma outra casa. (150)

Quanto ao México, falarei com o senhor arcebispo, que é meu amigo e se encontra aqui (em Roma);(151) todavia, as últimas notícias que de lá recebo dizem que não se permite que nenhum clérigo ou frade ande pelas ruas com vestes talares e que não podem estar reunidos mais de três em uma casa.

Em outras repúblicas há mais liberdade religiosa. Na república do Chile é onde se está melhor; na Guatemala há um religioso capuchinho, muito amigo meu e muito zeloso.(152) Com relação à ampliação das atividades pelas Américas, pensava encomendar o assunto com muito empenho a Deus”(153)(carta ao padre José Xifré, 04 de julho de 1869: EC, II, 1399-1400).

“Alegro-me com a aceitação da fundação no Chile e não duvido que será do agrado do Santo Padre...(154) Na América há um campo muito grande e muito fecundo e com o tempo subirão ao céu mais almas da América do que da Europa. Esta parte do mundo é como uma vinha velha, que já não dá muito fruto, ao passo que a América é vinha jovem. Os bispos, que de lá vieram e que visitei com muito prazer e com os quais tenho me relacionado, são muito instruídos e virtuosos e me inspiram muitas esperanças. Eu já estou velho, pois pelo Natal completarei sessenta e dois anos; e, mais que a velhice, desanima-me a hérnia, pois é só o tempo mudar e já passo muito mal. Se não fosse isso, voaria para lá. (155) Já que não posso ir, passo pelo Colégio dos Americanos que existe nesta cidade de Roma” (156) (carta ao padre José Xifré, 16 de novembro de 1869: EC, II, 1429-1431).

5. Maria no apostolado dos missionários

Esta nota parece redigida para seus missionários de Prades, antes de refugiar-se em Fontfroide. A caligrafia denota decadência, considerando sua habitual limpeza e correção. A alma de que se fala é, sem dúvida, do mesmo Claret. Sempre se havia sentido instrumento de Maria no apostolado e usava o símbolo da seta. O símbolo de agora representa uma maior identificação e posse. A ação materna de Maria na Igreja torna-se visível pela ação dos Missionários.

O original se encontra em Mss. Claret, X, 89-90; II, 223-225, publicado em EA, p. 665.

“No dia da Ascensão do Senhor do ano de 1870,(157) achava-se uma alma diante do altar de Maria santíssima, das onze às doze, contemplado a festa, e reconheceu que os Filhos da Congregação são como os braços de Maria, que com seu zelo, hão de conduzir todos a ela: os justos, para que perseverem na graça, e os pecadores para que se convertam.(158)

Jesus é a cabeça da Igreja. Maria é o pescoço e o coração, órgão mais próximo.

Os braços de Maria são os missionários de sua Congregação que com zelo trabalharão e abracarão a todos e rogarão a Jesus e a Maria. A Virgem santíssima se valerá deles como de braços e de peitos de mãe para criar esses filhinhos, à guisa de uma mãe que procura uma ama de leite ou nutriz. Os missionários são as nutrizes que devem criar os pobrezinhos com os seios da sabedoria e do amor. Os dois seios devem estar igualmente unidos. E assim procurarão, como as sadias mães, alimentar-se com frequência para si e para criar adequadamente, conforme fazem as boas nutrizes. Seu alimento é a oração, mental, vocal, jaculatórias, leitura espiritual, teologia moral, doutrinas, sermões”.

6. Último escrito à Congregação

Santo Antonio Maria Claret, perseguido na França pelos agentes revolucionários, teve que refugiar-se no mosteiro de Fontfroide. Sentindo que sua presença podia comprometer os Missionários e os Monges, decidiu regressar a Roma. Nem o padre José Xifré, superior geral, nem os monges o consentiram devido ao seu estado de saúde já manifestar muita fragilidade e o fato de que o clima de Roma nunca lhe havia caído bem. As frases cortadas e misteriosas e revelam a lenta agonia daquele espírito todo bondade.

“Estou na mesma idéia que disse a você (padre Xifré), na mesma noite da nossa partida de Prades: de ir para Roma. Eu não posso ser útil a vocês, nem vocês a mim; pelo contrário, creio que mutuamente nos prejudicamos sem intenção e sem querer. Eu sou um ente misterioso... sou um prófugo... como alguém que se esconde da justiça, e o que é pior, não sabemos quanto tempo vai durar... (159).

Por isso, resolvi partir...

Se você quer dar-me o último adeus, o esperarei, do contrário servirá a presente de despedida a você e a todos os da Congregação” (carta ao padre José Xifré, 15 de agosto de 1870: EC, II, 1484-1485).

21. A morte de Santo Antonio Maria Claret

Os números abaixo são tomados do livro “Resumo da admirável vida do excelentíssimo e ilustríssimo senhor D. Antonio Maria Claret y Clara”, escrito pelo servo de Deus, padre Jaime Clotet, e publicado pela Livraria Religiosa de Barcelona, em 1882. O padre Clotet foi testemunha presencial da última enfermidade e da santa morte de Santo Antonio Maria Claret.

(333) Voltemos à casa dos missionários espanhóis de Padres (França), departamento dos Pirieneus orientais, onde esteve o senhor arcebispo pouco antes de sua morte. Certo dia ele chamou um dos padres da comunidade, anunciou-lhe que se aproximava o fim de sua vida e o incumbiu de uma tarefa. (160)

(334) O referido padre lhe perguntou o que pensava dos assuntos da Espanha e ele lhe respondeu que os espanhóis conservariam a fé por intercessão de Maria santíssima, sua padroeira.

(335) Sendo notório que o senhor Claret não se envolvia em política, era de se pensar que o deixariam sossegado entre os seus. No entanto, não foi assim; tratou-se pois de interná-lo. Sabedores disto, o bispo de Perpignán e outros amigos diligenciaram para que saísse imediatamente de Padres e se retirasse para o Mosteiro de Fontfroide. Ao comunicar ao senhor arcebispo a triste notícia de ter de ausentar-se, disse ele com profunda resignação: “Bendito seja Deus, louvado seja Deus”. Ao ir para aquela solidão, quis levar consigo apenas dois pares de meias, uma camisa e alguns lenços, como quando ia às missões.

(336) Isto se deu a seis de agosto de 1870. A polícia apresentou-se na Casa-missão poucas horas depois que o senhor arcebispo partira.

(337) Após ter chegado ao Mosteiro de Frontroide, apesar de sua fraqueza, pela manhã participava todos os dias da missa conventual e, à noite, das vésperas e completas. Ia também muitas vezes à igreja, quer para visitar a Jesus sacramentado, quer para fazer a via-sacra e outras devoções. Manifestava grande preocupação com os contratempos da Igreja e o extravio das almas. No tocante à sua pessoa e aos seus infortúnios, não se ocupava com eles. Esquecia-se completamente de si mesmo; jamais o ouviram queixar-se contra alguém, nem mostrar ressentimento. Dizia que sua glória e sua alegria estavam na cruz de Jesus Cristo e não cessava de rezar por seus perseguidores.

(338) Nos primeiros dias de setembro, cumpriu-se o anúncio feito cinco anos antes pelo servo de Deus: que Napoleão III teria uma queda humilhante. O exército francês foi vencido na guerra contra a Prússia. O imperador dos franceses caiu prisioneiro. Perdeu a liberdade e também o império, e acabou morrendo num país estranho.(161) No dia 20 do mesmo mês, cumpriu-se também o anúncio do senhor Claret sobre a entrada dos italianos em Roma.(162)

(339) Como se sentisse um pouco melhor de saúde, retomou de novo seus trabalhos intelectuais, sem deixar nem diminuir os exercícios de piedade. Porém, até ali a perseguição foi buscá-lo. Tomando conhecimento do seu retiro em Frontfroide, os maus jornais publicaram furibundos artigos contra ele, dizendo que conspirava e que reunia centenas de fuzis para os defensores de Carlos (de Borbón).(163)

(340) O servo de Deus permaneceu tranqüilo em sua estimada solidão, preparando-se para o derradeiro combate, quando lhe sobreveio a doença que o levaria à sepultura. Nos primeiros dias de outubro de 1870, sentiu-se atacado de uma dor nos nervos; na noite do dia quatro para cinco, essa dor aumentou de tal forma que não puderam descansar nem ele nem o capelão que o assistia. (164) Na manhã do dia cinco,

se levantou: porém estava tão abatido que mal tinha forças para locomover-se e não tinha apetite para tomar alimento algum. No dia oito, seu estado se agravou ainda mais. Consciente ele próprio da gravidade de sua doença, pediu com insistência os santos sacramentos. Quando lhe disseram que de Narbona haviam saído dois médicos para visitá-lo,(165) respondeu que antes de recebê-los queria ocupar-se primeiro da sua alma e instou pelos santos sacramentos. Depois de se confessar, recebeu, do reverendíssimo padre José Xifré, superior geral de nossa Congregação, o santíssimo Viático, com admirável fé, piedade e fervor.

(341) A doença passou por várias vicissitudes, com crises alarmantes a ponto de lhe encomendarem a alma cinco vezes.

(342) Em tão tristes circunstâncias, um bando de republicanos de Narbona tentaram arrancá-lo violentamente do leito de dor, além de querer revistar o mosteiro para ver se havia armas a favor dos carlistas; porém Deus não permitiu tão ignóbil agressão.

(343) Em sua última doença demonstrou paz, alegria e fervor admiráveis: não se cansava de beijar o crucifixo e de dizer fervorosas jaculatórias.

(344) Antes de entrar na derradeira agonia, reconhecendo sem dúvida que a crise que se apresentava era a última, pediu a absolvição a um dos padres que o assistiam e, fazendo sobre si o sinal da cruz, batendo em seu peito, beijando piedosamente o crucifixo e dizendo jaculatórias, entrou em seu longo, último e doloroso transe. Finalmente, mantendo uma paz inalterável e segurando em suas mãos o crucifixo, às oito e quarenta e cinco da manhã de 24 de outubro, entregou suavemente seu espírito ao Senhor. Seus últimos instantes foram os de um santo.

(345) Seu aposento se converteu em oratório, pois nele se viam continuamente alguns religiosos que rezavam ao redor do seu cadáver. No dia seguinte, seu corpo foi trasladado para a igreja onde esteve exposto até o dia 27, quando foi sepultado. O dia de sua morte e o seguinte coincidiram com os do aparecimento da aurora boreal.

(346) Naqueles dias notou-se que seu cadáver conservou a flexibilidade: todos os religiosos e as pessoas que estavam com eles beijavam-lhe respeitosamente os pés e o anel.

(347) Na quinta-feira, dia 27, quarto dia de seu falecimento, foi realizado o sepultamento. Na missa solene houve quem visse um passarinho que, unindo seu canto ao do coro, parecia suprir o acompanhamento que se usa nos funerais muito solenes: parava de cantar quando o celebrante cantava. Foi visto voejando sob os arcos góticos do templo por sobre os restos mortais do santo arcebispo e no final da missa desapareceu.

(348) Antes de depositar o cadáver no caixão para levá-lo à sepultura, notou-se que ainda se conservava flexível.

(349) Foi enterrado no cemitério dos monges, porque as autoridades não deram permissão de enterrá-lo na igreja.

(350) Os enterros dos bispos e arcebispos, como príncipes da Igreja, solenizam-se com grande cortejo de personagens ilustres, com bandas de música militares e com oração fúnebre de algum eloqüente e selecionado orador. O enterro do excelentíssimo senhor Claret, do antigo arcebispo de Cuba, do confessor de uma rainha, não teve maior cortejo que o de três humildes missionários espanhóis (166) e de três sacerdotes franceses, (167) nem mais música que o canto de um passarinho, nem mais oração fúnebre que a profunda veneração de todos os presentes. Gravou-se na lápide sepulcral o seguinte epitáfio, derradeiras palavras proferidas por São Gregório VII: *Dilexi justitiam, odivi iniquitatem, propterea morior in exilio*: Amei a justiça, aborreci a iniquidade e por isso morro no desterro.

22. A Glorificação

A fama de santidade que rodeara o padre Claret em vida se espalhou rapidamente entre os fiéis e até entre os seus próprios detratores.

Movidos pela força da santidade e pelo amor filial, os missionários da Congregação desejaram desde o princípio ver seu fundador na glória dos altares.

A 29 de novembro de 1887 foi aberto o processo ordinário em Vic, por iniciativa do padre José Xifré, superior geral.

No dia quatro de janeiro de 1891 começou o processo apostólico para a beatificação.

Em 1897 os restos mortais foram trasladados de Frontfroide para Vic, onde atualmente se conservam, num grande templo dedicado à sua memória.

No dia seis de janeiro de 1926, Pio XI proclamou a heroicidade de suas virtudes, apresentando o padre Claret como “modelo admirável do apostolado moderno”.

Depois de aprovados os dois milagres necessários, realizados na jovem de 15 anos de nome Xaviera Mestre, e na religiosa filipina, Irmã Benigna Sibila Alsina, o padre Claret foi beatificado por Pio XI, aos 25 de fevereiro de 1934.

O próprio papa assim se expressou a respeito dele:

“Antônio Maria Claret, um apóstolo verdadeiramente moderno. É um título, uma glória e um mérito característico dele o ter unido num só lema a pregação evangélica, o apostolado da caridade, a organização missionária e a dedicação à pastoral dos meios de comunicação, com o emprego mais amplo, mais moderno, mais vivo, mais genial e mais popular do livro, do folheto, da folha volante.

Em Antônio Claret têm os pastores e os evangelizadores de hoje um modelo em quem se inspirar, para a glória da Igreja”.

No início de 1950 foram aprovados os dois milagres necessários para a canonização, com os quais foram agraciadas Helena Flores Arjona, de Córdoba (Espanha), e a missionária claretiana Irmã Josefina Marín, de Santiago de Cuba.

Finalmente, com grande júbilo de toda a Igreja e de todos os claretianos, foi canonizado por Pio XII, no dia sete de maio de 1950. O papa traçou o seguinte perfil de Santo Antônio Maria Claret naquela data memorável:

“Alma grande, nascida como para reunir contrastes: pôde ser humilde de origem e glorioso aos olhos do mundo; pequeno de corpo, mas gigante de espírito; de aparência modesta, mas capacíssimo para impor respeito inclusive aos grandes da terra; forte de caráter, mas com a suave doçura de quem conhece o freio da austeridade e da penitência; sempre na presença de Deus, mesmo no meio de sua prodigiosa atividade exterior: caluniado e admirado, festejado e perseguido. E, entre tantas maravilhas, como uma luz suave que tudo ilumina, sua devoção à Mãe de Deus”.

ÍNDICE REMISSIVO DE NOMES

(Os números correspondem à Autobiografia)

Absalão 382

Acab 270

Adoain, Estêvão de 514 595 598 599

Adoradoras 738 776

Alcaraz, Fermín de 167

Alforja 455 472

Alier, Agustín 105

Almería 702

Altafulla 455

Altagracia 586

América 596 605

Amigó, Antonio 69 85

Amigó, José 23

Amós 215

Ampurdan 461

Andaluzia 702 707 709 710 717

Andújar 702

Anglesola 455

Anjos (Hierarquias) 654

Antequera 702

Antonelli, Giácomo 845

Apóstolos 654

Aranjuez 698 702 775 779

Arenys de Mar 454

Arenys de Munt 455

Artés 545 501

Arrazola, Lourenço 495

Arreu 605

Atocha 633

Augerio, Edmundo 283

Babilônia 76 217
Bach, Pedro 85 496
Badalona 455
Badella 367
Bagá 367 455
Baga 527
Bailén 702
Balmes, Jaime 100 856
Balsareny 455
Bañolas 454 461
Baracoa 538 540 541 542
Barcelona 3 27 56 63 66 67 72 77 79 82 83 89 96 121 308 329 341 366 455 476 488 499 500
501 504 549 594 701 707 838 855
Barceloneta 71
Barcia 300
Barili, Lourenço 851
Barjau, Antônio 502 514 526 527 556 588 599 600
Baron de Meer 858
Bayamo 525 528 529
Beato Diego José de Cádiz 228
Beato Sebastião Balfré 654
Begú 461
Belém 668
Beneditinos 129
Beneficência (casa de Porto Príncipe) 568 598
Berga 167 169
Besós 368
Betrú, Inácio 502 575 605
Bolívar, Manuel 501
Bonel y Orbe, João José,
Bonet, Gregório 502 603
Bres, Fortián 84
Brunelli, João 495 500 862

Cádiz 480 519 588 590 702
Caixal, José 329 476
Calaf 454
Calders 19 455 501
Calella 454
Calldetenas 454
Campdevánol 308 365
Canárias 305 308 454 476 477 478 479 480 486 487 505 584 591 701 861
Caney 514 516
Cantí, filipense 81 85
Canudas, Adjutório 5
Capellades 594
Capuchinos 595 598 601
Caridade, Virgem da (Igreja de Porto Príncipe) 526
Carlos III, Cruz de 633
Carmelitas da Caridade 137
Carmo, N. Senhora do 94 490 765 828
Cartagena 702
Cartuxo 77 81 88 90 113 499 793
Carrion, Benigno 596
Casadevall, Luciano 489 499
Casajuana, Maria 80
Casajuana, Maurício 80
Castellar de Nuch 121 122 123
Catalunha 167 329 395 457 460 477 487 500 557 593 832 845 858 860
César de Bus 282
Cícero 340
Civitavecchia 122 132 136
Clará, Antonio 5
Clara, Josefa 3
Clará, João 19

Claret, Antonio Maria (Ver Santo Antonio)
Claret, Bartolomeu 6
Claret, Francisca 6
Claret, José 6 121
Claret, João 3
Claret, João (irmão) 6 80
Claret, Maria 5
Claret, Maria(irmã) 6 108
Claret, Manuel 6
Claret, Mariana 6
Claret, Pedro 6
Claret, Rosa 6 49
Claret (casa) 858
Clotet, Jaime 489
Cobre, do 514 517 518 520 521 537
Cobre, (Santuário) 510
Coca, Francisco 502 514 517 594
Codina, Boaventura 305 454 478 861
Colombo, Cristovão 542
Colluspina 501
Comas, Pedro Carmelita 137
Companhia de Jesus 139 140 141 145 167 306 591 594 599
Conceição, Infanta 634
Concha, José de la 521 583
Conde de Bailén 281
Congregação de Missionários 1 488 492 686 701 794 852
Conciencia, padre 317
Constantí 455
Córdoba 702
Corcuera, Paulo de Jesus 84 855
Cornélio a Lápide 643
Cornudella 455
Costa y Borrás, Domingos 499

Cruz, Fermín de la 498

Cuba 396 458 495 504 506 519 520 522 527 534 542 549 551 586 587 588 592 593 596 601 608
632 686 701 862 866

Curriús, Paládio 502 514 516 563 595 598

Damasco 69

Daniel 218

Davi 215 378 382 660

Desamparadas 800

Diertins, padre 307

Dores, V. das 94 298 468 580 586 765

Dores, V. das (Igreja de Santiago de Cuba) 586

Dominicanos 86

Egito 216 431 668 682

Elias 219 430

Eliseu 20

Emaús 336

Escolápias 776 800

Escorial 591 598 600 601 636 691 701 736 740 780 800 869 870 872

Escornalbou 472 860

Espanha 121 126 165 166 167 281 319 332 524 582 601 629 630 634 694 695 717 779 799 859
866 869

Espinalbet 367

Espinelvas 172 454

Espírito Santo 439 440 653 664 687

Espluga de Francolí 455

Estados Unidos 601 608

Estany 455

Europa 598 604

Evangelistas 398 654

Ezequiel 119 217 662

Fábregas, Domingos 489

Falset 455

Fayal 590.

Fernando Pó 599

Figuerras 454 461

Font del Picasó 121 122 123

França 121 124 126 255 283 545

Franciscanos 472 860

Fusimanha 49 501

Galdácano, Antônio de 588 601

Gerona 308 497 499 597 598

Gerson, Juan 279

Gibara 573

Gibraltar 504

Gisbert 235

Golfo das Damas 509

González, Dionísio 588 591 870 871

Granada, Luís de 232

Granada 231 232 702

Gran Canária 480 484 485

Gregório XI 238

Guantánamo 542

Guatemala 593 594 595

Gurb 455

Guzmán, Diego de 281

Havana 503 521 568 583 588 589 595 701

Hegel 871

Hernández, Gaspar 608

Hernández, Telésforo 502 602

Herodes 668

Holguín 573 574 701

Honduras 593

Horta 455

Igualada 173 366 454 500

Índias 259

Inglaterra 869

Irmãs da Caridade 6 265 304 478 503 506

Irmãs Francesas 739

Irmãs de São José

Irmãos da Doutrina Cristã 282

Isabel, Infanta 614 618

Isabel II 840 858 869

Isabel a Católica 632 701

Isaías 114 215 283 651

Israel 216 662 735

Itália 821 832 833 834 841 843 844 845 849 850 859

Jacó 220

Jaén 702

Jeremias 216 232 301

Jerez 480

Jerusalém 215 216 432 669

Jesus Cristo 3 37 38 39 50 86 94 113 130 131 143 154 155 156 157 162 163 164 173 195 196
197 208 214 221 222 223 224 227 228 235 236 238 240 243 244 245 246 248 249 252 253 255
256 257 258 259 261 265 267 269 272 273 276 311 340 345 346 358 362 363 370 372 376 379
386 387 389 393 398 406 407 412 413 423 425 426 427 428 435 437 438 443 446 448 450 465
466 494 545 573 577 585 642 648 650 658 659 660 663 668 669 675 679 681 682 684 686 690
692 693 697 698 700 712 714 716 732 741 748 752 753 754 758 761 782 798 815 817 831 832
843 867 868 869. Cf. índice de matérias.

Jezabel 270

Joab 382

Jo 664

Jojó, rio 541

José (filho de Jacó) 72

Judas 371 433

Granja 694 768 775 778 779 799 832 834 837 838

Laínez, Diego, S.J. 282

Lanzarote 484

La Puente, Luís de, S.J. 746

La Selva 455

Lemery, José 521

Lérida 455 860

Líbano 138

Lima 241

Liorna (Livorno) 134

Lobo, João Nepomuceno 502 514 591 602

Loja 702 717 726

Londres 58

Lonja (de Barcelona) 56 855

López, Anastácio 816

López, Narciso 522

Lorente, Fulgêncio 499

Luzbel 347

Lloret 454

Mach, S. J. 500

Madri 332 339 409 454 479 480 498 500 585 587 596 598 614 616 620 623 624 625 626 640

678 688 702 728 738 739 762 769 773 774 775 777 778 793 804 811 813 814 818 819 827 828

829 838 845 858

Majorca 603

Málaga 504 702

Malgrat 454

Manassés 215

Manresa 3 19 94 167 308 369 478 500 593 600

Manzanillo 525 528

Manzano, Joaquín 458

Maria Santíssima 1, 3, 5, 7, 43 47 49 50 51 55 65 66 71 72 76 86 91 94 95 96 98 106 113 126
136 142 143 144 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 172 187 264 266 267
269 270 271 272 273 295 296 298 317 329 342 363 393 406 407 413 438 443 447 448 464 468
470 476 486 490 501 549 573 574 577 579 580 584 642 650 654 659 660 663 668 674 676 677
684 686 687 698 700 701 706 707 736 749 761 768 783 792 793 794 795 800 804 828 830 840
860. Cf. índice de matérias.

Maroto, Rafael 129

Marquês de Novaliches 858

Marselha 122 125 127 132

Martinez, Ignácio 283

Mataró 308 455

Mar Velho (praia de Barcelona) 71

Masnou 455

Mas y Artigas, Francisco 79

Matavera, Filipense 121

Mayarí 542 543

Mercês 489 526 686

Mercês (Convento de la Casa Madre CMF) 489

Mercês Virgem das (Igreja de Porto Príncipe) 526

Moisés 263 374 663 682

Molins del Rey 366

Mon, S.J. 817

Montanha de Santa Maria 367

Montblanch 455

Monte-Alegre 77 89

Montesquieu 454

Montpellier 122 126

Montserrat (hospital e igreja de Madri) 598 635 776

Montserrat (mosteiro e Virgem) 329 476 500

Moyá 455 501

Mudela 702

Múrcia 702

Nápoles 833 834
Narbona 122
Navarra 129
Nazaré 431
Nimes 122 126
Novoa, Andrés 498
Novelda 702
Nueva Teresa Cubana (barco) 501
Nuevitas 527 573

Oche 816
O'Donnel, Leopoldo 834
Aulette (Olette) 122 126
Oló 455
Olost 121 123 167 454
Olot 454
Orígenes 225 277
Orihuela 702
Ausseja 121 122 126

Palau, Antonio 329 476
Pamplona 817
Paris 58 279 549
Pascual, Antônio 22
Passarell, Jamie 313 488 496
Pastors 497
Patriarcas 654
Paulo, Ir.69
Pérez, Antônio 584
Peréz del Olmo 726
Perpignan 122 126
Piera 455

Pinton 24

Pio IX 332 581 844

Pladebella, João 502 514 597 598

Pla d'en Llonch 367

Planas, Pedro 503

Pobla-Bagá 308

Pobla de Lillet 455

Pont de Armentera 455

Porto Príncipe 514 518 521 522 525 527 563 573 598 599

Porto Rico 568 596 601

Portugal (Rei de) 283

Prades 122 126 455

Prats del Rey 454

Príncipe de Astúrias 633 844

Profetas 195 214 218 219 375 654

Pruit 455

Puerto 121 122 123

Puigcerdá 123 124

Ramírez y Cotes, José 479

Relatores (rua de Madri) 773

Religiosas do Ensino de Maria Imaculada 561

Ribas, Miguel 472

Ridaura 598

Riera, João 30

Ripoll 308

Rodríguez, Alonso 43 413 746

Roma 2 111 120 121 122 125 126 129 130 134 136 137 138 151 152 164 165 167 278 306 393
454 497 498 701 839 843 845 859

Rosário, (Igreja do) 694

Rovira, Felipe 502 414 596 598

Sáenz de Cenzano 817

Sala, Carmelo 816
Sala, Estevão 489 496
Salesas Realis 800
Sallent 3 419 61 80 83 90 91 106 455 501 701 855 858
Salmerón 282
Salvador, padre 484
Samaritana 221 681
Sampedor 455
Santa Catarian, mártir 654
Santa Catarina de Sena 212 235 236 654 741 781
Santa Coloma de Queralt 173 454
Santa Cruz 490
Santa Eulália 455 654
Santa Filomena 654
Santa Inês 654
Santa Isabel de Hungria 413
Santa Maria (Igreja de Sallent) 4
Santa Maria, Mãe de Deus (ver Maria santíssima)
Santa Maria Madalena 263 296 651 654
Santa Maria Madalena de Pazzis 259 263 650 651 654
Santa Marta 173
Santa Rosa de Lima 239
Santa Tecla 654
Santa Teresa de Jesus 242 263 654 688 797
Santiago de Cuba 458 495 509 511 514 515 516 524 528 529 532 543 552 554 555 568 586 587
595 598
Santo Agostinho 204 225 226 236 277 296 343 650 654
Santo Afonso de Ligório 293 294 300 654
Santo Aloísio 654
Santo Ambrósio 225 654
Santo Anselmo 225
Santo André de Montecavalo 141
Santo Antônio 94 102 654

Santo Antonio Abade 654
Santo Antônio de Pádua 102 226
Santo Antônio Maria Claret 5 96 105 389 395 489 675 676 683 684 845 853 854 855 856 858
860 865 866 867 868 869
Santo Atanásio 225 654
Santo Domingo (fazenda de Cuba) 568 586
Santo Domingo (Ilha) 608
Santo Efrém 225
Santo Epifânio 225
Santo Estêvão 97 654
Santo Eusébio 225
Santo Hilário 225
Santo Ildefonso 654
Santo Idelfonso (A granja) 840
Santo Inácio de Loyola 139 152 165 226 282 306 307 308 309 654 778
Santo Inácio Mártir 225 654
Santo Irineu 225
Santo Tomás de Aquino 91 100 101 226 355 654
Santo Tomás de Villanueva 226 642 654

São Basílio 137 225
São Bento 355
São Bernardino de Sena 226
São Bernardo 225 372 393 654
São Bernardo Calvó 654
São Boaventura 834
São Bruno 88 499
São Camilo de Lelis 226
São Carlos Borromeu 226 642 654
São Cesário 225
São Cirilo de Alexandria 225
São Cirilo de Jerusalém 225
São Cipriano 225

São Clemente de Alexandria 225 277
São Dionísio 277
São Domingos de Gusmão 226 235 240 241 654 677 839
São Filipe Néri 69 81 121 226 317 393 654
São Feliu 455 462
São Feliu de Guixols 454
São Feliu de Pallarols 455
São Francisco de Assis 226 343 389 654
São Francisco de Assis (igreja) 511
São Francisco de Borja 226 282 564
São Francisco Xavier 226 282 654
São Francisco de Paula 654
São Francisco Regis 226
São Francisco de Sales 226 642 654
São Frutuoso (paróquia) 525 528
San Giácomo (hospital) 165
São Gregório Magno 225 278 654
São Gregório Nazianzeno 225
São Gregório de Nissa 225 277
São Jaime de Fontanayá 455
São Jerônimo 255 277 278 527 654
São Joaquim 654
São João Batista 654
São João Crisóstomo 225 277 300 653 654
São João Damasceno 225
São João de Ávila 228 229 231 232 280 281 300 440
São João da Cruz 412
São João de Oló 455
São João Evangelista 197 223 686
São João Nepomuceno 226
São Julião 654
São Justino Mártir 225
São José 650 654 688 776 831

São José de Calasans 282
São Leão Magno 225
São Lourenço 654
São Lourenço dels Piteus 367 654
São Lourenço Justiniano 654
São Lucas 196
São Luís Bertrán 651
São Luís Gonzaga 91 102 781
São Martinho 642 650 654
São Miguel 83 268 329 527 581
São Paulino 225 654
São Paulo 17 56 101 201 224 279 340 336 340 376 379 386 387 389 413 441 450 654 665 670
São Pedro 94 196 223 439 654 679 697 793
São Pedro de Alcântara 393
São Próspero 225
San Quirico 454
São Quirico de Besora 365
São Sebastião Mártir 654
São Tiago, Apóstolo 103 223 375 686
São Timóteo 643
São Vicente, mártir 654
São Vicente Ferrer 226
São Vicente de Paulo 226 304 503 704
Santa Ana 654
Santa Ana (Igreja de Porto Príncipe)
526
Satanás 191 270 273 463
Saulo 69 682
Schelling 871
Segóvia 406 407
Sarreal 462
Servitas 800
Seva 172 176 454

Sevilha 281 480 702 710

Siniscalqui 300

Sofonias 206

Soledade (Igreja de Ponto Príncipe) 527

Soler, Jaime 365 488 496 499

Solsona 102 308 455 599

Straus, David 871

Subirana, Manuel 502 514 517 593 594

Tancrede (vapor que o levou a Roma) 122

Tântalo 759

Taphnis 216

Tarragona 308 329 455 466 472 473 476 592

Tenerife 480 584

Teodoreto 225

Terceiras (Ilhas) 590

Terciárias 6 265 304 776 793 800

Tertuliano 225

Teruel 499

Teyá 455

Tiana 851

Toledo 587

Tomás, Sacerdote 79

Torredembarra 455

Tossa 462

Tosas 121 122 123

Trajanópolis 701 845 853 869

Transpontina (Convento de Roma) 137

Trento (Concílio) 109 282 550 553

Tria de Perafita 121

Trullás 307

Urgel 329 476

Valiente, Idefonso 94

Valladolid 840

Vallfogona 454

Valls 455

Vargas 568

Vic 3 79 80 81 83 84 85 86 89 91 94 95 102 104 105 167 193 307 308 313 341 342 365 395 455 456
465 478 479 488 489 491 495 498 499 500 501 592 600 604 838 839 852 855 862

Victor Manuel 843

Vidrá 454

Viento (Rua de Madri) 774

Vila, Filipe 502 604

Viladrau 167 168 170 172 173 174 176 180 193 454 860

Vilardell, Francisco 138

Vilaró, Manuel 489 502 511 526 592 596

Villafranca del Panadés 322

Villanueva 455 594

Villanueva de Prades 455

Vimbodi 455

Vinaixa 455

Xifré, José 1 489

Zaragoza 817 838

Zarauz 840

INDICE ALFABÉTICO DAS MATÉRIAS

(Indicam-se os números da Autobiografia)

Academia de São Miguel: Idéia e fundação 581; aprovação, funcionamento e afiliados 332; membros 332; sócios o rei e a rainha 582; apostolado do livro 640; desenha a estampa 581.

Academia de Santo Tomás: 91

Ação social: estuda as enfermidades sociais 357; presidente da Junta de Amigos do País 571; Granja de Porto Príncipe 563-568; com os pobres 562-568; ensino 561 568; caixa econômica 569; e elevação econômica do pobre favorece no seu bem moral 569; com os doentes no hospital 571(cf. *enfermos*); com os doentes da cólera 537; com os presos 570 637; esmolas 133-134 (cf. *apostolado, arcebispo, cardeal, catecismo, trabalhador*).

Adversidades: para o nosso bem 125; providenciais: 138; 166 e 167 (cf. *trabalhos, sofrimento*).

Agricultura: trabalha por ela em Cuba 566 e 567; ele mesmo planta árvores 567; o livro Delícias do campo 568.

Alegria: sempre a tinha 50; sofrer as privações com alegria 131 132; manifestá-la sem gracejos 386; humor inalterável 650 (cf. *tristeza*).

Almas: amor a elas 155-156; defensor daquelas que o Senhor lhe confiou: 664 e 665; versículos do *Te Deum* pedindo a salvação do próximo 661; sua salvação, finalidade de seus livros 325; trabalhos por sua salvação 752; as convertidas são alimento agradável a Deus 753; novenário de almas, nome que dava às missões 468 (cf. *apostolado, zelo, missionário*).

Amizade: vantagens da boa amizade 61; entranhável com o Fortián Brés 84; com Balmes 856; não confiar demasiadamente nos amigos 73-75; fugir das más companhias 53; não tolerar as particulares 612.

Amor: *Seu objeto:* Deus, Jesus Cristo, Maria, o próximo 438-448; sua necessidade 438 439 441; para o sacerdote e missionário 440-442; comparações: como o fogo no fuzil 439; como o fogo no trem e no barco a vapor 441; *meios:* mandamentos, conselhos, fidelidade às inspirações, mediante bem-feita 442; oração contínua 443; com fome e sede de 444; comparação do faminto e sedento 444; *afeto:* a Deus Pai 444-446; a Jesus Cristo 446; pede um amor mais ardente 665; pede por Maria amor a Deus e ao próximo 447; definição (Santa Teresa) 254; é a essência da perfeição 651; a Deus 40-42 152 158 202-204 641 655; *efeitos:* zelo, porque ama a Deus, deseja que ninguém o ofenda e que todos o amem 16 17 158 641(cf. *zelo, gratidão, glória*) ; *meios:* deseja-lo 636 641; pedi-lo a Deus 657 755; de Deus a Claret: o Senhor lhe promete o divino amor 683; chama-o *Antoninho* 683; a Jesus 163 164 754; no atentado de Holguin 573 e 577; afeto 389; eficácia 660 389 (cf. *Jesus Cristo, Eucaristia*); a Maria 154-164 668; no atentado de Holguin 573 577 (cf. *Maria*); ao próximo: motivos: 213

488; ao necessitado 173 174; pecadores 8-17 205-212 214 233; *crianças*: carregam consigo o coração 325; visitava as escolas em Cuba 560; funda para elas um convento de monjas 561; anciãos 19 (cf. *almas, próximo*).

Anjo: defensor nas tentações 95; em Marselha 128; ministro dos homens, experimenta sua proteção 268; nas missões 464; dos reinos, povos, etc.: invoca-os nas missões 268; jaculatórias 269; devoção a São Miguel: patrono da Academia e da Livraria Religiosa 329 332.

Anjo do Senhor: reza-o sempre 47.

Animais domésticos: lições que tira deles 664-673.

Anônimos: proíbe lê-los e dar atenção a eles 613.

Apostolado:

- *causalidades*: contínuo 111; ação própria e confiança em Deus 274; múltiplo: prega, confessa, distribui a comunhão 589; oportuno e inoportuno: aproveitando todas as ocasiões 461 e 509 (cf. *conversas*).
- *fim e motivos*: tríplice: pecadores, justos, almas do purgatório 264-265; quatro motivos 202-213; eternidade do inferno 9-17 751; compaixão pelos pecadores 8-15; o pecado, ofensa a Deus 16 17; a fé como móbil 11; o pecado, ofensa a Deus: 16 17; caridade 158; especial providência de Deus sobre Claret 751.
- *meios e classe*: segundo inspiração de Deus 264; múltiplos 9 264-337; do exemplo se pratica com a modéstia 388-389; exemplo da rainha 620, da palavra nas excursões reais 639; oração, meio máximo 255 260-262 263 264-273; catecismo às crianças: 274-286; catecismo aos adultos 287-293; sermões 294-305; conversas familiares 334-336; exercícios de Santo Inácio 306-309(cf. *livros, escritor*); meio contra a impiedade 735; sua necessidade 708 735; dedica-se a escrever 637 640 779; distribui livros e folhetos 640 779, 792; medalhas, rosários, imagens, escapulários 337 339; com a medicina: 174-182; dos leigos 14 (cf. *cristãos*); *social*: é presidente da junta de amigos de Paris 571; entre os pobres: 562-567; a elevação econômica do obre favorece o seu bem moral 569; com os enfermos do hospital 571; com os presos 570-571 (cf. *ação social*); em suas missões e pregações (cf. em seu lugar); a cada necessidade seu remédio: blasfêmia, impureza 315-317; escreve quatro catecismos 285 (cf. *catecismo*); avisos a todas as classes sociais: 325 475 476; formação do clero: 326-327 (cf *clero, arcebispo, Escorial, ciência, monjas*); Livraria Religiosa 329-332 476 (cf. *Livraria Religiosa*); Academia de São Miguel 332 581; fundador dos Missionários 488-498 (cf. *Congregação do Coração de Maria, Missionários*); das

Religiosas do Ensino 561; Caixa Econômica 569; propriedade (granja) de Porto Príncipe 563-568.

Apóstolo: símbolo, Claret apoiado em um canhão 130; estuda as enfermidades sociais 357; ânsias de apostolado 113 638 728; entregue ao apostolado 153 156 161; de Maria 159 160 (cf. *Maria, Rosário*); do Rosário 677; da imprensa 705 (cf. *escritor, livros*; cf. *apostolado, zelo, missionário, pregador*).

Apóstolos: estímulo para o apostolado 223; seu zelo 223-224.

Arqueologia: seu estudo no Escorial 871.

Arcebispo:

- *Nomeação a aceitação:* circunstâncias 491 701 862; recusa aceitá-lo, razões 495; pede conselho 496; ocupações 497; aceitação 496 701; consagração, data e consagrantes 499 701 862; padrinho 84; recebe o pálio 500; ocupações 500 501.
- *viagem e chegada:* embarque 501; missão a bordo 509; chegada a Cuba 509; familiares 502; distribuição de cargos e trabalho 514; remuneração: diminui a do arcebispo 551; atividade com os sacerdotes que vinham de fora 608 (cf. *clero*).
- *atividades:* liturgia 527 543; crismas 515; matrimônios 572; dispensas matrimoniais 572; pregação 516; missão em Santiago 511; durante os terremotos 534-535; missões: na cidade do Cobre 517; Caney 516; Porto Príncipe 526; Manzanillo 528; outras missões 527-528; Irmandade da Doutrina Cristã 560; exercícios com seus familiares 513; ao clero de Porto Príncipe 525; propaganda de livros 544 e 545; visita pastoral 515; como a realizava 538; Visita Baracoa 540-542; atividades na primeira visita 544; dificuldades (cf. *viagens*); circulares e cartas pastorais 546-549 (cf. *pastorais*); profetiza os terremotos 528; e a cólera 535; restaura a catedral, o seminário e o palácio 533; com os enfermos durante a cólera 537;
- *Perseguições:* primeiros desgostos 518-520; na rebelião de Porto Príncipe 521-523; outras rebeliões 523 524; inimigos da Espanha: ele lhe provoca mais danos do que o exército 524 (Cf. *Espanha, política*).

Atenção: propõe-se observá-la em tudo que faz 790.

Atentados: o de Holguín 573-584 701; o de Altagracia 586; em Madri 688 (cf. *perseguições e calúnias*).

Austeridade: máxima sobre ela 745; levanta às três da manhã em Madri 637; na comida e na bebida 703 (cf. *mortificação, descanso*).

Autobiografia: finalidade e mola 1; suas partes 2.

Avisos: por que os escreve: 475; às monjas 313; aos sacerdotes 475; às jovens 314; aos pais de família 314; às crianças 314; às monjas 313; aos jovens 314.

Bailes: no Palácio 770; fonte de corrupção 458.

Batina: cf. *hábito eclesiástico*.

Batismo: felicidade em administrá-lo (Santa Rosa) 239; à infanta Conceição 634; seu batismo 4 701; seus padrinhos 5.

Bebida: cf. mortificação.

Becas: meio de apostolado (Santa Rosa) 240

Bênçãos: meio de mover à piedade 338.

Benedictinos: de Navarra 129 133 134.

Benefício: na comunidade de Sallent 90-91; cura em Sallent 701 858; renúncia ao cargo em Viladrau 174 (cf. *Sacerdote*).

Beija-mãos: no palácio 772.

Bíblia: afeição 113-120, 132 e 151; leitura diária 637 645; alavanca de seu apostolado 113-120; ouvia nela a voz de Deus que chamava 114 120; o Senhor declara o versículo *Spiritus Domini super me* 118; prefere a sua leitura à dos periódicos 399; reparte bíblias 779.

Bispos: sua intervenção na eleição deles 630 (cf. *arcebispo*).

Blasfêmia: proliferava, parecia que os demônios se haviam disseminado por Doda a terra 316; castigo exemplar 773-774; meios contra ela: a Congregação contra a blasfêmia 701; a imprensa; a imprensa contra a blasfêmia 316.

Bondade: Cf. *caráter, caridade, mansidão, humildade*.

Bom dia (o): livrete de que Claret gostava muito.

Burrico: ensinamentos 666-669.

Cachorro: ensinamentos 670-673.

Caixa Econômica (montepio): funda-a na arquidiocese de Cuba 569 (cf. *ação social*).

Calúnias: suportá-las 653 667; alegre-se com elas 628 745; silêncio 745 853 867; resignação 798; amor a elas: o Senhor infundiu-o nele 679; causas das calúnias em Madri 628; classes 798 863-866; efeito 729; meio apostólico: para a salvação das almas 752; perdoa e ama seus caluniadores 628; sofre muitas no começo de cada missão 352; a propósito do matinês 477 (cf. *atentados, perseguições*).

Caminho Reto: o livro mais difundido e que mais conversões causou 323; já está na edição de número trinta e nove 476; é lido na corte 616 (cf. *escritor, livros*).

Canárias (Ilhas): viagem 701 861; modo providencial de ira até lá 478; missões: nas praças 481; confissões: método 482; conclusão da missão e recepção em outro povo 483; rasgos no capote 486; exemplo por não ter ido a pé 484-485; retorno à península 486 701; louvor a Deus 487 (cf. *missões*).

Canto: primeiras folhas volantes 315.

Canto eclesiástico: por que editou este livro 327; (cf. *liturgia*).

Capelanias: corrige os abusos na diocese de Cuba 558.

Capuchinhos: colaboradores 595 589 601.

Caracóis: símbolo dos pescadores 290.

Caráter: alegre 50; naturalmente bom 18-19; nunca brigou 50; confiado 73-75; compassivo (cf. *compaixão*); observador 142-150; tranqüilo nos perigos 123 124 131 132 (cf. *equanimidade, talento, tranqüilidade, vontade*).

Cárcere: prega nele 165 (cf. *presos, ação social*).

Cargo: não busca lucro pessoal, mas que perde 635 636; cumprimento sem respeito humano 652 (cf. *arcebispo, dever*).

Caridade: para consigo mesmo 655-658; pede à Virgem 749; pede a Deus 657; para com os outros: estimas dos demais 750; da língua: não suporta conversas contra a caridade 399; protege o assassino em Holguín 583-584 (cf. *atentado*); para com aqueles que o molestam 786; com os que o caluniam 853 867 (cf. *calúnias*); com os sacerdotes que vinham de fora: hospitalidade 608; visita os enfermos 637; visita os presos 637; socorre os pobres 562-567; roga pelos demais: 645 659 663; aceita ir a cavalo 484; a caridade convence 135; impele-o 211-212; terna: a de Jeremias 216; heróica a do pároco da caridade de Cobre 537; caridade da rainha 620.

Carismas: para o bem da Igreja: 181.

Carmelitas: de Roma 137.

Carmelitas da caridade: cf. *Terciárias*.

Carmo: confrade 94; devoção 765 (cf. *Virgem do Carmo*).

Carne: não come nunca, nem como missionário nem como arcebispo 405 703 (cf. *comida, mortificação*).

Carreira: fim da sua 104 105.

Cartas: da rainha a Claret 840; do Papa à rainha 841-844; do Núncio a Claret 845-851.

Cartuxo: desejo de sê-lo 77-82, 88 89 499; meio para tirá-lo do mundo 113; que faziam para conseguir vocações 793.

Castidade: pedi-la a Deus 657; sua grandeza: critérios para valorizá-la 417 418; tentação e perigos 72 95-98; meios para conservá-la: recorrer a Maria 72; a Virgem o livra de uma mulher fútil 701; cautelas: fugir das conversas maliciosas 53; jamais deita na cama sem estar com sono 637; amor ao trabalho (cf. *trabalho*); trato com mulheres 393 394 397; com as armas dos sacerdotes 395; com as cubanas ao confirma-las 396; virtude apostólica 686; livre tentações 96 98 394 (cf. *modéstia, mortificação, impureza*).

Catalães: busca-os em Roma 137 138.

Catecismo: assistência e afeição 23-26; não faltava 39; seu ensino 106 109 284; explicação 170 284; ensina-o em Cuba 562; manda que o ensinem 559; aprendê-lo de cor: 26 27; sabia de cor 23, 26; Irmandade da Doutrina Cristã 560; método de Claret 286; os seminaristas ensinam 560; ensiná-lo pela ruas 560; livros para diversas idades 285; Catecismo explicado: primeiro livro da Livraria Religiosa 476; utilidade e necessidade de sabê-lo 26-27; meio contra a impiedade 735; fundamento de toda instrução 275; meio apostólico mais eficaz para os adultos 287; em todo tempo e pregação 288; aos presos em Cuba 570; às crianças: toda a vida 284; a primeira coisa que fazia nas missões 275; eficácia na criança 275; o exemplo de Jesus Cristo 276; dos apóstolos 277; São João de Ávila e seus discípulos 280; dos santos e doutores 277-283; Irmãos da Doutrina Cristã 282; ensina-o à infanta Isabel 614; desenho para o catecismo 56; o catecismo único 799.

Céu: busca-o 636; fala dele quando está aflito 465; glória dos bem-aventurados 244; desgraça da perdição (Santa Teresa) 237 253.

Ciência: pede-a a Deus 657; promove a ciência sacerdotal: três conferências semanais 554 (cf. *arcebispo*); sacerdotes sem ciência: casos 811-814; sozinha não basta 190-191 (cf. *Escorial, missionário, sacerdote*).

Cigarro: ver tabaco.

Cilício: três dias por semana 644 780; dias que o aplica 740 758 (cf. *mortificação*).

Claret (Santo Antonio Maria): seu nome completo 5; por que o chamam *Padre Claret* 860; cargos paroquiais 858; conduta em Sallent durante o exercício do ministério 858; amizade com Balme 856; conselheiros de suas obras: Caixal e Palau na Livraria Religiosa 476; aflições pela Itália 845; restaurador do Escorial 869-870 (cf. *arcebispo, confessor, escritor, missionário, sacerdote, missionários claretianos*).

Claret (em relação a Maria): é filho 270; ministro formado por ela 270; devoto e apóstolo de suas dores 266; apóstolo de sua devoção 668.

Clero: sua formação 735; necessidade de sua formação 735; comportamento na doença da cólera 537; interesse por ele 326; providências para seu decoro e dignidade 553 554; pastoral

ao clero 547 548; sermões e exercícios espirituais 638 704; interesse por sua economia 551-552; calúnias dos maus contra ele 730-733 (cf. *colegial instruído, sacerdote*).

Confrarias: às que se alistou 94 (cf. *Congregação*).

Colaboradores: conselheiros na fundação da Congregação do Coração de Maria (Claretiana) 488 489; Caixal e Palau na Livraria Religiosa 476; em Cuba: vida, qualidades e apostolado 591-605; suas virtudes 606-607 (cf. *familiares*).

Colegial Instruído: contém o método catequético de Claret 286; por que o escreveu 326; aprovado por Jesus 690.

Cólera: anúncio profético 535; efeito da misericórdia de Deus 536; comportamento do clero 537 (cf. *profecias*).

Comédias: no palácio 769.

Comida: tempo e número 646; como se fazia em Cuba 610; mortificação: razões 403 759-761; retidão de intenção nela: 774 798; moderada: 135 745; o que lhe apresentam 405; abstinência de carne, vinho e licores 405; pobre 132; modos de mortificação no palácio real: edificação 408 409; de joelhos 146; recomendação de Jesus e de Maria sobre a mortificação dos Missionários 406; exemplo que confirma a oportunidade esta recomendação 407 (cf. *jejum, mortificação*).

Compaixão: inclinação natural 9-10; dos demais 129 150; dos pecadores 205-212; pelos que choram 173; pelos trabalhadores reprimidos 32 (cf. *almas, caráter, zelo*).

Companhia de Jesus: 306 591 594 599; conceito de grandeza que ele tinha 140 141 152; entra nela 139 141; vestição do hábito 141; estadia nela 139-167; saída 165-167; o superior geral 141 166 167; espiritualidade 142-151; mortificação máxima 145 146; mortificação sem pedir 149-151; mortificação oculta 148; nela ele aprende a pregar retiro (e exercícios espirituais de Santo Inácio) 152; a graça de tê-la conhecido 152 (cf. *Jesuítas*).

Companhias: cf. *amizade*.

Comparações: facilidade e oportunidade em encontrá-las: dom de Deus 299; seu valor esclarecedor 298 299; as naturais: chama a atenção dos ouvintes 297; referentes aos castigos: terremotos e cólera 535; o fogo no fuzil 439; o fogo na locomotiva e na máquina a vapor do navio 441; zelo pelas almas 12 14 158 207-209 211; zelo verdadeiro: a galinha 380; zelo pela glória de Deus 17 158 203 204; a direção espiritual: o serralheiro 342; as distrações: roda veloz 67; a dor de Jesus 425; a espiritualidade intensa 665; humildade: moinho sem água, jogar-se em um poço sem poder sair, pedra sobre edifício 344 346 350; a humildade raiz, a mansidão fruto 372; oração: faminto e sedento 444; a mansidão: os peixes 373; os pecadores: como os caracóis 471; como as noqueiras, não dão frutos senão a pauladas 536; as verdades

da religião: botões de rosas 26; criado velho a serviço de Maria 43; tristeza: é um lastro contra a vaidade 353; vaidade: a galinha que cacareja 354 401; pobreza: corda curta da harpa das virtudes 370; de várias virtudes 336.

Comunhão: primeira: 38; quatro vezes por semana: 86; por apresentar o Filho ao Pai, pedindo por todos: 265.

Comunismo: primeira 38; quatro vezes por semana 86; por apresentar o Filho ao Pai, pedindo por todos 265; da primeira à infanta Isabel 614 (cf. *Eucaristia*).

Comunismo: castigo do mundo 685; princípios 719-727; erros que semeia: danos que causa, efeitos, meios de propaganda 717-728; calúnia aos sacerdotes 729; mal da Espanha 695.

Concupiscência: tríplice, domina o mundo mais do que nunca 357.

Condecorações: lhe causam pena 632 633; de Isabel a Católica 632 701; de Carlos III 633 (cf. *desprendimento*).

Conferências: prega às de São Vicente de Paulo 304 638 639 704.

Confessionário: tempo que dedica 775 801; cansaço do confessor, mais do que dos penitentes 200.

Confessor: assíduo 637 646; efeitos do que não tem mansidão 377; confessa muitas damas (do palácio real) 616; dos criados (empregados) do palácio 778; da infanta Isabel 614 616; uma mulher vai confessar-se com ele apesar da nevasca 827; confessor real: eleição 587 588; comunicam-lhe a nomeação 614 701; sai de Cuba e vai para a Espanha 588.

Confirmação: a administração em Cuba 515 586 (cf. *arcebispo*).

Confissão: semanal 107; geral com o padre Bach 85; duas vezes por semana 86; propõe-se confessar-se pelo menos uma vez por semana 644 740 780; as primeiras como sacerdote 103; afeição em confessar: todo tempo que sobrava 304; confessa diariamente 763; não perder tempo nelas 263; método empregado nas Canárias 482; conversões 763; conversão de uma mulher 828; conversão de um de seus caluniadores 829; não gostava de comentá-las ou que os outros o fizessem 402; prevenção e ataques contra a confissão 811 812.

Conformidade: com a vontade de Deus: cf. *vontade de Deus, resignação*.

Congregação do Coração de Maria: título 1 492 686 852; fundação 488 701; exercícios (retiros) 490; local: seminário de Vic 488; conselheiros: Soler, Casaedeval 488 489; co-fundadores: nomes e qualidades 489; todos perseveraram 490; primeiros dias 491; ação de graças a Deus 492; ao Coração de Maria 493 aviso sobre o aumento das vocações 793-795 (cf. *Missionários Claretianos*).

Congregado: e confrade 91 94.

Conselhos evangélicos: jaculatória 269 (cf. *pobreza, castidade, obediência*).

Conselhos ou avisos espirituais: seu primeiro livrete 313 (cf. *avisos*).

Consolação: nos trabalhos nas Ilhas Canárias 486; espirituais que o Senhor lhe concedeu 675; seu consolo é Jesus.

Consolo de uma alma caluniada (o): opúsculo 789.

Contemplação: todas as coisas o elevam 336 (cf. *mística*).

Conversas: ociosas, descartava-as 399; contra a caridade 399; espirituais 153; familiares: fazem muito bem 334; aproveita todas as ocasiões 335 336; junto ao fogo, converte um pároco falando-lhe do inferno 335; simbolismo das flores, árvores 336; viagens: seus efeitos 336.

Consciência: delicada 28.

Conta espiritual: a seu diretor 575-767 768-774 775-779 796-801 (cf. *direção espiritual*).

Convites: como se comporta diante deles 408 409; no palácio 771 (cf. *corte, mortificação*).

Coração: terno e compassivo 9 10 31 (cf. *caráter, compaixão*); de Jesus 94 (cf. *Jesus, Jesus Cristo, Eucaristia*); de Maria 488 492 493; forja e instrumento de amor 447; uma mulher se converse durante a novena ao Coração de Maira 830; graças ao Coração de Maria por sua Congregação 492-493 (cf. *Congregação do Coração de Maria*).

Correção: modo de aplica-la, graça especial 33 34.

Corte: reforma moral 769-772; desejos de deixá-la 621 623 625 632 762; causa desse desejo 622; Deus quer que ele continue nela 623; conduta edificante e renovação 616; torna-se um martírio 620 e 621; o Senhor manda que se retire 832; abandona-a 837-838; conselho do núncio 845-851; resolve não retornar a ela 852 (cf. *rainha*).

Criança: infância exemplar de Antonio 22 25-29 50 53; modelo na devoção à Virgem 43-55; conservar sua inocência é um grande tesouro 276; conquistaram o coração 325.

Cristãos: sua infidelidade (Santa Teresa) 256; não são de melhor condição que o Mestre 257; sem zelo não se explica que o sejam 14; orar pelos justos, pecadores e almas do purgatório 265-267.

Cruz: é sua glória e deseja morrer nela 658 (cf. *atentados, calúnias, perseguições, adversidades, condecorações*).

Culto: cf. *liturgia*.

Cultura: trabalha em Cuba para seu aumento 566; fomenta-a entre os presos 571 (cf. *arcebispo, ação social*).

Curas: por seu intermédio 170-175 177-178 179-182 183-191 (cf. *enfermos*).

Defesa: não quer defender-se das calúnias 867; defendem-no 853-858; suas razões 868-869; no “Le Monde” 869-872 (cf. *calúnias, perseguições, atentados*).

Delícias do campo: livro 568.

Demônio: seus artifícios 184; invejoso e soberbo 273; influência (Santa Teresa) 189 247; tentações 87; odeia e persegue a Claret 585; perseguições 462-463 (cf. *perseguições*); luta 101 (cf. *possessos*).

Desamparadas: prega-lhes exercícios espirituais 800.

Descanso: pouco tempo 745; quanto tempo 645; em Madri levanta às três horas da manhã 637; hora de levantar 801; sesta 646; mortificação 757; hora de deitar 646; retidão de intenção 744 789 (cf. *sono*).

Desenganos: suas vantagens 77 (cf. *adversidades, mundo*).

Desenho: aproveitou-se dele 56 (cf. *catecismo*); premiado várias vezes na Lonja 855.

Desprendimento: do mundo: das grandezas humanas 662; nada lhe agrada do que é daqui 624; não o quer 636; não pediu nenhum benefício por seu cargo de confessor da rainha 625 632; na corte 632-636 (cf. *condecorações, corte, mundo*).

Desprezos: busca-os 666; pede-os ao Senhor 748; à Virgem desejá-los 749; pela conversão das almas 752; resignação 785; que e a quem se deve desprezar (São Luís Bertran) 651 (cf. *humildade, calúnias*).

Destinos: nunca os procura 624 (cf. *obediência, missionário*).

Deus: atributos: digno de amor 202; proclama sua bondade 641: sua glória 703; é tudo para ele: afetos 444 445 658; Pai 136 (cf. *Jesus*); Pai amantíssimo 158; bom Pai 16 17 40; Pai ultrajado 203 204; pede-lhe o conhecimento 743; pede-lhe que o faça amar 743; amigo de seus amigos, tratará seus inimigos como ele disponha 671; pede poder servi-lo 743; cumprir sua vontade 136 194; louvor (jaculatórias) 269 444 445; louvor à sua misericórdia e bondade 322; deve louvá-lo e fazer que o louvem 653 664 708; oferece-se ao Senhor como vítima, aceita-o 698 (cf. *gratidão, glória, vontade de Deus*).

Dever: cumprir com resignação 667; não temer ante seu cumprimento 652 (cf. *apostolado, zelo, missionário, estudante, trabalhador, cargo*).

Devoção: desde pequeno 36 (cf. *piedade, devoções*).

Devoções: particulares 654-663; seu número 765; cada dia 646 801; tempo em que as cumpre 765; em Cuba 610 (cf. *Maria, rosário*).

Direção espiritual: suas vantagens 69 70; a prática 757-767; exerce-a por mandato do Senhor 678; comparação do serralheiro 342 (cf. *conta espiritual*).

Diretor: de almas: pedir luz ao Senhor 191; eleição 85; aconselhar-se 121; consultá-lo sobre a vocação: 88-90; obedecê-lo 81 82; presta conta 757-767 (cf. *direção espiritual, conta espiritual*).

Discernimento: de espírito 184-191.

Disciplina: três vezes por semana 644 740 758 780.

Distrações: origem 67; modo de vencê-las 67.

Domingo: o dia de mais piedade 39 40 47 48.

Dominicanos: religiosos 86 839.

Domínio próprio: cf. *humildade, mansidão, medéstia, mortificação, doçura, caráter, caridade*.

Dor: atos 655; por suas vaidades passadas 341; pelos males da Igreja na Andaluzia 728; pede-a mais veemente 655; concedida pelo Senhor 681; a Virgem pede que se arrependa 676 (cf. *perdão*).

Dores de Maria: devoção 765; sua imagem no braço depois de ferido em Holguin 580; confraria 94; setenário 298; nome que dava às missões 468 (cf. *Maria*).

Doutrina cristã: Congregação 281; Irmãos 282 (cf. *catecismo*).

Educação: respeito ao alheio 28; recebida de seus pais e mestres 22-29; do pregador 385 (cf. *psicologia, pedagogia, mestre*).

Ego sum: grandes conhecimentos sobre esta frase 681-682.

Embriaguez: seus perigos 18656.

Empregados do palácio: sua conduta 778 (cf. *corte, rainha*).

Enfermidades: providenciais 166 167 182; suportá-las 653; regressa de Roma por causa da 859; enfermo pelo reino da Itália 837-838 (cf. *adversidades*).

Enfermos: visita-os 110; visita-os diariamente 170 173; em Madri visita-os no período da tarde 637; só morrem na sua ausência 173; são levados a ele como a Jesus 180 181; prega-lhes à parte 474; prega aos enfermos do hospital geral de Madri 479 (cf. *médico, caridade, ação social*).

Entrega: se oferece ao Senhor para a conversão das almas 788 (cf. *zelo, apostolado, missões*).

Equanimidade: propósito de mantê-la 650; imitar a de Jesus, Maria e José 650 (cf. *caráter, mansidão, tranqüilidade*).

Equilíbrio: cf. *caráter, equanimidade, tranqüilidade*.

Escapulários: doa e ensina o modo de usá-los 337; opúsculo sobre o azul celeste 339 (cf. *apostolado, missões, medalhas*).

Escolápias (Irmãs): prega exercícios espirituais 800.

Escorial: é nomeado presidente: data 701; aceitação daquela cruz 636; seu restaurador 869-872; plano de estudos 870-871; nível intelectual 872; modelo de seminário 870 872; pretende renunciar 636; tribulações que este cargo lhe proporciona 636.

Escritor: o Senhor pede que ele escreva livros 678; ocupação muito importante 640; escreve livros e folhas volantes 637; o catecismo 799 (cf. *catecismo*); alguns de seus livros 779 798 799; seus escritos chegam a todas as partes 640; caluniado em seus escritos falsificados 865 866 (cf. *apóstolo, apostolado, arcebispo, livros*).

Escola: pontual e aplicado 22.

Esmola: generosidade 133 134; aos presos de Cuba 570; aos pobres do hospital 571; a melhor: presentear livros 328.

Espanha: sentimentos espanhóis 129; seus males 695; remédios 695 696; a Igreja espanhola diante da maçonaria 869; regressa a ela de Roma 859 (cf. *arcebispo, política*).

Esperança: espera e pede mais 655; a sua é Jesus 754 (cf. *Jesus*).

Espírito apostólico: cf. *zelo, missionário*.

Espírito Santo: está sobre Claret 118; amor de Maria a ele a56; tem como esposa a Maria 162; nos consola e santifica 273; os apóstolos receberam seu fogo 439; apareceu em forma de língua de fogo em Pentecostes 440; dado pelo Pai a que lho pede 443; é dedo de Deus 609; ensina a falar pouco, fazer muito e louvar sempre a Deus 653; o que lhe diz 664; está sobre os missionários 687.

Estampas: distribui à crianças 275; em Cuba durante as visitas 545; frutos de sua leitura: conversão de um pecador 707 (cf. *apostolado, zelo, missionário, escrito*).

Estilo: encanta-lhe o de Jesus 222; simplicidade e clareza nos sermões 297; o de Claret, pitoresco 123 124 131 132 (cf. *missionário, comparações*).

Estudantes: aplicação 59 88; humildade 92; necessidade da piedade 92; prega a eles nas viagens com a rainha 639 (cf. *exercícios espirituais, retiros, clero, missões, sacerdotes, estudo*).

Estudo: aplicado 87; até ficar doente 89; dedica-se a ele em Madri 637; ocupa-se com ele 764 801; importância: é uma das asas da pregação 665; retidão de intenção 744 789; plano de estudos do Escorial 870-871 (cf. *trabalho, ciência*).

Eternidade: primeiras idéias 8-15; pensa nela 701 (cf. *inferno*).

Eucaristia: Jesus obediente ao sacerdote 163; todas as virtudes resplandecem nela 428; sua devoção 690 698; as funções que mais lhe agradavam 37 39; primeira comunhão 701; exemplo do Beato Diego de Cadiz 228; meio apostólico: na missa e comunhão oferecer o Filho ao Pai, rogando pelos justos, pecadores e almas do purgatório 265; efeitos: comunhão,

fonte de apostolado 163; remédio de todos os males de Espanha 695 696; fé viva: sensibilidade à presença de Jesus 767; práticas eucarísticas: as quarenta horas 801 839; participa da exposição do Santíssimo 39; jaculatória 269; graças eucarísticas: conservação das espécies sacramentais 694; a Virgem o confirma em tal verdade 700; Jesus sacramentado lhe diz: “Irás a Roma” 839 (cf. *comunhão, Jesus, mística*).

Evangelho: ânsia de pregá-lo 638; sua eficácia 68 (cf. *apostolado, zelo, missionário*).

Exame particular: pratica-o 742; em Madri 637; tempo 646 801; do amor a Deus 801; da humildade: durante quinze anos 351; da mansidão 746 782.

Exemplo: dos santos 214; seu poder 23 45 53; arrasta 144 146 226 227 228 243; apostolado nos convites 408 409 (cf. *apostolado*).

Exercícios espirituais: para ordens sagradas 102; Inacianos 306-309; aprendeu-os na Companhia de Jesus 152; recebe um exemplar do padre Diertins e o reimprime em Vic 307; iniciá-los com ânimo 165; modo de fazê-los: conduta edificante no palácio de Cuba 611; como os praticava com seus familiares 513; fruto: não levar em consideração o fervor sensível 102 142; fruto mais duradouro e sólido que as missões 309; iniciaram-no e o alentaram na humilde 342; seus frutos 737-738; meios para assegurar seus frutos: livros e folhas volantes 745; meio poderoso para a conversão dos sacerdotes 308; Claret, exercitante assíduo: anuais desde estudante 92 107 138 611 644 740 780; diretor: dirige-os a várias categorias 800; a toda classe de pessoas 305; ao clero: aconselha praticá-los 553; prega ao clero de Vic, Barcelona, Gerona, Tarragona 308 491 497; sempre que podia 474 (cf. *missionário*); ao clero de Cuba anualmente 512; ao de Porto Príncipe 525; ao da Bayamo 528 (cf. *arcebispo*); ao de Madri 638; ao das Canárias 480; à comunidade e seminaristas no Escorial 737; a Rainha os faz anualmente 615 768 778; a rainha os propaga 615; a infanta Isabel faz dez dias 614; as camareiras e funcionários têm um exemplar 616; as damas da corte os fazem a cada ano 778; aos sócios das conferências de São Vicente de Paulo 638; aos homens e mulheres 309; às monjas: afeição e pregá-los 263; às de Madri 638; às Adoradoras, Escolápias e às Terciárias 776 800 (cf. *monjas, religiosas*).

Exorcismos: antes das missões 273; prudência em praticá-los 183-191; vinte sacerdotes enganados 190 (cf. *possessos*).

Fama: mais apreciável que o dinheiro 75.

Familiares: em Cuba 502-517; vida, qualidades, apostolado 591-605; as almas 108 (cf. *colaboradores*).

Favoritismos: não os busca no palácio 632-636 (cf. *condecorações*); as pessoas buscam, sendo confessor real 626 627; sofre quando é assediado 637; nega-se a interceder por outros 626 627; vence-os nas audiências 764-792.

Fé: a sua 655; pede-a constantemente 655; Senhor concede-a 681; efeitos nos corpos 181; seu fundamento 27; motivo apostólico 11; danos pela sua perda 157; na Providência 420 423; na Eucaristia: torna-se quase sensível 767.

Fervor: na ação 653; esfriou-se nele 82; como os trabalhadores da vinha 582 (cf. *piedade*).

Fidelidade: no serviço e no amor a Deus 670 (cf. *amor, Deus*).

Filho pródigo: tema de sermão 296.

Filhos: colaborar com os pais na sua educação 25-29 (cf. *pais, mestre*).

Filhos do Coração de Maria: cf. *Missionários claretianos, Congregação do Coração de Maria*.

Filiação mariana: cf. *devoção, Maria*.

Filipenses: seus conselheiros 69 81 121; nos momentos críticos 85.

Filosofia: no Escorial 870 871.

Finezas de Jesus sacramentado: o bem que lhe fez a leitura desse livro 37.

Física: gabinete em Cuba 566; facilidade para ela 59 60 62.

Fogo: símbolo do zelo 439-441.

Folhas soltas (volantes): critério para escrevê-las: difunde-as com profusão 318; eficácia 705; conversão dos réus de Vilafranca 322; eficácia 707; conversão de um grande pecador 319-320; por essa conversão dá por bem empregados todos os gastos e trabalhos de impressão 321 (cf. *livros, escritor, apostolado*).

Funções: as que mais lhe agradavam 37 (cf. *Eucaristia*).

Fundador: da Academia de São Miguel 581 (cf. *Congregação do Coração de Maria, Religiosas do Ensino, Livraria Religiosa*).

Fusimanha (Virgem de): sua grande devoção 49 501.

Galinha: símbolo da vaidade 401.

Galo: seus ensinamentos 664-665; símbolo do pregador 648.

Glória: na cruz de Cristo 658; a sua é Jesus 754; de Deus: externa 42 152 158; zelo devorador 153; tudo para Deus 299 476 582 648 761; finalidade de sua Autobiografia 1; de seus livros 325; nas orações 162; de seu apostolado e de toda a missão 202-204 264 267; finalidade do missionário 202-204 (cf. *apostolado, zelo, missionário*).

Gosto: mortificação 410 653; seguir o dos outros 29 (cf. *mortificação*).

Graça: busca-a 636; pede-a a Deus 657; jaculatória 269; necessária para as boas obras 680; reconhece a necessidade de ser enviado 198 (cf. *humildade, mística*).

Gratidão: a Deus (Santa Teresa) 250; pelos seus benefícios 21 35 54 112 125 136 169 191 203 613; por conhecer a Companhia de Jesus 152; pela missão de Canárias 487; pela Livraria Religiosa 331; pelos colaboradores de Cuba 606; pela saúde e robustez em seus trabalhos 305; pelo restabelecimento de sua saúde 586; pelo atentado de Holguín 584; pelos desenganos 76; pelos castigos 536; pelas enfermidades 182; por tê-lo humilhado 82; pela humildade 356; pela ajuda a ser humilde nas missões 354; pela repugnância de estar na corte 624; à Virgem 55 76; ao Coração de Maria pela Congregação 492-493 (cf. *Deus, Jesus, Maria*).

Guerras: anuncia-as 685 (cf. *profecias*).

Hábito eclesiástico: exige-o em Cuba: castigo aos contumazes 553 (cf. *clero, sacerdotes*).

Heresias: devem ser destruídas todas 155 (cf. *apostolado*).

História sagrada: sabe-a de cor e a conta 24 (cf. *Bíblia*).

Homem: motivos de suas ações: dinheiro, honra, prazer 200-201.

Honra: o que move o homem 200 2001.

Horário: projeto de vida 644-650; distribuição do tempo em Cuba 610; em Madri 637 644-650 681; de cada dia 645 e 646.

Hospital: confessa nele 165; no Hospital Geral de Madri, antes de ir a Canárias 479 (cf. *arcebispo, missionário, pobres*).

Humildade: consiste em conhecer a própria dependência a respeito de Deus e alegrar-se disso 347; fundamento das virtudes 341; filha da pobreza 666; primeira virtude para produzir fruto 304-356; relação com a mansidão 372; sua necessidade e utilidade 796; edifica 133-135; sua elevada opinião a respeito dos demais 34 142 750; confessa seus fracassos na mortificação na alimentação 759-760; propõe não falar nunca de si mesmo 787; obediente, ainda que com sentimento 1; os doze graus de São Bento 355; terceiro grau 130 419 699 761; motivos 130; privações 132; Jesus Cristo modelo e estímulo 421-427; propõe aceitar tudo, movido pelo exemplo de Jesus 427 750; propõe-se cumprir o prometido 649; indiferença no trabalho 651.

- *Fundamentos:* conhecer a Deus e a si mesmo 343; dependência com respeito a Deus 18; faz propósitos confiando na ajuda da graça 642; deve tudo a Deus 703; necessita da graça para agir bem 680; conhecimento próprio: seu ser natural é de Deus 344; seu ser sobrenatural depende de Deus; por si nada pode 345 346; é terra e como tal deve ser pisado e calcado 680; só merece confusão 703; conhecimento prático 348; nada são nossas obras (São João Crisóstomo) 653.

- *Modelos e meios*: imita o exemplo de Jesus 356; humildade de Jesus e de Maria 659; como Deus e ele trabalham para consegui-la: comparação com o serralheiro 342; busca e deseja humilhações 666; os sacerdotes devem buscar o último lugar 631; pede-a a Deus 657; e à Virgem 749; como o Senhor o ajuda a ser humilde nas missões: no início com calúnias e no final com tristeza 352 353; gratidão pela ajuda de Deus 354; exercícios espirituais, frequência dos sacramentos, humilhações 342; leituras ascéticas e vidas dos santos 350; exame particular 341 342; durante quinze anos 351; atos de humildade 146; pratica-a com os sacerdotes 608; nos exercícios de Cuba 611; em nosso agir (São João Crisóstomo) 653; indiferença no agir 651.
- *Efeitos*:
 1. *Sentimentos para com Deus*: reconhece os favores recebidos de Deus 21 35 54 55 65 76 152 (cf. *gratidão*); tudo recebeu de Deus 299; servo do Senhor 656; a ele a glória; atribui-lhe suas qualidades 58 (cf. *glória*); seus triunfos apostólicos são de Jesus: comparação com o burrinho 669; a ele atribui seus êxitos e empreendimentos 704; atribui o resultado do ministério a Deus e à Virgem 800; dá glória a Deus pelo fruto de seus ministérios 803.
 2. *Sentimentos para consigo mesmo*: baixo conceito próprio ao comparar-se com os jesuítas 140 141; confusão própria comparando-se com os anos de sua infância 36 38 43; confessa-se o primeiro e o maior pecador 663; consciência de ser pecador 664; compara-se com o asno 666; considera-se o último entre os co-fundadores da Congregação 489; conceito próprio com relação à dignidade sacerdotal 585; e de arcebispo 495; deseja apagar da Autobiografia a graça da conservação das espécies sacramentais 700; trata que se dá a si mesmo 750; ante suas faltas 796; escolhe o mais abjeto 649.
 3. *Sentimentos relacionados aos outros*: aprende deles 140 146; em virtude 606; considera-os melhores 34 142; considera-os superiores 750; foge das honras: não lhe agrada a vida palaciana 620; sente repugnância e desgosto das grandezas humanas 622; propõe-se nunca buscar louvor para si 648; quer renunciar à nomeação de arcebispo 852; valente: em todas as situações se apega a Deus 161-163 788; valente (Santa Teresa) 255; sentimentos de humildade 272 273; sente-se capaz de todos os sofrimentos, ajudado pela graça 752.
 4. *Prêmios*: o Senhor exaltou-o na terra 694; exaltou-o ao conceder-lhe a graça da conservação das espécies sacramentais 694; Deus se vale dele para grandes coisas 181

182 703 704; vale-se dele para escrever livros 324; prêmio eterno da humildade (Santa Teresa) 244 245.

Humilhações: quando seu amigo foi encarcerado 75; vantagens delas 82; resignação nelas 785; propõe-se a ver nelas a vontade de Deus: como as procurava 420 (cf. *adversidades*).

Idéias: as primeiras sobre a eternidade 8-15.

Igreja: nunca se fixou nela 36; seu amor a ela 832 836.

Imaculada Conceição: seu mistério 154 157 273; sua festa no noviciado dos jesuítas 142 144 (cf. *Maria, Imaculada*); cartas pastorais: sobre ela 549 674 (cf. *conceição, arcebispo*).

Imitação: de Jesus 648 650; de Maria 650; de São José 650 (cf. *Jesus, Maria, José*).

Impaciência: propõe não deixar-se levar por ela 650; de São José 650 (cf. *Jesus, Maria, José*).

Impiedade: meios contra ela 735.

Imprensa: a arma mais poderosa para o bem e para o mal 310; (cf. *Livraria Religiosa, apostolado, escritor*).

Impureza: suas causas (casos) 804; danos da mesma (casos) 804; meios contra ela: escreve duas receitas 317; remédio contra este pecado: a oração “Ó Virgem e Mãe de Deus” 317 (cf. *castidade*).

Independência: guerra da 19.

Infanta: seu estudo 618; sua piedade 618; trabalho manual e jogos 618.

Inferno: sua existência 210; sua eternidade 8-15; motivo de zelo (Santa Tereza) 251; lugar terrível (Santa Teresa) 246; não se ode imaginar o quanto são terríveis os sofrimentos (Santa Teresa) 247-249; seu pensamento alivia as tribulações da virtude (Santa Teresa) 249-250; dor pelas almas condenadas (Santa Teresa) 257; colocar-se como porta 212.

Infiéis: amor e zelo 120 859 (cf. *missionários, Missionários claretianos*).

Inglês: um inglês dá-lhe esmola num barco 133-135.

Inimigos: perdoa-os como Jesus 867.

Injustiça: fugir dela e temê-la nos cargos e ofícios 652.

Instrução: desde a infância ao sacerdócio 855.

Intenção: cf. *retidão de intenção*.

Ira: suas conseqüências 185; propõe não deixar-se levar por ela 650.

Irmãs da Caridade: 265; instrumento providencial para a sua ida às Canárias 478; prega a elas 304 704; dezoito no barco “Nova Teresa Cubana” 503 506.

Irmãs francesas: prega-lhes exercícios 739.

Irmãos: número e nome dos seus 6.

Irmãos da Doutrina Cristã: 282.

Itália: reconhecimento do reino 834 835; dor de Claret 836 837; conduta de rainha Isabel II em face do reconhecimento 832 835; conduta de Claret 832-837.

Jaculatórias: algumas que rezava 269.

Jejum: duas vezes por semana 145; vigílias ao Senhor e à Virgem 644; três vezes por semana 740 759 780 (cf. *mortificação*).

Jesuítas: amizade com eles 94; colaboradores claretianos 591 594 599 (cf. *Companhia de Jesus*).

Jesus Cristo: atributos 195 222 265 660 752; amor para com ele 163 164 269 342 686; pensamento fixo nele 131; união com ele 756; doce padecer por ele 223 224 227; trabalha por ele 50 675 788; imita-o 421 423 642 648 650 679 752 867; é tudo para Claret 658 754 755; ideal de sua vida 130 221 222; seu mestre e guia 642 754 782; estímulo de seu apostolado 214 221 222; seu consolo e esperança 754 755; seu Redentor 663; seu fim 754; modelo de todas as virtudes 356 374 387 398 425-427 428-437; Claret se oferece 698; para levá-lo às almas 669 (cf. *Eucaristia*).

José (São): Imita-o em sua paciência 650, sua devoção para com ele 831; conversão operada por sua intercessão 688; prega em sua novena 776; padroeiro da Igreja 455.

Jovem: Claret exemplar 53; crise espiritual 66-69 81 85.

João de Ávila: exemplo para os pregadores 300-303.

Jogo: não tem afeição por ele 149; joga por obediência quando noviço 149; da infanta Isabel 618; seus perigos 74 75.

Laboriosidade: na corte 616-619.

Ladrões: livre deles 123-125.

Ladainhas: devoção particular 654.

Leitura: seus frutos 214 226 227 234; necessidade das boas (cf. *livros*); à mesa 87 610; a espiritual quando criança 25; durante as refeições 646; cultiva-a 801; sugere-a ao clero de Cuba no dia de retiro 554; livros que lê 746; graças recebidas na leitura 797.

Lei de Deus: jaculatória 269.

Liberdade: castigo do mundo 685.

Licores: abstém-se deles 405 (cf. *jejum, mortificação*).

Língua: mortificação 384 385 400-402 653 (cf. *mortificação*).

Línguas: latina 30 79; castelhana 57; francesa 57 871; alemã, árabe, inglesa, grega, hebraica: seu estudo no Escorial 871.

Liturgia: ensaia com os sacerdotes as funções da semana santa 527; impõe uma conferência semanal ao clero de Cuba 554; providências para a perfeição do culto litúrgico 552; funções da semana santa 543; canto eclesiástico 327; faz vir músicos a Cuba para atuar na igreja 552 (cf. *sacerdote*).

Livraria Religiosa: finalidade e atividades 329 476; fundação 702.

Livros: o primeiro que editou e sua história 313; critério para escrevê-los 314; como pode escrever tantos 324; os mais proveitosos 323; pequenos e fáceis de carregar 312; distribui-os por todas as partes 333 544 545; a melhor esmola 328; finalidade de sua publicação 42 312 325 328 475; são o alimento da alma 311; sua utilidade e necessidade 311; suas vantagens sobre a pregação 310.

Lonja: casa 56.

Loteria: tinha sorte 73 74.

Maçonaria: trama sua morte 688; contra Espanha católica 869 (cf. *atentados, perseguições*).

Mãe: criação dos filhos 7 (cf. *pais*).

Magnanimidade: sua prática 62; seu valor apostólico 134 (cf. *caráter, humildade*).

Maldição: efeitos, castigos, casos 818-822.

Mandamentos de Deus: prega-os todos os dias da missão 288; vademecum com eles 288.

Mansidão: suas relações com a humildade 372; virtude necessária ao missionário 34 372-383; sinal de vocação ao ministério apostólico 374 783 784; agir sem ela desedifica 472; a ira se encobre com a máscara do zelo 378; a ciência sem ela é diabólica 376; a virtude que mais atrai os homens 373; custa-lhe praticá-la 792; meios para alcançá-la 742; pede-a Deus 657; propõe praticá-la 667 693 742 746 782 785-786; exemplos desta virtudes 374 375 783 784 (cf. *humildade*).

Maria: suas relações com a Trindade 162; suas virtudes 272 783; seu poder 187 271;

- *Títulos e grandezas:* 154 157; formadora e guia dos apóstolos e missionários 154 160-162 270-272; formosíssima 96; vencedora de satã 273; Mãe de Jesus 272 663; Rainha dos anjos 272; Rainha dos Santos 272.

- *Devoção:* 43-45 317; acrescenta sue nome 5; devoção de criança 43; amor filial 55 65 164 668 686; origens de sua devoção a ela 142-144 153; aumenta na Companhia de Jesus 153; provada por uma tentação 51; confiança e entrega 154 156 161 162 271 447 493.

- *Obséquios*: 142 (cf. *devoções*): a oração: “Ó Virgem e Mãe de Deus...” 317; modo de honrá-la 143 144; a ave-maria de hora em hora 47; oração diária da “Coronilla”; visitas 47 510 (cf. *Fusimanha*); orações jaculatórias 154-164 269 270-272; para sua glória escreve a *Autobiografia* 1 (cf. *glória*); prega o mês de Maria como missão 377 468; pede pelos justos e pecadores 266.

- *Imitação*: propõe imitá-la 642; sua paciência 650.

- *Graças recebidas*: concede-as todas 162; livra-o da morte quando criança 7; salva-o do mar quando era jovem 71; livra-o das tentações 72 95-98; protege-o no atentado de Holguín 579 580; fala-lhe, aconselha-o, inspira-o 406; festas da Virgem e datas de sua vida 90 126 165 172 490 499 574 686 793.

- *Maria para Claret*: é alívio e consolo 163 642; fortaleza e guia 5 163 642; Mãe 1 5 7 76 136 154-158 159-163 270-272 447 448 493; modelo 5 163 642 783.

- *Claret para Maria*: é filho 154 270; ministro formado por ela 270 273; devoto e apóstolo de suas dores 266; apóstolo de sua devoção 668 (cf. *rosário*).

Martírio: alegria e gratidão pelo atentado de Holguin 584; ânsias por ele 465 466 467 573 577-578; é viver na corte 620 e 621 (cf. *atentados, perseguições, corte*).

Matinês (madrugadores): sua relação com Claret 577.

Matrimônio espiritual: 754 (cf. *mística*).

Matrimônios: legitimados 517; primeira fonte de desentendimentos 518-520; dispensa de impedimentos e outros remédios 572 (cf. *arcebispo*).

Máximas: espirituais 651-653.

Medalhas: meio de apostolado 337; distribuídas durante a primeira visita 545 (cf. *apostolado, zelo, escapulários, missionário*).

Médicos: homens de notícias 170; faz-se de médico 171; curava milagrosamente 171 173-182 (cf. *carismas, enfermos*).

Meditação: alguns temas 668 681 746; recebe consolos espirituais 675; duração 801 (cf. *oração*).

Mestre: um bom é um grande dom 25; deve saber educar 25; gratidão pela educação recebida 26; obediência 27 (cf. *pais*).

Memória: muito boa 23 26.

Méritos: os de Jesus e Maria nos obtêm o perdão 660-663.

Milagre: sua força 181.

Misericórdia: obras 269; pede-a para si e para o próximo 659 661 (cf. *dor, perdão, compaixão*).

Missa: participação assídua e atenta 36 66-68; ajuda diariamente 86; primeira missa junto ao seu povo 102 103 857; preparação para ela 637 801; celebração 110 645; celebrou-a todos os dias na viagem a Cuba 506; ação de graças 616 637 645 754 801; meio de oferecimento para o apostolado 265; jaculatória 269; recebe consolos espirituais através dela 675; propõe ensinar a participar bem dela 585 (cf. *Eucaristia*).

Missionário:

- *Definição:* do claretiano 494; qualidades 204 212 213; instrumento nas mãos de Maria 270; máximo benfeitor da humanidade 213; Cristo, seu ideal 221 222 (cf. *Jesus*).
- *Finalidade:* dupla 199; muito nobre 202; tornar Deus conhecido 202 203; salvar os pecadores 205- 212 232; tornar o próximo feliz 213; impedir o pecado 203-204.
- *Excelência:* ofício excelente 238; melhor que ser cônego 631; veneração (Santa Catarina) 235; unção e carismas 181 230.
- *Virtudes:* deve ser irrepreensível e virtuoso 340 384 388; necessita amor 440-442 (cf. *amor*); entregue a Deus 153; incansável 227 228; vocação de Claret 454; trabalhar o possível (Santa Teresa) 252; necessidade da mortificação na comida 403 405 407 408; sem pátria 193; obediência: sua necessidade 192 194-198 454; retidão de intenção 197 199; sábio 240 (cf. *ciência*); a carência de dotes não importa 156 161-163; pacífico para com todos 386; modesto e circunspecto 385; valente 201 239; é suave padecer por Cristo 223 224 227; não é de melhor condição que o mestre (Santa Teresa) 257; confia nas orações das monjas 263; exemplaridade.
- *Motivos de sua ação:* nem o dinheiro, nem a honra 200 201; a vontade de Deus 136; a salvação das almas 243; a salvação do próximo (Santa Teresa) 251.
- *Vocação missionária de Claret:* insistente 113-120; dificuldades 121; renúncia de ser pároco para pregar missões 174; segurança em sua missão 117; ânsias por pregar missões 638 762; missionário sempre 185-187; “ai de min se não evangelizar” 207 209; missionário de todos 118; primeiro sermão 103; nasce sua fama 173; procurado pelos enfermos 180 181; pregador claro 230; missões na Catalunha 701 860; em Cuba 550 (cf. *arcebispo, missões*); anseio por pregar missões entre os infiéis 112 (cf. *vocação*).
- *Estímulos e exemplos:* Jesus Cristo 214 221 222; apóstolos 214 223 224; profetas 214-220; santos e santas 214 225-227 228-232 234-263.
- *Meios de apostolado:* 264-339 (cf. *apostolado*).
- *Frutos:* de seus sermões 181 231 241; casos que lhe sucederam no ministério 802-822.

- *Inimigos*: conhecimento dos mesmos 116; caluniado como Jesus 201 (cf. *calúnias*); sofrimentos 161 (cf. *apostolado, zelo, trabalhador*).

Missionários Claretianos: fundação 488-494; sua missão profética no mundo 686; recomendação de Jesus e de Maria 406 684 (cf. *Congregação do Coração de Maria*).

Missões: amor e zelo por elas (Santa Maria Madalena de Pazzis) 259 260; princípio 172 281; nomes que lhes dá 292 468.

- *Obstáculos*: dos maus e do governo 457; obstáculos 459; péssimo ambiente religioso 459; perseguições do demônio 462 463; não se expõe aos perigos 465 466; força de ânimo 465 466; proteção da Virgem, dos Anjos e dos santos 464; incômodas viagens a pé 460.
- *Método*: cada dia resumo do sermão do dia anterior 292-293; suavidade no princípio 469 471; ordem para pregar nos povoados e cidades 456; método para confessar 482.
- *Dificuldades*: momentos bons e maus 465; no início, perseguições 352 353.
- *Frutos*: conversão de Miguel Ribas 472 473; meios para assegurar o resultado 475; casos que lhe sucederam no ministério 802-822.
- *Destinatários*: prega aos sacerdotes, seminaristas, monjas 474 (cf. *sacerdote, clero, monjas*); em Segóvia 407; em Canárias 481 483 486; em Cuba 511 522 526 587 (cf. *arcebispo*); em Gerona 497; na viagem a Cuba 509; anseia ir aos infiéis 111 112 (cf. *missionário, pregador, apóstolo, zelo*).

Mística: graças, locuções e ilustrações 674-685 690-696 700 761 831 839; conservação das espécies sacramentais 694; ação de graças após a missa 754 (cf. *Eucaristia, Jesus, Deus, graça, amor*).

Modéstia: definição 387; em palavras, obras e métodos 384; virtude missionária 384-389; impossível sem a mortificação 390; como a procura 385; propõe-se observá-la 389; imitação dos santos 389 393; dor por haver faltado a ela 389; (cf. *mortificação, humildade*).

Monde (Le): periódico que louva o trabalho claretiano 869.

Monjas: modo de tratá-las 709; funda um convento para as da Esperança em Cuba 561; trabalha para o seu bem 709-716; prega em todos os seus conventos 304 637-639 709; prega-lhes exercícios espirituais 638 (cf. *religiosas, vida comunitária*).

Montserrat (Madri): nomeado protetor do hospital e igreja 635.

Montserrat (Virgem): padroeira da Catalunha e da Livraria Religiosa 329 476; visita-a antes de ir a Cuba 500 (cf. *Maria*).

Moral: sabe-a como o catecismo 103; ministra conferências semanais ao clero de Cuba 554; atacam-na os comunistas, socialistas e protestantes 730-733.

Morte: é como a vida 505; está disposto a sofrê-la pela conversão dos pecadores 752; seu ideal: morrer como pobre ou como mártir 446 467 (cf. *martírio, atentados, missionário*).

Mortificação:

- *Excelência:* sua glória é a Cruz de Cristo 658; com um só ato se pode exercitar dez virtudes 414 415; valor do sofrimento 421; própria das almas fortes e valentes 417; virtude missionária 390-427; seu valor 416; a medida de seu mérito 418.
- *Necessidade:* princípio 413; é impossível ser modesto sem ela 390; necessária para se ter fruto 392; a que nos vem de fora 680; convence 135; Jesus manda que ele a inculque nos missionários 684.
- *Externa:* os mundanos não apreciam 412 413; práticas 740 757-761 780; disciplina e cilício 87 107 411 644; do que devemos nos abster 653; na comida 132 367 408 409 759 760; finalidade e motivos 403-405 407 761; nunca manifestou seus gostos 29 410; recomendação de Jesus e Maria para os missionários 406; é necessária 407 816; jejua duas vezes por semana 107; dos sentidos 393-398 399-410 (cf. *língua, conversas*).
- *Interna:* imenso valor dos sofrimentos 421; da vontade 149-151; contínua e absoluta 391.
- *Finalidade:* a conversão das almas 262.
- *Exemplos:* 228 229 393.

Mulheres: apóstolas, meios e exemplos 234-263; trato com elas 394-397 (cf. *castidade, modéstia, mortificação*).

Mundo: desprezível (Santa Teresa) 244 245; é mentira 254; nada faz quem o deixou (Santa Teresa) 257; desenganos saudáveis 71-75; enfastiado, aborrecido e desenganado dele 77; está crucificado para ele 658; sente desgosto pelas suas coisas 622-624; desprendimento de tudo 636; benefícios desse desprendimento 662; esperar suas perseguições (Santa Teresa) 257 (cf. *visitas, desprendimentos*).

Murmurações: está disposto a sofrê-las pela conversão dos pecadores 752 (cf. *calúnias, conversas*).

Música sacra: capela em Cuba durante seu mandato 552; trazia músicos da península 522 (cf. *culto, liturgia*).

Nascimento: o seu 3 855.

Natureza: sua contemplação elevada 336.

Negação: da própria vontade 149-151 (cf. *mortificação*).

Negócios: perigo da obsessão por eles 67-69 (cf. *trabalho*).

Novena: equivalia a uma missão 292; à Virgem do Patrocínio no Escorial 736 (cf. *missionário, missões*).

Noviciado: desejo de perfeição 142-167; obediência no jogo 149; provas 149-151; conversas espirituais 153(cf. *Companhia de Jesus*).

Núncio: consola e aconselha Claret 845-851.

Obediência: sua necessidade 192 194 196-198; Jesus Cristo, modelo 195; vantagens 194; de Claret a Deus 671; a seus pais 29 31; aos superiores 149 671; ao bispo 454 456; gosto em fazer a vontade alheia 410; não se expõe a perigos a não ser por ela 465-466; por ela aceita o arcebispado 495-497.

Observador: cf. *caráter*.

Ocasões: fugir delas 72 (cf. *pecado, companhias*).

Ódio: mortificação 399 (cf. *mortificação*).

Oferecimento: a padecer 698.

Ofício divino: preparação para rezá-lo 129 133; tempo em que o rezava 637 645.

Ofício parvo: meio de conseguir vocações 794.

Oportunidade: cf. *apostolado*.

Oração: necessidade 191; eficácia 191; qualidades 392 663 741; cuidados ao praticá-la 781; meio de apostolado (Santa Teresa) 225 258; (Santa Maria Madalena de Pazzis) 260-262 263-273; através dela se prepara para a pregação 665; seus efeitos 691 761; o Senhor pede-lhe mais 678; quanto mais melhor 745; apóstolo dela 265; impõe ao clero de Cuba 554; aos santos e anjos pelas almas 264 267 268.

- *Oração mental:* diária 86 108 610 645.

- *Oração vocal:* modo de fazê-la 766; devoções 646 765; na oração pensa nos mistério do rosário e na paixão 741; adapta-se melhor à vocal 766; duas orações compostas por ele 154-164; à Virgem ante de cada missão 270-272.

Ordens e congregações religiosas: Adoradoras, prega exercícios 738; Beneditinos: ajuda a alguns no navio 129 133 134; Capuchinhos: colaboradores 595 598 601; Carmelitas de Roma 137; Cartuxo: desejo de sê-lo 77-82; 88 89 113 499; Companhia de Jesus (cf. *Companhia de Jesus, Jusuítas*); Congregação do Coração de Maria (cf. *Congregação do Coração de Maria, Missionários Claretianos*); das Desamparadas 800; Dominicanos 86 839; Escolápias 800; Filipenses (cf. *Filipenses*); Franciscanos 472 860; Irmãs da Caridade 265 304 478 503 506 704; Irmãos da Doutrina Cristã 282; Religiosas do Ensino 516; Salesas Reais 800; Servitas 800; Terciárias 6 265 776 793 800.

Ordens sacras: como eram no seminário de Vic 99; como Claret as recebeu 90 100 102 856 (cf. *música sacra*).

Organistas: trazia-os da península a Cuba (cf. *música sacra*).

Paciência: sua necessidade 185; sua sabedoria 651; pede-a Deus 657; nas adversidades 653 667 853; Jesus pede que a tenha 693; de Jesus e Maria 659 (cf. *impaciência, mansidão, tranqüilidade*).

Padecer: oferecimento 698 (cf. *sofrimento*).

Pais: amor aos seus 31 52; qualidades 3 28 37; tarefa educativa 25 28-29; docilidade a eles 27 29 64; gratidão 26; tentação contra sua mãe 52; intervenção de seu pai na vocação de Antonio 77-78 (cf. *mãe, mestre*).

Palavra: sua excelência 449-452; seu ministério 452 (cf. *apostolado, missionário, propaganda, zelo*).

Palácio real: reforma moral 679-772 (cf. *corte*).

Pálio: onde o recebeu e quem o impôs 862.

Papa: amor 536; defende seus direitos temporais 841-844 (cf. *Itália, Reino da Itália*); Pio IX envia uma carta a Isabel II 841-844.

Paixão: de Jesus, medita-a durante a oração 741; folha sobre ela aprovada por Jesus 692.

Pastorais (Cartas): ao clero 547-548; ao povo 549; duas sobre a Imaculada 549; contra a má imprensa 549 (cf. *arcebispo*).

Patrão: modelo no trato com os trabalhadores 32-34; respeito 60; proposta para fazê-lo patrão 63 (cf. *trabalhador, tecedor*).

Paz: no palácio de Cuba 608-613; meios para conservá-la no palácio 610-613.

Pecado: ódio 17; facilidade em cometê-lo 11 206; castigos pelos próprios 621; dor 676; malícia 16-17; a Virgem pede-lhe que vigie para não cometer faltas 676; fugir das ocasiões 72 (cf. *amizade*).

Pecadores: seu estado lamentável 160 205-212 239; compaixão (Santa Teresa) 251; conversão 231; a oração, de conversão 264-268; se reconhece pecador 664 (cf. *zelo, apostolado, missionário*).

Pedagogia: popular 585; método de comparações 297-299; livros pequenos e manejáveis 312 (cf. *livros, escritor*); ensino do catecismo 106 284; modo de corrigir as pessoas 33-34; mansidão para com as pessoas 372-383 377 (cf. *mansidão, confessor*); método de pregação 288 290 469-471 (cf. *pregação, psicologia, criança*).

Penas: seu imenso valor 421; ama-as 465; aceitá-las é o melhor obséquio a Deus 423; as de Jesus como estímulo 425-427; sofrê-las pela salvação das almas 572 (cf. *adversidades, sofrimentos*).

Penitência: cf. *mortificação*.

Perdão: locução da imagem do Cristo do Perdão 832; pede-o a Deus para o mundo 663; pede-o para o próximo 660 663; perdoa e ama seus caluniadores 628 867; perdoa o assassino de Holguin 583 585.

Perfeição: anelo de santidade 113 142; em que consiste 651; sua dificuldade 59; meios para consegui-la 653; propõe fazer sempre o mais perfeito 649; documentos 651-653 (cf. *humildade*).

Periódicos: prefere ler a bíblia 399.

Perseguições: sofrê-las por Deus 653 667 689 752; amor a elas 679; contra Claret: do demônio 462-464; nas missões 457-459 466; em Cuba 518-520 (cf. *arcebispo*); Deus o ajuda 464 477 (cf. *calúnias, atentados*).

Perseverança: espera-a de Maria 154; meio 264.

Pedidos: por si mesmo 655-658; pelo povo 659-663 (cf. *oração*).

Piedade: visita aos templos 128; gosta de rezar 701; da rainha 620 (cf. *oração, fervor, mística*).

Plano de vida: seminarista 86-87.

Pobres: amá-los 10; apostolado com eles 562-569; socorrê-los 665; sermões para eles 704.

Pobreza: meio para humilhar-se por ela (Santa Teresa) 254; resignação 785; sua excelência 370; sua necessidade 359; virtude do missionário 357-371; seu motivo 362; exemplos: 363-370; como Claret a praticava 359; desejo 467; voluntária 130; escolhe o mais pobre 649; suplica ao Senhor que inspire os sacerdotes a pedi-la 371; em sua pessoa 132 359 486 634; desprendimento do dinheiro 133 360-362; seus frutos 363-364 370-371; seus efeitos em Claret 364-367; na sociedade 133-135 362 (cf. *desprendimento, mortificação*).

Política: seu motivo 629; não se mete nela 625 629 854; prudência na pregação 291 458; caluniado por meter-se nela 864 (cf. *arcebispo*).

Pomba (a): opúsculo que contém os propósitos de Claret sobre a humildade 351.

Portugueses: trataram-no muito bem nas Ilhas Terceiras 590.

Possessos: eram apresentados 183; os verdadeiros são raros 183 187; fingidos para chamar a atenção 188 (cf. *exorcismos*).

Povos: ordem na pregação missionária 456; nos quais pregou missões 454-455.

Prazeres: castigo do mundo por causa deles 685 (cf. *pecado*).

Pregação: sua excelência 238-240; efeitos 117; finalidade 697; retidão de intenção 241 429; preparação 288 665; fontes 300; matéria de pregação 470; método e tática 289-293 469 672; vocação a ela 681-682 697-698; lugares onde pregava 454-455; formas 776; institui-a como obrigatória em sua diocese, todos os domingos 559; a diferentes classes de pessoas 263 474 637 705 706; pregação e política 291 (cf. *política, missionário, pregador, apostolado*).

Pregações: cf. *profecias*.

Pregador: ânsias de pregar 764; é instrumento de Deus 704; incansável 504 639 703; mariano 668 (cf. *Maria*); seus defeitos 287 (cf. *missionário*).

Presbiterato: data de ordenação 857.

Presença de Deus: meio para não pecar 673; propõe andar sempre em sua presença 648 748 (cf. *Deus*).

Presentes: não os admite 643 (cf. *condecorações, desprendimento, pobreza*).

Presos: visita-os em Madri 637 (cf. *arcebispo, ação social*).

Profecias: anuncia os terremotos de Cuba 528; anuncia a cólera 535; sobre os castigos do mundo 685.

Profetas: estímulo para seu apostolado 214-219; menores 220.

Propaganda: importância da escrita 708; sua necessidade 310-322; distribui livros, rosários, estampas 544-545 705 779; universal 640 (cf. *escritor, livros*).

Propaganda Fide: Congregação 111 120 138; deseja colocar-se à sua disposição 701 859.

Propriedade: respeito à alheia 28 (cf. *comunismo, socialistas*).

Propósitos: que se propõe guardar 642-650; de exercícios 740-756 780- 792.

Protestantes: suas calúnias contra os sacerdotes 729; danos que causam 717-728; meios de propaganda 717-718.

Protestantismo: castigo do mundo 685; mal da Espanha 695; efeitos 719-727.

Providência: insondável 125; seus caminhos admiráveis 66 71-77 166-169; tudo vem de Deus 420 436 569 577 579 581; vela por nosso bem 152; especial com Claret 115; na infância 7; em sua vocação 64; nas viagens 126-128 590; nas perseguições 477-479 487; em Madri 622; em suas obras sociais 569; nas missões 464; deixa-se conduzir por ela 40.

Próximo: amor a ele 113 265-267; fundamentos desse amor 448 (cf. *almas, amor, caridade*).

Prudência: origem e desenvolvimento 383; ao se oferecer para missionar 194; com os possessos 184-187 191; regula o zelo 383.

Psicologia: conhecimento das pessoas 185 191; modo de corrigir os demais 33-34; tratar o povo com mansidão 372-373 377; da propaganda escrita 312 (cf. *pedagogia, ação social, confissão, confessor, pregação, missionário, arcebispo*).

Pureza: cf. *castidade*.

Purgatório: alívio das almas mediante a oração 264-266 (cf. *apostolado, comunhão*).

Quaresma: nome que dá às missões.

Química: laboratório em Cuba 566.

Rainha: apreço por Claret e segue seus conselhos 625 768 840; sua conduta edificante na corte 620; vida de piedade no palácio 768; conduta moral 768-772; faz os exercícios espirituais anualmente 768 778; pratica a caridade 768; trabalhos manuais 617; enganada pelos ministros 834 (cf. *corte*).

Ramalhete (o): opúsculo 865.

Razão: sua independência 685.

Recolhimento: fruto da graça das espécies sacramentais 694 (cf. *modéstia, graça, mística*).

Recreios: conversas espirituais neles 153; tempo e modo em Cuba 610 (cf. *denscanso*).

Regulamento: cf. *horário*.

Regulamento das bibliotecas populares: opúsculo 799.

Regulamento dos estudantes: em latim 799.

Regras dos clérigos de vida comum: livro 799.

Reino da Itália: conduta de Claret 832-844 (cf. *Itália*).

Religião: como a atacam os comunistas, socialistas e protestantes 730-733.

Religiosas: apóstolos como os santos 234 263; meio de apostolado (Santa Teresa) 255; sua vocação apostólica (Santa Teresa) 258; zelo apostólico (Santa Maria Madalena de Pazzis) 259-262; apostolado nas obras ordinárias (Santa Maria Madalena de Pazzis) 262; orar como Moisés 263; orar pelos pecadores, pelos justos e almas do purgatório 265 267; imprime nelas o espírito de oração 263; pouco afeiçoado em confessá-las 263; sermões 704 (cf. *monjas, vida comum, ordens e congregações religiosas*).

Religiosas do Ensino: (de Maria Imaculada, Missonárias Claretianas): fundação 561.

Religiosos: apreço pelo hábito 141; sua glória (Santa Teresa) 244; espírito 462-464 (cf. *ordens e congregações religiosas, vida comum*).

Renúncia: com gosto por amor a Deus 391.

Resignação: nos trabalhos e sofrimentos 667; à vontade de Deus 762 (cf. *adversidades, calúnias, perseguições, vontade de Deus*).

Retidão de intenção: necessidade 197 199; em tudo 545 549 648 747 790; na comida, descanso e estudo 789; sem preocupar-se com o que vier 651 (cf. *amor*).

Retiro espiritual: um dia mensal ao clero cubano 554; propõe fazê-lo mensalmente 644 740 780.

Rios: dificuldade em atravessá-los 369 461; assistência sobrenatural ao cruzá-los 368 (cf. *viagens*).

Riqueza: a cobiça reina agora mais do que nunca 357-358; riquezas são o amor e a graça divina 657 (cf. *pobreza*).

Riso: procurava não rir, porém manifestar alegria 386 (cf. *modéstia*).

Rosário:

- *Excelência:* 45; meio de apostolado 266; escudo no apostolado 271; remédio dos males da Espanha 695-696.
- *Devoção:* desde criança 44-49; na fábrica 46; em Barcelona 66; confrade 94; cédula 94; consagração episcopal no dia da festa 499; rezava-o na embarcação 130; dirigia-o nas missões 266; rezava-o no palácio de Cuba 610; completo e diário 66 108 610 646 765 801; modo de rezá-lo 741; jaculatória 269; visita à Virgem do Rosário 86; a graça das espécies sacramentais na igreja do Rosário de La Granja 694.
- *Apóstolo(do):* a Virgem lhe diz que deve ser o Domingo de Gusmão dos tempos modernos 677; propagação 55; prega e ensina o modo de rezá-lo 226; tema de sermão 296; nome com o qual camuflava as missões 468; distribui rosários 337 545 779; fazer rosários (São João de Ávila) 229; a corte e a rainha o rezam diariamente 616 768 (cf. *Maria*).

Roser (el): livro no qual aprendeu a rezar o rosário 45.

Sacerdote: médico espiritual e corporal 172-182; deve ser pára-raio do mundo 662; vocação sacerdotal 40; segui-la 64 (cf. *vocação*); ordenação 100-102; vigário em Sallent 104-106; regente em Viladrau 167-174 193; melhor missionário que cônego 631; aos sacerdotes prega à parte 304 474; conferências 554; ajuda 552; santos 735; maus 811-817.

- *Deveres:* pregar 109; apostolado 234; confessar 110; a serviço dos fiéis 111; visitar os enfermos 110; prudência nos exorcismos 190.
- *Qualidades:* necessidade de ser virtuoso 111 135 812; de ser educado 811-817; ciência 326 811-814 (cf. *ciência, estudo*); amor 439 441; castidade 393-397 553 (cf. *castidade*); pobreza 371; humildade 401; zelo 13 111 607; cooperação sacerdotal 106; mansidão 376-378; estudo 812-814; obediência 192-195; horário 107-111; inimigos 730-733; calúnias contra eles 734; desprezo 734 (cf. *clero, liturgia, vocação, humildade*).

Sacramento (Santíssimo): octavário 468; virtudes que brilham nele 428 (cf. *eucaristia*).

Sacramentos: jaculatória 269; frequência 38-39 66 85-86.

Sacrifício: cf. *Mortificação*.

Sagrada escritura: por que não se entende 491 (cf. *bíblia*).

Salesas Reais: 800.

Santos: necessidade (Santa Teresa) 244; sua glória e gozo 224; intercessão 97 267; jaculatória 269; Santos Padres, estímulo para o seu apostolado 255-257; suas vidas, efeito de sua leitura 214-232; ler cada dia a vida do santo 87 616; modelos que se propõe imitar 642 650; santas missionárias 234 263.

Saúde: boa 166.

Seminário: qualidades do bispo Corcuera 91-92; restauração daquele de Cuba 555-556; aquele do Escorial 869-872 (cf. *arcebispo, bispos, clero, sacerdote, Escorial*).

Seminaristas: catalães que vão a Cuba, chamados por Claret 557; sermões a eles 704; oferece-lhes livros 779; suas férias como seminaristas 91 (cf. *estudante, missionário, clero, estudo, vocação*).

Sermões: diferentes do discurso doutrinal 294; necessários e livres 294; distribuição dos necessários por dias 295; introdução, resumo do sermão anterior 293; critério para pregá-los 294; estilo 297-299 (cf. *comparações*); fontes 300; temas 295-296; número, até 12 por dia 703-704; prega em todas as partes 304; não fala deles 400; recebe com gratidão as advertências 400 (cf. *missionário, pregador*).

Silêncio: ama-o 50; sua importância 709; aconselha-o às monjas 709; silêncio e fortaleza 651; sobre a honra alheia 72; nos exercícios de Cuba 611; nos dias de retiro 740.

Soberba: origem do mal 92; é soberbo por natureza 666 (cf. *humildade, vaidade*).

Socialismo: princípios e efeitos 719-727.

Socialistas: suas doutrinas sociais contra a família 719; erros que espalham 719-727; danos que causam e meios de propaganda 717-128; calúnias contra os sacerdotes 729.

Sofrimento: seu valor 651; sua missão 624 650; vantagens bens 624 636; ânsias e amor 679 761; oferece ao Senhor 698; pede-o ao Senhor 748; dá graças a Deus por ele 752; como suportá-lo 667 752 785; gloria-se nele 748; escolhe o mais doloroso 649; razão para não se queixar 650; prêmio (Santa Teresa) 244 (cf. *penas, adversidades, humilhações, calúnias, perseguições*).

Solidão: ama-a 50 (cf. *silêncio*).

Sono: dorme pouco 8 (cf. *descanso*).

Tabaco: não fuma 410; os fiéis não gostam dos sacerdotes que fumam 815 (cf. *mortificação*).

Talento: de criança 26; prático 59-60 62-63 314 482; organizador, oportuno e eficaz (cf. *apostolado, missionário, escritor, catecismo, caráter*).

Tardes de verão (las): livro 799.

Tecelão: aplicado 31 33 58-60 62-63; busca aperfeiçoar-se 56-65; obcecado pelo ofício 58 66-67; mestre de mestres 60; pela amostra adivinha o esquema do tear 58; oportunidade de ser rico 63; devoto do rosário 46 (cf. *trabalhador*).

Tempo: seu apreço 180 184; emprego 263 (cf. *trabalhador, tecelão, horário*).

Tentações: contra a Virgem 51; contra a mãe 52; contra a castidade 72 95-98; a Virgem o defende 701; modo de vencê-las 53 95-98 (cf. *Maria, pecado*).

Teologia: no seminário do Escorial 871.

Terciárias: sua irmã e suas sobrinhas 6; pede as orações delas 265; prega-lhes exercícios 800.

Terremotos: natureza 530; anúncio profético 528; duração, preces 534; efeitos 529 531-533; valor das reparações 533; providência de Deus nelas 533; primeiros sinais em Bayano 528 (cf. *profecias*).

Tonsura: recepção 90 (cf. *ordens sacras*).

Trabalhador: incansável 59-60 71; sendo vigário 111 (cf. *apostolado, arcebispo, missionário, tempo*).

Trabalhadores: amor a eles 32-34 (cf. *tecelão, trabalhador*).

Trabalho: seu amor a ele 31-35; fuga da ociosidade 646; propõe-se estar sempre ocupado 647; ocupações 645-646; trabalhar bastante 745; meio de apostolado 752; deve ser moderado 65-68; a aplicação dissipa 82; prêmio e satisfação 59; suportá-lo 653; o manual da rainha 617; a infanta sempre ocupada 618.

Tranqüilidade: nos perigos 123-124 131-132; o Senhor pede-lhe que tenha mais 678 693 (cf. *equanimidade, paciência, resignação*).

Trento (Concílio de): cumpre sua prescrição quanto ao número de visitas pastorais 550.

Triságio: reza-o todas as manhãs 695- 696.

Tristeza: procura não se deixar levar por ela 650.

Unção: dom gratuito 230 (cf. *missionário, carismas*).

União com Deus: pede-a à Virgem 749 (cf. *Deus, mística*).

Urbanidade: com os anciãos 20; nos sacerdotes 811-815 (cf. *sacerdote, educação*).

Vaidade: no vestir sendo jovem 72; do mundo e suas riquezas 77; das coisas 244 245; origem de conversões 68 77; sentimento que experimenta 342; de alguns sacerdotes após a pregação 401; fingimento dos possessos 188 (cf. *mundo, humanidade*).

Vestes: elegante na juventude 72 (cf. *pobreza*).

Via-sacra: meio de apostolado 265; diariamente 765; quando 801.

Viagens: a Cuba 504; regulamento no navio 506-508; chegada a Cuba 509; a pé 121 123 126 367 432; incômodo 460; leva um mapa da Catalunha 460; junta-se aos arrieiros e fala-lhes de religião 461; fazê-las a pé é edificante 484; providência de Deus 461; detido por ladrões 123-125; dificuldades nas de Cuba 539-543; apostólica a Andaluzia 702-706 (cf. *rios*).

Vícios: sua mortificação 417 (cf. *pecado*).

Vida comum: sua necessidade para a perfeição 713-714; sente inspiração quando prega às monjas 713; trabalha para implanta-la 710 713-716; em Cuba com seus familiares 610-613; graça espiritual do Senhor 609 (cf. *religiosas, monjas*).

Vida espiritual: à qual se propôs 419; a sua é a de Jesus 754 (cf. *piedade, fervor, Jesus*).

Vidas de santos: lê-las com fruto 214, 226 227 234; estuda-as e extrai apontamentos 393 (cf. *santos*).

Vinho: não o toma nunca 405 (cf. *mortificação*).

Virgem do Carmo: uma mulher pecadora se converte através desta devoção 828 (cf. *Maria*); em sua festa acontece a função dos Missionários 490.

Virgem em Mãe de Deus: oração 317 (cf. *Maria*).

Virtude: sua força contra os maus 53; convence 135; impõe-se 144-146; valente 123-124; provas 149-151; Jesus, modelo de todas 428-437; jaculatória 269; atos no noviciado da Companhia de Jesus 143-151; necessárias ao missionário 340-453; missionário virtuoso 388; a mais necessária é o amor 438; as procuradas para produzir fruto 340-427; na mortificação todas são exercitadas 416 (cf. *missionário, sacerdote*).

Visita pastoral: como a faz 538; apesar das dificuldades 544; missões e visita às paróquias em Cuba 550; seu número em Cuba 550 (cf. *arcebispo*); dificuldades nas viagens (cf. *viagens*).

Visitas: ao Senhor 40; nas quarenta horas 86 (cf. *eucaristia*).

Vista: sua mortificação 393-398 (cf. *mortificação*).

Vocação: aos doze anos 701; dom gratuito 14; consulta o diretor 88-90 121; comunica somente ao diretor 90; consulta os pais 77; não impedi-la 81; contrariedades 79; segui-la 80-83; temporal 89 93 152 167; sacerdotal de Claret 30; missionária de Claret 113 193; fazer frente à corrupção do mundo 357; finalidade e origem da missionária 687; sacerdotal: eleição

de candidatos 555; aumento das vocações 794-795(cf. *missionário*); por meio da bíblia 113-120.

Vocação das crianças: livro 799.

Vontade de Deus: mola de suas ações 744; busca e deseja conhecê-la 656; como fazê-la 671; só quer a de Deus 754; nas contrariedades 420; busca-a e quer cumpri-la 755; segue-a 64; entrega-se à de Deus 656; conformidade com ela 579 636 650; disposto a fazer o que Deus quiser 656 678 762 785 789; vontade própria 623.

Vontade própria: negação 149-151 649; força de vontade em tudo 790(cf. *caráter, humildade, mortificação*).

Voz: da Virgem que o chama 47.

Zelo: seu ofício 378; sabiamente governado 381; deve combater o pecado e não pecador 382; das almas 8-17 42 152 155; vivíssimos afetos 157 158 159-163 169 211 272 273 383 664 665; faz desejar vida longa 164; de Santa Catarina de Sena 236-237; de Santa Rosa de Lima 239-241; de Santa Maria Madalena de Pazzis 259-262; pelos infiéis 120 859; qualidades: ardente, universal, devorador 153 762; deixa-o irrequieto 227 475 735; 'ladrará' contra o inimigo de Deus 671 672; ânsias de apostolado 675 762; oferece-se a Maria para salvar as almas 156 161; oferece-se a Jesus para introduzi-lo nas almas 669; oferece-se a Jesus para trabalhar 675 788; amante da pureza das almas 379; exemplo de verdadeiro zelo: a galinha 380; prudentes: pede-o Deus 383; amargo: conseqüências fatais 376; Joab, exemplo do falso 382; diferença entre verdadeiro e falso 378; primeiro meio: a oração 264 265; virtude apostólica 686; seus motivos (Santa Teresa) 234 251; virtude apostólica 686 (cf. *almas, apostolado missionário*).

ÍNDICE GERAL

Quarta capa e Orelha

Vida e obra de Santo Antônio Maria Claret

Santo Antônio Maria Claret nasceu em Sallent (Barcelona-Espanha), no dia 23 de dezembro de 1807. Tecelão. Seminarista. Sacerdote a 13 de junho de 1835. Pároco de sua terra natal. Noviço jesuíta em Roma. Vigário na paróquia de Viladrau. Missionário por toda a Catalunha (1840-1847) e nas Ilhas Canárias (1848-1849). Fundador dos Missionários Claretianos (16 de julho de 1849). Arcebispo de Santiago de Cuba (1850-1857). Fundador das Missionárias Claretianas. Confessor da Rainha Isabel II (1857-1868). Padre do Concílio Vaticano I. Escritor fecundo. Místico. Apóstolo do Coração de Maria. Perseguido. Exilado. Morreu em Fontfroide (França) no dia 24 de outubro de 1870. Foi canonizado no dia 7 de maio de 1950.

“Santo Antônio Maria Claret foi um grande homem, nascido para suscitar contrastes. Humilde de origem e glorioso aos olhos do mundo. Pequeno de corpo, mas gigante de espírito. De aparência modesta, mas capacíssimo para impor respeito, inclusive aos poderosos da terra. De caráter forte, mas de suave doçura de quem conhece as “artimanhas” da austeridade e da penitência. Sempre na presença de Deus, ainda que em meio à prodigiosa atividade exterior. Caluniado e admirado, festejado e perseguido. E, entre tantas maravilhas, como uma luz suave que o ilumina todo, sua devoção à Mãe de Deus”(Pio XII).

--